HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO
TOMO III.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
MDCCLXXXVI.
Com licença da Real Meza Cenſoria.

Vende-ſe na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto á Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO IX.

S grandes preparos, que fazia D. Henrique para huma expediçaõ consideravel, tinha attenta toda a India; porém o segredo do Governador era taõ profundo, que ninguem podia penetrar as suas vistas. Os Autores escreveraõ, que elle os queria para á Cidade de Diu, sobre a qual os Portuguezes tinhaõ sempre os olhos

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI. D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR

olhos abertos. Melique Saca vivia fempre fobre efte ponto em defconfiança, e feguindo a politica de feu Pai, tinha defpachado para o Vice-Rei D. Vafco da Gama, hum Mouro de confideraçaõ chamado Cid-Alle, em apparencia para comprimentar fobre a fua volta ás Indias, e fobre a fua nova dignidade; porém com effeito para lhe fervir de efpia. Cid-Alle tendo fabido a morte do Vice-Rei, mudou a fua comiffaõ para o novo Governador, que depois de naõ querer receber os prefentes do Melique, com o pretexto de que naõ tinhaõ fido deftinados para elle, ufou com muita civilidade com o feu Enviado, diffimulando perfeitamente com elle, e cobrindo muito bem os feus projectos. Porém Cid-Alle tendo acompanhado D. Henrique até perto de Baticala, fe falvou de noite com as fuas fuftas, receando fem duvida de ver vir cahir fobre Diu a tempeftade, que fe formava, e que foi rebentar depois fobre Calicut.

Pode dizer-fe bem, que o General teve formado algum difignio fobre Diu, que naõ teria deixado, fe o podeffe attacar com vantagem; porém eu creio tambem que elle tinha al-

algumas viſtas ſobre Adem. O que eu conjecturo da envernada que elle tinha premeditado fazer em Maſcate, da ordem, que elle tinha dado a Heitor da Silveira de o hir eſperar perto do Cabo de Guardafú, e do genero meſmo dos preparativos, que elle tinha feito em Goa, e que deviaõ, ao que parece, ſervir para huma pancada, que podia prometer maior felicidade em Adem do que em Diu, onde teria achado huma mais vigoroſa reſiſtencia. Como quer que ſeja, elle ſe fez á vela com huma frota de 17 embarcaçoens de diverſas eſpecies, porém todas de grande porte, moſtrando de hir fazer guerra aos Corſarios, que ainda eſtavaõ á Coſta. No caminho deſembarcou 500. homens debaixo das ordens de D. Georje de Menezes, que foi reduſir a cinſas hum poſto conſideravel duas legoas diſtante de Calicut. Em Bacalor achou D. Georje Tello de Menezes, e Pedro de Faria, que tinhaõ como ſitiados na embocadura do rio mais de 100. paráos carregados de mercadorias para á Coſta de Cambaia. O General lhes enviou 400. homens governados por D. Georje de Menezes, que naõ foi taõ feliz eſte golpe. Porque tendo-ſe

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

empenhado no rio, foi obrigado a voltar ſem ter feito nada, e com perda de 40. homens.

Com tudo D. Henrique tendo adoecido com huma inflamaçaõ, que lhe veio a huma das pernas, e que foi fomentada e muito irritada pelos botoens de fogo, que lhe aplicaraõ os Medicos ignorantes, o mal ſe fez incuravel, e ſó teve tempo de voltar para Cananor, onde morreo com todos os ſentimentos de hum perfeito Chriſtaõ, e pronunciando os nomes de Jeſus Maria, no dia da Purificaçaõ do anno de 1526.

Era belo homem, muito bem feito de ſua peſſoa; porem tinha a alma infinitamente mais bela. Bem longe de tomar o ſerviço do Rei como huma occaſiaõ de ſe enriquecer, pode affirmar-ſe que o ſerviço foi a cauſa da ſua ruina, tinha o coſtume de dizer áquelles, que o exortavaõ a penſar hum pouco nos ſeus negocios „ ſe eu viver, ElRei meu bom „ Senhor me dará pam: ſe eu mor„ rer, elle terá piedade de meus fi„ lhos: „ naõ lhe acharaõ de dinheiro amoedado mais do que 540 reis. Iſto ſó naõ ſupoém huma virtude conſumada? com tudo era ainda hum moço

moço, que naõ paſſava de 30 annos. He pena que neſta idade, e com eſta virtude morreſſe. Como feriaõ felices, os Reis ſe podeſſem ſempre depoſitar a ſua auctoridade nas maõs de peſſoas d'eſte caracter? e que felicidade para os povos, ſe naõ houveſſem d'outros para governar!

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Como ainda os homens mais perfeitos naõ ſaõ ſem algum defeito, e que parece que lhes he percizo algum para os perſuadir de que ſaõ homens, podem reprehender neſte, ter algumas vezes cedido com muita facilidade ás ſuas ſuſpeitas: o que deo lugar a alguns motivos de queixa. Porém no meſmo tempo os que tinhaõ lugar de ſe queixar, eſtavaõ taõ perſuadidos da ſua rectidaõ, da ſua equidade, e de que o ſeu coraçaõ era exempto de paixaõ, que elles o accuſavaõ menos a elle, que á propria furtuna delles. Sobre o que naõ me poſſo eſcuſar de referir duas acçoens, que aperfeiçoaõ o ſeu retrato. A primeira he de Melchior de Brito, que tinha feito prender por algum deſgoſto verdadeiro, ou ſupoſto. Apenas ſe ſoltou depois da morte de D. Henrique logo foi aſſima do ſeu tumulo, onde depois de chorar

eſte

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

este grande homem, ajuntou em torno de si os que estavaõ presentes, fez o elogio do defunto, e insistio particularmente sobre a sua justiça com huma eloquencia militar, mais pathetica, do que o fora huma oraçaõ funebre. D. Vasco de Lima, que tinha estado no mesmo caso, fez logo depois o mesmo. A segunda he de Heitor da Silveira. Este achando-se á mesa com hum que ousou dizer, que D. Henrique naõ era bom Capitaõ, porque era demasiadamente soldado: impôs-lhe silencio, e sahio arrebatadamente, dizendo, que elle cortaria o pescoço com qualquer, que fosse taõ atrevido, que dissesse a menor coisa em seu desabono. Elogios taõ pouco suspeitos mostraõ hum merecimento bem solido, e bem provado.

D. Henrique naõ tinha ainda acabado o segundo anno do seu Governo. Parece que Deos só o mostrou á India para lhe pezar, e tornar mais sensiveis as perturbaçoens horrorosas, que foraõ as consequencias da sua morte. Tinha nomeado, quando morreo, Francisco de Sá para lhe succeder no Governo Geral, até, que se abrissem as successoens, e que

o

o que foſſe deſignado, eſtiveſſe em eſtado de governar. D. Henrique tinha feito antes Sá Governador de Goa, quando deixou elle meſmo o Governo para tomar o manejo Geral dos negocios. A virtude de Franciſco de Sá, e o bem do ſerviſſo tinhaõ ſido os unicos motivos d'eſta eſcolha taõ honroſa para elle. A ambiçaõ, e a paixaõ fizeraõ comque naõ tiveſſem reſpeito algum as ultimas vontades de D. Henrique.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Tanto, que a noticia da ſua morte chegou a Cochim, Lopo de Sampaio Governador da Praça e os principaes officiaes ſe ajuntaraõ na caza de Affonſo de Mexia Intendente da Fazenda Real, para abrirem a ſegunda ſucceſſaõ com as formalidades preſcritas. Acharaõ o nome de Pedro Maſcarenhas, que era entaõ Governador de Malaca. Eſta nomeaçaõ deo hum goſto infinito ao publico, que fazendo a Maſcarenhas a juſtiça, que merecia, o amava e eſtimava mais que Sampaio, a quem a ambiçaõ, que o devorava o fez muito deſagradavel.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Maſcarenhas eſtava auſente, e precíſava de onze mezes contando o tempo das Monçoens, para que podeſſe vir a Cochim, e entrar nas fun-

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

funçoens do feu emprego. Era efte hum inconveniente, que todos fuftiaõ, e naõ neceffitava de mais para favorecer as idéas ambiciofas de Sampaio. Achou o homem de que precifava para o favorecer com Affonfo Mexia o Intendente. Efte bem differente do Doutor Pedro Nunes feu predeceffor, que a Corte tinha confervado feis annos no exercicio do feu cargo, que tinha feito as delicias do publico pelas fuas virtudes, era hum homem vivo, inquieto, temerario, e muito perturbador. Como era intimamente ligado com Sampaio, a efperança, que concebeo de achar o feu nome na terceira fucceffaõ, fez com que naõ duvidaffe em propor abrila.

Era ifto hum crime. A propofiçaõ efcandalifou toda a gente, e foi no principio regeitada com horror de todas as peffoas de bem; porem em fim depois de muitas intrigas, e juramentos fobre o que ha de mais Santo, que o Governo feria entregue a Mafcarenhas tanto que chegaffe, abriraõ a terceira fucceffaõ, onde Sampaio fe achou nomeado, e foi reconhecido por Governador, com tudo naõ fem pezar, e fem hum occulto prefentimento das fcenas, que deviaõ apparecer.

Ten-

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Tendo Sampaio tomado as redeas do Governo, expedio logo alguns officiaes para diverſos poſtos, e elle meſmo querendo aſſignalar-ſe por alguma acçaõ, que moſtraſſe, que era digno do emprego, que arrebatava ao ſeu rival, ſe pôz no mar com alguns navios, e mil homens de deſembarque para correr a Coſta do Malabar. Foi até Cananor, ſem achar nada; porem eſtando lá, recebeo huma carta de D. Georje Tello de Menezes, que lhe pedia ſoccorro contra os paráos inimigos, que commandava o Cutial ou Almirante do Samorim, o qual tinha debaixo das ſuas ordens 12ↀ homens, contra quem ſe naõ achava baſtantemente forte para lhes impedir a paſſagem. Era aquella a occaſiaõ, que Sampaio procurava: aſſim tendo-ſe fornecido de viveres, partio logo para o rio de Bacanor, onde os inimigos eſtavaõ. Além da ſuperioridade de gente, que tinha o Cutial; tinha-ſe tambem poderoſamente fortificado. As ſuas praias eſtavaõ guarnecidas de batarias. O meſmo leito do rio eſtava taõ embaraçado pelas eſtacadas que elles tinhaõ feito, que os navios ſó podiaõ paſſar hum a hum, com perigo de ficarem detidos, por cau-

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

causa da multidaõ das amarras, que o atravessavaõ por baixo d'agua d'huma borda á outra. Isto naõ obstante, Sampaio se resolveo ao ataque; porém o seu Conselho composto pela maior parte de pessoas affeiçoadas a Mascarenhas, se lhe oppôz para lhe tirarem a gloria, que podia adquirir nesta occasiaõ, e o abater mesmo pela injuria que teria por lhe recuar, depois de se ter interessado tanto.

Sentio bem todos estes motivos, porém isto só servio para o confirmar no seu designio: com tudo consentio em deixar a causa indiciza, até que elle tivesse por si mesmo reconhecido as forças dos inimigos. Elle o fez como verdadeiro menino perdido com dois caturs, que experimentando todo o fogo das batarias, pareciaõ, que só por milagre se deviaõ salvar. Naõ obstante considerou bem tudo, e quando voltou fez cortar pelos seus mergulhadores as amarras, que passavaõ d'huma á outra estacada.

A conta, que Sampaio deo aos seus Capitaens quando voltou, naõ tendo feito mudar a primeira determinaçaõ d'estes, esperou pela chegada de Christovaõ de Sousa, e de Antonio da Silveira, a quem tinha dado or-

ordem de vir ajuntar-ſe-lhe. Tendo eſtes ſido do ſeu parecer, a ordem da acçaõ foi regulada por eſte modo. Que tanto que deſpontaſſe o dia quatro bateis bem cobertos de mantas fizeſſem a vanguarda ſeguidos de muitos caturs. Sampaio commandando o ſegundo corpo vinha immediatamente depois com embarcaçoens hum pouco mais fortes, que tinhaõ cada huma groſſa peſſa de artilheria no ſeu beque, e muitos pedreiros nos ſeus dois bordos. Vogavaõ com todos os remos, empaveſados como para hum dia de feſta, e faziaõ ſoar por toda a parte a armonia dos ſeus inſtrumentos militares. Chegaraõ aſſim até á primeira eſtacada dos inimigos, naõ obſtante o fogo da ſua artilheria. Manoel de Brito, e Payo Rodrigues d'Araujo, que eſtavaõ na frente, tendo deſembarcado com muito trabalho, limparaõ o terreno, e attacaraõ os entrincheiramentos. Sampaio deſembarcando depois com a Bandeira Real, os inimigos naõ fizeraõ mais alguma reſiſtencia. Os ſeus paráos foraõ todos queimados com a ſua feitoria, que eſtava cheia de mercadorias. O General naõ quiz que ſe tocaſſe na povoaçaõ, que era do dominio

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

nio do Rei de Narſinga ; e depois de ter feito embarcar 80 peças de canhaõ , de que a maior parte era de bronze , todo ſoberbo com huma taõ bela victoria , continuou a ſua derrota até Goa.

Achando-ſe lá o ſeu partido mais forte , que o de Franciſco de Sá , que devia naturalmente governalo ſegundo a diſpoſiçaõ , que tinha feito D. Henrique de Menezes , tirou-lhe o Governo deſta praça , e o enviou ás Ilhas de Sunda , para onde a Corte o tinha deſtinado quando partio de Portugal , para hir lá fundar huma Fortaleſa. Deſpachou tambem de lá Jorje de Menezes , para hir tomar o Governo das Molucas , e D. Affonſo Martinho de Mello para hir fazer a carreira para as Maldivas, depois do que partio elle meſmo para Ormus.

Diogo de Mello , naõ obſtante as aſperas advertencias , que lhe tinha feito D. Henrique de Menezes , continuava as ſuas tyranias. Naõ haviaõ nenhumas violencias , que eſte velho avarento e cubiçozo naõ fizeſſe para ter dinheiro. Tinha apreſionado Seraph para o reſgatarem , e as coiſas tinhaõ chegado a hum ponto , que

por

por ordem do Rei d'Ormus, os Governadores de Mafcate, de Calajate e d'outras praças fe tinhaõ já fublevado contra os Portuguezes. Melo, que tinha fabido a nomeaçaõ de Mafcarenhas, temendo os rigores da fua juftiça, tinha efcrito á Sampaio, que era feu proximo parente, para lhe rogar que vieffe a todo o cufto, que foffe concertar os feus negocios antes da chegada do novo Governador General. Sampaio devia lembrar-fe das oppofiçoens, que tinha feito a D. Henrique de Menezes, quando efte General queria hir envernar a Mafcate, para fe achar em eftado fegundo as occurrencias de cahir fobre Goa, ou fobre Adem. Porque entaõ lhe reprefentou vivamente os inconvenientes, que havia para deixar a India fem foccorro. Elle mefmo a deixou mais desfguarnecida. Porém a protecçaõ, que elle queria dar a hum parente injufto e culpado, o fez defprefar a razaõ, e os pareceres de todos os feus Officiaes, que eraõ contrarios a efta viagem, que fez naõ obftante toda a gente.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Com tudo condufio-fe bem alli para focegar o efpirito do Rei e do feu Miniftro, o qual foltou tanto que che-

Ann. de J. C. 1526. D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

chegou. Fez dizer a hum, e a outro que vinha fazer-lhes justiça, e que suposto, que Mello fosse culpado, elle o puniria muito severamente, ainda que fosse seu parente muito proximo. Seraph entendeo bem esta lingoagem, e vendo que naõ tinha que esperar grande coisa de hum Juiz, que era parente da sua parte, disse que esquecia todo o passado.

Tendo assim concertado todas as coisas, Sampaio se apressou para tornar á India, onde se teria imortalisado se se tivesse aproveitado da mais bela occasiaõ, que elle pôde ter para se fazer Senhor de Diu, sem ser obrigado a tirar a espada. Sultaõ Mahmud Rei de Cambaia, deixou por herdeiro quando morreo, hum de seus filhos debaixo da tutela da Rainha mai d'este moço Principe, que morrendo elle mesmo pouco tempo depois, teve por successor outro de seus irmaõs. Mahmud tinha tido outro filho chamado Badur, que tinha dado ordem para que o matassem, quando era já grande; por lhe terem feito d'elle hum pessimo vaticinio. Badur tendo sido avisado secretamente, fez dar hum veneno lento a seu Pai, e se refugiou na Corte de Chitor, onde

onde comettendo hum novo crime, se salvou em habito de calendar Turco, ou Persa sempre vagabundo: aproveitando-se das suas disgraças, para formar o espirito nas suas viagens pela assistencia, que faria nas Cortes estrangeiras. Tendo sabido da morte de seu Pai, e do successor, que este escolhera, fez rogar á Rainha sua Mái para que bem o quisesse ajudar á subir a hum throno, que lhe naturalmente pertencia, e de que o tinhaõ apartado, sem ter dado motivo algum. Esta Princesa, que o amava excessivamente, consintio nisto, e se ajustou secretamente com Crementina Rainha de Chitor, de quem lhe procurou a protecçaõ. Badur tendo entrado por soccorro seu com maõ armada nos seus Estados, conquistou-os, e se fez pacifico possessor pela victoria d'huma batalha, onde o Rei foi morto, e pela morte de quasi todos os outros seus irmaõs, que fez deshumanamente morrer.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Apenas Badur se vio socegado, procurou vingar-se dos Grandes do Estado, que lhe tinhaõ sido contrarios, e tomou a resoluçaõ de os submeter, tirando-lhes os empregos, que pessuhiaõ, menos como vassallos obedientes,

que

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOIO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

que como rivaes, que queriaõ dar a lei ao feu Soberano, ou hir a par com elle. Melique-Saca eftava nefte cafo: tinha pegado em armas contra Badur, e temia com rafaõ os effeitos da fua vingança. Nefta inquietaçaõ, fe determinou a chamar os Portuguezes, e aconceder-lhes a Cidadella, que elles havia muito tempo cubiçavaõ, para terem hum reparo contra o Rei feu Senhor. Sampaio recebeo em Chaul a carta, que elle lhe efcreveo, na qual lhe communicava o feu projecto, e logo lhe enviou Heitor da Silveira com alguns navios, em lugar d'elle mefmo hir: o negocio valia o trabalho, e naõ faltaria fe elle fe tiveffe fómente aprefentado.

Heitor da Silveira tendo ancorado no porto de Diu, Saca fe achou mais irrefoluto, que nunca. Aga-Mahmud feu parente, e o feu Confelho porém, que aborrecia mortalmente os Portuguezes, naõ podendo refolver-fe a velos fenhores d'efta praça, quiz evitar o golpe, e formou defde entaõ o difignio de trahir Saca, com a efperança de fe elevar fobre as fuas ruinas. Naõ podendo confeguilo pela força defcuberta na prefença da frô-

ta

ra Portugueza, uzou de fingimento, e de artefìcio. Encheo o espirito de Saca de tantas perturbaçoens e desasocegos, que naõ concluia nada. Heitor da Silveira enfadado das suas demoras, escreveo a Sampaio para lhe pedir conselho, e hum soccorro que o pôz em estado de fallar como Senhor, e de fixar as irresoluçoens de Saca fazendo-se temer. Era este o melhor partido que elle podia tomar, e era o parecer de todos os officiaes de Sampaio. Porém Sampaio naõ podendo determinar-se, enviou o negocio a Silveira, que sendo muito vivo para se acommodar com as desfeitas, que lhe faziaõ todos os dias, partio arrebatadamente, e tornou sem ter feito nada. Apenas se fez á vela, fez Aga sublevar a Cidade em favor de Sultaõ Badur, e isto taõ subitamente, que apenas teve Saca tempo para se salvar. Sampaio estava ainda em tempo de tomar a praça, antes que Badur tivesse entrado; porém tendo-se entertido inutilmente, se lhe anticiparaõ, e só lhe ficou o arrependimento de ter deixado por sua culpa, o que podia ter com tanta facilidade.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Quiz consolar-se descarregando a

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

ſua colera ſobre a Cidade de Dabul, que eſtava reſoluto a deſtruir, porque o Tanadar a tinha em nome do Idalcaõ; naõ obſtante a paz feita entre ſeu Senhor, e a Coroa de Portugal, favorecia o commercio dos Mouros de Meca, e conſervava hum numero de fuſtas, que ſerviaõ de piratas ſobre a Coſta. Porém com a ſua chegada, naõ ficando mais eſte Tanadar no emprego, o que lhe ſuccedeo fez a ſua paz com o General, deixando-lhe as fuſtas e hum navio dos Mouros ricamente carregado, que eſtava preſtes a fazer-ſe á vela, prometendo além d'iſto de naõ dar mais azilo aos navios, que vieſſem ſem paſſa-porte da Coroa de Portugal.

Da outra parte Georje Cabral, que Sampaio tinha deſpachado de Cochim para fazer carreira para ás Maldivas, em lugar de ſeguir a ſeu deſtino, ſe foi direito á Malaca, para alli fazer a ſua Corte á Maſcarenhas, levando-lhe a noticia da ſua promoçaõ; que Sampaio naõ ſe tinha apreſſado a fazer-lho ſaber, tendo eſperado, que elle foſſe a Goa para lhe dar aviſo d'huma coiſa, que naõ tinha animo de lhe ceder, inda que diſſo lhe fizeſſe o comprimento. Malaca re-

recebeo eſta noticia com a maior ſatisfaçaõ; Maſcarenhas alli foi reconhecido por Governador General. Cabral por recompenſa foi provido do Governo da praça, e o novo General ſe vio obrigado partir para o Indoſtan, onde ſuppunha neceſſaria a ſua preſença, antes do tempo da Monçaõ. Porém foi acometido por huma grande tempeſtade quando atraveſſava as Ilhas de Pulopuar, que o obrigou a demorar, tendo ſido deſmaſtreado, e corrido grande riſco de fazer naufragio.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Pareceo que a ſua fortuna lhe tinha procurado eſta ſatisfaçaõ, para o livrar das deſgraças, que lhe preparava ao depois, e para fazer ver ao meſmo tempo pela gloria, que elle lhe fez adquirir deſtruindo o Rei de Bintam, que ſe elle era infelis, o era quando menos o merecia. Mahmud fatigava ſempre Malaca, e eſperando ſempre poder alli reſtabelecer-ſe, aproveitou todas as occaſioens de lhe fazer vivamente guerra. Do tempo de Georje d'Albuquerque tinha tido ſempre ſuperioridade, e Maſcarenhas, que tinha ſuccedido a Albuquerque, tinha esbarrado em todas as empreſas, que tinha feito contra eſte Princepe.

 Na

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Na partida de Mafcarenhas para á India, tinha Mahmud concebido novas efperanças. O feu prompto retorno as fez abater hum pouco, fem que elle nunca afrouchaffe nas fuas attençoens. Mafcarenhas da fua parte tinha huma inveja tanto mais forte de domar efte inimigo; porque além da gloria com que affignalaria os principios do feu governo, com efta deftruiçaõ o tornava mais focegado daquella parte, e fe privaria d'hum grande motivo de inquietaçaõ, que tinha fatigado todos os feus predeceffores, por caufa da diftancia, e da dificuldade de enviar foccorros, e da incertefa das noticias.

As circunftancias eraõ tanto mais favoraveis, porque Francifco de Sá, D. Georje de Menezes, e Simaõ de Soifa Galvaõ, que tinhaõ fuas deftinaçoens para ás Ilhas de Sunda, eftavaõ entaõ em Malaca com as fuas efquadras. Moftrando Mafcarenhas naõ ter outro intento do que de os expedir, trabalhou ocultamente em preparar 21. embarcaçoens, 400. Portuguezes, e 600. Malaios, com que partio para á Ilha de Bintam.

Efta Ilha difta 60. legoas de Malaca, fituada na extremidade do eftrei-

treito de Sincapur, e só he feparada da terra firme por hum pequeno braço de mar, fobre o qual tinhaõ feito huma ponte para a communicaçaõ d'huma e outra praia. A povoaçaõ fituada nefte lugar eftava cercada por trez ordens de efpinhaes vivos, cujas pontas faõ envenenadas, e o defendiaõ milhor do que foffos. O terreno era taõ lodofo, que todas as cafas eraõ fundadas fobre eftacas, e que paffavaõ d'huma para a outra por pontes levadiças. Só o Palacio do Rei fundado fobre huma eminencia era d'huma obra folida. Além do cerco d'huma triplicada ordem de filvado, havia quarto feito de eftacas e taipa, o qual formava huma muralha em torno da praça, que tinha fuas portas onde faziaõ guardas exactas. Sobre efta muralha, e fobre dois baluartes que eftavaõ na frente da ponte, havia trezentas peças de artilheria. O canal do braço de mar, além de fer tortuofo por extremo, eftava embaraffado pelas traves, e eftacas, que alli tinhaõ cravado a toda a força, que fó havia paffagem para pequenas embarcaçoens.

Mafcarenhas tendo ancorado ao largo da Ilha, fez logo fondar o rio ou braço de mar, e enviou depois huma

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

huma embarcaçaõ a reboque por doi
Calaluſſes, reſoluto a attacar pela pon
te, aſſim como tinha feito Affonſ
d'Albuquerque na tomada de Malaca
Franciſco Serraõ, que commandava
embarcaçaõ, encontrou alli tantas dif
ficuldades, que tudo o que podia fa
zer no eſpaço d'hum dia, era avança
o comprimento d'hum cabo com dif
ficuldades, e perigos extremos, po
cauſa do grande fogo dos inimigos
que o obrigaraõ a diſiſtir.

Aviſado o Rei de Pam do peri-
go em que eſtava ſeu ſogro, fez logo
partir 30 lanchas com 2ↀ homens, e
toda a ſorte de proviſoens. O Gene-
ral naõ lhes deu tempo de ganharem
a Ilha, foi eſperalos, desbaratou-os,
afugento-os, e lhes tomou 12. Fran-
ciſco Serraõ tendo tornado ao ſeu
trabalho, o adiantou com tanto esfor-
ſo e frequencia, que depois de 15
dias d'huma fadiga immenſa, chegou
até á ponte, e a afferrou; poſto que
a ſua embarcaçaõ foſſe taõ crivada de
tiros, que era hum prodigio que naõ
foſſe a pique. Em vaõ os inimigos
de noite cortaraõ as amarras. Serraõ
fez deitar novas cobertas de cadeas.

Mahmud deſeſperado de ver que
a ſua artelharia naõ tinha podido deſ-
fa-

fazer a embarcaçaõ, ou fazela encalhar, mandou em furor a Lacſamana, que meteſſe ſem demora onze lanchas ao mar, e que a foſſe atacar com 1$500. A ordem do Principe foi logo executada com muito valor, e determinaçaõ. Os Portuguezes ſe defenderaõ como Lioens; porém naõ obſtante a ſua valentia, naõ poderaõ impedir aos inimigos, que naõ ganhaſſem a embarcaçaõ, onde ſubiraõ pela parte do beque, e os fizeraõ recuar até ao maſtro grande. Combatendo alli Serraõ como heroe, cahio quaſi morto abatido pelo trabalho. O abatimento do Chefe devia ſer ſeguido pelo dos mais, ſe Maſcarenhas, que deſde os primeiros tiros de canhaõ conheceo o perigo em que eſtavaõ os ſeus, tomando comſigo Duarte Coelho, e alguns valeroſos reſolutos, naõ ſe deitaſſe em huma balandra para voar a ſoccorrelos. A força de remos alcanſou logo o lugar do combate, onde abrindo caminho por entre as lanchas, com o favor das granadas, ſubio á embarcaçaõ, e tomando o poſto d'aquelles a quem o trabalho, e as feridas tinhaõ quaſi expulſado do combate, naõ deixou alli nenhum dos inimigos com vida: os ou-

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

outros foraõ tambem apartados, que naõ ousando mais aproximarem-se á embarcaçaõ, naõ houve nenhum que naõ pensasse em procurar a sua salvaçaõ na fugida. O que nesta acçaõ houve de mais singular, que foi verdadeiramente bela, he que neste pequeno numero de valerosos, que estando taõ embebidos no combate, naõ perceberaõ o soccorro que lhe tinha vindo, e ainda que todos foraõ feridos, nenhum com tudo morreo das feridas.

Mascarenhas bem satisfeito com este successo, naõ deixou com tudo de se assustar com a vista dos obstaculos que tinha para vencer, quando contemplou de perto a ordem dos entrincheiramentos que devia expugnar. Julgando com tudo que naõ tinha tempo para perder, se dispôoz a atacar de noite pela frente da ponta, que prendia com a terra firme; porém para chamar a atençaõ dos inimigos para á parte opposta, fez descer á terra na Ilha da parte da praça as tropas Malayesas, commandadas por Sanaia Raya, e Tuam Mahmed, a quem tinha unido 40. Portuguezes, como se tivera tençaõ de atacar a praça pelos entrincheiramentos daquelle lado.

Mas-

Mafcarenhas foi defcer huma legoa abaixo da ponte fobre a praia oppofta, donde os inimigos naõ tinhaõ nenhuma defconfiança, por fer huns pays todo debaixo d'agua. E pofto que com effeito tiveraõ muito trabalho, principalmente na efcuridade da noite, para fe tirarem dos lodos, e da agua, que algumas vefes lhes dava pela cintura, e outras vefes até aos fovacos dos braços, falvaraõ com tudo todos os máos paffos, e fe acharaõ ainda muito frefcos para pelejarem bem.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOIO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Duas ou trez horas antes do dia, tendo Serraõ feito os finaes que tinha ajuftado com o General, e deitado granadas, e artificios no baluarte do ataque, Sanaia Raia fe moveo com todas as fuas tropas com grande eftrondo de clarins, de trombetas, de tambores, gritos redobrados, levantados por efta multidaõ á maneira dos Indios, e de jogo da artilheria, que o horror da noite fazia ainda mais medonho. Defpertado o inimigo por efte attaque inopinado, e enganado por efte fingimento, acudia á parte donde vinha o eftrondo, affim como o General havia premeditado. Laczamana, que commandava nos entrincheiramentos, difpondo a fua gente, a ani-

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

animou, e a pôz em eſtado de pelejarem bem. Começado o combate de ambas as partes, os tiros voaõ de toda a parte. Com tudo Maſcarenhas, que eſperava ſó por eſte momento, dá o aſſalto ao primeiro baluarte, e o toma: ganha a ponte, e o ſegundo baluarte com a meſma facilidade, e ſe eſpalha pela Cidade com a flor das tropas, onde ſeguindo o fogo do ardor militar, e da vingança, encheo tudo de ſangue e de mortandade. O inimigo ſurprendido, e atemoriſado naõ ſabia para onde correſſe para ſe defender. Mahmud, a quem os primeiros fugitivos levaraõ a triſte noticia de que o inimigo eſtava na Cidade, naõ o podia comprehender, e ſe contentava com deſabafar a ſua colera pelas reprehençoens que lhes fez da ſua fraqueza. Apenas acreditou os ſeus olhos, quando o dia lhe moſtrou a deſtruiçaõ que lhe tinhaõ feito de noite. Entaõ penſando elle meſmo ſó em fugir, montou em hum Elefante, que depois deixou, para melhor ocultar a ſua marcha ſalvando-ſe nos matos, e como lá meſmo naõ ſe julgou ſeguro, paſſou para á terra firme, e ſe retirou para huma Cidade onde foi morrer conſumido de triſtezas, e diſgoſtos.

O

O General tendo-o feito procurar em vaõ, entregou á pilhagem á Cidade, e o Palacio, onde achou grandes riquezas. Tendo depois trabalhado 15 dias para deſtruir todas as fortificaçoens, limpou o rio, tirou a artilheria, reſtituhio a propriedade da Ilha ao ſeu primeiro Senhor, que Mahmud tinha deſapoſſado, com a condiçaõ que elle a poſſuiria debaixo da Fé, e homenagem de Portugal, e que naõ levantaria mais as fortificaçoens, voltou para Malaca acogulado de bens, gloria, e honra.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

De ſinco navios que tinhaõ partido de Lisboa neſte meſmo anno de 1526 ſómente dois chegaraõ ás Indias, commandados por Triſtaõ da Veiga, e Franciſco da Naya. Levavaõ novas cartas de ſucceſſaõ, que mudavaõ a ordem das primeiras, e as annulavaõ. Ignoravaõ em Portugal a morte de D. Henrique de Menezes. Os Miniſtros amigos de Lopo de Sampaio o tinhaõ feito preferir neſtas ao ſeu concurrente, e naõ o tinhaõ deixado ignorar a Sampaio, e a ſeu amigo Affonſo de Mexia, a quem ellas eraõ dirigidas: com ordem porém de entregar as primeiras fechadas, e ſelladas; e que foſſem conſideradas como naõ

aber-

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

bertas. Mexia ſem declarar os aviſos ſecretos que tinha recebido, e ajuntando á ſua primeira audacia huma nova temeridade, chamou o Conſelho, leo as ordens que tinha recebido da Corte, e fez inſtancia para abrir as novas ſucceſſoens. Eſta propoſiçaõ cauſou ainda mais horror do que tinhaõ feito os primeiros procedimentos. A maior parte do Conſelho votou contra, com indignaçaõ. Vaz Déça, que commandava em Cochim, repreſentou com energia os incovenientes que naſceriaõ d'huma empreſa taõ atrevida. Porém o audaz Mexia, tomando ſobre ſi todas as conſequencias d'eſte negocio, paſſou ávante, e abrindo as Cartas Regias, declarou Lopo de Sampaio legitimo Governador, e diſto fez auto, de que o aviſou por Franciſco de Mendonça, que enviou para o encontrar até Goa.

Sampaio vinha de Dabul quando Mendonça o encontrou, ſabia já alguma coiſa pelas cartas, que tinha recebido de Portugal, e vendo que todas as coiſas ſe encaminhavaõ tambem a ſeu favor, naõ fez caſo dos ſeus primeiros juramentos, e reſolveo de ſe conſervar a todo o cuſto, que podeſſe. Tendo chegado a Goa, foi re-

reconhecido de todas as Ordens. De lá partio para Cochim para acabar d'alli se estabelecer; o que lhe era tanto mais facil, porque Mexia por novas ordens da Corte se achava no mesmo tempo Intendente da Fazenda, e provido no Governo desta praça.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Ainda que pareceo que o reconheciaõ logo de boa vontade, com tudo como a maior parte dos Officiaes alli estavaõ juntos, e o maior numero inclinava para Mascarenhas, além disso o direito, e a rasaõ estavaõ a favor d'estes; a Cidade se repartio logo em duas facçoens, donde nasciaõ todos os dias questoens, contendas, e desafios. Os Ecclesiasticos naõ deixaraõ de tomar partido. Sampaio, e o Intendente, tendo tido o cuidado de os chamar a si, fizeraõ da cadeira da verdade o theatro das suas affeiçoens particulares. Faziaõ invectivas contra Mascarenhas, e chegavaõ ás ameaças de lançarem excomunhoens. Sampaio se ajudava occultamente de todas estas divisoens, affectando moderaçaõ e desinteresse. Teve alguns Conselhos de pessoas compradas, e fez lavrar autos das suas deliberaçoens. Depois d'isso com tudo naõ deixou de recorrer aos desterros, e outros procedimentos vio-

Ann. de J. C. 1526.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governador.

violentos contra os ſeus adverſarios.

Com todos os esforços que elle fez o ſeu partido diminuia ſempre, e o do ſeu concorrente ſe fortalecia. Chriſtovaõ de Souſa, que commandava em Chaul, inſtruido pelos deſterrados de tudo o que ſe tinha paſſado, fez hum auto com os da ſua guarniçaõ para obrigar os dois competidores a decidirem as ſuas differenças pelas vias da juſtiça, ſem virem ás de facto: e notificou a Sampaio por huma carta, que lhe eſcreveo enviando-lhe huma copia do auto. Sampaio ſentio muito iſto. Souſa era o Official mais acreditado da India. Além da probidade de que fazia profiſſaõ, vivia como grande Senhor: tinha huma meza eſplendida, fazia gala de rico, e tinha no ſeu partido grande numero de Gentilhomens que conſervava pelas ſuas liberalidades.

Os partidiſtas de Maſcarenhas, e as peſſoas indifferentes propunhaõ a meſma via de louvamento para evitarem as perturbaçoens. Porém Sampaio que deſconfiava da juſtiça da ſua cauſa, e da affeiçaõ dos Juizes, naõ queria ouvir falar niſſo: e como temia ſer a iſſo obrigado com a chegada de Maſcarenhas, que além diſto naõ queria in-

cor-

correr no odio que alli haveria em executar em peſſoa o rigor das ordens, que elle devia deixar contra o ſeu competidor, eſtimou de ter hum pretexto para ſe auſentar.

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

A noticia que ſe eſpalhou entaõ que Raix Solimaõ, eſte que havia feito morrer o Hemir-Hocem, edificava huma Fortaleſa na Ilha de Camaraõ, e ſe diſpunha para vir á India com huma poderoſa frôta, lhe offerece huma occaſiaõ favoravel. Naõ deixou de ſe aproveitar da inquietaçaõ que ella cauſava. Penetraraõ logo os ſeus deſignios; a propoſiçaõ que elle fez deſta expediçaõ foi conſiderada como hum laço, e algumas ordens que elle deo para os apreſtos da guerra, foraõ recebidas taõ friamente, que ninguem ſe apreſſava a ſeguilo. Para vencer eſta má diſpoſiçaõ dos animos, fez hum juramento publico na Igreja, em quanto o Padre levantava a Deos, e proteſtou ſobre o Auguſto Sacramento dos noſſos Altares, ſobre a preſença real do corpo de Jeſus Chriſto, que elle julgava neceſſario, e do bem do ſerviſſo do Rei, de hir ao encontro dos Turcos, e que a ſua tençaõ era verdadeiramente de hir combatelos. Eſte juramento taõ ſolemne

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio governador.

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

——ne tendo condusido a gente ao entereſſe commum, embarcou-ſe, e elle partio. Porém naõ paſſou de Goa, onde o conſelho julgou que eſtando muito fraco para eſta empreſa, devia eſperar a frota que vinha de Portugal, e que entaõ meſmo baſtaria eſperar a armada inimiga no mar de Cambaia, ſem hir procurala no mar Roxo. Sampaio naõ requeria mais, porém iſto ſervio ſó a fazelo mais odioſo, ſendo todos convencidos da pouca ſinceridade dos ſeus juramentos, e da pouca rectidaõ das ſuas intençoens.

A Corte de Portugal tinha ſabido da morte de D. Henrique, e o que ſe tinha feito na abertura das primeiras ſucceſſoens: ſobre o que arrependendo-ſe ElRei das ultimas, que tinha enviado, e antevendo as diviſoens que d'ellas poderiaõ naſcer, tinha deſpachado hum Official Francez, que eſtava no ſeu ſerviſſo, para confirmar a eſcolha de Maſcarenhas. Eſta ordem atalharia todos os males; porém o infeliz Francez foi naufragar ſobre as Coſtas da Ilha de Madagaſcar, onde morreo.

Com tudo Maſcarenhas altivo com a vantagem, que tinha conſeguido ſobre hum inimigo taõ terrivel como

o

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

o Rei de Bintam, e lifongeado com a fua nova dignidade, vogava com largas velas para o Indoftan, ignorando inteiramente a fituaçaõ em que alli fe achavaõ a feu refpeito. A primeira noticia que teve foi em Coulaõ, onde tudo fe declarou a feu favor, em defprefo das ordens que Sampaio alli tinha enviado. A trifte face dos feus negocios o comoveo fem o abater, e elle fe pôz em derrota para Cochim, determinado a todo o acontecimento, porém refoluto a fofrer tudo, antes do que expôr o pays a huma guerra inteftina, que feria muito prejudicial ao ferviço do Rei.

Na fua chegada Mexia, que fe tinha preparado como fe tiveffe que fuftentar hum affalto contra os Turcos, lhes fez intimar muitas efcrituras e proteftaçoens, com prohibiçaõ fob pena de crime de Leza Mageftade de defembarcar. E porque Mafcarenhas lhe fez dizer, que lhe daria refpofta em terra, mandou tocar o fino, e encheo a praia de gente armada. No outro dia depois de muitas idas e vindas, Mafcarenhas que naõ tinba podido alcançar o defcer, nem ainda para ouvir miffa, tomou o partido de o fazer com muitos dos

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

ſeus, porém deſarmados de modo, que nem meſmo tinhaõ as ſuas eſpadas. Bem longe de ſer ſenſivel a eſte eſtado humilde, o furioſo Mexia armado, e montado n'hum cavalo armado, gritando, mata, mata, corre para elle com os ſeus guardas como hum deſatinado, fere-lhe o braço com dois golpes de lança, e o obriga a retirar-ſe com os ſeus, dos quaes muitos eſtavaõ igualmente feridos. Que triſte e rediculo eſpectaculo ao meſmo tempo dava Mexia, mais coſtumado a manejar a pena do que a eſpada, montado como hum Paladim, enrriſtindo a lança, correndo ſobre hum homem criado nas armas, e coroado de louros, que elle meſmo naõ tinha penſado por-ſe em eſtado de defenſa! o Rei de Bintam, que Maſcarenhas havia deſpojado dos ſeus Eſtados, teria podido deſejar outro miniſtro das ſuas vinganças?

Sampaio teve tanto goſto quando ſoube que tinha ſido tambem ſervido que deo o Governo de Coulam áquelle que lhe trouxe a noticia, vingando-ſe no meſmo tempo por eſta acçaõ d'Henrique de Figueira, por cauſa da parcialidade, que tinha moſtrado a favor do ſeu competidor.

Naõ

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Naõ obſtante a atrocidade do in-
ulto, Maſcarenhas, que ſe propunha
ara exemplo ò que tinha acontecido
o grande Albuquerque, e que naõ
inha na idéa ſenaõ as vias da juſti-
a, deixou os Galioens em que ti-
ha vindo, o que deo cauſa a que
uitos dos que o tinhaõ ſeguido
ſſem apriſionados, e ſe contentou
om huma caravela para hir até Goa
or-ſe d'algum modo á diſcripçaõ
 ſeu rival, que lá eſtava. D. Si-
aõ de Menezes ſeu amigo Governa-
or de Cananor, recuſou, ainda que
om muita civilidade, de o receber,
trocou a ſua caravela por hum
mplex catur que lhe pedio, a fim
 parecer melhor aos olhos de todos,
e elle deſejava a paz, e naõ a
erra.

A Cidade de Goa o eſperava
om impaciencia. Já as facçoens ſe
ſpertavaõ em ſeu favor, e a ale-
ia tasbordava nos ſemblantes. Sam-
io, que temia huma reſoluçaõ,
 que eſta Cidade daria primeiro o
áo exemplo, naõ quiz que elle al-
apareceſſe, e enviou á recebelo Si-
aõ de Mello ſeu ſobrinho, e Anto-
o da Silveira ſeu genro, com huma
ôta inteira, a fim de o conduſir

 pri-

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

prisioneiro a Cananor, e com ordem de o meter á pique se fizesse a menor apparencia de se defender. Mascarenhas, que foi avisado de tudo na sua derrota, naõ deixou de a continuar, e foi-se lançar com todo o gosto nos laços que lhe armavaõ. Antonio da Silveira, que o encontrou primeiro, fez-lhe signal de o salvar: ao que lhe respondeo; e porque elle recusou hir de livre vontade a Cananor meter-se na Cidadella, lhe deitaraõ ferros aos pés, e foi transportado para esta Cidade, e entregue a D. Simaõ de Menezes, em quanto arrastaraõ dois homens de confiança, que elle tinha comsigo, para ás prisoens de Goa.

A duresa d'este procedimento excitou huma compaixaõ, que se declara sempre a favor dos infelices que saõ mais maltratados quanto menos o merecem ser, irritou os animos ainda mais do que o tinhaõ sido pelo passado. Heitor da Silveira, que até alli tinha sido por Sampaio, tendo-se separado d'elle por outros enteresses pessoaes, lhe corrompeo huma parte dos seus partidistas. Chegariaõ as coisas a huma sediçaõ aberta, se Heitor da Silveira, e os seus, prudentes

no

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

io mesmo fogo da sediçaõ, naõ tivessem preferido antes o deixarem-se sentencear, do que defenderem-se com perigo de começar huma guerra civil.

Augmentanda a divisaõ todos os dias, as pessoas de bem gemiaõ de ver que tantas pessoas de merecimento, redusidas com tudo a hum pequeno numero em comparaçaõ á multidaõ infinita de inimigos que os cercavaõ, em lugar de se unirem em huma taõ grande distancia da sua patria contra taõ poderosos Principes, que sofriaõ o seu jugo com impaciencia, chegassem aos termos de se degolarem, de se destruirem entre si para satisfazerem á ambiçaõ de alguns sediciosos.

Porém em fim D. Simaõ de Menezes tendo soltado o seu prizioneiro, e Christovaõ de Sousa tendo-se declarado abertamente a seu favor, Sampaio se vio obrigado a fazer-se mais tratavel. Deo ouvidos ás negociaçoens, e consentio na escolha de 13 Juizes. Os dois competidores foraõ sequestrados, e despojados de toda a administraçaõ até á sentença difinitiva. Porém como todos os Juizes tinhaõ sido escolhidos no destricto de

Co-

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Cochim, que eraõ quaſi todos creaturas de Sampaio, ou do Intendente da Fazenda, o que Maſcarenhas tinha desfarçado com muita facilidade unicamente pelo bem da paz, Sampaio foi confirmado, e Maſcarenhas condenado a tornar para Portugal. Recebeo elle eſta deciſaõ com mais conſtancia do que o ſeu competidor tivera goſto d'ella. ElRei recompenſando a ſua moderaçaõ o fez Governador de Aſamor, eſperando que elle lhe fizeſſe huma juſtiça mais inteira como nôs o veremos depois.

As meſmas paixoens que cauſavaõ tantas perturbaçoens no Indoſtan, reinavaõ nas Molucas com o meſmo Imperio, em hum campo mais apertado na verdade, porém tambem com circunſtancias muito mais odioſas. D. Garcia Henriques que rendia Antonio de Brito pelo requerimento que o meſmo Brito, tinha feito, teve todos os incomodos para o fazer tratavel, e obrigalo a lhe reſtituir o Governo. D. Garcia obrava ſem nota e com boa Fé. Brito ſó ſe occupava dos ſeus intereſſes. Os ſubalternos achando o ſeu entereſſe em os embrulhar, os pozeraõ em eſtado de chegarem ás ultimas, muitas vezes hum

con-

contra o outro. A narraçaõ de todas estas coisas cansaria pela sua extençaõ e desgostaria por sua indignidade. Em fim Brito restituio o Governo a D. Gracia, e depois de ter contrastado ainda muito longo tempo com elle, sustentado por huma multidaõ dos da sua facçaõ, partio com elles para ás Ilhas de Banda, deixando a seu successor, a quem tinha tirado tudo o que pôde d'homens e de municoens, á sombra só d'huma especie de Governo

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

D. Garcia reduzido a esta situaçaõ, se vio obrigado a dar a paz ao Rei de Tidor, com a condiçaõ que restituiria a artilheria, e os effeitos que tinha tomado aos Portuguezes, os presioneiros, e ainda os desertores. Este, cançado da guerra, só se occupou do pensamento de fazer esta paz mais solida. E como elle sabia bem, que o naõ consegueria, em quanto tivesse o Cachil Aroes por inimigo pessoal, pensou em o meter nos seus enteresses, e lhe offerecer sua filha em cazamento. O Cachil lisongeado de huma aliança que favorecia a sua ambiçaõ, e as suas pertençoens, aceitou os seus offerecimentos de boa mente, e se reconciliou de boa Fé com o

que

Ann. de J. C. 1527.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

que conſiderava já como ſeu ſogro.
A politica de D. Garcia neſta occaſiaõ foi hum obſtaculo á probidade de que ſe tinha adornado até entaõ. Conſiderou eſta aliança como a ſua perda, e a de todos os Portuguezes já taõ odioſos, que ſó ſe conſervavaõ pela diviſaõ d'eſtes Ilheos, de ſorte que ſe reſolveo a perturbala de qualquer modo que podeſſe ſer, e ſó o conſeguio por crimes amontoados. Naõ achou outro pretexto mais aliado que a execuçaõ do tratado de paz que acabava de fazer, ainda que ſabia bem que eſta execuçaõ era impoſſivel nas circunſtancias, e naõ devia ter lugar ſenaõ no eſpaço de ſeis mezes, que tinhaõ ſido eſtipulados. Enviou logo arrebatadamente pedir a Almanſor „ Que lhe reſtituiſſe ſem demora o que tinha tirado aos Portuguezes, e principalmente a artilheria. „ Eſte Principe, que naõ penetrava o myſterio de huma propoſiçaõ taõ offenſiva na ſubſtancia e no modo, lhe fez reſponder; „ Que naõ deſejava mais do que ſatisfazelo: que poſto que o tempo, que dava o tratado naõ tiveſſe ainda eſpirado, eſtava elle pronto a dar o que tinha em ſeu poder; porém no to-

„ can-

„ cante a artilheria, que tinha ſido „ deſtribuida por elle, e ſeus aliados, „ era preciſo ao menos que tiveſſe a „ paciencia de a mandar buſcar, no „ que elle trabalharia inceſſantemente, „ e logo que tiveſſe ſaude, para o „ que elle meſmo D. Garcia poderia „ contribuir, ſe lhe quizeſſe enviar o „ ſeu Medico. „ D. Garcia moſtrou convencer-ſe d'eſtas raſoens para ter lugar de ſe desfazer deſte infelis Principe, que lhe apreſentava elle meſmo hum meio taõ facil. Porque por huma fraqueza de que ſó as almas mais viz ſaõ capazes, em lugar d'hum medico, lhe enviou hum que o envenenaſſe, que ſeguindo as inſtruçoens que tinha recebido, ſe conportou com tanto artificio, que miſturando a tempo o veneno com os ſeus remedios, meteo o infelis Rei na ſepultura em breves dias, dando além diſto todas as moſtras de attençaõ, e de zelo para o curar.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

A Cidade de Tidor eſtava ainda nos primeiros movimentos da afliçaõ, e da conſternaçaõ, que lhe cauſava a perda do ſeu Soberano, quando D. Garcia olhando iſto meſmo como huma nova occaſiaõ, que era precizo naõ deixar eſcapar, redobrou-as ſuas inſ-

tan-

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

tancias com mais vivacidade, e fez dizer no mesmo tempo „ que elle de„ clarava a guerra sobre o menor des„ cuido, como sobre huma recusa„ çaõ. „ O Conselho surprendido, respondeo do mesmo modo que o tinha feito o Rei Almansor. „ Que naõ „ desejavaõ nada tanto como dar aos „ Portuguezes a satisfaçaõ que pediaõ, „ e viver em paz com elles; porém „ que fizessem attençaõ á impossibili„ dade da coisa. Ajuntou que a Ci„ dade estava actualmente cheia de „ perturbaçaõ, e de luto; que só es„ tava ocupada do cuidado de pagar „ as ultimas obrigaçoens ao Rei, cu„ jo cadaver estava ainda exposto; que „ nada estava determinado sobre a es„ colha do seu successor, que lhes des„ sem ao menos tempo para chorarem „ o seu Soberano, e para tomarem „ outro. „

Estas razoens que teriaõ tocado o coraçaõ d'hum barbaro, naõ fizeraõ nenhuma impressaõ sobre hum homem, que tinha renunciado a todos os sentimentos da humanidade. E como elle estava já preparado para o golpe que queria dar, apareceo inopinadamente á vista de Tidor com os Ternatianos conduzidos pelo Cachil d'

Aro-

Aroes, que tinha reſtituido ao ſeu Eſtado natural de odio para os ſeus antigos inimigos, e com huma parte da ſua guarniçaõ, todos os homens, que ſó reſpiravaõ roubo, ſangue, e mortandade. Os Tidorianos eſpantados por eſta incurſaõ taõ pouco eſperada, naõ tiveraõ mais tempo que para ſe ſalvarem nos matos, abandonando a ſua Cidade á pilhagem dos ſeus infames arrebatadores, e á deſcriçaõ das chamas que a deſtruiſſem.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Eſtes horrores tendo dado idéa aos Ilheos deſta viſinhança, que os Portuguezes eraõ gente ſem Fé, e ſem lei, os excitaraõ de modo contra elles, que lhes fecharaõ todos os portos, e que deſde entaõ os teriaõ exterminado, ſe as forças correſpondeſſem aos deſejos, e aos juſtos motivos da ſua vingança. Deos moſtrou querer-lha dirigir, ou ao menos lhes apreſentou alguns luzeiros pelo retorno dos Caſtelhanos.

O Imperador Carlos V. perſuadido ſempre de que as Molucas eſtavaõ na ſua partilha, e certificado do ſeu deſcobrimento, e da ſua oſtilidade pelos que tinhaõ voltado no celebre navio *a Victoria*, fez partir de Sevilha outras ſeis embarcaçoens. Sómen-

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

mente dois depois de diverſas aventuras chegaraõ ao porto de Camaſo no Reino de Tidor. Foraõ recebidos pelos Tidorianos como hum ſoccorro vindo do Ceo. D. Garcia aviſado da ſua chegada penſou logo no meio de os deſtruir. Os Caſtelhanos tinhaõ a meſma vontade; porém muito fracos huns e outros, ſe reſpeitaraõ Martinho Inigues de Carquiſano, que commandava os Caſtelhanos, ſó tinha 300. homens, e ſe tinha viſto obrigado a queimar hum dos ſeus navios. D. Garcia eſtava reduzido a hum muito pequeno numero de gente. Aſſim todo o principio ſe paſſou em proteſtaçoens, e em citaçoens, depois do que ſe acommodaraõ por naõ poderem fazer peior.

Porém os Caſtelhanos tendo feito creſcer muito o preço dos generos que pagavaõ mais caros do que os Portuguezes, o intereſſe obrigou a eſtes a fazerem hum esforço. D. Garcia foi o primeiro a romper a paz, pôz no mar huma pequena frôta de concerto com os de Ternate, e veio apreſentar-ſe debaixo do forte, que os Caſtelhanos tinhaõ levantado. E com effeito lhe meteo a pique o ſeu navio, que era o unico remedio delles;

les; porém foi taõ maltratado da artilharia dos feus baluartes, que foi obrigado a retirar-fe com perda, e a confentir em hum novo ajufte, enviando a decifaõ dos feus debates á das fuas duas Cortes; depois do que foraõ bons amigos.

Ann. de J. C. 1527. D. JOAÕ III. REI.

Ainda a fua prefença o fez mais perniciofo do que util. Efte homem, que fe tinha deftinguido por taõ belas acçoens nas Indias, e principalmente no ultimo negocio de Calicut, naõ era já o mefmo. Era efte hum flagelo que Deos parecia ter refervado na fua colera para deftruir todas as coifas. Os principios foraõ muito belos. D. Garcia o recebeo com amifade, e lhe entregou o Governo com hum modo agradavel. Os Caftelhanos o enviaraõ faudar, e moftraraõ defejar viverem bem com elle. Porém pouco depois D. Georje refpondeo mal a todas eftas demonftraçoens. Tirou a feitoria ao que a tinha, para a dar á outro, feguindo a ordem que tinha recebido de Mafcarenhas, de quem tinha a fua commiffaõ. Difgoftou os Caftelhanos com novas proteftaçoens fem algum effeito; finalmente fe embaraçou cruelmente com D. Garcia,

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

D.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

D. Garcia, e elle quizeraõ remediar a huma defordem que arruinava o commercio da Coroa: os fubalternos a caufavaõ; embaraçavaõ-fe pouco de prejudicarem o bem do eftado, com tanto que niffo achaffem a fua vantagem. D. Garcia primeiro fe oppôz á iffo. Menezes da mefma forte; porém eftes fubalternos que temiaõ fempre que os limitaffem ás fuas obrigaçoens, ferviaõ-fe de tudo para atiçarem o fogo da divifaõ entre os Chefes. Tinhaõ-no confeguido entre Brito e D. Garcia. E igualmente confeguiraõ embaraçar efte bem com Menezes.

O primeiro motivo de rotura foa obrigaçaõ que Menezes quiz impôr a D. Garcia de tornar a Malaca pela Ilha de Borneo, para acabar de defcubrir efta derrota. D. Garcia, que tinha enteresses na Ilha de Banda, e fazia conftruir actualmente hum junco á fua cufta, naõ quiz fazer nada. Trabalharaõ para os acommodar. Menezes afrouchou das fuas pertençoens, e prometeo naõ enviar ninguem por efta via: com tudo fez partir Vazco Lourenço em huma carraca; infracçaõ de que muito fe irritou Garcia.

Pou-

Pouco tempo depois ſendo morto Martim Inigues de Carquiſano, Fernando das Torres, que lhe tinha ſuccedido, naõ goſtando das viſtas pacificas de ſeu predeceſſor, perturbou logo huma paz que naõ podia ſubſiſtir por muito tempo entre duas naçoens inimigas naturalmente, e zeloſas huma da outra. Armou huma galera, e andou a corſo dos Portuguezes. Menezes querendo vingar-ſe, embargou o Junco de D. Garcia, e enviou huma ordem aos que nelle trabalhavaõ para que vieſſem á ſua preſença. D. Garcia mais irritado por eſte novo procedimento fez muito eſtrondo. Tendo-ſe irritado os animos, e tendo eſcapado a Menezes alguma palavra mal dirigida, D. Garcia meteo maõ á guarniçaõ da ſua eſpada, como para pedir ſatisfaçaõ. Eſta acçaõ criminal contra hum primeiro Official, ſendo inſtigada pelos partidiſtas de Governador, Menezes enviou ordem a D. Garcia para vir meter-ſe nas priſoens da Fortaleſa. Garcia recuſou, e pôs-ſe em defenſa. Menezes fez apontar huma peſſa d'artilheria ſobre a ſua caſa. Entaõ D. Garcia movido, obedeceo, e ſe meteo na priſaõ.

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Os partidiſtas d'eſte, julgavaõ que

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

o Governador se acomodaria com esta submissaõ, e o deixaria partir. Porém Menezes mostrando-se resoluto de o enviar ás Indias carregado de ferros, recorreraõ ás intercessoens, e fizeraõ entervir o Cachil d'Aroes. Este naõ obtendo nada, ameaçaõ de se unirem aos Castelhanos, e de levarem as coisas ao fim. Menezes movido pela sua astucia, se reconciliou com D. Garcia, e obrando ambos de boa Fé, viveraõ algum tempo em muito grande uniaõ.

Os que a tinhaõ procurado com tanto ardor, naõ a queriaõ já, ou se arrependeraõ de a terem conseguido, e nada omitiraõ para a romper. Depois de todos os preludios das falsas relaçoens e supposiçoens, persuadiraõ a D. Garcia, que Menezes tinha sobornado pessoas para o fazer assacinar, e lho fizeraõ certificar por hum negro do Governador que elles tinhaõ subornado. D. Garcia recusou muito tempo de crer esta impostura, de que custa a persuadir-se hum homem d'honra. Com tudo persuadio-se por fim. O seu primeiro pensamento foi entaõ de prevenir hum assacinio por outro; porém embargando-o o horror d'esta acçaõ, mudou, e tomou o partido de prender

der Menezes, de o despojar do Governo, de lhe substituir algum d'entre as suas creaturas, e de tornar com toda a deligencia para ás Indias, para acautelar as impressoens que poderia fazer hum golpe d'este estrondo.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

Tendo sido tomadas as medidas com tanta mais certeza por Menezes naõ desconfiar de nada, os conjurados entraõ na Fortalesa, entraõ na camera do Governador onde saõ bem recebidos. Jogaõ, e no forte do jogo D. Garcia o agarra, resiste elle com vigor, debate-se; porém vencido pelo numero, he posto á ferros, fechado na torre, e D. Garcia reconhecido por Governador em seu lugar.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Com tudo D. Garcia considerando à sangue frio a sua acçaõ, e antevendo todas as consequencias, logo se arrependeo, e naõ teve outro cuidado do que accomodar este negocio tratando como o seu presioneiro. Menezes concedeulhe quanto elle quiz, e tanto que se pôz em liberdade, tendo protestado de violencia, procurou a justiça da sua causa. Porém D. Garcia tinha tomado as suas medidas; tinha encravado a artilheria da Fortalesa, preparado o Navio de Pedro

Ann. de J. C. 1527.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Botelho, e fez-se á vela. Menezes naõ podendo oprimir a pessoa d'hum inimigo, que lhe havia escapado, lhe fez o seu processo nos termos como a hum criminoso de Estado, e o enviou ao Governador de Malaca. Fez partir no mesmo tempo Vicente da Fonseca para correr atras d'elle, e seguilo até ás Ilhas de Banda. Fonseca fez tal diligencia, que chegou antes de D. Garcia. Elles armavaõ-se hum contra o outro; porém Fonseca mais destro, tanto fez que o desalvora, e lhe toma o seu navio.

Os habitantes de Tidor, ajudados pelos Castelhanos tinhaõ posto a sua Cidade em defensaõ, e fortificados com a alliança do Rei de Gilolo, trabalhavaõ surdamente em destruirem os seus inimigos, muito occupados elles mesmos a se destruirem. Depois da fugida de D. Garcia, D. Georje de Menezes se achava mais apertado. Naõ lhe vinha soccorro algum de Malaca, nem das Indias. Os Ilheos que os Portuguezes tinhaõ alienado, naõ levavaõ mais nada á sua Fortalesa. Os Castelhanos pelo contrario recebéraõ novo reforso, que lhes trouxe Alvaro de Saavedra, que vinha da nova Hespanha. Soberbos com a sua superio-

perioridade prezente, ſe julgaraõ em obrigaçaõ de obrarem como inimigos, e de romperem huma paz forçada, que os dois partidos ſó tinhaõ guardado, porque naõ podiaõ deſtruir-ſe. Menezes foi aviſado a tempo, e ſe preparou. Saavedra commandava huma Galiota, e era acompanhado das Carracas dos Reis de Tidor, e de Gilolo. Fernando Baldaia, e Affonſo de los Rios enviados por Menezes, e que hum commandava hum huma galiota, e o outro huma fuſta, vieraõ ao encontro d'elles com os de Ternate, que o Cachil d'Aroes conduſia em peſſoa. Encontrandoſe as duas frotas, as duas galiotas ſe attacaraõ huma á outra com muita paixaõ. Os dois Chefes eſtavaõ animados do meſmo ardor; porém a victoria ſe declarou pelo Caſtelhano. Baldaia foi morto, tomado o ſeu navio, e o reſto da frota poſto em fugida. Menezes ſe vingou logo d'eſta affronta. D. Alvaro de Caſtro tendo chegado por acaſo a Ternate, Menezes eſcolheo tempo em que os Caſtelhanos ſe tinhaõ dividido para alguma expediçaõ; cahio a tempo ſobre Tidor, que queimou ſegunda vez, e reduzio os Caſtelhanos a fazerem huma paz vergonhoſa, de que huma

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

das principaes condiçoens foi, que elles fahiriaõ das Molucas, e fe retirariaõ para algumas Ilhas vifinhas, onde lhes permitiriaõ que fe confervaffem até que os feus direitos foffem regulados na Europa.

O Rei de Ternate eftava fempre como prefioneiro na Fortalefa com os Principes feus irmaõs. Elle começava a fer de idade para poder entrar nos negocios; e caufava inquietaçaõ. A fua morte a diffipou; porém ella fez nafcer a idéa do veneno que lhe tinhaõ dado. Fizeraõ cahir a fufpeita fobre o Cachil d'Aroes. O povo naõ teftemunhou reffentimento, e o moço Aialo, irmaõ do Rei morto, foi reconhecido depois d'elle univerfalmente, fem que nunca a Rainha fua Mai, que tinha tornado a Ternate, podeffe alcançar que lho entregaffem, e que lho pozeffem em liberdade.

Com tudo o Cachil d'Aroes começou a ter defconfianças do Cachil Vaiaco, por quem Menezes moftrava ter mais confiança e confideraçaõ do que por elle. Efta preferencia o alienou dos Portuguezes, e atiçando no feu coraçaõ o fogo do ciume contra efte rival, lhe fez jurar a fua ruina

e

e a de feus protectores. Elle acufou Vaiaco de muitos crimes, e principalmente de fortilegios, e de maleficios, de que eftas naçoens fuperfticiofas saõ fempre de modo infatuadas, que a fupoziçaõ fó he capaz de caufar grandes revoluçoens entre ellas. Elle o oprimio tanto, que Vaiaco foi obrigado a refugiar-fe na Cidadella. Nada teve ainda feguro nefte azilo. Aroes o repetio com altivez. Menezes efteve embaraffado, queria entregar hum amigo, que fó era perfeguido por caufa da eftimaçaõ que delle fazia. D'outra parte queria confervar Aroes, que era para temer. Nefta perplexidade, ajuntou o feu confelho. Vaiaco tomou entaõ máo agouro, e temendo de fer entregado ao feu inimigo, de quem fó podia efperar huma morte cruel, fe precipitou d'huma janela, e fe matou.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

O odio defta morte cahio todo fobre Menezes; que o pôde perceber do resfriamento d'Aroes, e da averfaõ do Publico. Era ella tal, que fe podeffem livrar-fe de todos os Portuguezes ao mefmo tempo, o teriaõ feito fem falta. Hum odio que fenaõ pode fatisfazer fe une a tudo, e até ás menores meudezas quando ellas devem defa-

Ann. de J. C. 1527.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

desagradar áquelle que se aborrece, e a quem naõ se pode fazer todo o mal que se queria. Menezes criava huma Javalı da China, de que lhe tinhaõ feito presente. Este animal odioso, assim por pertencer ao Governador, como por ser detestado pela lei de Mahomet, de que os de Ternate faziaõ profissaõ, foi morto por naõ sei quem. Menezes concebeo por isto muito grande indignaçaõ, e suspeitando deste facto no Cachil Vaidua tio do Rei, e Chefe da Religiaõ, este homem violento e altivo, seguindo só os movimentos da sua paixaõ, sem respeitar huma pèssoa taõ proxima do Soberano, e que se conservava taõ ligada ao coraçaõ do povo pelo seu caracter, elle o fez arrebatar, só sobre a suposiçaõ de que tinha sido o culpado, e o fez fechar nas enxovias da Fortalesa.

Huma acçaõ taõ temeraria naõ podia sustentar-se, e se vio logo obrigado a solta-lo; porém fazendo-lhe tirar os ferros, lhe fez esfregar toda a cara d'hum modo indigno com a gordura d'este animal morto; afronta a mais sanguinaria que se podia fazer ao infimo dos Musulmanos. Vaidua teve o coraçaõ taõ penetrado de dor

e

e de vergonha, que naõ podendo sofrer este insulto, elle mesmo se condenou a hum desterro voluntario, andando de Ilha em Ilha para sublevar todos os habitantes contra huns hospedes, que lhe levavaõ taõ longe a audacia, e a insolencia.

ANN. DE J. C. 1527. D. JOAÕ III. REI.

Irritando-se os animos cada vez mais por esta conducta inprudente de D. Georje ninguem ousou mais aproximar-se ao forte, onde a fome se fez sentir pela falta de viveres. Menezes que bem via, que era este hum effeito do odio que lhe tinhaõ, agravava sempre o mal cada vez mais, en vez de o adoçar, e mandava tomar viveres por força ás cazas. Os seus taõ temerarios como elle, hiaõ em quadrilhas como a fazer correrias, ora para huma parte ora para a outra, como em paiz inimigo, ajuntando sempre o insulto á pilhagem. Os Iheos perdendo a paciencia, se poseraõ na defensa e os maltrataraõ muito. Os de Tabona particularmente tendo-o feito com mais estrondo, e felicidade, D. Georje fez apanhar o Chefe da povoaçaõ e dois principaes. Fez cortar as maõs a estes, e fazendo atar as do Chefe atras das costas, os fez expor a dois caẽs de fila sobre a borda

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

da do mar. Efte infeliz fe defendeo por algum tempo; porém naõ podendo refiftir no eftado em que eftava, deitou-fe á agua; os caẽs o feguiraõ mais affanhados. Elle fe valeo dos pés, e dos dentes como hum homem damnado, até que redufido á morrer, cedeo meio defpedaçado, e meio afogado.

Efte expectaculo d'horror fez tremer todos os que eftavaõ prefentes, ou que o ouviraõ contar. Naõ confideravaõ os Portuguezes fenaõ como monftros, que era precizo exterminalos. O Cachil d'Aroes fomentava publicamente o defgofto geral, e verdadeiramente tudo era para fe temer. D. Georje o fentio, mas para acautelar o mal que elle previa, poz o cumulo á defefperaçaõ d'efte povo, e aos feus crimes. Por quanto ou foffe Cachil culpado, ou lhe inputaffem hum crime, lhe fez fazer o feu proceffo, como fe elle tveffe obrado d'acordo com o Tutor do Rei de Tidor para fazer morrer cada hum o feu pupillo, e fe apoderar da auctoridade Real. E fobre efte fundamento verdadeiro, ou falfo, o fez degolar publicamente fobre hum cadafalfo. O medo, e o terror defte caftigo foraõ taes, que Ternate foi abando-

donado pelos ſeus proprios habitantes, e que cada hum, e a Rainha meſma, fugiraõ, para naõ eſtarem mais expoſtos a ſimilhantes barbaridades.

Ann. de J. C. 1528.

Depois do triumfo que Lopo Vaz de Sampaio ganhou ſobre o ſeu concorrente, ſe aplicou aos negocios do Governo de modo que fizeſſe julgar que era digno d'elle, e elle o fóra com effeito tanto ou mais do que muitos outros, a naõ ſer tudo quanto tinha feito para nelle ſe eſtabelecer contra todo o direito, e toda a juſtiça. Acomodou-ſe com a maior parte das creaturas de Maſcarenhas por politica, e ſacrificou alguns outros á ſua vingança. Georje Cabral que ſe tinha alegrado de hir levar a Maſcarenhas a noticia da ſua promoçaõ, foi accuſado por Pedro de Faria. Eſte trocou contra vontade o Governo de Goa pelo de Malaca. D. Georje de Menezes, que Maſcarenhas tinha enviado ás Molucas, teve tambem logo hum ſucceſſor nomeado, que foi Simaõ de Souza Galvaõ; porém a infilicidade de ambos quiz, que eſte nunca alli chegaſſe. Huma furioſa tempeſtade tendo-o deitado no porto d'Achem taõ diſgoſtozo, e taõ fatigado, que apenas os ſeus que chegavaõ a 70, podiaõ

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

diaõ comſigo, foi elle logo inveſtido por huma multidaõ de pequenas embarcaçoens que cahiraõ ſobre elle. Souſa peleijou com tanta reſoluçaõ, naõ obſtante o triſte eſtado em que eſtava, que os fez fugir a todos. Tornando a começar o combate no outro dia, elle os maltratou tanto, que lhes tirou o dezejo de tornarem a vir. Porém hum infeliz forçado dezertor tendo hido aviſar o Rei do eſtrago a que eſtava reduſida toda a equipagem deſte navio, os inimigos tornaraõ terceira vez ao combate, e achando-o ſem força, e com a impoſſibilidade de ſe defender, ſe fizeraõ ſenhores d'elle, mataraõ a maior parte com o ſeu Capitam, e ſo pouparaõ alguns, que o Rei de Achem conſervou, para ſe ſervir quando foſſe precizo, como veremos mais adiante.

Franciſco de Sá, que Sampaio tinha deſpachado para hir edificar huma Fortaleſa á Sunda no Norte da grande Java, naõ fez huma viagem inteiramente deſgraçada; porém naõ foi muito proveitoza. O Rei que tinha ſolicitado a alliança dos Portuguezes, e eſte ſoccorro, tinha ſido vencido, e deſpojado por hum dos ſeus viſinhos, contra quem elle procurava huma protec-

çaõ.

çaõ. Efte fe pôz em eftado de defenfa, e fe achou alli á chegada de Francifco de Sá, que a tempeftade deitou ahi, mais depreffa do que poderia chegar; de forte, que depois de ter perdido hum dos feus navios, que o máo tempo tinha feito encalhar na Cofta, e trinta homens que os barbaros degoláraõ, Sá foi obrigado a tornar para Malaca, fem ter podido fazer nada.

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Sampaio defpachou depois os Navios de tranfporte para Portugal, e entregou Mafcarenhas prefioneiro á Antonio de Brito, que foi encarregado de todos os proceffos verbaes d'efte negocio. Deo á Joaõ Déça, feu cunhado as provifoens do Governo de Cananor, e o encaregou ao mefmo tempo de crufar fobre a Cofta do Malabar por algum tempo com huma frôta que lhe fez preparar. Enviou igualmente Chriftovaõ de Mendonça á Ormus, para alli fucceder a Diogo de Mello Jufarte, que tinha acabado o feu tempo. Martinho Affonfo de Melo Jufarte parente d'efte, e do Governador foi deftinado para hir levantar a Fortalefa de Sunda, o que Francifco de Sá naõ podera confeguir. Simaõ de Melo fobrinho de Sampaio teve ordem de hir crufar para ás Mal-

di-

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

divas, e Antonio de Miranda d'Azevedo, General do mar das Indias, partio com huma frôta de 20. navios para hir crusar para o estreito de Meca.

Sampaio mostrava querer hir pessoalmente, como para se desobrigar do juramento que tinha feito de hir attacar a frôta, e Rais Solimaõ; porém isto era só hum fingimento. Queria fazer-se rogar para que ficasse nas Indias, onde a sua presença era necessaria, e elle naõ ignorava o que tinha acontecido ao General Musulmano do qual todos os projectos se reduziraõ em fumo por sua morte. Rais Solimaõ tinha lizongeado Sultaõ Selim, communicando-lhe as grandes idéas que tinha sobre as Indias. Solimaõ filho de Selim, que succedeo a seu Pai, e que tinha taõ grande alma como elle, enviou a Rais Solimaõ 20 galeras, e sinco galioens que tinhaõ feito no porto de Suez. Haidarin Bacha teve ordem de as condusir á Ilha de Camaraõ, onde estava occupado a construir a sua Cidadella. Porém Haidarin, em lugar de lhe entregar esta frôta, segundo a ordem que tinha, teve disputa com elle sobre ciumes de prudencia, e se livrou

co-

como se tinha elle mesmo livrado de Emir Hocem. Mustafa, e Sofar parentes de Rais Solimaõ o vingaraõ fazendo morrer Haidarin. Temendo depois o castigo devido ao seu crime, foraõ apresentar-se á Adem, para se ampararem com as tropas que tinhaõ reduzido; porém naõ o podendo conseguir, se retiraraõ para o Rei de Cambaia, onde foraõ procurar hum asylo contra a Porta, como eu direi depois. A maior parte da frôta que naõ os quiz seguir, vendo-o sem Chefe, se retirou para Suez.

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Déça mostrou o seu valor sobre a Costa do Malabar, e alli foi devedor á sua boa fortuna que lhe apresentou belas occasioens. Fez mais de 0. presas, queimou Mangalor, e muitos outros lugares, e em fim brigando com o celebre China Cutial, o desbaratou. De 60. paráos que tinha Cutial queimou, ou meteo a pique muitos, e tomou a maior parte. Fez prisioneiro a elle mesmo com 500. homens, perdendo nisto pouco, e naõ lhe deo liberdade, senaõ depois de ter tirado hum grande resgaste.

Martinho Affonso de Melo, soccorreo a tempo o Rei de Coia alliado

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

do dos Portuguezes na Ilha de Ceilam. Pate-Marcar General do Samorim, que fazia guerra a efte Rei, naõ oufou efperalo, e fugio logo que teve a noticia da fua chegada. De lá tendo Melo hido a Calicate onde fe faz a pefca das perolas, impôz hum tributo ao Senhor do lugar, que fe obrigou de boa vontade a pagalo para adquirir huma protecçaõ da Coroa de Portugal contra os feus vifinhos. Melo foi depois a Paleacate para alli invernar. Os Officiaes da fua efquadra compofta de nove navios, defcobriraõ as ordens fecretas que tinhaõ de hir á Sunda, e como elles fe tinhaõ obrigado fó para hir crufar fobre a Cofta Tenazarin, fe queixaraõ altamente d'efte dolo, e fe irritaraõ tanto, que alguns o deixaraõ: outros levando mais longe o crime, lançaraõ fecretamente fogo aos navios para queimarem toda a frôta. Acudiraõ-lhe logo e o apagaraõ. Tendo-fe paffado affim o inverno em a perturbaçaõ, e a fediçaõ, veio furgir á Ilha de Nagamal atravez do Reino de Arracan, para alli efperar alguns navios inimigos. Hum furacaõ feparou delle todos os da fua frota, que o feguiaõ de taõ má vontade, e o fez dar á Cof-

Costa. Depois de muitas infelicidades elle e os seus cahiraõ em poder de Codavas-Can vassalo do Rei de Bengala, que tendo-os sempre presioneiros se servio delles utilmente para vencer hum dos seus visinhos, com quem estava em guerra. Martinho Affonso de Mello tentou escapar-se, foi apanhado, e custou a vida a hum dos seus sobrinhos, que os Brachmanes pediraõ para o offerecerem em sacrificio a hum dos seus Idolos. Martinho Affonso de Mello, e os seus foraõ resgatados depois por Sampaio, que pagou o seu resgate.

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Christovaõ de Mendonça conduzio a Ormus Seraph, que o Rei seu Senhor tinha feito prender por justas razoens. Tinha sido transportado á Goa para alli ser julgado. Achou o meio de se mostrar inocente, e foi restabelecido nas suas honras, e nos seus empregos. Mendonça despachou d'Ormuz Antonio Tenreiro com cartas, nas quaes avisava do Estado das Indias, e da morte do Rei Solimaõ, pela qual os projectos do Gram Senhor se achavaõ desconcertados. Tenreiro intentou a sua viagem por terra. Foi a Baçora. A caravana de Damasco tinha partido poucos dias antes. Teve elle com

tudo

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

tudo o valor, ou para melhor dizer a temeridade de tentar paſſar os horroroſos deſertos da Arabia com agulha de marear, ſó com huma guia, o que nunca ninguem ouſou fazer. Conſegui-o com tudo felizmente, encontrou huma caravana antes de ſahir d'eſtes deſertos, chegou a Alepo onde ſe embarcou para á Ilha de Chypre, paſſou á Italia, foi a Genova, e á Marſelha; d'onde continuou a ſua derrota por terra até Lisboa, onde ElRei o recebeo com grandes moſtras de ſatisfaçaõ, aſſim por ſer elle o primeiro que tinha feito eſte caminho, como pelo calculo das ſuas jornadas. Eſte Principe ſe liſongeou, que podia receber noticias das Indias por eſta via em menos de trez mezes de caminho.

Antonio de Miranda fez huma viagem mais eſteril para á ſua gloria, do que para o ſeu proveito. Occupou o eſtreito, repartindo a ſua frôta em trez eſquadras. Nada paſſou que naõ foſſe tomado ou roubado: os ventos contrarios o impediraõ de hir á Ilha de Camaraõ para onde era deſtinado, e ſatisfizeraõ com iſto o pouco dezejo que tinhaõ de lá hir. Queimou a Cidade de Zeila, de que os habitantes ſe tinhaõ ſalvado nas terras, naõ

naõ lhe deixando ninguem com quem podesse combater, nem nada que podesse roubar. Na sua retirada huma violenta tempestade decipou a sua frota passando a travez de Diu. Estando ainda grosso o mar, Lopo de Mesquita, hum dos Capitaens da sua esquadra, encontrou huma grossa embarcaçaõ de Mouros, e a tomou. A acçaõ foi bela e valente. Porém os dois navios impelidos pelas ondas, se acometeraõ taõ violentamente, que o dos Mouros foi a pique, e o outro pareceo ter a mesma sorte. Lopo de Mesquita quiz ao menos salvar o thesouro do seu navio, e da sua presa. Elle o confiou a seu Irmaõ Diogo, que meteo ao mar com a sua chalupa, e 17 homens. O navio que consideravaõ perdido sem remedio, se salvou pelos cuidados do Capitaõ. A chalupa foi tomada pelos corsarios de Diu, e os presioneiros entregues ao Rei de Cambaia. Este barbaro fez o que pôde para os obrigar a abjurar a sua Religiaõ. Diogo de Mesquita seu Chefe esteve sempre firme e immovel. Sultaõ Badur o fez meter na boca d'huma peça para o fazer voar em pedaços. Entrou elle com hum ar taõ deliberado, que admirou este

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1528.

D. Joaõ III. Rei.

Lopo Vaz de Sampaio Governador.

Principe, que o fez levar a elle, e aos ſeus, para huma priſaõ, onde os fez ainda ſofrer muito; porém d'onde com tudo foraõ livres depois.

A meſma tempeſtade tendo ſeparado Germano de Macedo, cahio no meio das fuſtas de Diu, que eraõ 50. commandadas por Hali-Cha, o qual naõ era menos vivo que o Aga Mahmud, a quem elle tinha ſuccedido. Macedo ſe defendeo todo hum dia contra ellas com hum prodigioſo valor, ſó reſtavaõ ſeis homens, e huma mulher que fornecia os cartuxos. Antonio da Silva chegou felizmente para o livrar, e infeliz para ſi meſmo, porque foi morto por huma deſcarga de artilheria. O navio de Macedo eſtava taõ crivado, que era hum milagre poder ſalvar-ſe, e elle taõ deſfigurado, que cuſtava a reconhecer.

Lopo de Sampaio que ſe conſervava ſempre em Goa, onde naõ havia outro Governador ſenaõ elle, quiz tambem tentar a fortuna da guerra, e hir buſcar o inimigo da meſma ſorte. A noticia que recebeo entaõ de que 14. bragantins obrigados por tempeſtade tinhaõ naufragado na Coſta perto da entrada do Rio de Chatua, e que todos os que nelles hiaõ tinhaõ ſido toma-

tomados e mortos pelos Mouros de Calecut, acendeo de modo nelle o dezejo de se vingar, que só tomou o tempo de seis dias, para se dispor para partir para Cochim, deixando em Goa Antonio de Miranda para governar. Tanto que chegou, fez armar 18. embarcaçoens, e partio. Achou logo o que buscava. O Cutial de Tanor Almirante da frôta do Samorim corria o mar com 150. paráos. Sampaio naõ duvidou em os acometer com 13 bragantins, em hum dos quaes elle mesmo passou. O combate foi violento d'ambas as partes por duas horas, em fim os inimigos tendo percebido outros dois bargantins que sahiraõ de Cananor, se poseraõ em fugida. Sampaio os perseguio, meteo a pique 18. paráos e tomou 22. nos quaes achou 0. peças d'artilheria. Os outros que he escaparaõ foraõ tomados perto de Cochim.

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Depois d'esta victoria Simaõ de Mello, que teve ordem de arrasar a terra, queimou ainda 26. embarcaçoens de diferentes especies, redusio a cinzas Cidade de Chatua, lançou fogo em muitos outros sitios da Costa até Cranganor. Tendo-se depois reunido ao Governador foraõ cahir de

E ii con-

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

concerto ſobre Porca, de que eſtava o Arel auſente, e fazia todo o mal que podia aos Portuguezes. Os habitantes ſe defenderaõ em vaõ. Os que naõ ſe poderaõ ſalvar pela fugida, foraõ paſſados ao fio da eſpada. A Cidade foi entregue a ſaco: acharaõ nella grandes riquezas, muita artilheria, treze embarcaçoẽs de remo, que foraõ a preſa do vencedor. A irmã, e a eſpoſa d'Arel foraõ feitas eſcravas, e elle foi muito feliz de as poder reſgatar, fazendo a ſua paz

Huma nova paixaõ obrigou Sampaio a por-ſe outra vez em campo. Nizamaluco atacado pelo Rei de Cambaia implorou o ſeu ſoccorro, e o Governador de Chaul deſprovido de homens e de muniçoens, repreſentou vivamente a triſte ſituaçaõ em que ſe achava. Hali-Cha dominava o mar com 80 fuſtas. Lopo Vaz de Sampaio armou logo 52. vaſos de todo o genero para lhe hir ao encontro. Soube em Chaul que Hali-Cha naõ eſtava longe. Logo aparelhou para hir a elle. Como ſe aviſtaraõ perto da noite, o negocio ſe remeteo para o outro dia. O combate ſe deo á viſta da Cidade de Bombain. O General commandava os navios d'alto bordo, e Heitor da Silveira as embarcaçoens de

re-

remos. Dividiraõ-ſe ambos para meterem a armada inimiga entre dois fogos. Silveira coſteou o mais perto que pôde, e elle ſó combateo com hum deſtacamento de 8. pequenas embarcaçoens, a quem tinha mandado guardar a entrada do Rio Main. A armada inimiga eſtava dividida em trez linhas, de que Hali commandava a ultima. Ella deo as ſuas deſcargas de longe com mais oſtentaçaõ do que effeito. A armada Portugueza pelo contrario eſperou para atirar quaſi no fim. Franciſco de Brito de Paiva foi o primeiro que ſaltou em hum navio inimigo, e mereceo o premio de cem cruzados, que havia ſido propoſto para eſte effeito: eſte no qual elle eſtava tendo ſido ſeparado pela abordada de outro, teve tempo de o tornar a afferrar, e de ſe ſalvar. A victoria naõ tardou muito a declarar-ſe. Hali fugio vergonhoſamente com o que ſó ſalvou 7 das ſuas fuſtas. Foraõ queimadas 46 tomadas no combate, e as outras no ſeguimento. Crer-ſe-ha que neſtas duas celebres victorias que ganhou Sampaio, naõ perdeo hum ſó homem? Os Portuguezes o dizem. Podemos crer, ſem lhes fazer injuria, e ſem diminuir muito o luſ-

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

lustre da sua victoria, concebendo muito despreso pelos inimigos de quem ellas a queriaõ conseguir.

Ann. de J. C. 1529.

D. Joaõ III. Rei.

Lopo Vaz de Sampaio Governador.

Se na consternaçaõ em que estiveraõ em Diu depois desta destruiçaõ, Sampaio alli se presentasse, ella lhe abriria as suas portas. Elle o queria, e Heitor da Silveira tambem; porém os seus Officiaes avisados de que lhe vinha hum successor, e sempre seus inimigos secretos, pela maior parte por causa do que elle tinha feito a Mascarenhas, opposeraõ-se a isso absolutamente, e o obrigaraõ a tornar para Goa.

Heitor da Silveira continuando a aproveitar-se das suas vantagens, entrou no Rio de Nagotana, saltou á terra, e queimou 4 ou 5 povoaçoens. O Governador de Nagotana lhe atalhou o caminho com 500. cavalos e muita infantaria. Silveira naõ conseguio mais do que gloria pela necessidade em que se achou de combater e vencer. Adiantou-se depois até á Baçaim. A Cidade estava fortificada, e se achava defendida por Hali-Cha que tinha comsigo mais de 3ↀ homens tanto d'Infantaria, como de Cavalaria. Persuadio-se Silveira que elle desbarataria tambem este General

por

por terra como acabava de o deſtruir por mar. Fez hum batalhaõ das ſuas tropas, pôz o inimigo em fugida, ſaqueou a Cidade, e lançou-lhe o fogo. O Rei de Tana acautelou a meſma infelicidade fazendo-ſe tributario.

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Outros diverſos Capitaens tinhaõ n'outras partes a meſma felicidade. Joaõ d'Avelar tomou por eſcala huma praça ao Rei de Cambaia, que entregou a Nizamaluco, a quem ella pertencia. Antonio de Miranda naõ quiz ficar inutil em Goa. Simaõ de Mello, e elle queimaraõ muitos navios ſobre a Coſta, e acabaraõ a ſua irrupçaõ pela deſtruiçaõ de 50 paráos de Calicut.

Sampaio naõ eſtava taõ inteiramente ocupado com a guerra, e com as ſuas victorias, que naõ trabalhaſſe ainda com mais cuidado em tudo o que pode fazer florecer hum Eſtado na paz. Aplicou-ſe fortemente a eſtabelecer a politica, e a reformar os abuſos, e os roubos que ſe cometiaõ nas alfandegas. Fez reparar os armazens d'ElRei, ajuntou novas fortificaçoens a diferentes praças; afermoſeou as Igrejas, e querendo principalmente que o ſucceſſor que lhe vieſſe de Portugal, foſſe contente,

pon-

Ann. de J. C. 1529.

D. Joaõ III. Rei.

pondo-o em eſtado de logo fazer alguma grande empreſa, lhe preparou huma frôta a mais completa que ainda tiveſſe viſto. Era ella de 130 embarcaçoens, 14 de altobordo, 10. galeras Reaes; o reſto conſiſtia em fuſtas, galiotas, bragantins, e meias galeras.

Nuno da Cunha Governador.

Nuno da Cunha filho de Triſtaõ, de que temos já falado, era o ſucceſſor que a Corte tinha deſtinado para o lugar de Lopo Vaz de Sampaio. Tinha partido no anno precedente com huma frôta de 11 navios, commandados por Officiaes de merecimento, entre os quaes eraõ dois de ſeus irmaõs, Pedro Vaz, e Simaõ da Cunha, dos quaes hum devia ſer General do mar, e o outro Governador de Goa. Tinha além diſſo 3000 homens de tropa, e muitos voluntarios moços Nobres muito luzidos, e bem preparados. Como tinha partido muito tarde, a ſua viagem foi das mais deſafortunadas. Porque além de ter a infelicidade de perder os ſeus dois irmaõs, antes de acabar, trez dos ſeus navios naufragaraõ; a tempeſtade decipou alguns outros; o ſeu partio ſobre a Coſta de Melinde; dois ſómente chegaraõ á India no meſmo anno,

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

nno, e levaraõ a noticia da sua par-
ida de Lisboa. Em hum hia Garcia de
á, e n'outro Antonio de Saldanha.
Este andava taõ lentamente no prin-
ipio, que Nuno foi obrigado a dei-
alo á sua má ventura; porém como
defeito deste navio vinha do máo
nodo porque estava carregado, Salda-
ha o fez revolver tantas vezes, que
chou o ponto do seu movimento,
lcançou o General em pouco tempo,
ganhou as Indias tomando o largo
a Ilha de Madegascar.

Obrigado do inverno sobre a Cos-
a d'Africa, Nuno preferio Momba-
a a Melinde, para onde foi com
ois navios que lhe restavaõ. A Ci-
ade lhe foi inteiramente dezemparada,
ue elle naõ tomou. O Rei que se
inha retirado com os habitantes, de-
ois de fazer mostras d'alguma resis-
encia, se tinha escondido em hum
ugar muito perto, d'onde as suas
ropas naõ deixavaõ de fazer suas ir-
upçoens até á Cidade, com algu-
nas pequenas vantagens. Com tu-
lo fez alli hum tratado. O Rei se
ez tributario, e começou a pagar al-
guma parte do tributo. Porém dando
noleftias na frôta, e sendo muitos
os mortos, entre outros Pedro Vaz
da

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

da Cunha, foi quebrado o tratado, e Nuno depois de ter lançado fogo á Cidade tornou para Melinde, onde unindo-se-lhe alguns dos seus navios que tinhaõ invernado em Moçambique, passou a Ormuz.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Alli a sua primeira occupaçaõ foi examinar a conducta de Rais Seraph, que Sampaio havia absolvido. Pouco depois vio-se obrigado a retelo, antes do que o naõ teria feito. D. Joaõ III. sobre novas queixas tinha despachado Manoel de Macedo, unicamente para hir apossar-se da pessoa de Seraph, e trazelo carregado de ferros para Portugal. Macedo chegou no tempo em que Nuno estava em Ormuz, e por huma temeridade singular, debaixo do pretexto que tinha de poderes independentes, emprehendeo arrebatar Seraph, naõ sómente sem communicar nada a Nuno, porém ainda enganando-o, e fazendo-o servir ao seu designio, sem que elle desconfiasse. Conseguio em parte prender Seraph no Palacio mesmo do Rei; porém naõ teve tempo de o condusir ao seu navio. Avisado Nuno a tempo, lho arrebatou do mesmo modo, e o meteo a elle mesmo nas prisoens, e com isto punio a imprudencia d'este

te Official, e deo ao mesmo tempo huma especie de satisfaçaõ ao Rei, que se queixava com justiça, de que lhe tinhaõ perdido o respeito por hum attentado taõ grande, sem o seu consentimento no seu Palacio, e debaixo dos seus olhos.

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

Em quanto se demorou em Ormuz, enviou Nuno ao Rei, ou Cheque de Baçora Melchior de Soisa Tavares com 40. homens de soccorro, que lhe tinha pedido contra o Cheque de Gizaira, com quem estava em guerra. Este pequeno soccorro fez muita impressaõ sobre este, para o obrigar a fazer a paz com o seu inimigo: porém naõ foi bastantemente forte para obrigar o Cheque de Baçora a testemunhar o seu reconhecimento, e a cumprir o que havia prometido. Baçora esta na distancia de 30 legoas nas terras do fundo do Golfo Persico, e mais asima da embocadura do Tigre e do Euphrates. As armas Portuguezas naõ tinhaõ ainda penetrado taõ longe, e foi muito que com taõ pouca gente ellas se fizessem respeitar em hum paiz, que tinha sido por tanto tempo inacesivel aos Gregos, e aos Romanos.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Com tudo Rais Bardadin cunhado

Ann. de J. C. 1529.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

do de Seraph, que possuhia esta Ilha de Baharem do Rei d' Ormuz mediante 40♁ Serafins d'oiro de tributo, temeo a occasiaõ de se sublevar contra este Principe, como n'elle tivesse tolerado a detençaõ do seu Ministro; porque naõ teriaõ, dizia elle, nunca ousado prendelo no seu Palacio, se elle naõ tivesse consentido. O Rei quiz aproveitar-se d'isto mesmo para obrigar o General a diminuir o tributo de 50♁. Seraphins, que pagava á Coroa de Portugal. Porém bem longe de Nuno se render ás suas razoẽs, elle lhe impoz 30♁. de mais como hum castigo, que elle tinha merecido, fazendo-se cumplice da morte do Rei seu predecessor. O moço Rei podera bem justificar-se, assim pelo direito que tinha á Coroa, sendo filho de Zeifadin como pela fraqueza d'huma idade, na qual naõ estava ainda em estado de ser consultado, quando o levaraõ ao trono.

Com tudo Nuno enviou Simaõ seu irmaõ com huma esquadra de oito embarcaçoens, para submeter os rebeldes. Na sua chegada Bardadin fez logo arvorar huma bandeira branca, e enviou hum trombeta para dizer. „ Que elle tinha tido justas ra-
„ zoens

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

,, zoens de recuſar o tributo ao Rei
,, d'Ormuz : que com elle ſó era a
,, differença, e naõ com os Portugue-
,, zes ; com tudo já que os Portu-
,, guezes tomavaõ a defenſa d'eſte
,, Principe, naõ entrava na juſtifica-
,, çaõ da ſua conducta, e pedia ſó-
,, mente a liberdade de ſe retirar com
,, os ſeus effeitos. ,, Simaõ da Cunha
ſtava muito diſpoſto a aceitar hum
artido taõ vantajozo, porém toda a
ıocidade Nobre vinda ultimamente
e Portugal, ſuſpirando pelo Saco
'eſta praça hum pouco mais do que
onvinha á peſſoas de qualidade,
brigou o General a reſponder. ,, Que
, elle naõ permitia que ſahiſſe com os
, ſeus, ſenaõ ſó com os veſtidos que
, traziaõ. ,, Entaõ Bardadin fazendo
ſar huma bandeira vermelha, para
noſtrar que eſtava determinado, e em
ſtado de ſe defender, a praça foi at-
acada ſegundo as formas da guerra,
orém ſem algum effeito.

No fim d'hum mez naõ tendo
inda o General adiantado nada, ſe
chou ſem polvora, pela malicia d'
quelles meſmos Portuguezes, que ti-
haõ feito as ſuas proviſoens em Or-
nuz, e vio a ſua armada muito en-
raquecida por huma eſpecie de peſte
que

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

que a deſtruio. Bardadin poderia deſtruila inteiramente, ſe tiveſſe querido. O medo de que fizeſſem morrer Seraph, e que para o futuro naõ recahiſſe ſobre elle, o obrigou a reter a ſua gente, que ſe contentava de empregar as zombarias mais crueis, em lugar de brigarem. Simaõ da Cunha foi obrigado a embarcar-ſe. Todos os ſeus eſtavaõ taõ fracos, que era preciſo arraſtar os doentes como cadaveres. A penas havia 30. que podeſſem ſuſtentar armas, deſorte que eſta frôta toda deſtroçada, e quaſi reduſida á nada, ſe tornou a Ormuz, com a injuria de ſer taõ mal ſuccedida, e o diſgoſto de naõ ter que trazer ao Governador General, mais do que a doloroſa noticia da perda de ſeu irmaõ, que o contagio tinha levado com infinitos outros.

Nuno naõ tinha eſperado o retorno d'eſta expediçaõ, tinha-ſe feito á vela para á India. Paſſou a Goa, onde achou 4. navios chegados neſte anno de Portugal, com hum tempo taõ favoravel, e huma felicidade tal, que ſó hum homem lhes tinha morrido. De lá foi á Cananor, onde naõ quiz deſſer, fazendo deſculparſe com o Rei, por lhe naõ fazer

vi-

ifita, por eftar com preffa de hir a
:ochim. O Rei fe defculpou do mefmo
ıodo. O ceremonial era o motivo fe-
reto d'huma parte e d'outra. O Mi-
iftro defte Principe muito affecto aos
'ortuguezes, fez offerecer ao General
um beliffimo prefente de joyas. Po-
èm como Nuno era hum homem da
:mpera de D. Henrique de Menezes,
recufou como tinha feito áquel-
:s que lhe tinhaõ offerecido em Or-
ıuz, e lhe fez dizer efta palavras. „
As joyas que eu dezejo de voz,
he a voffa fidelidade no ferviço d'
ElRei meu Senhor, e no ferviço
do voffo. Por ella vós me fobornareis
melhor do que pelos prefentes mais
ricos, e naõ haverá nada depois
d'ifto, que por vós eu naõ faça. „
Joaõ Deça, Governador de Ca-
anor, tendo vindo a bordo faudar o
ieneral, lhe fez comprimentos de Lo-
o Vaz de Sampaio, que eftava n'ef-
ı Cidade, e lhe diffe da fua parte,
ue fe elle quifeffe pôr pé em terra,
lle lhe cederia o Governo. Nuno
: picou d'efta propofiçaõ, e fez ref-
onder a Sampaio, que elle devia
ir renunciar-lho fobre o feu navio.
ampaio obedeceo. A renuncia fe fez
om as formalidades ordinarias. Po-
rém

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1529.

D. JGAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

rém apenas Sampaio tornou a entra na sua chapula, para tornar á terra lhe fez dar ordem para o seguir par Cochim; e no mesmo tempo fez pu blicar hum bando, pelo qual fazia sa ber, que todos aquelles que tivessen de que se queixar de Sampaio o po diaõ fazer livremente, e que elle lhe faria justiça. Chegado a Cochim, el le o fez prender, e fez fazer inven tario de todos os seus bens. Sampai disse ao Alcaide que lhe levou a or dem, como por huma especie de es pirito prophetico. „ Dize a Nuno qu „ eu prendi meu predecessor, que e „ mesmo me vejo hoje preso, e qu „ virá outro que o prenderá. Respon „ deo Nuno. Podem preparar-me fe „ ros e cadeias; eu o espero: porém „ eu terei a vantagem de as naõ te „ merecido como elle „ Sampaio tev menos pena da sua detençaõ, do qu das circunstancias que a acompanha raõ. Sentindo o povo despertar o se odio pela lembrança do que elle t nha feito a Mascarenhas, tomou desafogo de o insultar na sua infel cidade, e de o carregar de oprobrios e de injurias até debaixo das janela da sua prisaõ. Embarcaraõ-no depo no peior navio de transporte, co

dois

lois creados só para o servirem. Era isto usar com muito rigor, para om hum homem que tinha estado m hum taõ grande emprego. Porém Nuno tinha estas mesmas ordens, terri-veis para executar, mas indespensaveis uando vem da Corte; e mostrou bem ela consequencia quaes tinhaõ sido s intençoens.

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Porque chegando ás Ilhas Terceiras, chou hum expresso, que o esperava para pôr á ferros. Quando desembarcou m Lisboa, foi condusido do porto té ás prisoens montado n'huma bur-a, no meio dos clamores do povo: e netido n'huma profunda enxovia, on-e foi guardado com extrema severi-ade, que nem permitiraõ á sua mu-ier que o visse. Em fim depois de dois nnos de miserias, o Duque de Bragan-a obteve d'ElRei o ouvilo em hum 'estes dias de graça, em que segun-o hum uso antigo de Portugal os oberanos davaõ audiencia a esta sor-e de infelices. Lopo entrou na Ca-iera do Conselho carregado de ferros, em hum estado capaz de excitar ompaixaõ. Falou com dignidade, e ez huma grande narraçaõ dos seus erviços. Perguntaraõ-no sobre 43. ar-gos, de que o mais grave era a sua

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

conducta a respeito de Mascarenhas. Tendo sido reconduzido para á prisaõ o seu processo se começou a instruir e lhe foi permitido dar as suas defensas. E ou porque ellas naõ satisfizessem, ou por outra razaõ, a Sentença sahio contra elle. Foi declarado injusto usurpador do Governo, como tal nunca já mais ter sido Governador legitimo, riscado consequentemente do Estado, e obrigado a restituir a Mascarenhas todos os soldos que tinha percebido, com 10$. cruzados de mais de perdas e damnos, e em fim degradado para á Africa. Sampaio depois d'esta sentença fugio para Castela, e escreveo de Badajos a ElRei para se queixar do rigor que com elle tinhaõ usado, e para justificar sua evasaõ. Servio tambem em Espanha, que mereceo ser chamado para á sua patria com honra.

Era este o tempo das justiças Affonso Mexia Intendente da Fazenda e Governador de Cochim, Diogo de Mello Governador d'Ormuz, D. Garcia Henriques, e D. Jorje de Menezes, Governadores das Molucas, foraõ tambem pouco depois trasidos a Portugal, carregados de ferros, e depois de terem apodrecido nas priso-

ens,

ns, foraõ igualmente condenados a egredo, e á confiſcaçaõ de todos os ɛus bens. Caſtigo leve, ſe o comıraõ á enormidade dos ſeus delictos, ı para melhor dizer ſeus crimes. lexia era ſem duvida mais culpado ıe Sampaio, porque além de ſer o ıctor de todas eſtas perturbaçoens, le naõ ſe tinha ſervido da ſua auoridade, e da de Sampaio, que era ſeu idolo, ſenaõ para ſe enriquecer ır roubos, e injuſtiças; e elles tinhaõ ıtado o Rei de Cochim taõ indig.mente, que eſte pobre Principe tiıa ſido menos Rei, do que eſcravo, ı quanto elles tiveraõ o Governo maõ, de modo que Nuno ſe nvenceo, quando eſte Rei lhe fez narraçaõ das ſuas queixas. As imɛnſas riqueſas que apanharaõ a Meı, foraõ a prova mais authentica s ſeus roubos. Naõ tiveraõ nada, quaſi nada que tomar a D. Garcia ɛnriques: o mar tinha acautelado a ıtença dos homens, e tinha engoli- com o ſeu junco 50ₔ. cruſados, ıto inutil de tantos trabalhos, faʒas, e violencias. D. Georje de Mezes foi degradado para o Braſil on- morreo. Rais Seraph foi o mais iz de todos eſtes culpados. Tinha

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III, REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

fido tranfportado com Sampaio par
Portugal, e tinha fido parte na fu
vergonhofa entrada em Lisboa. Porér
efte habil homem, que naõ tinha pe
dido tudo, achou que os Miniftrc
d'efta Corte naõ eraõ diferentes dc
Portuguezes com quem tinha tido ne
gocio nas Indias, e fe houve tamber
com elles, que ainda fe lavou dos cr
mes, que tinha commetido, e foi er
viado com diftinçaõ para o feu pr
meiro emprego, para cometer novo:

O que Sampaio tinha feito par
pôr no mar huma numerofa frota d
navios, tinha fido de modo deftruid
por Affonfo Mexia, mais attento ac
feus enterefles particulares, do qu
ao bem publico, que Nuno na
achou nada preftes, com todo o cu
dado que teve, efcrevendo da Cof
de Melinde: de modo que naõ poder
do empreender coifa confideravel, f
contentou de fazer tres efquadras
que entregou ao comando de Diog
da Silveira que devia correr a Cof
do Malabar; a Antonio da Silveir
que enviou para o Golpho de Car
baia; e a Heitor da Silveira, que te
ve ordem de cruíar junto das gargant
do mar Roxo. Com tudo elle fe a
plicou aos negocios do Governo
vi-

visitar as praças, e os Reis alliados, a quem causou tanta satisfaçaõ pelo seu desenteresse, rectidaõ, e afabilidade, quam pouca elles tinhaõ tido da parte de alguns d'aquelles que o tinhaõ precedido.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Diogo da Silveira tendo-se apresentado de fronte de Calicut para obrigar o Samorim a concluir huma paz que tinha requerido, mas de que até entaõ naõ tinha feito caso algum, bombardeou a Cidade, e a varejou, de modo que ella seria absolutamente reduzida a cinzas, por pouco que os ventos tivessem continuado a soprar. Fez depois huma taõ boa guarda na embocadura de todos os rios, que quebrou todo o commercio, e causou hum grande damno a este Principe, impedindo a partida dos navios que estavaõ prestes para Meca. De lá, tendo recebido hum poderoso reforso de Goa, foi a Mangalor para castigar hum rico commerciante desta Cidade, que posto que vassalo do Rei de Narsinga alliado dos Portuguezes, lhes fazia todo o mal que podia, e favorecia em tudo as intençoens do Samorim. Diogo o foi procurar até no seu forte, onde elle se defendeo até morrer. Paté Marcar General do Samorim,

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

morim, que vinha ſoccorrelo com 60 paráos retrocedeo tanto que vio a frô ta inimiga. Diogo o ſeguio, e o al canſou ao monte Deli, e o desbaratou e ſe retirou para Cochim.

Antonio da Silveira teve ſucceſſ ainda mais brilhante. Tinha 53 em barcaçoens, a maior parte a remos 900. Portuguezes entre os quaes havi 400. Beſteiros. Tendo entrado no ri que conduz a Surrate, e a Reiner, na teve mais trabalho neſta primeira qu na deſcida. Os habitantes tendo feit huma vam aparencia ſobre a praia, huma deſcarga que naõ foi mortifera ſe retiraraõ para os matos, onde t nhaõ já tranſportado os ſeus bens naõ deixando na ſua Cidade ſena os edificios que lhe queimaraõ. Pa receo que os do Reiner, que era em numero de 6000. homens de pé, de 400. cavalos, tinhaõ pelo contrari poſto toda a ſua confiança no ſeu va lor, naõ tendo tomado as meſma cautelas que os ſeus viſinhos, qu eraõ ainda mais fortes do que elle Com tudo perderaõ a apoſta, porqu depois de alguns esforços na deſcid e para defenderem os ſeus entrinche ramentos, pozeraõ-ſe em fugida, de xando ſuas mulheres, ſeus filhos

10-

odos os ſeus bens por preſa ao ven-
edor. Antonio da Silveira reteve no
rincipio os ſeus, para lhes impedir
ue ſe demandaſſem. Entregou de-
ois Cidade a Saco. Acharaõ nel-
a grandes riquezas. Porém o Ge-
eral, que naõ queria que tantos deſ-
ojos lhe foſſem funeſtos, pôz limites
 cubiça militar, e fez lançar ſedo
ogo á Cidade, e aos campos, de que
s cazas foraõ igualmente conſumidas.
Iouveraõ alli vinte navios, e muitas
utras pequenas embarcaçoens que ti-
eraõ a meſma ſorte. A artilheria foi
eitada no Rio. Dali tendo Silveira paſ-
ado com extrema celeridade a Damaõ
 a Agacin, levou alli a meſma de-
olaçaõ. Em fim depois de ter ſaquea-
lo e deſtruido todas as povoaçoens,
ue achou na ſua derrota, foi ancorar
 Ilha de Bombain, onde ſe deteve
um pouco, para obrigar o Rei de
Taná, atemoriſado da rapidez deſte
urbilhaõ, o tributo a que ſe tinha
brigado.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A reputaçaõ de Heitor da Silvei-
a, e a noticia da ſua vinda para ás
ozes do mar Roxo, obrigaraõ Muſ-
afá, è Sofar, os matadores de Haidarin,
 levantar o ſitio d'Adem, que elles
ttacavaõ inultilmente haviaõ ſinco
me-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

mezes. Heitor tendo-o ſabido, foi ancorar á viſta d'eſta praça: e ſem fazer eſcrupulo de mentir, fez dizer ao Xeque, que conſtando-lhe o aperto em que elle eſtava, tinha corrido para o ſoccorrer contra os ſeus communs inimigos, que elle teria deſtruido, ſe tiveſſem tido o atrevimento de eſperar. Aproveitando-ſe depois do tempo, e do medo que tinha o Xeque, negociou tambem com elle, que o obrigou a fazer-ſe vaſſallo da Coroa de Portugal, e a pagar-lhe 10$. ſerafins d'oiro cada anno. Todos os portos do contorno, excepto Meca, deviaõ ſer abertos aos Portuguezes, que naõ prometiaõ da ſua parte ſenaõ protecçaõ. Porém eſte tratado, mais glorioſo a Silveira do que ſolido, foi logo violado depois da ſua partida por eſte barbaro, que eſquecendo a fé dos ſeus juramentos, e querendo-ſe apoderar da carga d'hum navio Portuguez chegado pouco tempo depois ao ſeu porto, fez matar á traiçaõ todos os que eſtavaõ no navio, e todos aquelles que Silveira tinha deixado na Cidade.

Taõ felices tinhaõ ſido os Silveiras nas ſuas expediçoens, quaõ pouco o foi Franciſco Pereira de Berredo

Go-

Governador de Chaul. O Rei de Cambaia fazia guerra a Nizamaluc. Efte endo pedido foccorro aos Portugue-
:es feus alliados, Pereira fahio in-
onfideradamente da fua praça com
co. homens. Os inimigos eraõ 12ɸ.
: fe achavaõ frefcos, quando os Por-
uguezes abatidos pelo calor, e pelo
ançaffo, fe lhe oppozeraõ já meios
encidos. Affim cuftaraõ pouco a ven-
er. Quafi todos ficaraõ fobre a pra-
a. Pereira fe falvou e chamou An-
onio de Miranda para o foccorrer no
erigo em que eftava de perder a fua
raça defprovida de homens, e de mu-
içoens. Com tudo elle a perdeo,
orem d'outro modo que naõ penfa-
a; porque o General para o punir
he tirou o Governo, que deo a An-
onio da Silveira, e o redufio ao ef-
ado d'hum foldado razo; eftado
le mais abatimento, que pode haver
ara hum Official.

Ann. de J. C. 1530.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Tudo eftava foccgado em Mala-
a depois de desbaratado o Rei de Bin-
am, que tinha fido feguido da mor-
e defte Principe. Fora natural, que
e aproveitaffem defte defcanço, pa-
a vingar os damnos que o Rei d'A-
hem tinha feito aos Portuguezes.
Naõ fe aprefentaria huma occafiaõ taõ
bella.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

bella. O Rei d'Auru que fe tinha reftabelecido nos feus Eftados, eftava em guerra com efte Princepe, e folicitava o foccorro dos Portuguezes, de quem tinha fido fempre amigo declarado. E havia apparencias de que unidos, confeguiriaõ o desbaratalo. O Rei d'Achem temendo-o, enviou tres Portuguezes cativos, que tinha a Malaca, para alli fazer propoziçoens de paz. Pedro de Faria, que Sampaio tinha feito Governador em lugar de Cabral, creatura de Mafcarenhas, efcutou eftas propoziçoens com cubiça, na efperança de retirar do poder d'efte Principe o junco de Soufa Galvaõ, a artilheria, e os prefioneiros; de forte que elle rejeitou as do Rei d'Auru, a quem negou claramente os foccorros, que pedia. O Rei d'Auru picado, fe reconciliou com o Rei d'Achem, e fez com elle feu tratado. Efte naõ temendo mais nada, teve entaõ mais animo para executar as novas perfidias que meditava, e de que a fimplicidade de Faria lhe dava todas as comodidades. Porque fedufido pelo feu entereffe, naõ obftantes tantas razoens, que tinha para desconfiar defte Principe perfido, lhe enviou logo as peffoas que elle pedia

para

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

para entrar em negociaçaõ. O Rei d'Achem fazendo-os assacinar secretamente, lhe fez novas instancias para os haver, como se ignorasse a sua sorte. Faria, que mesmo o ignorava, fez partir Manoel Pacheco taõ preocupado como Faria, naõ pôde persuadir-se de que estava trahido, ainda quando se vio investido pelas lanchas, que o Rei tinha posto de sentinela para o apanhar, desorte que sendo achado sem defensa, foi apanhado, e condusido ao Rei d'Achem, que o fez assacinar com todos os Portuguezes, que tinha conservado até entaõ.

Este Principe ajuntando depois o insulto á affronta, fez dizer a Faria por zombaria, que tendo hum junco, e hum galiaõ, naõ lhe faltava mais do que hum bragantim, e que elle lhe pedia que lho enviasse. Com tudo a prosperidade das suas traiçoens, inspirando-lhe maior desprezo a respeito dos Portuguezes, lizongeou-se de poder fazer-se Senhor de Malaca, por meio do Xabandar Sanaia Raja, com quem tinha secretas inteligencias, e que o tinha servido tambem nestas ultimas occasioens a respeito de Faria, que tinha seduzido. Porém o mys-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

mysterio das suas traiçoens foi descuberto antes que elle as podesse consumar. Alguns Achenefes com o vinho se abriraõ com alguns Malayos, com quem se embebedavaõ. Garcia de Sá que tinha vindo render Faria com provisoens da Corte, tendo sido avisado, atrahio destramente o Xabandar á Fortalesa; onde retendo-o preso, e reprehendendo-lhe a sua ingratidaõ, e as suas conspiraçoens, o fez deitar da mais alta janela da Torre, e pôz em segurança Malaca pelo castigo de hum inimigo oculto, sendo mais temivel, que o que se apresenta descuberto, e com as armas na maõ.

Quasi neste mesmo tempo Gonçalo Pereira, que Nuno enviava ás Molucas, para render D. Georje de Menezes, partio de Malaca, e fez sua derrota para á Ilha de Borneo. Esta Ilha, huma das maiores das do Sunda, está entre as Ilhas celebres de Sumatra, de Java, e as Philipinas. Tem quasi 400. legoas de circuito: he abundante de toda a sorte de generos necessarios á vida: os seus Diamantes, o seu Alcanfor, a sua pedra Basar, e as suas especiarias a fazem muito commerciante. Tem quatro portos bons, e muitas Cidades, das quaes

a

Capital fundada ſobre eſtacas, corta-
ada de canaes como Veneſá, dá o
eu nome a toda a Ilha. Os habi-
antes ſaõ Mahometanos de Religiaõ,
excepçaõ d'algum pouco de Gen-
io, que occupa o centro da Ilha.
)bedecem ao Rei, que depende el-
e meſmo da familia de ſua mãi, ſe-
gundo as leis da Ginécocracia, que
bſervaõ. Pereira foi muito bem re-
ebido do que reinava entaõ. Regu-
ou com elle as condiçoens d'hum
ommercio mutuo, e ſe foi de lá ás
Aolucas, onde iremos ver novas tra-
edias.

Ann. de J. C. 1530.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador

D. Georje de Menezes meteo Pe-
eira de poſſe da Cidadella, e ſe
preſentou a elle com os ferros, con-
encido pela ſua propria conſciencia,
ue tinha merecido. A Rainha no
neſmo tempo enviou ſeus Embaixado-
es ao novo Governador para lhe pe-
ir juſtiça contra ſeus perſeguido-
es, e a reſtituiçaõ de ſeus filhos.
Pereira ficou ſuſpenſo da deſordem
m que achava todas as coiſas, e ſe
plicou logo a dar-lhe remedio. Con-
olou a Rainha com boas eſperanças,
prometeo reſtituir-lhe os ſeus fi-
hos, tanto que tiveſſe reparado as
rechas da Cidadella. A priſaõ de
Me-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

Menezes, tendo depois ſido como huma ſatisfaçaõ a eſta Princeza, ella voltou a Ternate com os habitantes, que tinhaõ fugido. O Rei de Tidor, que elle carregou do pezo odioſo d[e] hum tributo que naõ podia pagar, ſe reconciliou de boa fé.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Começavaõ a goſar das doçuras da paz: porém os Portuguezes meſmo, naõ a poderaõ ſofrer. O intereſſe os dividio, e os Ilheos padeceraõ por repercuſſaõ. Pereira por obrigaçaõ, e por conſciencia, vendo que os particulares, comprando mais caro os generos, e vendendo-os por preço mais commodo do que ElRei de Portugàl, arruinavaõ o commercio do Principe; ſe obſtinou a querer reformar eſte abuſo, ſem attender, que ha occaſioens em que he precizo tolerar hum mal, para evitar outro maior. A conducta de ſeus predeceſſores, que tinhaõ ſido obrigados a recuar contra vontade, era hum exemplo, que podia auctoriſalo, e inſtruilo. Porém naõ julgando que eſtes homens odioſos deixaſſem exemplos que imitar, foi ſempre firme, e naõ relaxou nada das ordens, que tinha levado.

Tendo-ſe os animos alienado delle paſſaraõ logo os limites das ſimpli-

ces

es murmuraçoens, para chegarem aos novimentos tumultuosos. O vigario, que devia pregar com o exemplo, foi hum dos mais colericos; elle, e Vi-ente da Fonceca, homem sediciozo, e turbulento, se declararaõ com mais ltivez, e trabalharaõ mais claramen-e a excitar perturbaçaõ. Algumas pa-avras insolentes, que Fonceca disse o Cabo das rondas, obrigaram Pereira a metelo em prisoens, e esta etençaõ azedou tambem o mal. Os notins naõ se propunhaõ menos, que ntregar a praça aos Castelhanos, ou de e juntarem aos inimigos. Porém ten-o consultado a coisa com mais pru-encia, e ponderado as consequen-ias, que poderiaõ excitar contra el-es hum tal motim, determinaraõ de rmar os Ternatianos só contra a pes-oa do Governador, e de lhe fazer irar a vida sem que se soubesse.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tomado este partido, recorrerem Rainha, persuadindo-lhe „ que Pe-„ reira, que elles lhe pintatavaõ com „ denegridas cores, naõ tem outras „ vistas senaõ para a enganar: Que „ naõ trabalha com tanto ardor a reparar „ o forte, senaõ para se armar em „ tyranó: Que bem longe, de lhe res-„ tituir o Rei seu filho no tempo

„ que

ANN. de J .C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

„ que lhe prometeo, eſtava na reſolu„ çaõ de lhe tirar a liberdade a ell„ meſma, e aos principaes da Ilha „ para os pôr em eſcravidaõ; e qu„ o mais ſeguro para ella, he desfa„ zer-ſe de tudo o mais depreſa, qu„ lhe foſſe poſſivel. „ Ou porque Rainha acreditaſſe eſtas calumnias, o porque ſe quizeſſe aproveitar d'eſta ſementes de diviſaõ, ella ajuntou Conſelho, fez hum diſcurſo mui pa thetico, em que expôz vivamente, em narraçaõ a conducta d'eſtes eſtran geiros, que naõ tinhaõ correſpondid ás binignidades do defunto Rei ſe eſpozo a reſpeito d'elles, ſenaõ cor huma ingratidaõ horrivel, aſſignalad por huma longa ſerie de crimes, concluio em os exterminar a todos ſem excepçaõ, para o que elles me mos abriaõ caminho pelos conſelhos que lhe tinhaõ ſuggerido, e onde e la achava a facilidade de os perder huns pelo meio dos outros.

Sendo tomada a reſoluçaõ, conſervada em hum profundo ſegredo a artificioza Princeza procurou enga nar Pereira por hum zelo apparente er apreſſar o trabalho do forte. No di aſſignalado para eſta execuçaõ hum parte dos conjurados ſe eſcondeo n huma

uma Mesquita, e n'hum mato visi-
ho, em quanto a outra parte, que
evia fazer o assalto, e dar o signal
o alto da torre, se assenhorava da
'ortalesa. Naõ deviaõ desconfiar d'es-
:s ultimos. Eraõ estes os que d'or-
inario hiaõ fazer a sua Corte ao mo-
o Rei, e que tinhaõ as entradas li-
res. Já tinhaõ penetrado até ao quar-
) d'este Principe, que dormia a ses-
.. Fonceca, que os vio, e que do
:u ar inquieto julgou que hiaõ dar
assalto, que elle tinha dirigido, da
ia prisaõ os exortou, e os animou.
ntaõ elles se occupaõ em arrombar a
orta, e hum muro de taipa. Perei-
teve tempo de se armar, porém
aspassado de muitos tiros cahio mor-
, sem ter podido vingar-se.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Os outros conjurados tendo sahido
ı sua embuscada, para correrem so-
e hum Portuguez antes de se dar o
ıal, salvando-se este, e huma creada,
ıe o percebeo tendo bradado logo ás
mas, a guarniçaõ se pôz em defen-
: Luiz d'Andrade que tinha as cha-
:s do forte, fez fechar as portas.
s assacinos vendo-se descubertos, só
:nsaraõ em por-se a salvo, e todo
:e grande preparo se terminou com
morte de hum só homem. Bras Pe-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

reira que fazia as vezes de Capita
do porto, ou de General do ma
pertendeo fucceder a feu irmaõ. C
muitos perturbadores, que havia, t
nhaõ muito entereffe em lho impedi
Elegeraõ tumultuariamente Fonceca
que, por primeiro acto da fua juri
diçaõ, desfes tudo o que o feu pr
deceffor tinha feito de bem, e envic
ao Governador General Braz Pereira,
huns poucos de homes de bem, q
moftraraõ favorecer o feu partido
carregados de cadêas, e infamad
com as fuas calumnias.

A Rainha naõ fe achou melhor co
efta mudança de fenhor. Fonceca q
a tinha animado a desfazer-fe de Per
ra, pella efperança de ver o Rei f
filho pofto em liberdade, lhe red
brou a fua guarda, e moftrou ter ai
da dezejos mais efquerdos. Efta Princ
za enfadada fahio tambem de Terna
com o feu povo, e atalhou taõ be
os viveres aos Portuguezes, que ob
gou Fonceca a fazer por força,
fem merecimento algum, o que e
fe tinha obrigado a fazer de boa vo
tade.

Reftabeleceo ifto hum pouco
tranquilidade, porém taõ más peffo
naõ deviaõ gozar-lhe as doçuras. Ay
I

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

posto em liberdade, achava-se já
n estado de governar por si mesmo.
até-Sarangue, que tinha a mesma
ictoridade em quanto este Principe
teve preso, que tinha tido antes o
achil d'Aroes, pezaroso de a perder,
ligou com Fonceca, para o derro-
ir. Para o que elles só emprega-
ó logo as calumnias e os rumores,
ie faziaõ vagar contra elle, para que
tivessem como demente, e incapaz
: reinar. Fonceca fazia toda a dili-
encia, para o tornar a apanhar, e
chalo na Torre. Ayalo que o sus-
eitou, salvou-se nas montanhas. Fon-
eca o seguio com maõ armada: elle
odia alli defender-se. Hum resto de
clinaçaõ que tinha os Portuguezes,
ie o poupavaõ taõ pouco, o impe-
o de se aproveitar das suas vanta-
ens. Fugio para Tidor com a Rainha
ia mãi. Foi isto bastante para o de-
ararem incapaz d'hum trono, que
ostrava desemparar pela sua fugida,
de que se tinha além disso feito in-
gno, diziaõ-no pelo assacinio de Gon-
ilo Pereira. Fonceca, que era d'isto
primeiro autor, naõ escrupulizou
: lhe imputar este crime, e á Rai-
ha sua mãi; e sobre este fundamen-
, o declarou solemnemente desca-

 hido

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

hido da Coroa, e lhe fubftituio Ta
barija, que era hum dos filhos c
Boleife, porém nafcido d'huma con
cubina.

Levado pelo mefmo efpirito c
vertigem, foi a Tidor com maõ a
mada, para feguir o Rei fugitivo,
vingar-fe do que lhe tinha dado hu
afilo. Elle alli levou fogo e fangu
e obrigou eftes dois Princepes a ref
giarem-fe nos matos. No retorno de
ta vergonhofa victoria, Fonceca te
do achado hum dos feus proprios
lhos naturaes degolado por hum d'e
tes Ilheos, que teria tambem faci
ficado á fua jufta indignaçaõ o R
Tabarija, fe elle lhe naõ tiveffe e
capado das maõs, fentio augmentar e
fi, por huma taõ trifte vifta, o f
furor contra Ayalo. Enviou nov
tropas, para o aprezionar; com tu
naõ o pôde confeguir, por fe ter e
te Princepe infeliz falvado em Gil
lo. Porém confeguio por indignos a
tificios fazer-fe Senhor da peffoa
Rainha fua mái, que fez cazar co
Paté-Sarangue, no mefmo tempo
que elle deo ao novo Rei, que ac
bava de pôr em feu lugar, a do R
fugitivo; fem refpeito e fem attenç
ás leis, que prohibem com horror e
te

s casamentos incestuosos, e que hum hristaõ principalmente era obrigado impedir com todo o esforço, bem nge de os promover.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tantos crimes acumulados naõ mente o tornaraõ odioso aos Tertianos, e aos Portuguezes, que nhaõ ainda hum resto de probidade, as elle mesmo se naõ podia supportar. tormentado pela sua consciencia, timidado pela idéa dos castigos que erecia, e temendo sem cessar o que do o homem, taõ affeito ao crime mo elle, podia recear sobre a a pessoa, vivia em huma continua esconfiança, temia até a sua proia sombra; perdeo o socego, o so-, o comer. Estava sempre armao, naõ aceitava nada de quem o sera, senaõ com a maõ esquerda, para mpre estar em estado de tirar pelo u punhal. Procurava a solidaõ, pa- nella achar alguma ligeira consoçaõ, porém em vaõ. Os seus reorsos, mais crueis do que algozes, aõ lhe permitiaõ hum momento de cego.

Tristaõ d'Ataide chegou entre nto, enviado pelo Governador Geeral a quem as cartas de Vicen- da Fonceca, e as justificaçoens de

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

de Braz Pereira fizeraõ conhecer a urgentes neceſſidades das Molucas e a precizaõ d'hum prompto remedio. Eu naõ ſei como hum homem taõ prudente como Nuno, pôde fazer huma taõ peſſima eſcolha. Elle era peior que todos os outros. A ſua phyſionomia naõ o deſmentia e na pequenhez, e deformidade d[e] ſeu corpo todo contrafeito, moſtrav[a] huma alma ainda mais feia, e mai[s] desforme.

Triſtaõ tratou Fonceca aſſim como elle meſmo havia tratado Braz Pereira. Tinha ordem de o prender, elle o enviou preſioneiro a Goa. Com elle paſſaraõ ás Indias Fernando da Torres, e os outros Caſtelhanos, qu[e] tinhaõ tornado a Tidor. Elles tinha[õ] feito ſeu tratado de tornarem á Heſpanha por Portugal. Os Tidorianos ſe oppunhaõ á ſua partida. Era precizo que Triſtaõ d'Ataide os obrigaſſ[e] com maõ armada a conſentirem niſſo. Os Caſtelhanos o ajudaraõ, e lançaraõ na partida o fogo á Cidade: triſte reconhecimento do agazalhado, qu[e] ella lhe tinha dado.

Com tudo os ſediciofos, que tinhaõ entereſſe, que Triſtaõ naõ foſſ[e] melhor do que os que o tinhaõ pre-

ce-

edido, sustentados pela ambiçaõ de Samarao, emulo de Pate-Sarangue, persuadem de que Tabarija conspirava contra a sua vida, e tinha formado o projecto de se apoderar da Fortalesa. Esta suspeita injusta, e mal fundada foi hum crime para este Principe inocente, que foi arrebatado, e enviado ao Governador das Indias com Pate-Sarangue, e outros dos principaes, que pertenderaõ que fossem seus cumplices. Poém no seu lugar Cachil Aeiro o mais moço dos filhos de Boleife, cuja mai era huma escrava da Ilha de Java. Esta mãi que bem vio que o throno naõ era para seu filho, se naõ hum precipicio, temendo desde entaõ a sua vida, afadigava-se para o apartar deste perigo pelos seus choros, e pelas suas rogativas; porém estes furiosos a arrancaraõ d'entre seus braços, e formando-lhe hum crime das suas lagrimas, a deitaraõ pelas janelas.

Ann. de J. C. 1530.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Os Ternatianos naõ foraõ menos irritados de verem dar-lhes hum Rei d'hum taõ indigno nascimento, do que da crueldade de que tinhaõ usado com esta mãi infeliz, que só deviaõ louvar, e admirar, de ter querido oppor-se á elevaçaõ de seu filho.

ANN. de J. C. 1530. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

lho. Ternate foi segunda vez abandonada, e estes desgraçados fugitivos, dignos de tanta compaixaõ, na a achavaõ ainda mesmo nos seus visinhos, que os reprehendiaõ de terem merecido todos os seus damnos, recebendo, diziaõ elles, em sua caz estes monstros, que eraõ o horror d toda a natureza, e que mereciaõ se soffocados á nacensa. Com effeito o Autores Portuguezes mesmos concedem, que do momento que os seu nacionaes pozeraõ o pé nas Molucas naõ cessaraõ de trabalhar para se fazerem execraveis pelas maldades mai inauditas. Eu me naõ posso conter mim mesmo de dizer, que sinto po huma naçaõ taõ nobre, taõ generoza ser obrigado a contar factos, qu sendo só obra d'huma pequena porçaõ de infelices, de que cada pai abunda, saõ com tudo como huma sombra, que escuresse hum pouco as grandes, e bellas coisas, que ella fez n'outra parte.

Naõ contente de todos estes excessos, Tristaõ, que só tinha vindo para se enriquecer, pôz ao Cravo hum preço taõ baixo, que o Rei da Ilha de Bacian naõ pôde consentir n'huma taõ grande perda. Isto foi bastan-

te

e para o tratar como inimigo. Trif-
aõ tendo reunido os Ternatianos do
artido de Samparao, que naõ o ti-
haõ abandonado, e que eftavaõ tam-
em juntos aos Tidorianos, foi pôr
udo a fogo, e fangue no feu Reino,
o redufio a procurar a paz, que
ia fez pagar cara.

No mefmo tempo Pinto, que
'riftaõ tinha enviado ás Ilhas do Mo-
e, que faõ na vifinhança, depois de
er contratado alliança com hum Rei
'eftas Ilhas, bebendo mutuamente do
eu fangue, fegundo os coftumes d'ef-
es barbaros, eftando no ponto de
e retirar, arrebatou alguns, que meteo
o fundo do feu poraõ. Tendo hum
'elles efcapado, e falvando-fe a nado,
ublevou toda a naçaõ, que correo
tras d'elle, de forte que teve mui-
o trabalho para fugir das fuas maõs,
omo tambem d'huma horrivel tem-
eftade, que lhe fobreveio, e que
oftrou querer vingar eftes pobres po-
os defte attentado.

A indignaçaõ geral multipli-
ando os inimigos dos Portuguezes pe-
ós feus crimes, os finco Reis das
Molucas, os das Ilhas do More, e
os Papouz fe ligaraõ juntamente,
epois de terem feparado Samparao,
que

ANN. de J. C. 1530. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

que era favoravel a eftes eftrangeiro
Elles concluiraõ entre fi,, d'affacinare
„ ao mefmo tempo todos os Port
„ guezes efpalhados nas fuas Ilhas ; c
„ fazerem esforço de começarem pe
„ Governador, e de fe apoderarem c
„ Cidadella. Que fe elles naõ o pode
„ fem fazer por força declarada, elles
„ confpiravaõ para os fazerem perec
„ á fome ; para o que os Ternati
„ nos abandonariaõ abfolutamente
„ fua Ilha, e cortariaõ todas as fu
„ arvores fructiferas. „ Elles fora
fiéis á fua promeffa. Depois de t
rem levado todos os feus effeitos f
cretamente, fahiraõ todos huma no
te da fua Cidade, e fe retiraraõ pa
á borda do mar longe do forte. D
lá faziaõ fuas correrias fobre os Po
tuguezes, quando elles hiaõ fazer l
nha, ou a fua provifaõ d'agua, e m
tavaõ fempre algum. E a fim de f
zerem conhecer ao Governador a
onde chegava o feu odio, tornaraõ
noite a Ternate para lançarem fog
ás cazas, que tinhaõ deixado, e en
volver nefte incendio as de algun
particulares Portuguezes, que habit
vaõ fora do porto.

Tendo a conjuraçaõ rebentad
n'outras partes ao mefmo tempo, fo
raõ

aõ muitos Portuguezes aſſacinados em iferentes lugares. O que ali houve e mais penivel, he que Catabrun 'utor do Rei de Gilolo tendo envenado o ſeu pupilo, para ſe aſſenhoar do Trono, foi procurar os Portuuezes até á Ilha de More, onde ſe nha formado huma nova Chriſtandae devida ao zelo de Gonçalo Veoſo, e d'um virtuozo Padre chamado imaõ Vaz ao qual ſe tinha ajuntao outro chamado Franciſco Alvares.) Rei tinha vindo meſmo a Ternate eceber o Baptiſmo, e fazendo depois uas Miſſoẽs em Mamoia, que era ſua Capital, muitos á ſua imitaçaõ, para o liſongearem, tinhaõ abraçao o Chriſtianiſmo.

Ann. de J. C. 1530.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

O Rei vendo que a ſua Cidade itiada eſtava no ponto de ſe render elo diſgoſto d'huma Religiaõ abraçaa com muita conſideraçaõ; ſahio com s Portuguezes, e alguns amigos fiéis, tendo-ſe fortificado á preſſa, ſe deendeo todo hum dia com extremado alor; porém em fim naõ podendo eziſtir mais, degolou ſua mulher, e eus filhos, para lhes aſſegurar a ſalaçaõ. Naõ tendo mais que temer do ue a ſeu reſpeito, procurou ſegurar ara ſi o martyrio da parte dos ſeus ini-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

inimigos, vómitando mil blasfemia contra Mahomet. Elle o alcança sem a falsa piedade de seus amigos que o fizeraõ poupar. Os Portugueze foraõ passados ao fio da espada, e do dois Missionarios, Simaõ Vaz, foi a sacinado, e o outro muito ferido, salvou em Ternate n'huma canoa.

Ayalo com tudo fortificado d favor dos Reis alliados, e dos Te natianos, que tinhaõ vindo todos elle, apertava tanto a Fortalesa pela privaçaõ dos viveres, que já co miaõ ratos. Com tudo respiraraõ hun pouco com a chegada de Simaõ So dré, e de Pinto. Porém o soccorro que receberaõ durando pouco tempo e os inimigos tendo-se assenhoreado d mar, depois de algumas victorias qu alcançaraõ, foraõ redusidos a muit grandes necessidades, que duraraõ at que Antonio Galvaõ, nomeado Governador das Molucas, e despachado pelo General foi render Tristaõ d'Ataide, e fez tomar aos negocios melhor face.

Nuno da Cunha magoado de naõ ter podido emprehender nada no primeiro anno do Governo, tinha feito esforços extraordinarios para remediar este descuido nas operaçoens da cam-

pa-

anha feguinte. Elle intentaria fobre
)iu, e a julgar pelo formidavel apa-
elho de guerra que elle fez, efta Ci-
ade orgulhoza á tanto tempo procu-
ida, e que fempre faltara, devera
m fim cahir debaixo do esforço das
ıas armas. O quartel General foi
ffignalado na Ilha de Bombaim. O
ıar eftava coberto de navios, havia
ıais de 400. velas de todos os tama-
hos, onde nada faltava em nenhum
enero de provifoens, nem ainda pa-
ı recreio. Na revifta, que fe fez á
rmada, fe achou fer compofta de
ɞ600. homens de tropas regulares de
efembarque, 1ɞ450. Portuguezes da
quipagem das embarcaçoens, 2ɞ.
Malabares, ou Canarins, 8ɞ. efcravos
rmados, e 9ɞ. forçados, ou remei-
os.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tendo-fe a frota feito á vela de
í para Damaõ, a achou defamparada
elos feus habitantes. Difpozeraõ-fe a
lcançar de Deos hum feliz fucceffo
'efta expediçaõ pelos Sacramentos,
abfolviçaõ geral. Propoferaõ ali pre-
nios para os trez primeiros, que ef-
alafem as muralhas de Diu, e a ar-
nada fe fez ao mar para á Ilha de
Beth.

Efta Ilha, que fó difta fete le-
goas

Ann. de J. C. 1530.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

goas de Diu, tendo parecido hum posto importante para a defensa d'esta praça, Sultaõ Badur a tinha feito occupar por 2ↀ. Rumes, e Arabes debaixo do commando d'hum Turco bom soldado, e homem experimentado. A Ilha se defendia em parte pela altura dos seus rochedos, e em parte por huma artilheria taõ numerosa, que Nuno naõ pôde crer a narraçaõ, que d'ella lhe fizeraõ, senaõ quando se convenceo pelos seus olhos. Com tudo faltou o coraçaõ aos inimigos á vista da frota Portugueza. Prometeraõ logo retirar-se, com tanto que lhes permitissem levar todos os seus effeitos. O Commandante d'elles alcançando hum salvo conducto, veio elle mesmo fazer a proposiçaõ; porém Nuno muito altivo das suas forças, a regeitou soberbamente, e se dispôz ao assalto.

Fazendo entaõ a desesperaçaõ o que naõ tinha feito o valor, estes coraçoens timidos passaraõ a hum extremo opposto. E para certificarem, que só obravaõ pela desesperaçaõ, tendo feito o Commandante acender hum grande fogo no meio da praça, degolou suas mulheres, e seus filhos, e os fez consumir alli com os seus bens.

ens. O maior numero imitou efte xemplo barbaro, e mais de 700 ra-paraõ a cabeça, fegundo o feu ufo, para fe facrificarem á morte com hor-iveis juramentos.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

O attaque fe fez ao mefmo tem-po por feis partes differentes: combate-aõ com furor d'huma, e outra parte, obrando mais a irá do que o verda-leiro valor. O inimigo fe arremeçava precipitadamente fobre o ferro do feu adverfario, dando-fe-lhe pouco de mor-er, com tanto, que mataffe. Com udo fendo morto o Chefe, foi toma-la a praça. Houveraõ 17 peffoas de confideraçaõ mortas da parte dos Por-uguezes, e 120 feridos dos quaes nuitos morreraõ depois por caufa das uas feridas. O valente Heitor da Sil-veira foi defte numero perda confide-avel para os vencedores, a qual naõ icou bem compenfada pela morte de 1ȸ800. dos inimigos, que ficaraõ fobre o campo da batalha, ou fe pre-cipitaraõ do alto dos rochedos, e por 60. peças de canhaõ que tomaraõ.

O menor defcuido na guerra faz perder occafioens, que fenaõ achaõ mais. Nuno teve d'ifto huma trifte experiencia. Entertevefe outro dia na Ilha de Beth, para deftruir as fuas for-

Ann. J. C. 1530.

D. JOAÕ III REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

fortificaçoens, e tirar os seus despo-dejos, para dar tempo aos seus espias que tinha enviado a Diu, de vire[m] dar-lhe relaçaõ do estado d'esta pra-ça. Pelo que perdeo, com o fruct[o] da sua victoria, a occasiaõ de tom[ar] esta Cidade, que tivera achado dispo[s]ta a render-se, pela consternaçaõ que a noticia da frôta tinha já espalha-do, e de desbaratar os Turcos, qu[e] chegaraõ em seu soccorro, e animara[õ] a sua coragem, e as suas esperança[s].

Porque em quanto elle deixo[u] passar hum tempo preciozo, Musta-pha, e Sofar abordaraõ a Diu, con-dusindo comsigo, em dois galioens 600. Turcos, ou Rumes, e 1$30[0] dos restos da frôta de Rais Solimaõ com quem elles tinhaõ tentado inuti-mente tomar Adem, e andaram perdi-dos algum tempo depois, sem saber pa-ra onde fossem. Foi isto bastante par[a] fazerem succeder a alegria á tristez[a] nos coraçoẽs abatidos dos habitantes e de Melique Tocan, que tinha suc-cedido a seu irmaõ Saca. Desde [o] momento da sua chegada, naõ fica-raõ ociosos. Porque como elles era[õ] mais peritos do que os Indios na ar-te da guerra, visitaraõ as fortificaço-ens, e fazendo reparar algumas, e le-

van-

Ann. de J. C. 1530.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

antaraõ outras com toda a preſſa. Se a
Cidade de Diu ſe aſſombrou vendo to-
a a armada Portugueza deſcoberta
o ſeu porto, eſta naõ o foi menos,
onſiderando eſta praça tambem for-
ificada da parte do mar, e da parte
a terra, que parecia inacceſivel. Ou-
ro motivo de admiraçaõ para o Ge-
eral, foi ver que nenhum dos ſeus
ſpias vinha dar-lhe reſpoſta. Elle naõ
odia advinhar a cauſa, e podia ain-
a menos comprehender a mudança,
ue ſe tinha feito neſta praça, que
lle julgava achar deſprovida, e que
ie apreſentava huma multidaõ taõ
rande de combatentes, de que todas
s ſuas muralhas appareciaõ cobertas.

Com tudo naõ obſtante iſto ſe
eterminou ao attaque, e reſolveo ba-
er a Cidade da parte do mar. Diſ-
ondo para iſto a ſua frôta, e aſſig-
ando a cada hum o ſeu poſto junto
os differentes baluartes, principal-
iente á entrada do porto para forçar
cadea, e queimar os navios que
i ſe achavaõ: a acçaõ começou a
5. de Fevereiro deſde amanhecer, e
urou todo o dia. A artilheria dos
ois partidos jogando todo eſte tem-
o, parecia hum inferno. O fogo,
eſtrondo, o fumo das peças nun-

Ann. de J. C. 1530.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

ca parava, todos os elementos par
ciaõ confundir-se, e se representav
por toda a parte hum expectaculo ho
rorofo. Nuno vestido de escarlate, p
ra ser mais facilmente reconhecido d
seus, e os animar com a sua prese
ça, se expunha mais doque out
algum, no meio dos horrores da mo
te: transportava-se n'uma pequena a
madia a toda a parte aonde o perig
era mais forte, para conhecer o est
do de todos os navios por si mesm
e conservando-se sem temor no me
das balas, que assobiavaõ sobre a su
cabeça, zombava ainda, como se
coisa fosse brinco.

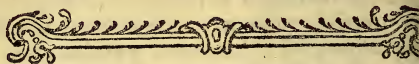
Com tudo o partido naõ era igua
Elle só recebia prejuizo, e fazia pou
co. Tinha ancorado muito perto
Cidade. As batarias dos baluartes f
zendo tiros certos, lhe faziaõ hu
grande damno, em quanto elle só at
rava tiros incertos, e que quasi na
faziaõ nenhum effeito. As grossas p
ças, nas quaes elle mais confiava
tendo-se esquentado com a força d
atirar, tinhaõ quasi todas rebentado
e estavaõ incapazes de servir. Assim
tanto que chegou a noite elle chamo
a Conselho. O ardor dos seus Cap
taens tendo esfriado muito, mesm
an-

ntes de começar o combate, só pe-
s mostras d'huma resistencia, que
aó esperavaó, houveraó poucos que
aó assentassem em que dezistisse d'
uma empresa, cuja felicidade lhes
arecia impossivel. Differaó elles que
nhaó mal informado ElRei, repre-
ntando-lha como facil. Que naõ de-
aõ persuadir-se que huma praça tam-
em defendida, podesse ser tomada
huma volta de maõ. Que o unico
eio que havia de a tomarem, era
e se assenhorearem do mar, e rom-
erem o seu commercio, impedindo-
e, que ninguem podesse ali entrar.
obre isto o General tendo levado
cora, tomou a derrota da Ilha de
eth, onde tendo deixado Antonio
e Saldanha para crusar sobre a Costa
e Cambaia, cheio de injuria, e de
zar, se retirou a Goa. Saldanha
i o seguio pouco depois, tendo quei-
ado nos seus corsos as Cidades de
adre Faba, de Goga, Bella, Tara-
ur, Agacin, e Surrate, que comme-
va a restabelecer-se do primeiro in-
ndio, e tendo lançado igualmente
fogo a muitos navios, e paráos, dos
aes a maior parte pertencia ao Sa-
orim.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Fim do Livro Nono.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO X.

Ann. de J. C. 1531.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

General Portuguez tanto di
goſto tinha da ſua vergonh
ſa retirada, quanto Muſtaph
ſe gloriava da ſua boa fo
tuna, que o tinha guiado como pe
maõ, para lhe dar toda aquella glori
Aſſim tanto que elle vio a Cidad
em liberdade, foi aprezentar-ſe t
do louçaõ ao Rei de Cambaia co
aquella ouſadia, que dá a victoria,
com

om a prefunçaõ vantajofa, de que
ferviço importante, que acabava de
azer, o faria receber c'os braços
bertos, naõ debaixo da idéa de hum
ugitivo, que procura hum afylo,
orém d'hum homem neceffario, cujos
rimeiros procedimentos merecem re-
ompenfas, e requerem, que antici-
em os que elle poderá merecer de-
ois. Naõ fe enganou no feu penfa-
nento. Sultaõ Badur fe lifongeou com
um fucceffo taõ feliz. A conferva-
aõ de Diu era para elle huma acçaõ
e partido, e o que lha tinha confer-
ado, lhe pareceo tanto mais amado,
or crer efta praça daqui em diante
nconquiftavel, e que com o foccorro
'hum taõ grande homem, como lhe
areceo Muftaphá, poderia fegurar o
ucceffo da fua colera contra os Por-
uguezes; expulfando-os naõ fómente
os feus Eftados, mas pode fer que
ambem de todas as Indias. Os magni-
cos prefentes, que lhe fez no mefmo
empo Muftapha, principalmente de
nuitas peças d'artilheria belliffimas,
eraõ novo augmento ao que o fa-
ia já taõ recomendavel, elle lhe
eo o Governo de Baroche, que era
uma praça importante, muitas terras
e grande renda, e lhe trocou o feu
no-

ANN. de J. C. 1531.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1531.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

nome pelo de Rume-Caõ, para por
te nome ſignificar a ſua patria, e
dignidade de que o honrava: a ſua
tria, o que lhe atrahia hum reſpe
particular, porque os Rumes ou Tur
de Romania eraõ eſtimados nas
dias ſobre todas as naçoens Muſ
manas: a ſua dignidade, por ſer o
me de Caõ o mais alto titulo, q
daõ aos Principes Tartaros.

Com tudo Nuno naõ deixou
ter alguns motivos de conſolaçaõ
ſua diſgraça. Sultaõ Badur chegan
ao Trono tinha feito morrer todos
ſeus irmaõs que pôde apanhar. D
d'eſtes infelices reſtavaõ ainda, e
tinhaõ refugiado em caza de Ni
maluco. Eſte eſtava prompto para
entregar ao tyranno, que os ped
Foraõ elles d'iſto avizados, e ſe
caparaõ. Hum delles apanhado na
gida, eſtimou antes fazer-ſe matar
do que deixar-ſe levar; outro ſe
tirou para o Idalcaõ, que naõ qu
rendo, nem entregalo, nem guardal
lhe fez dar occultamente alguns ſo
corros, com ordem de ſahir dos ſe
Eſtados. Tendo chegado a Dabul
os da comitiva o envenenaraõ, e o d
xaraõ por morto, e lhe roubaraõ t
do o que elle tinha. Nuno ſabend

C

triste estado em que elle se achava, lhe fez offerecer hum azilo, e lhe enviou hum salvo conducto, e o tratou como Principe, intentando dar com isto muita inquietaçaõ a Badur, e poder servir-se vantajozamente deste refens, segundo a conjunctura dos tempos.

ANN. de J. C. 1531.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

D'outra parte o Samorim empobrecido por huma longa guerra, que o arruinava dessolando-lhe o commercio, suspirava pela paz, e rogou ao General, que lhe enviasse huma pessoa de confiança, com quem elle a podesse tratar. Nuno lhe enviou Diogo Pereira, a quem a intelligencia, que elle tinha da lingoa, e dos costumes junta a huma longa experiencia destas negociaçoens, tinhaõ acreditado muito no Indostan entre os Principes Indios. Pereira tinha nas suas instrucçoens de requerer a faculdade de poder edificar hum Forte nas terras do Samorim. O General tinha dezejo de o fundar na pequena Ilha de Challe, que dista trez legoas de Calicut, formada por hum rio dos mais notaveis do Malabar, pelo qual se pode subir em batel até ao pé da Cadea das Montanhas de Gata, d'onde elle sahe. Com tudo elle naõ queria, que o

Sa-

ANN. de J. C. 1531.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Samorim podesse penetrar o dezejo que tinha, e por isso Pereira tinh ordem de fazer instancias para qu o Forte fosse edificado na mesma parte onde estava aquelle que fez levan tar D. Henrique de Menezes; el sabia bem, que o Samorim naõ con sentiria nisso nunca, e se rezolver antes a consentilo em qualquer outr parte. O artificio aproveitou. O Sa morim consentio, quando Perei mostrou afrouxar-se.

O Senhor da Ilha de Challe que tomava o titulo de Rei, tinh já dado o seu consentimento em se gredo ao General para a construcça d'este Forte, e se tinha ligado par este effeito com os Reis de Tanor, de Caramansa seus visinhos. Era elles todos vassallos do Samorim, dezejavaõ ardentemente cada hum na suas terras o estabelecimento dos Por tuguezes, para terem huma prote çaõ contra o seu Soberano, e se en riquecerem, como tinha feito o Re de Cochim, procurando-lhes tod o commercio.

Nuno, acautelando-se para successo do seu engano, e ao mes mo tempo para o arrependimento d Samorim, tinha já feito os prepara ti-

ivos de todos os materiaes em
Challe d'acordo com o Rei, de quem
nha escolhido a Ilha por preferencia;
orque ella era hum freio para á Ci-
ade de Calicut, d'onde nenhum na-
io podia mais sahir sem passaporte
os Portuguezes, ou sem correr o ris-
o de ser tomado. De sorte, que
anto que elle teve avizo secreto de
Pereira da conclusaõ do tratado, me-
eo maõ á obra, em quanto Pereira
ontinuou a divertir o Samorim, no es-
paço de alguns mezes debaixo de di-
ersos pretextos. A obra foi levada
om tanto, fogo que os mesmos
Fidalgos trabalhavaõ todos sem dis-
inçaõ, com os trabalhadores; e
no espaço de 26 dias os muros da
Fortalesa de doze pés de grossura,
os bastioens, a torre da homenagem,
a caza do Governador, os quarteis dos
soldados, os armazens, e a Igreja es-
tavaõ em estado de naõ terem nenhum
nsulto. E foi esta huma das melho-
res fortificaçoens, que tiveraõ os Por-
tuguezes na India, das mais vanta-
jozas para o commercio, situada so-
bre hum porto seguro, e comodo,
e fundada taõ perto da borda d'agua,
que naõ podia ser minada.

Ann. de J. C. 1532.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

O Samorim, assim como o ti-
nhaõ

ANN. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

nhaõ premeditado, naõ tardou de
arrepender da sua muita facilidad
principalmente quando soube o co
certo do General com os Princip
seus vassalos, e que lhe recusaraõ
direitos, que pretendia levar no po
de Challe. Quiz vingar-se d'estes
timos; porém hum Caimale das ter
do Certaõ, que podia pôr até 20
homens de pé, unio a elles:
a guerra, que lhes fez depois da p
tida do General, e todos os seus
forços para os retirar da alliança, q
elles tinhaõ contratado com elle,
raõ inuteis. Teve elle tanto disgo
to, que pensou morrer de pena. P
lo contrario o Principe herdeiro d
seus estados, que tinha sido mui
opposto ao estabelecimento d'es
posto, desde que elle o vio est
belecido com effeito, sentio tanto
consequencias, que escreveo ao Gen
ral na molestia de seu Tio para lh
certificar, que supposto que este Prin
cipe viesse a morrer, tanto que el
subisse ao Trono em lugar delle, v
veria em boa amisade com os Portu
guezes: e naõ faria mais comme
cio se naõ pela via de Cochim, sen
recorrer ás vias remotas, e de contra
bando, as quaes tinhaõ sido até a

a

a causa de todas as perturbaçoens.

Ann. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

As esquadras Portuguezas corriaõ com tudo todos estes mares. Antonio da Silveira enviado para o estreito de Meca, deu huma vista d'olhos a Adem; porém achando-se muito fraco naõ pôde vingar-se da perfidia do Xeque: o que o obrigou a voltar para Ormuz, de que tomou o Governo. O Rei Raxet estava entaõ em guerra com o de Ormuz, a quem recusava pagar o tributo. Silveira tendo tomado presioneiro hum irmaõ deste Principe, o fez entrar na obediencia, mais pela via da negociaçaõ, do que pela das armas. Pouco depois Antonio da Silveira morreo, deixando de si a lembrança honroza das suas bellas acçoens, e a reputaçaõ d'hum bom Official.

Antonio de Saldanha, que foi crusar para o mar Roxo, depois d'Antonio da Silveira, se achou na mesma impossibilidade que elle, de castigar o Xeque de Adem. Tendo voltado para o cabo de Rosalgate, os máos tempos o obrigaraõ a deixar estas paragens, para vir esperar Diogo da Silveira sobre a Costa de Cambaia. Obrigou elle ali algumas outras embarcaçoens a hirem encalhar até debaixo

das

ANN. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

das muralhas de Diu, d'onde sahira 27 fustas, com as quaes peleijou sem receber, nem lhes fazer algum damno consideravel. Em fim depoi de ter lutado muito tempo contra rigor da sezaõ, foi encontrado po Diogo da Silveira a quem entregou commando da sua frota, para hir toma o dos Navios de transporte, que vol tavaõ para Portugal

Diogo da Silveira confirmou ben nesta occasiaõ a reputaçaõ de incen diario, que tinha adquirido. Passo como hum fogo devorante, costeo toda a Costa de Cambaia, queimo os postos de Bandorá, e de Tan até Surrate. De lá atravessando d parte de Diu, fez o mesmo ás Ci dades de Pate, Mangalor, Castellete Talaja, e Madrefaba, deitando po toda a parte hum tal medo, que to dos os habitantes das Cidades mariti mas fugiraõ para o interior, para dei xarem passar esta torrente, abando nando as suas povoaçoens, e todas as embarcaçoens dos seus portos, que foraõ igualmente entregues ás chamas. O temor era taõ grande na mesma Ci dade de Diu, que pequenas almadias a hiaõ insultar dentro no seu porto, sem que 'ninguem ousasse sahir para lhe

he hir em ſima, Depois d'eſta terri-
el expediçaõ, Diogo da Silveira vol-
ou a Goa carregado de deſpojos, e
om mais de 4ↀ. eſcravos.

Ann. de J. C. 1533.

O General revolvia na ſua men-
e os meios de obrigar o Rei de Cam-
aia para lhe conſentir, que fundaſſe
uma Fortaleſa na Cidade de Diu.
Naõ vendo meio algum de reduſir eſ-
a praça pela força das ſuas armas,
lle a conſtragia de taõ perto pelos
eus corſos, que a fazia deſcahir de al-
um modo pela ruina do ſeu commer-
io; o que ſe fazia infinitamente ſen-
ivel a Badur, que o tinha já perce-
ido pela diminuiçaõ das ſuas rendas.
Porém o General teve outro motivo
le inquietaçaõ. Soube, que Melique
Tocan ſe fortificava em Baçaim. Te-
neo, que ſe elle o deixaſſe fazer,
eſta Cidade ſe fizeſſe taõ poderoza
como Diu, e que ſe os Rumes alli ſe
eſtabeleceſſem, ella ſe fizeſſe por tem-
pos huma das mais fortes eſcalas deſ-
es Cantoens, pela commodidade, que
eriaõ de tirar as madeiras de conſtru-
çaõ para ás frotas, que o Gram
Senhor quereria fazer conſtruir nos
ſeus portos do mar Roxo, a fim de
as enviar depois para ás Indias. As
ſuſpeitas eraõ bem fundadas. Em pou-

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1533.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

co tempo a Cidade se tinha augmentado muito pelo concurso extraordinario dos que se apresentavaõ para a povoar. Melique Tocan ali tinha fundado huma Cidadella, e guarnecido as duas bordas do rio na sua embocadura de trincheiras, e de baluartes cercados de hum fosso profundo onde tinha feito entrar agua do mar. Tinha além d'isto, tanto de Cavalaria como de Infantaria, perto de 15000 homens de tropas regulares. Resoluto em fim a naõ permitir o estabelecimento de hum posto de tanto ciume, Nuno se pôz no mar com huma frota de mais de 150. velas e de mais de 4000. homens, metade Portuguezes, e metade Malabares, e Canarins. Tocan, que foi d'isto avisado, quiz evitar o golpe por proposiçoens de paz; porém fizeraõ-lhe proposiçoẽs taõ duras, que se vio obrigado a regeitalas.

Tendo-se feito a descida hum pouco á baixo das fortificaçoens com muito mais fogo, do que effeito da parte dos inimigos. Diogo da Silveira e Manoel de Macedo, que commandavaõ a vanguarda da armada destribuida em tres corpos, correraõ pelo longo dos fossos, e ganharaõ até á frente

dos entrincheiramentos; onde acha-
õ Tocan com o groſſo do ſeu exer-
to. Parecia ali haver mais temerida-
e do que valor em attacar hum cor-
o taõ numerozo, e que fazia huma
õ bella viſta, porém naõ demoran-
o nada o valor Portuguez, cahiraõ-
e em ſima com impetuoſidade, e
m tanta felicidade, que tendo-o deſ-
aratado no primeiro choque, ſó tive-
õ o trabalho de matar a gente, que ſó
enſava em fugir para ſe ſalvar na
ontanha. Os que eſtavaõ na Cidade
ndo deſmandar-ſe o ſeu exercito, e
rrer com tanta precipitaçaõ, naõ ſe
lgaraõ obrigados a terem mais va-
r, e a abandonaraõ para ſe hirem
nir aos fugitivos. Só a vanguarda
ortugueza combateo. Duas peſſoas
e nota, ali morreraõ com alguns
ldados, quando da parte do ini-
igo mais de 550. ficaraõ ſobre a
raça.

Ann. de J. C. 1533.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Cunha quiz celebrar eſta ac-
aõ fazendo alguns Cavalleiros, e diſ-
ibuindo outras recompenſas aos que
e tinhaõ diſtinguido mais. Teve com
do o diſgoſto de ſe ver obrigado
elo ſeu conſelho a arruinar todas as
rtificaçoens d'eſta praça, que pare-
eo inutil por cauſa da viſinhança de
Chaul.

Ann. de J. C. 1533.

D. João III. Rei.

Nuno da Cuhna Governador.

Chaul. Achou nella huma prodigioz quantidade de muniçoens, e 400. p çasd'artilheria, que trouxe á Goa para onde se retirou triumphante.

Fizeraõ á sua chegada nesta C dade grandes festas, que mostrava recompensa-lo hum pouco da disgr ça da sua primeira expediçaõ. E le naõ pensava nisto nem se qu interiormente. ElRei D. Joaõ III. q d'ella tinha sido informado tinha ti muita pena, e havia feito partir h ma frota de 14 velas divididas e duas esquadras, com 1$500. home de reforço. Tinha escrito ao mesm tempo ao Governador cartas muit efficaces para o obrigar a renovar partida, e a se assenhorear de Diu todo o custo. Expertado por estes n vos estimulos, Nuno imaginava tod as vias, e naõ desprezava nenhum

A fortuna lhe apresentou du ao mesmo tempo; porém que para acçaõ naõ tiveraõ nenhum effeit Melique Tocan vivia n'huma continu desconfiança da Corte do Sultaõ B dur. Este Principe tinha hum odi inveterado contra a sua familia, fun dado sobre que o Rei Cha-Mahmu seu Pai tinha feito grandes enteress á Melique Jaz, e lhe tinha dado,

a

ſeus filhos terras, que Badur conſi-
:rava como morgados, que lhe con-
nhaõ melhor a elle, e aos Principes
us irmaõs. Tanto que elle ſubio
Trono trabalhou para os deſpojar,
ſim como já diſſe. Melique Saca foi
origado a deixar Diu, e ſalvar-ſe em
cquette, onde morreo de veneno,
ue Badur lhe fez dar. Tocan temia
r huma ſorte igualmente funeſta.
ume-Can, que queria fundar a ſua
rtuna ſobre as ruinas da delle, lhe
z máos ſerviços na Corte, e ſe ſervia
tudo para o tornar ſuſpeito. To-
n naõ o ignorava, e foi iſto o que
fez eſcrever ao Governador para lhe
dir, que lhe enviaſſe hum homem
confiança. Vaſco da Cunha por
dem do General foi falar com el-
. Facilmente ſe ajuſtaraõ nos ſeus
tereſſes communs; porém conclui-
õ ao meſmo tempo, que Tocan
aõ podia entregar Diu aos Portugue-
es, ſe eſtes naõ tiveſſem hum exerci-
, e huma poderoza frota. Porem
aõ ſe podendo fazer iſto neſtas circunſ-
ncias, eſte encontro, que naõ pô-
ſer taõ ſecreto, que a Corte de
ambaia naõ foſſe delle ſabedora, ſó
rvio de fazer Tocan mais ſuſpeito,
dar novas forças ao ſeu contendor,

Ann. de J. C. 1533.
D. JOAÕ III. REI.
NUNO DA CUNHA, GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

e acabou em fim em fazer-lhe c
tar a cabeçá algum tempo depo
Sultaõ Badur ocupado com gu
ras quasi continuas com as pote
cias visinhas, quiz-se mostrar e
penhado a favorecer a inveja, c
os Portuguezes tinhaõ de ter hi
estabelecimento nos seus Estados. I
rém isto era só hum artificio da
parte, e huma vontade mal forma
Tristaõ de Sá, que o Governador
nha enviado á sua Corte, naõ pó
concluir nada por si mesmo, e r
trouxe outra resposta mais, que
Sultaõ em pessoa querer conferir c
o Governo, e que elle lhe da
a paragem em Diu. Nuno ali foi c
huma frota de cem velas para es
prompto para todo o successo. O S
taõ, e o General naõ poderaõ aj
tar-se no modo, e no lugar para
communicarem. Este Principe com
do dezejou ver os principaes Offici
da frota. Nuno naõ recusou, e
foraõ no estado mais promposo, e m
brilhante, que poderaõ, para lhe
zerem honra. Elle os recebeo c
grandes signaes de distinçaõ, e m
trou nisto grande contentamento.

Manoel de Macedo, hum
Capitaens, falando com mais z
q

Ann. de J. C. 1533.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

e prudencia, tomando com tudo as
utelas, que o refpeito pedia, re-
ezenta-lhe com muita liberdade a
:preza em que eftava, de querer
ar o governo de Diu a Melique
) an para o dar á Rume-Caõ: „
Que moftrava n'ifto feguir huma
má politica, de tirar affim das maõs
do vaffalo, que tinha fido fempre
fiel, cujo pai tinha feito grandes
ferviços ao feu Eftado, hum pof-
:o taõ importante, para o confiar
l'hum eftrangeiro, que fó era co-
ihecido por fer infiel ao feu So-
)erano: Que fe Rume-Caõ, que
elle naõ conhecia, eftava prefente,
ı elle mefmo lhe fuftentaria em co-
no naõ era mais do que hum trai-
lor, e lho provaria com as armas
ıa maõ.„ Rume-Caõ, eftava pre-
ıte, e naõ diffe palavra. Badur
ıou para elle com ira. Macedo,
e o conheceo entaõ, voltando-fe
'a elle repetio o que tinha dito, e
ntou, „ Que poderia tambem to-
nar companheiro, e que elle brigaria
ontra ambos unidos.„ Rume-Caõ
) refpondeo nada; e o Sultaõ in-
nado, lhe pedia a rafaõ do feu
ncio. „ He, diffe elle, porque
lifto faço pouco cazo, porém fe

I ii „ Vof-

ANN. de J. C. 1533. D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

„ Vossa Mageſtade o aprova eu
„ duvidarei brigar com elle ſó por
„ Foi aſſignado o mar para o ſeu can
de batalha, e foi determinado, que
les brigariaõ fuſta contra fuſta. Ma
do eſteve logo prompto, e foi o
meiro que ſe achou no lugar da
Deſpois de eſperar algum tempo,
hiraõ oito fuſtas do Porto, bem
paveſadas, que rodearaõ a de Ma
do, e tornaraõ a entrar no Port
d'onde ninguem appareceo mais,
permitindo o Sultaõ que Rume-
combateſſe. Tendo Macedo eſper
inultilmente, foi chamado pelo
vernador, que lhe fez ſinal com
tiro de canhaõ, e ſe reunio á fro
tendo adquirido muita honra por
acçaõ.

A alliança do Sultaõ com
Portuguezes era muito contraria
entereſſes de Rume-Caõ, para
eſte homem, que entaõ tinha to
ſua confidencia, naõ fizeſſe qu
podeſſe para a impedir. Foi iſto o
fez naſcer os diverſos incidentes
bre o ceremonial, para romper a
ctica peſſoal, e que em fim o obr
a quebrar igualmente a negociaç
lizongeado-o de que acharia mais
tagens na alliança, que elle trava

ŏ com Omaum-Pat-Cha, Rei dos
ogols, pelo meio dos quaes efpe-
va livrar as Indias do jugo dos Por-
guezes.

Como o General era inftruido fe-
etamente de todas as fuas idéas,
mou da fua parte medidas para fe lhe
pôr, e lhe dar que fazer. Efcreveo
Rei dos Mogols, para o fazer en-
r na defconfiança da má fé de Ba-
r, offerecendo-lhe juntar-fe aos Mo-
ls, para com elles lhe fazer guerra,
affegurando-lhe que naõ deicharia na-
para os vingar de todas as perfi-
as defte Principe. O offerecimento
radou a Omaum-Pat-Cha, e refpon-
o ao General com hum modo mui-
engraçado, pelo dezejo que mof-
ava de fe unir com elle, e de
nfervar juntamente huma boa corref-
ndencia.

Com tudo Nuno tendo-fe retira-
a Chaul, enviou de lá diverfas
quadras para crufar em diferentes
rtes. Ellas naõ fizeraõ nenhuma van-
gem confideravel. Antonio da Sil-
ira de Menezes, desfez com tudo
arcar o Cutial de Calicut, que cor-
o mar com oito fuftas bem arma-
s, e fazia muito damno. Menezes
encontrou em hum pequeno rio,
on-

ANN. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

onde ſe tinha eſcondido : tomou-l
todas as ſuas fuſtas , e o obrigou
tornar a pé para Calicut , onde co
tinuou a fazer os ſeus corſos com
Tio Pate-Marcar , outro General
Samorim.

Diogo da Silveira , que tinha
do a ſua diſtribuiçaõ para o mar R
xo , ſó fez neſta campanha huma b
la acçaõ , que eu naõ poſſo paſſar
ſilencio. Tendo encontrado hum
vio da Cidade de Gidda, ricamente c
regado , a Capitania o ſalvou abaix
do a Meſena, veio á bordo , e ap
ſentou huma carta de hum Portugu
que cria dever-lhe ſervir d'hum b
paſſaporte. A carta dizia : „ Eu ro
„ aos Capitaens dos navios d'ElRei
„ Portugal, que tomem o navio d'
„ te Mouro, como boa preſa ; porq
„ he hum dos piores homens , q
„ ha no mundo. „ Silveira admiran
a imprudencia de ambos , naõ f
moſtras de nada : obſequiou mui
o Capitaõ , deo-lhe hum paſſapo
em melhor forma, e o deſpedio co
tente, eſtimando antes perder eſta o
ſiaõ de ſe enriquecer, do que fazer
nhecer a infidelidade d'hum hom
da ſua Naçaõ.

Martinho Affonſo de Souza , q
t

nha novamente vindo de Portugal
om as provizoens de General do mar,
ndo reunido em Chaul todas eſtas
equenas eſquadras, compôz huma
e 40. velas, e foi por ordem do
eneral cahir ſobre Damaõ, na viſi-
hança de Baçaim: achou a Cidade
eſamparada pelos ſeus habitantes,
as via na Cidadella 500. tanto Tur-
os, como Raſpoutes, que pareciaõ de-
erminados a defendella bem. Souza
endo deſembarcado hum pouco longe
as battarias dos inimigos, ali plan-
ou a Eſcalada hum pouco antes do
a: Franciſco d'Acunha foi o primei-
o que ſobio; porém quebrou-ſe a eſ-
ada debaixo d'elle. Os inimigos abrin-
o huma porta para ſahirem, foraõ
npididos pelos Portuguezes meſmos,
ue ſe apreſentaraõ ao meſmo tempo
ara entrarem. Houve ali hum com-
ate muito violento. O vigor dos Por-
uguezes venceo com tudo ſobre a
ua imprudencia: elles paſſaraõ ſobre
corpo os inimigos, e ſe fizeraõ
enhores da praça. Souza a fez ar-
aſar, e continuou a aſſolar a coſta
té ás portas de Diu.

Ann. de J. C. 1533.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

A perda de Damaõ foi mui ſen-
ivel a Sultaõ Badur, e como, longe
e concluir no ſeu tratado com o Rei
dos

Ann. de J. C. 1534.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

dos Mogols, via efte Principe qua cahindo-lhe em fima, de concerto cor outros inimigos poderozos, vio-fe aind obrigado a procurar os Portuguezes pa ra naõ fe meter entre tantos fogo A paz foi finalmente concluida fo lemnemente, e jurada entre elles cor eftas condiçoens. „ Que Sultaõ Badu „ cederia a ElRei de Portugal par „ fempre Baçaim, com todas a „ fuas dependencias, e com toda a Sc „ berania: Que todos os navios qu „ fahiffem dos Eftados de Cambaia pa „ ra o mar Roxo, viriaõ carregar-f „ a Baçaim, e ali tornariaõ para pa „ garem os Direitos: Que todas as ou „ tras embarcaçoens, que foffem dif „ tinadas para outra parte, naõ pode „ riaõ partir fem paffaporte da Coro „ de Portugal: Que em nenhum dc „ feu Portos, podeiiaõ armar navic „ em guerra: que todos os que f „ achaffem já feitos feriaõ defarmado „ e ficariaõ inuteis; e que em fim na „ daria mais a fua protecçaõ aos Ru „ mes. „

Eftas condiçoens foraõ adoçadas pc algumas outras vantagens. Porém quae quer que foffem eftas condiçoens, pu nhaõ Badur em fituaçaõ de fazer fa ce a todos os outros inimigos que ef

ta-

vaõ no ponto de o attacar. Efte Principe tinha quafi fempre fido feliz até entaõ. Além diffo o Reino de Cambaia, ou de Guzarate, que era o de feus Pais, elle o tinha conquiftado pela força das fuas armas: tinha-fe tambem affenhoreado do de Mandou, cujo Rei elle tinha nos feus ferros, e do de Chitor que tinha feito tributario. O Reino de Chitor era taõ confideravel, que o feu foberano tomava o titulo de Sanga, ou d' Imperador, e emparelhava com o Samorim, e o Rei de Narfinga. O que reinava no tempo de Badur era hum moço Principe, que eftava ainda na tutela da Rainha Crementina fua mâi. Efta Princeza tinha n'outro tempo recebido Badur nos feus Eftados, quando fugia á perfeguiçaõ de feu Pai. Era ella quem o tinha ajudado a fubir ao feu trono; tinha ella depois desbaratado Babor Rei dos Mogols, a quem recufara, em confideraçaõ a Badur, a paffagem pelas fuas terras, para entrar no Reino de Cambaia. Badur fó lhe pagou com ingratidaõ. Elle lhe fez guerra, e a obrigou a aceitar as condiçoens que quiz, e lhe levou hum de feus filhos á fua Corte, onde o tinha em penhor.

Ann. de J. C. 1534.

D. João III. Rei,

Nuno da Cunha Governador.

Os

Ann. de J. C. 1534.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Os Monguls, ou Mogols, povos originarios das Provincias conhecidas antigamente debaixo dos nomes, d'Ariana, Bactriana, e Sogdiana, tendo feito grandes conquistas debaixo do reinado de Timur-Lang, chamado commumente Tamerlan, tinhaõ-se feito Senhores do Reino de Delli, e lançavaõ desde entaõ os fundamentos dessa grande Monarchia, que tem actualmente no Indostan. Pabor Pat-Cha foi o primeiro que inquietou Badur, pedindo-lhe a homenagem que lhe devia como Rei de Delli. Badur temendo os Mogols, Naçaõ belicoza, criada no exercicio da guerra, altiva com as suas conquistas, e bem superior aos Indios, que saõ moles, fracos, e afeminados. Depois da morte de Babor, houve ali entre Badur, e Omaum Pat-Cha, que tinha succedido a seu Pai Babor, hum novo motivo de desavença. Badur tinha dado asylo nos seus Estados a Mir Zaman cunhado d'Omaum. Omaum o repetia. Badur naõ queria entregalo, e pedia que lhe fizessem hum estado independente entre os dois, para servir de barreira a hum, e a outro; e offerecia contribuir da sua parte. A via das negociaçoens naõ tendo aproveitado,

vei-

eitado, os dois Reis chegaraõ a hu-
ia rotura aberta. Badur enviou a
)maum hum belo veſtido de mulher
ara lhe moſtrar deſprezo, e eſte
ıe enviou hum caõ, e hum açoute,
ara lhe pagar na meſma moeda.

Ann. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Badur querendo prevenir o ſeu
ıimigo fez entrar nos ſeus Eſtados
ıum poderozo exercito, comman-
ado por Tzerca-Caõ, filho do Sul-
aõ Laupi. Eſte tinha ſido deſpojado
ıor Babor. Era iſto hum raſgo de
olitica, porque elle podia eſperar,
ue os Patanes, que tinhaõ entrado
ıas Indias com os Mogols, e natural-
nente inimigos huns dos outros, po-
leraõ cauſar diviſaõ entre elles, ven-
lo o ſeu Principe natural, e o her-
leiro legitimo d'hum Imperio que el-
es tinhaõ conquiſtado. Badur eſcreveo
ıo meſmo tempo á Rainha Crementi-
ıa, „ Para lhe comunicar as ſuas in-
„ tençoens ſobre a guerra que hia fa-
„ zer, e para a citar para enviar o
„ Sanga ſeu filho com hum exerci-
„ to que tinhaõ feito entre ſi. „ Eſta
Princeza que tinha ſobre o coraçaõ
a ingratidaõ com que eſte Principe per-
fido tinha pagado os ſeus ſerviços,
julgou entaõ ter huma bela ocaſiaõ de
ſe vingar d'elle. Diſſimulando com
tudo

Amn. de J. C. 1534.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

tudo o ſeu reſſentimento, reſponde a Badur com hum modo que o ſatiſ fizeſſe, dizendo-lhe „, que ella hia po „ ſe em eſtado do ſoccorro que pe „ dia, mas que já que ella hia pr „ var-ſe do Rei ſeu filho em ſeu fa „ vor, lhe rogava que bem quiſeſſe er „ viar-lhe o ſeu ſegundo filho, qu „ tinha de penhor em ſeu poder, pa „ ra ſe conſolar na ſua viuvez, pel „ viſta d'hum, na auzencia do outro.

Parecendo a Badur juſta a petiçaõ enviou eſte Principe com muita hon ra, e o fez acompanhar por dois do ſeus principaes Emirs. Tendo a Ra nha aproveitado no ſeu artificio, re cebeo os Emirs com muito agrado e os entreteve muito tempo, com a apparencias de grandes preparativos d guerra que fazia, para pôr ſeu filh em eſtado de partir. Com tudo ell fez occultamente o ſeu tratado com Rei dos Mogols, de quem fez o ſe Reino tributario, reconhecendo deſd entaõ Omaum como o legitimo Sobe rano de todo o Indoſtan. Tanto qu ella teve noticia de que o trata do eſtava concluido, fez dizer ao Emirs, „ Que ſe podiaõ hir embo „ ra, que ſeu filho eſtava doente, „ que quando eſtiveſſe bom, o envia

„ ria,

ria, se o julgasse preciso. „ Os
Emirs tendo feito novas instancias,
lla lhes fez dizer com altivez que se
ossem, quando naõ que acharia proprio
meio de os fazer sahir dos seus
Estados, mais de pressa do que quere-
iaõ.

Ann. de J. C. 1534.
D. JOAÕ III. REI.

Badur escarnecido por este mo-
lo, naõ respirava mais do que vin-
gança, foi pôr sitio diante de Chi-
tor. Poderaõ julgar do poder d'este
Principe só pela mostra do seu apa-
relho de guerra. O seu exercito era
de 500ф. homens de pé, e de 150ф.
de cavalaria, dos quaes tinha 30ф.
pesadamente armados. Entre esta mul-
tidaõ, so havia 15ф. estrangeiros,
Fartaques, Abixins, Arabes, Raspou-
tes, conduzidos por diversos Chefes,
300. Rumes que obedeciaõ a Rume-
caõ, 80 tanto Portuguezes, como
Franceses, que conheciaõ por Chefe
hum chamado Santiago, o qual ti-
nha sido escravo d'hum marinheiro
Portuguez, e que se tinha de modo
insinuado no agrado de Badur, que
este o tinha engrandecido, e lhe ti-
nha dado o nome de Franguis-Caõ.
O nome Franguis naõ lhe convinha
por tanto, senaõ por ter sido Chris-
taõ, posto que essencialmente, elle
naõ

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

naõ tinha tido outra religiaõ que dos seus enteresses. No que toca ao Franceezes, tinhaõ passado á India co hum Portuguez infiel á sua patria que tendo armado no porto de Diep pe, foi abordar a Diu, onde foi to mado com a sua comitiva, e dado a Sultaõ Badur, pelo qual tiveraõ gosto de mudar de religaõ, e morre raõ depois miserabillissimamente.

Além desta infinita multidaõ d homens, Badur condusia 500. Ele phantes que trazia cada hum sua tor re, dois pedreiros, e quatro homens A artilheria toda de bronze, chegava a mil peças; entre as quaes havia 4 Basaliscos, que cada hum tinha cen juntas de bois para o pucharem. 6ϕ carros eraõ distinados sómente para á equipagens do Sultaõ. Além do que haviaõ infinitos para o serviço das tro pas, e hum taõ grande numero de vi vandeiros, e de pessoas que de ordi nario seguem os Exercitos, que fa ziaõ hum apparato maior do que o de todo o Exercito.

A Rainha que tinha ao mesmo tempo muito juizo, e muito valor, custumada a pelejar ella mesmo como huma Amazona, e já celebre pelas suas victorias sobre os Persas, e so-

bre

e os Mogols, ſe tinha preparado ra ſuſtentar hum cerco, e ſe tinha eparado com boa vontade. Poſto que a ſó tiveſſe 2ȸ. cavalos, e 30ȸ. mens d'Infantaria, ſe defendeo m todo o vigor crivel, e teve longo mpo eſte grande exercito em deſ-aça. O Sultaõ cubiçoſo de ſe fazer nhor da Cidade eſtava além d'iſto ó picado da inveja que d'iſſo tinha, e fez pôr na ſua tenda huma meſa berta d'oiro amoedado, para dar a compenſa que tinha prometido, á alquer que lhe trouxeſſe huma pe-a das muralhas, que elle fazia bater la ſua artilheria; e ſacrificava com ſto a ſua gente, eſtimando em na-a os homens neſta infinita multidaõ.

Ann. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

As primeiras noticias que teve do ercito, que tinha enviado contra os Iogols foraõ, de que naõ ſerviraõ ſenaõ e lhe augmentar o valor. Tzer-Caõ os nha desbaratado, e tinha-ſe avançado uito no paiz, recebido por toda a par-e por onde paſſava, como o ligitimo erdeiro de hum Reino que elle era igno de governar. Porém ſendo cha-ado para desfiladeiros por hum en-ano, foi desbaratado do meſmo mo-o, e morto combatendo com valor. ſta ſegunda noticia afligio verdadei-

ra-

Ann. de J. C. 1534.

D. João III. Rei.

Nuno da Cuhna Governador.

ramente Badur, e só servio por ta
to a fazelo mais furiozo. Tzerc-C
foi chorado pelo exercito. Os sitia
tes aproveitaraõ-se deste sentimen
para fazerem huma bella sortida. B
dur naõ se desgostou, redobrou as su
promessas, e as suas liberalidades. E
fim a Rainha que tinha esperado
soccorrida dos Mogols, naõ conta
do já com elles, escapou-se por hu
caminho apartado, levando comsi
todos os seus thesouros, depois
ter lançado fogo a tudo o que n
pôde levar. A maior parte dos ha
tantes por hum exemplo de furor,
milhante ao que tinhaõ dado os
Iha de Beth, se queimaraõ com
suas riquesas, e seguraõ que houv
raõ mais de 70&. almas que mor
raõ neste estranho incendio. N
achando Badur resistencia entrou vic
riozo na Cidade, conservou os mi
raveis restos que achou, e deixan
alli hum corpo de tropas, march
contra os Mogols, para lhe dar b
talha.

Perdeo duas successivas, e
ultima foi de modo desbaratado
que foi despojado do seu campo, c
de acharaõ tantas riquezas como A
xandre tinha achado no de Dario. Ap
na

as se pôde elle salvar desfarçado, ara ganhar os seus Estados. Muitos os seus principaes vassallos o abandonaraõ, para seguirem os Estendartes o vencedor. Entre estes foraõ Meque-Liaz, o unico dos filhos de Meque-Jaz que ainda restava, e o mesmo Rume-Caõ. Badur nesta extremidade, a que o tinhaõ reduzido os seus egocios, se arrependeo muito tare, de ter seguido os conselhos d'es- traidor, e se arrependeo de ter fei- morrer os seus melhores creados, or lhe ter dado ouvidos. Descubrin- ao mesmo tempo que elle o tra- a, e que tinha correspondencia com inimigo, ao menos tendo o suseitado, deo ordem a hum dos seus onfidentes para o matar. Este que era origado a Rume-Caõ, o avisou, e ume-Caõ passou para o Campo inimi- o. Deixou as suas mulheres, os seus lhos, e os seus thesouros em poder e Badur. O amor o obrigou a faer hum esforço para os retirar do eu poder. Omaum Pat-Cha lhe deo um corpo de tropas, com o qual le seguio o Sultaõ fugitivo.

Ann. de J. C. 1535.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Badur podia defender-se em hampanal, a mais forte praça dos seus stados. Estava situada sobre huma

Ann. de J. C. 1535.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

montanha quasi inacessivel, e taõ fo tificada pela arte como pela naturez Porém tomado de hum terror panic intentou divertir o traidor que o f guia, deixando-lhe as suas mulheres seus filhos, e seus thesouros, para sa var os seus proprios, e se retirar Diu.

O Rei dos Mogols se assenhorec de Champanel, sem ter trabalho a attacar, senaõ pelo dinheiro que e palhou, para corromper os que a d viaõ defender. Badur desesperado, d terminou abandonar tudo, para se r tirar a Meca. Os que lhe tinhaõ fic do fieis o desviaraõ d'huma taõ e trema resoluçaõ, e o obrigaraõ a s licitar o soccorro de alguma Potenci O odio que tinha aos Portuguezes l fez preferir o Gram-Senhor, a que enviou prezentes, cuja estimaçaõ e cedia a 600$. peças d'ouro de mo da corrente, e com isto muito gra des somas para asoldadar as trop que lhe pedia.

Com tudo tendo depois reflect do, que passaria mui longo tempo p ra esperar hum soccorro taõ distante a necessidade o obrigou a recorrer Nuno da Cunha, a quem esperanç em fim, de que lhe concederia a

berda

erdade de fundar huma Fortalefa em)iu, fe elle quifeffe juntar as fuas rmas com as d'elle, para o defender os feus inimigos. Para ifto fe valeo e Martinho Affonfo de Souza, de uem tinha goftado, e concebido ef-imaçaõ. Hum pequeno ciume da arte do General, que queria tirar efta loria a Souza, penfou fazer malo-rar efte negocio. Elle quiz fentir-fe 'outro, e foi obrigado a tornar a ;ouza a pezar do feu gofto, o que u obfervo aqui para moftrar que as effoas empregadas, naõ devem nun-a apaixonar-fe, e obftinar-fe, porque minina bagatela fó bafta para lhes azer perder as melhores occafioens, omo com effeito commumente as per-em, por feguirem muito a impreffaõ 'hum ligeiro enterefle, ou das fuas nclinaçoens particulares.

ANN. de J. C. 1535.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVER-NADOR.

Nada podia lifongear mais Nuno o que a fituaçaõ em que fe achava. /ia-fe procurado por dois dos maio-es Principes do Indoftan, ambos fa-iaõ depender a fua fortuna da alian-a d'elle: via offerecerem-lhe ambos om empenho, o que elle, e feus redeceffores tinhaõ taõ longo tempo entado inutilmente, e confeguir pela orça das fuas armas, e pelo artificio de

Ann. de J. C. 1535.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ſuas negociaçoens. Porque no meſm
tempo que Badur lhe offereceo lug
para huma Cidadella em Diu , o R
dos Mogols já bem avançado na con
quiſta do Reino de Cambaia , lhe fe
eſcrever as cartas mais honrozas , n
quaes lhe fazia o meſmo offerecimen
to , com condiçoens muito mais va
tajozas. Porém poſto que eſte Prin
cipe offerecia o que naõ tinha , e
com tudo já muito poderoſo , e mui
para temer dos Portuguezes , a que
importava muito pôr huma balança en
tre eſtas duas Potencias da India , pa
eſtar ſempre em eſtado de ſe apr
veitar das ſuas diviſoens. Sem o q
era inevitavel para elles o ſerem lev
dos pela torrente , tanto que hum
tiveſſe tomado mor força ſobre tod
o reſto.

Aſſim o General naõ duvido
em preferir Badur , pela meſma r
zaõ d'elle eſtar muito deſcahido. Ma
tinho Affonſo de Souza , que era ch
mado ſegunda vez pelo Sultaõ , n
cometeo a falta que tinha feito n
primeira. Foi logo buſcar eſte Prin
cipe , e tendo-ſe emcontrado com S
maõ Ferreira , que tinha a procur
çaõ do General , elles regularaõ o n
gocio com eſtas condiçoens ; „ Qu
„ C

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

,, o Sultaõ daria hum lugar a ElRei
,, de Portugal, para fundar huma
,, Fortalesa em Diu, no sitio em que
,, lhe agradasse, e da extençaõ que
,, quisesse: que lhe cederia principal-
,, mente o baluarte que estava no
,, mar á entrada do Porto, e confir-
,, maria ao mesmo tempo a doaçaõ,
,, que tinha feito de Baçaim: com tu-
,, do os Portuguezes naõ levariaõ Di-
,, reitos rezervados ao Sultaõ. Que
,, todos os navios carregados para Me-
,, ca naõ iriaõ a Baçaim por obriga-
,, çaõ, porém viriaõ a Diu sem que
,, os podessem obrigar, com tanto po-
,, rém que tivessem passaporte: Que
,, os navios da Persia, e da Arabia,
,, que eraõ obrigados a condusir a Ba-
,, çaim, seriaõ levados a Diu, onde
,, pagariaõ só á Coroa de Portugal os
,, mesmos Direitos que pagavaõ em
,, Goa, exceptuando porém os cava-
,, los que sahissem do mar Roxo, que
,, seriaõ exemptos de todos os Direi-
,, tos. Que os navios Portuguezes naõ
,, crusariaõ mais para o estreito de
,, Meca, onde naõ fariaõ damno al-
,, gum, nem aos lugares seus depen-
,, dentes, nem ás embarcaçoens que
,, d'alli partissem, exceptuando com tu-
,, do as frotas de Rumes, ou de Tur-

,, cos

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA, GOVERNADOR.

„ cos , que elles poderiaõ attacar ,
„ deſtruir em toda a parte onde
„ achaſſem : Em fim que o Rei
„ Cambaia , e ElRei de Portugal f
„ riaõ por eſte meio huma liga offen
„ va , e defenſiva, a reſpeito, e co
„ tra todos. E que ſupoſto que a
„ gum dos vaſſallos das duas Coro
„ paſſaſſe d'huma para á outra , p
„ razaõ de dividas, ou d'outro deſco
„ tentamento, elles os entregariaõ m
„ tuamente tanto que foſſem reque
„ dos , ſem lhes poder dar aſilo.

Nuno ſabendo a concluſaõ do tr tado , uſou de muita deligencia pa hir a Diu , onde chegou com hun beliſſima comitiva. Foi alojar-ſe baluarte do Mar, que lhe tinhaõ pr parado ſoberbamente ; e ſobre o qu vio quando chegava a Bandeira Portugal arvorada. Sultaõ Badur , elle ſe viraõ algumas vezes ſem t das eſtas dificuldades que tinhaõ ſi feitas n'outro tempo pelo ceremoni Eſtabelecido o tratado com boa fórn e aſſignado por ambas as partes, com çaraõ a pôr maõs á obra para a co truçaõ da Cidadella. Foi eſta ſitu da ſobre a ponta de terra , que formada d'huma parte pelo mar , da outra pelo rio. A ſua figura

trian

iangular, fecharaõ-na com trez mu-
s de 16. pés de groſſura, e de 20
: altura até ao cordaõ. Nos dois angu-
›s, que olhaõ para á Cidade, levan-
raõ duas torres baſtionadas. A pri-
eira que chamaõ de S. Thomé, eſ-
.va ſobre huma eminencia, e tinha
›. pés de diametro. A ſegunda cha-
ada de Santiago ſó tinha 60. A por-
foi feita neſta cortina entre as duas
›rres, e defendida por huma couraça.
foſſo de que cingiraõ a praça, ſe
:ha mais ou menos largo ou profun-
›, ſegundo o permitiraõ os roche-
›s, e as coſtas onde foi aberto. Tra-
ılharaõ depois bem depreſſa em conſ-
uir no interior a Igreja, a ca-
. do Governador, os armazens, e os
ıarteis. A obra mais neceſſaria foi
:ita em 49. dias com grande admiraçaõ
o Sultaõ, que naõ deſcançava de ad-
ıirar huma tal diligencia.

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A noticia do Tratado que ſe ti-
ha feito, e da Fortaleſa conſtruida
m Diu, era muito agradavel para ſe-
aõ apreſſar a dala a ElRei de Por-
ugal, que a dezejava com tanto ardor.
Nuno naõ devia faltar a iſto. Deſpa-
hou logo pela via de terra hum Judeo,
: hum Armenio, que foraõ enviados a
Ormuz, e fez partir quaſi no meſmo
tem-

ANN. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III., REI.

tempo em huma fragata ligeira Sim Ferreira Secretario das Indias pela v ordinaria. Porém foraõ precedidos hu e outros por Diogo Botelho, que e prehendeo a acçaõ mais atrevida, mais inaudita, que ainda se vio ne genero.

ANNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Este valeroso, que se tinha d tinguido nas Indias, tinha tido a i felicidade de ser alli enviado como e desterro, sem emprego, e sem ho ra pelo ciume dos seus inimigos, q o tinhaõ tornado suspeito a ElRei acusando-o de ter querido, á imitaç de Magalhaẽs, retirar-se para Franç para conduſir os Francezes ao Indo tan, e fazelos entrar ao menos r partilha das conquistas da sua Naça Sofria com impaciencia huma disgraç que naõ tinha merecido. E como c grandes homens tem sempre algu recurso extraordinario, esperava elle a guma occasiaõ de se restituir á graça d seu Principe por alguma acçaõ de cre dito. O que se tinha passado em Di lhe pareceo ser o que elle esperav havia muito tempo. Assim apanhan do a copia do Tratado, e o plan da Cidadella, se embarcou secretamen te em huma meia galera, que tinha ar mado á sua custa, que tinha 22 pé de

cumprido, 12 de largo e 6. de alto.
ıde ſem mais companhia do que al-
ns dos ſeus eſcravos, e ſinco Portu-
ıezes dos quaes 3 eraõ ſeus creados,
ma a ſua derrota para Chaul ganhando
mpre o largo. Quando elle atraveſ-
u Dabul, declarou o ſeu diſignio
alguns dos ſeus, que ſe admiraraõ.
om tudo elle o fez de modo, par-
por promeſſas, e depois parte por
rça, e ameaças, que depois de ter
rrido todos os perigos, que ſe podem
ıaginar da parte dos ſeus, e das
ıdas do mar, chegou em fim ás Ter-
iras, e de lá a Portugal; onde o
ei recebeo a noticia que elle trazia
m tanto goſto, que deu logo parte
Papa, e fez fazer feſtas publicas
n todo o ſeu Reino.

ANN. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A relaçaõ do que tinha aconteci-
ı a Botelho na ſua viagem, o modo
ım que ganhou auctoridade ſobre os
us eſcravos, que ſe tinhaõ revoltado,
ım que governou ſó o ſeu navio, e
ıu as ſuas ordens por eſcrito 14 dias
n que ſe lhe tolheo a falla á ſor-
ı de gritar, a deſtreza com que
ıganou o Corregedor das Terceiras
ıe o queria embargar, porém prin-
palmente a viſta da ſua embarcaçaõ,
ıuſaraõ a todo o Portugal huma ad-
mi-

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

miraçaõ junta com horror, ningue
podia quaſi crer o que via com ſe
olhos. Porém quem naõ admirará
idéas dos homens, e a fraqueza d
ſeus juizos. Eſte navio mais dign
de admiraçaõ, que o navio Argos t
celebrado dos Poetas, foi condenad
ao fogo pela Coroa de Portugal,
fim de tirar da idéa dos homens, q
ſe poderiaõ fazer taõ grandes viagen
com taõ pouca deſpeza: como ſe
loucura d'hum Eroſtrato, que queimo
o Templo de Epheſo, naõ ſervi
mais para imortalizar eſte Templo
do que toda a ſua magnificencia. N
que toca a Botelho, deixaraõ-no con
ſumir em Portugal, ſem lhe fazere
a menor graça. He verdade que ell
era culpado de ter vindo ſem licen
ça do Governador, e por iſſo foi pre
cizo que a Imperatriz irmã d'ElRe
ſeentereſſaſe para lhe alcançar o ſe
perdaõ. Em fim enviaraõ-no ás In
dias, muito tempo depois, Governa
dor de S. Thomé, donde foi tranſ
ferido a Cananor, com o pretexto d
o recompenſarem; porém com effeit
para o terem longe do Reino, e ſ
curarem da deſconfiança que tinha
d'elle. He taõ verdade, que as ſuſ
peitas, em materia d'entereſſe d'Eſta
do,

, saõ quasi sempre do numero das eixas, que saõ incuraveis, e sem re- edio. Botelho tornando ás Indias esta- hydropico, e taõ prodigiosamen- inchado, que era hum monstro.

Ann. de J. C. 1536.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Com tudo a aliança dos Portu- ezes foi logo a causa da salvaçaõ de dur, como ella o foi tambem depois sua perdiçaõ. Os Mogols sabendo o e se tinha passado em Diu naõ ou- raõ seguilo. Nizamaluco que lhe zia guerra, suspendeo toda a hosti- lade em consideraçaõ do General. asco Pires de Sampaio enviado r Nuno foi tomar o forte de Va- venne, situado sobre o rio Indus, que os Mogols se tinhaõ apodera- . O mesmo Sultaõ acompanhado 500. Portuguezes entre os quaes avia 50 Fidalgos, que tinhaõ na ente Martinho Affonso de Souza, pôz em marcha para segurar nos eus Estados os espiritos duvidozos, ibmeter os mal intencionados, e ex- ulsar os estrangeiros. Mira Mahmud arente de Badur tomou-lhe muitos ostos, e os obrigou a se retirarem 'huma grande parte do Reino de Cambaia, depois que elles se viraõ rustrados das esperanças de se fazerem Senhores de Baçaim.

Esta

ANN. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Efta praça corria algum rifco. Mogols a ameaçavaõ. Nuno, qu temia, lhe tinha enviado 400. P tuguezes condufidos por Garcia de para a defender. Os Portuguezes tinhaõ ainda huma feitoria, e al mas fortificaçoens feitas á preffa. C cia defconfiando das fuas forças ti determinado defemparala. Antonio C vaõ fe oppôz fortemente a huma re luçaõ taõ indigna, e lhe fez muc de parecer. Os Mogols naõ oufaraõ rifcar o attaque, e tomaraõ o part da retirada. Nuno que chegou p co depois, foi taõ fatisfeito de G vaõ, e do que elle tinha feito, tendo commeçado entaõ a deitar fundamentos da Fortalefa, quiz, p fazer honra a Galvaõ, que foffe o que lhe deitaffe a primeira ped Porém he tempo que nós figan efte grande homem nas Molucas, de o deixamos, e para onde foi viado pouco depois neftas circunft cias.

Antonio era o quinto filho Duarte Galvaõ, de que nós temos falado, que tendo-fe feito celebre Europa affim na guerra, como nas gociaçoens, veio terminar a fua vi toda jufta na Iha de Camaraõ, rev

t

o do caracter de Embaixador á Cor-
do Imperador da Ethiopia. Anto-
, digno dos primeiros empregos,
ó tinha nenhum: Simplex particu-
, trabalhando nos seus proprios en-
esses, tinha chegado a adquir gran-
s riquesas, e ainda mais credito pe-
sua probidade. Nuno que conhecia
verdadeiro merecimento, e o sabia
stinguir, o nomeou Governador das
olucas, para hir alli remedear os
cessos de Tristaó d'Ataide, e de
ıs predecessores. Galvaó, ainda que
m instruido da extremidade em que
i estavaó todas as coisas, aceitou
e destino, como homem que se-
e as vistas de Deos, mais do que
dos homens, e se dispoém a sa-
fazelas, menos em Capitaó, ou ne-
ciante, como tinhaó feito os outros,
que como Apostolo de Jesus Chris-
, e em fiel vassallo, que pisando
s pés a ambiçaó, e a avareza, naó
nsa mais do que á gloria de Deos,
no enteresse do seu Principe, e na
nra da sua naçaó.

ANN. de J. C. 1536.

D. JOAÓ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

As trapaças que lhe fizeraó em
ochim os indignos Ministros que o
viaó expedir, o redusiraó a fazer
e mesmo o seu preparo quasi intei-
mente á sua custa. Nisto pôz todo
o

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

o feu cabedal; e faltando-lhe as g
des fomas que tinha adquirido ,
pregou a fua baixela de Prata ,
feus moveis. De Cochim fez de
para Malaca , e de Malaca par
Ilha de Borneo por Ternate ,
chegou em 1537. Eftando tudo al
horrivel defordem que tem os repr
tado , foi recebido dos Portugu
como hum Anjo tutelar, que vinh
vra-los da tyrania de Triftaõ d'Ata
da fome que os tinha redufido á
tremidade, e da opreffaõ dos Ilh
que tendo-fe todos reunido , na
nhaõ mais do que efperar para v
chegar o feliz momento da fua
berdade.

O exceffos de Triftaõ d'A
eraõ incriveis. O odio que lhe ti
era tal , que fe elle naõ foffe co
cido por parente de D. Eftevaõ da
ma , que era entaõ Governado
Malaca, o teriaõ enviado ás India
gado de pés , e maõs , para fer
gado. As queixas que faziaõ co
elle eraõ tanto mais livres , po
perfuadirem , que lizongeavaõ o
Governador exagerando as culpa
feu predeceffor. Porém Galvaõ c
de moderaçaõ , e que fó tinha v
de paz , e de conciliaçaõ, longe

rregar de ferros, como se esperava, fectou expressamente tratalo com to-s as civilidades para esfriar o ardor os seus accusadores, e lhe dar lugar : se livrar de trabalhos.

Ann. de J. C. 1536.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Galvaõ pôs depois hum preço ra-onavel aos mantimentos que elle ti-ia levantado, estabeleceo Juizes para Politica, deo aos mesmos Ecclesiasti-os regras de conducta, que o Car-:al Infante de Portugal tinha envia-) para ás Indias: trabalhou nas re-iraçoens da Cidadella, que tinha tan-precizaõ, como os costumes licencio-os d'estes homens corrompidos, costu-iados a pizarem aos pés todas as for-:s de leis. Tudo alli estava em rui-a. A artilheria incapaz de servir, e :m carretas, nada de polvora, e mu-içoens. Galvaõ tinha trasido comsi-o das Indias todas as sortes de fer-amentas, e geralmente tinha vindo om todos os soccorros, e todas as randes idéas, que devem ter todos s que querem fundar Colonias. Tinha razido mulheres para as cazar. Fez azamentos, destribuio terras, edifi-ou cazas de pedra a modo da Euro-a, e deo pouco a pouco huma for-na á todas as coisas, que logo lhe ad-uirio todos os coraçoens.

Se

ANN. de J. C. 1537. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Se os Ilheos conhecessem Galv
elles o teriaõ logo amado. Só suf
ravaõ por hum homem de bem, r
o tinhaõ podido ainda achar, e p
suadiaõ-se que este naõ era differe
dos outros. Os Reis alliados das Il
Molucas, e dos Papous tinhaõ po
a Cachil Aialo na sua frente, e es
vaõ em Tidor, que tinhaõ cingido
muros, e fortificado com huma es
cie de Cidadella, a qual sendo situ
da sobre hum monte, dominava a
dade. Com isto eraõ em numero qu
de 50000. homens. Galvaõ os fez
licitar muitas vezes, e naõ deixou
da para os grangear. Porém o seu n
mero, e as suas ultimas felicidad
tornando-os mais altivos, as traiçoe
que frequentemente lhes tinhaõ feit
os impedia a se fiarem destas demo
traçoens, que podiaõ ser enganozas
naõ pôde alcançar mais do que hun
tregoa, que elles mal guardaraõ.

Galvaõ vendo bem que era pr
cizo reduzilos por alguma acçaõ espa
toza, emprendeo com hum atrevime
to, e temeridade incrivel, de h
attacar esta infinita multidaõ d'in
migos mesmo em Tidor. A acçaõ e
louca, porém pareceolhe necessaria p
la pouca esperança que tinha de rec
be

:r ſoccorros das Indias, e a impoſ-
ɔilidade de poder conſervar-ſe muito
mpo contra todo o paiz.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tendo poſto toda a ſua confian-
. no Deos dos exercitos, deixou
riſtaõ d'Ataide para commandar na
idadella, e partio com 400. homens,
ɔs quaes ſó eraõ 170 Portuguezes,
n 4. navios, e em algumas outras
nbarcaçoens a remos. Sabendo os ini-
igos dos ſeus preparativos, vieraõ-
e ao encontro como para lhe dar ba-
lha. Tinhaõ elles perto de 300 Ca-
:oras, os Autores affirmaõ, que ti-
ɑaõ 30ↀ; porém o temor da artilhe-
. Portugueza conſervando-os em reſ-
ito, foi iſto ſó hum vaõ apparato
e naõ concluio nada. Quando elle
egou a Tidor appareceo a praia co-
rta de combatentes. Galvaõ naõ ſe
ɜmorizou, e depois de ter delibe-
do ſobre o modo do attaque, re-
ɔlveo começa-lo pela meſma Cidade-
 que queria ſurprender, perſuadido
: que os inimigos cuidariaõ menos
:lla do que no reſto.

Tendo em fim eſcolhido 300. ho-
ens entre os quaes havia 120 Por-
guezes, foi deſembarcar
n hum lugar apartado, deo ordem
ɔs que ficavaõ nos navios de ſe apre-

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

sentarem no porto com grande estro
do de clarins, e trombetas fingin
tentarem o desembarque. Elle com o
vor d'hum guia que tinha tomado
e em quem achou huma grande co
gem, se fez conduzir em silencio
caminhos escarpados até ao alto
monte onde estava o Forte. O
que o prevenio, e o sol que dava
bre as suas armas, o descubrio
inimigos. Aialo armado com hu
cota de malha, o morriaõ na cabeç
e trazendo hum montante, alli
sahio dos primeiros. Galvaõ se n
teu entaõ para hum bosque espe
Os inimigos que lhe julgaraõ med
recobraraõ mais animo. Aialo pro
rou divertilo com proposiçoens, p
dar tempo aos seus de o cercarem. I
rém Galvaõ estando apercebido, e b
dando Santiago deo-lhe em sima c
toda a sua tropa. Aialo animado
seu valor, e do seu ressentime
combatia como hum leaõ, sofrendo
le só quasi todo o pezo do comba
Cahio trez vezes como desfalec
das feridas que recebeo, e do san
que perdeo. Outras tantas vezes
meçou com a mesma animosidad
mas em fim fazendo-se levar do ca
po da batalha, para naõ deixar o

co

po, dizia elle, ás mercês destes
:ns, e morreo pouco depois: a
da do Chefe inspirou tal terror aos
tros, que se salvaraõ huns nos matos,
tros junto da Cidadella. Galvaõ
is animado pela fugida delles lhe
uio o encalço, e tendo entra-
na Cidadella baralhado com elles,
apoderou logo della, fez lançar fo-
aos edificios, que sendo todos de
deiras, e materias combustiveis, fo-
logo consumidos.

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

A vista d'este incendio tendo ain-
causado mais terror, o Rei de Ti-
fugio com as suas mulheres pa-
o fundo de hum vale, levando
nsigo todos os seus vassallos, e seus
ados, de sorte que a Cidade achan-
-se assim abandonada, Galvaõ des-
a ella, e a queimou, e destruio
modo os edificios, e as fortifica-
ens, que naõ ficou o menor vesti-
. Huma taõ bela acçaõ, onde mor-
grande numero d'inimigos custou
vida a hum só escravo dos Por-
guezes. Isto parecia duro a crer,
o Editor da 4 Decada de Bar-
, „ Seria mesmo perigozo a escre-
ver por qualquer Escritor, que corre-
ia risco de passar por mentirozo, ou
por muito credulo, se naõ constasse

Ann. de J. C. 1537.

D. JOÃO III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

„ por outra parte, que os Portugue
„ tem feito alguma coiſa ainda de m
„ admiravel, aſſim pelo ſeu numer
„ como pelo ſeu valor, a quem el
„ tiraraõ a vida, e os ſeus Eſtados
Os Reis aliados ſe liſongear
algum tempo de poderem ſurpren
Galvaõ em algumas embuſcadas, qu
do elle ſe retirava para os ſeus nav
ou em alguns desfiladeiros. Apren
raõ á ſua cuſta; e cançados d'hu
guerra que lhe fazia pouca honra,
retiraraõ cada hum aos ſeus domini
O Rei de Tidor abandonado, eſt
mais diſpoſto para ouvir as prop
çoens da paz. O Cachil Rade
irmaõ, que a dezejava com ardor,
fez medianeiro. Galvaõ ſe portou c
taõ boa vontade, e ſe offereceo
Tidorianos com tanto favor para
ajudar a reſtabelecerem a ſua Cidad
que os fez tornar em ſeu favor, c
a maior parte dos Ternatianos.

O coraçaõ d'eſtes pobres Ilh
ſe mudava á medida que a bond
do que os governava ſe deſcubria.
dos Portuguezes pelo contrario ſe
flamava pela meſma razaõ, porc
como aquelles ſó procuravaõ hum
mem de probidade, eſtes naõ buſ
vaõ ſenaõ hum homem, que os fav

ceſſe na ſua prevaricaçaõ, e na poſ-
em que eſtavaõ de prejudicarem os
tereſſes do ſeu Soberano pelo ſeu
tereſſe peſſoal. Inflexivel ſobre a
a obrigaçaõ, Galvaõ, tinha feito tu-
para os conter nas ſuas. Elle ſe
ha reduſido a naõ fazer commer-
) algum, no meſmo tempo em que
arruinava pelo ſerviço do Rei, a
n de os enſinar com hum taõ belo
emplo. Era muito heroico para ſer
guido, e em vez de fazer impreſ-
), ſó irritou. Vieraõ contra elle
n huma ſediçaõ declarada. Triſtaõ d'
aide fazendo-ſe o Chefe d'eſtes re-
lados, e pagando com a mais vil
gratidaõ as obrigaçoens que lhe de-
, fez carregar os ſeus navios, com
armas na maõ, de todas as eſpe-
rias de contrabando, e partio pa-
ás Indias com os partidiſtas, ſem
e Galvaõ os podeſſe impedir, obri-
do a ſofrer huma deſerçaõ, que
reduſira á meſma extremidade, de
e tinha tirado pouco antes, aquelles
eſmos por quem ſe alli via reduſido.

A guerra naõ eſtava ainda acaba-
, nem os eſpiritos dos Ilheos in-
ramente ſocegados. Os Reis de Gi-
o, e de Baçaim tinhaõ ainda as
nas na maõ. Galvaõ lhes fez pro-
por

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

por o dezafio corpo a corpo para pc
par o ſangue da multidaõ: elles o ac
taraõ; porém o Rei de Tidor, e
Cachil de Rade tendo-ſe intrometi
por huma conciliaçaõ, ſe fez a pa
e todas as Molucas gozaraõ d'hu
perfeita tranquilidade.

Os Ternatianos tinhaõ com
do ſempre ſobre o coraçaõ a depo
çaõ do ſeu Rei Tabarija, e naõ q
riaõ obedecer pela maior parte a A
ro, que era filho d'hum eſcravo
d'huma eſtrangeira. Propoſeraõ o
diſgoſto a Galvaõ, pedindo-lhe a
vocaçaõ de Tabarija, e que entre t
to quizeſſe ſervir-lhes de Rei, e
Pai. Tabarija, que Ataide tinha
viado ás Indias preſioneiro, e cri
nozo com as ſuas calumnias, tir
ſido abſolvido por Nuno, que o t
tou como grande Principe. Fez
Chriſtaõ, e depois de receber o B
tiſmo, foi enviado a Malaca para
lá ſer conduſido ás Molucas, e ent
na poſſe dos ſeus Eſtados. Galv
naõ ſabia nada das aventuras d'e
Principe, e tudo bem conſider
com a meſma força d'eſpirito, que
fez recuſar o Reinado para ſi meſm
ſe aplicou a ganhar os coraçoens
favor d'Aeiro. E vendo deſde en

s Molucas focegadas, indignado da fcravidaõ em que efte Principe tinha ftado até entaõ, lhe reftituio a liberdae, deo-lhe a permiffaõ de fe cazar, de governar o feu povo fegundo as eis do Pays. Os povos barbaros naõ faõ fe naõ por refpeito a nós, que lelles formamos idéas defavantajozas. Saõ capazes de eftimar a virtude, e e lhe darem o feu valor. Elles o noftraraõ bem pela admiraçaõ, e conança que tiveraõ por Galvaõ, que à inha merecido por taõ belas occafioens.

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Efta confiança fe adiantou tanto, que naõ faziaõ mais com elle do que um mefmo povo, e hum mefmo ntereffe. O que logo fe vio pela maeira com que elles fe deixaraõ poiciar, conftruindo cazas á Portugueza, cultivando terras, e jardins, e conformando-fe em tudo ás modas da Europa. A prova que o coraçaõ deo n'efe modo de proceder, foi ainda menos equivoca na chegada de dois navios Caftelhanos, enviados da nova Hefpanha pelo conquiftador do Mexico Fernando Cortes. Depois de muitas aventuras o máo tempo os levou ás Molucas, á vifta de Tidor. Julgavaõ elles achar hum afylo na fua antiga hofpi-

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

pitalidade, e della tinhaõ grande pr cizaõ, tendo perdido quafi toda a fu gente, e toda a fua marinha. O Tidorianos avifaraõ logo Galvaõ pa d'elle tomarem as ordens fobre modo com que fe deviaõ comport com elles, e com tudo os impedira de tomar porto. O que foi caufa c naufragarem. Os infelices que efca paraõ, cahiraõ em poder dos Tid rianos, que os remeteraõ a Galvaõ que os tratou com muita humanida de.

A paz de que gozavaõ entaõ a Molucas debaixo da conducta d'hu homem taõ prudente, e taõ apartad de toda a paixaõ, penfou fer perturba da por obra da guerra eftrangeira. primeira tempeftade fe formava na Ilhas de Java, de Banda, de Maca çar, e d'Amboine. Os negociante d'eftas Ilhas naõ tendo já o commer cio do cravo, como o tinhaõ d'an tes, fe tinhaõ preparado a fazelo cor maõ armada. Galvaõ tendo notici d'ifto, enviou-lhe, para os acautela Diogo Lopes d'Azevedo com 40. Por tuguezes, e 400. Ternatianos, e Ti dorianos. Diogo Lopes encontrou inimigo em Amboine, o desbaratou e lhe tomou os feus navios, fu

ar-

rtilharia, e fez muitos presioneiros. Ann. de J. C. 1537.
 segunda tempestade se prepa-
ava nas Ilhas de More. Galvaõ
cautelou tambem esta, enviando-lhe
um Padre que fez General da sua D. JOAÕ III. REI.
equena frota, em que tinha tambem
o Portuguezes. Este Padre chama-
o Vicente Fernando Vinagre era NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.
um homem de merecimento, que sabia
ambem manear a espada, como a ada-
a da palavra. Tendo vindo a encon-
ralo a frota inimiga para o combater,
lle a derrotou, e lhe matou o Ge-
eral.

Depois de ter redusido tudo pelo
sforço das suas armas nestas Ilhas re-
eldes, Fernando se pôz a fazer o
fficio de Apostolo, que lhe convinha
ertamente muito melhor, do que o
le Capitaõ, e de Soldado. Galvaõ,
uja ambiçaõ mais forte era de cons-
uistar tudo para Jesus Christo, o aju-
lou com o melhor que tinha. Na
verdade que as conversoens se faziaõ
um pouco á pressa, porèm o zelo
de Galvaõ hum pouco mais militar
do que Canonico se contentava com
sto. A religiaõ fez taõ grandes pro-
gressos em taõ pouco tempo, naõ só-
mente em Ternate, em Tidor, e
nas Molucas; mas tambem nas Ilhas
ce-

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

celebres de Mindanao, e nas o
tras adjacentes até cem legoas em
dondo. Galvaõ sentindo com tu
que hum progresso taõ rapido se d
mentiria com a mesma facilidade
a mesma prontidaõ, se elle naõ
masse medidas para o fortalecer,
fazer solido, estabeleceo hum Semi
rio para educar a mocidade na fé,
bons custumes. Foi elle o prime
nas Indias, que se lembrou d'hu
taõ precioso estabelecimento, o q
foi depois muito util. Este virtuoz
e prudente Governador usando de
dos os meios para adquirir estes Ilhe
para Deos, e para á Coroa de Po
tugal, esta boa gente, que previ
a perda que lhes succedia sentin
aproximar-se o fim do seu Govern
fizeraõ huma deputaçaõ a ElRei,
ao Governador General das Indias
para lhe pedirem a sua prorogaça
Porém hum homem amado até
ponto de o quererem fazer Rei, f
zia muito bem para ser conservad
em hum posto apartado, o que da
ciume. Além disto o seu successor
estava já em caminho, e se apressav
para vir destruir todo o bem que el
tinha feito.

As revoluçoens, que acontecera
na-

naqueles tempos no Reino de Decaõ, alli causaraõ grandes guerras, em que os Portuguezes foraõ obrigados a tomar alguma parte. Este Reino tinha sido como dividido, e repartido entre 18 Tyranos, que o ultimo Rei tinha estabelecido para governar as suas Provincias. Estes Tyranos se tinhaõ destruido mutuamente. Foraõ reduzidos logo a 7, e em fim a 5, que saõ chamados pelos Autores Portuguezes, o Idalcaõ, Nizamaluco, Cotamaluco, Madremaluco, e Melic-Verido. O Idalcaõ Ismael conservou sobre os outros huma espécie de superioridade, e de imperio. Era o tutor do herdeiro do Reino, que fez morrer por hum veneno lento, depois de ter esposado huma das irmãs d'este Principe.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Sufolarin hum dos seus Capitaens, mas antigamente seu escravo, se tinha insinuado tanto na sua graça, que Ismael o tinha feito Azedecan, isto he, Condestavel dos seus exercitos, o que o fez suppérior a todos os seus vassallos. Elle era grande Capitaõ, porém o homem mais artificioso, e mais velhaco. O Idalcaõ foi envenenado do mesmo modo. Azedecan foi disso suspeito como tambem Meli-

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

lique Ibrahim, hum dos filhos do Idalcaõ. Porém o Idalcaõ tendo deitado elle mesmo a suspeita sobre Cotamaluco, foi sitialo na Golconda debaixo d'outro pretexto, com hum exercito innumeravel. Quatorze Portuguezes que Cotamaluco tinha sob seus estandartes, emprehenderaõ a defensa d'esta praça, fortissima por si mesma. Elles fizeraõ morrer ao Idalcaõ perto de 20⨀. homens. As molestias, e as outras disgraças dos cercos lhe levaraõ mais de 100⨀, e Cotamaluco lhe remeteo perto de dez mil com as orelhas cortadas, rogando-lhe que os enviasse elle mesmo a Melic-Verido, que tinha feito o mesmo aos seus, e em favor do qual o Idalcaõ se tinha armado, com o pretexto de ser seu vassallo.

Com tudo o Idalcaõ morreo neste cerco d'hum abcesso procedido do veneno de que estava mal curado. Maluc-Can seu filho, em quem girava o sangue dos antigos Reis de Decan, por sua mãi, foi declarado herdeiro pelo seu testamento. Melique Ibrahim segundo filho do Idalcaõ, moço ousado, e temerario, naõ podendo sofrer esta preferencia, começou a revoltar, e a solicitar o animo dos

os Grandes. Maluc-Can o acautelou, fez reter presioneiro em Panelle, nde elle foi procurar Cogerte-Can. brahim achou meio de ter trato com Jizamaluco seu tio materno, que ôz em pé hum grande exercito, e orreo a livralo. Cogerte-Can naõ lhe uiz dar essa gloria, e pôz o seu preoneiro em liberdade. Com tudo as orças com que Nizamaluco se apreentou, fizeraõ ainda maior effeito a eu favor. Os grandes do Reino eleraõ Ibrahim até ao throno, e lhe ntregaraõ o pobre Maluc-Can, que foi osto á ferros do mesmo modo.

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Azedecan tomando 400ꝏ. Pardaos no thesouro do Idalcaõ, correo o Reino com hum poderoso exercito, para se aproveitar das conjuncturas presentes. Seguio o partido de Maluc-Can sendo-lhe dada a noticia da detençaõ deste Principe, pôz-se logo em marcha para hir direito a Visapores, para o livrar. Porém quem o guardava tirou os olhos a Malu-Can, tirou o thesouro que estava na Cidade, retirou-se para Ibrahim, e destruio por este modo todas as medidas de Azedecan.

Ibrahim mostrando querer conciliar este, lhe escreveo cartas que muito

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

to o obrigassem. Porém Azedecan que era bem servido pelos espias que tinha na sua Corte, naõ se fiou d'estas cartas insidiozas. Tendo-se avançado os seus exercitos, e distando só sinco legoas hum do outro, Azedecan enviou a Ibrahim hum dos seus confidentes, para lhe pedir hum salvo conducto para hir conferir com elle. Ibrahim sobornou o confidente, e lhe persuadio que assacinasse seu Senhor. Ou porque Azedecan fosse avisado, ou porque como elle era antigo Cortezaõ penetrasse a intençaõ d'este homem, o acautelou, e antes de o ouvir, o deitou morto a seus pés com hum punhal, desacampou, e se ligou com Cogerte-Can, descontente com o pouco reconhecimento, que Ibrahim lhe mostrava pelo ter tirado dos ferros.

Depois pôz toda a sua industria em soblevar diversos pequenos Senhores, para dar mais que fazer ao novo Idalcaõ. Principalmente, pôz em movimento os Indios Idolatras que tinhaõ sido n'outro tempo os Senhores das terras firmes de Goa, e finalmente obrigou os Portuguezes mesmo pela sua habilidade. Tudo isto se fazia com tanta destreza pela sua parte, que

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

e naõ parecia abertamente entrar em
da. O Idalcaõ, que naõ ignorava
ſeus procedimentos, porém que naõ
eria lançar-ſe n'huma revolta decla-
da, naõ ceçava de o obrigar a que
eſſe para a ſua companhia para ſe
rvir dos ſeus conſelhos, fazendolhe
il promeſſas de o tratar ainda me-
or do que o tinha feito o Idalcaõ
u Pai. Azedecan ſe eſcuſou ſimplex-
ente por cauſa da ſua grande idade,
tomando hum ar de devoçaõ, lhe
z teſtimunhar, que naõ queria mais
que penſar no Ceo, e que ſe diſ-
nha a retirar-ſe para Meca, para
li expiar os ſeus pecados.

Iludindo aſſim ſempre as inſtan-
as d'eſte Principe, o irritou de mo-
, que tomou o diſignio de o deſ-
uir a todo o cuſto. Azedecan foi
ſto logo aviſado, e prontamente pro-
urou a protecçaõ dos Portuguezes.
como o General lhe tinha já eſcri-
que os Guançares, que habitavaõ
s terras firmes de Goa, o tinhaõ fei-
ſolicitar, para que vieſſe tomar poſ-
deſtas terras, para as defender das
nvaſoens dos Idolatras, porém que
elo reſpeito do Idalcaõ; e em conſi-
eraçaõ a elle meſmo, naõ tinha que-
do fazer nada. Azedecan, que ti-
nha

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

nha feito todo eſte jogo, lhe re-
pondeo d'hum modo muito obriga-
vo, notando-lhe que elle podia aſſ-
nhorear-ſe d'eſtas terras inuteis, que e-
las naõ rendiaõ nada ao Idalcaõ, q-
teria mais goſto de as ver em pod-
d'elle, que no dos Gentios, que
poſſuiaõ com violencia.

Nuno, que ſó queria hum prete-
to para tomar eſtas terras, ſem q-
o Idalcaõ ſe eſcandaliſaſſe, vendo
coiſas em boa ordem, enviou Chri-
tovaõ de Figueiredo á Azedecan
que abrindo-ſe com elle ſobre as m-
intençoens do ſeu Principe a ſeu re-
peito, moſtrou querer retirar-ſe a Goa
com tanto que a neceſſidade o obr-
gaſſe a iſſo, e que Nuno o quiſeſ-
tomar na ſua protecçaõ. Depois d'e-
ta confidencia, e algumas idas,
vindas, Figueiredo tirou delle hu-
eſcrito, pelo qual conſentia em nom-
do Idalcaõ, e no ſeu, que os Portu-
guezes ſe meteſſem de poſſe d'eſta
terras; o que bem longe de ſer hu-
ma infraçaõ da parte d'elles, era
maior ſerviço que elles lhe poderia-
fazer, viſta a impoſſibilidade em qu-
ſe achavaõ de as defender.

O velhaco Cortezaõ tratou de-
pois com o Rei de Narſinga, e ſ-
pôz

ĵz em caminho para o communicar.
o meſmo tempo perſuadio Nuno da
unha que enviaſſe Chriſtovaõ de Fi-
ıeiredo com elle, fazendo-lhe ſaber
ıe as terras de Goa, tendo ſido an-
ʒamente do dominio do Rei de Nar-
ıga, acharia neſte Principe toda a
cilidade que elle quizeſſe, para que
ellas fizeſſe huma ceſſaõ, e huma
teira doaçaõ a ElRei de Portugal.
zedecan foi recebido do Rei de Nar-
ıga com tanta honra, que toda a
ıa Corte concebeo d'iſto hum extre-
o ciume. O Idalcaõ da ſua parte
julgou perdido, reconciliou-ſe com
ſeus inimigos, e enviou hum A-
uto a Biſnaga, para repetir o ſeu
ıſſallo fugititivo. O Rei de Narſin-
ı cometeo a reſpoſta a Azedecan
eſmo, e lhe enviou o Arauto.
zedecan lhe falou. Naõ ſe ſabe o
ıe ſe paſſou entre elles: porém pou-
depois, Azedecan abandonou o
ei, de quem acabava de receber
ntos favores, para tornar a paſſar
ara o Idalcaõ. Eſta partida precepi-
ıda reconciliou os dois Principes ar-
ıados hum contra o outro, ſem mu-
ar o coraçaõ d'Azedecan, e do Idal-
ıõ. Eſte penſava vingar-ſe d'hum
aſſallo perfido, e o outro ſe con-

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

fervava fempre na defconfiança, at
que por huma deftas partidas de mef
tre, fe arrifcou ou a ganhar, ou a per
der tudo, e elle o defarmou inteira
mente, indo-fe deitar a feus pés con
huma mui grande foma d'oiro, d
que lhe fez prezente procurando a fu
mifericordia.

Entaõ Azedecan perfuadio o Idal
caõ de repetir aos Portuguezes as ter
ras firmes de Goa, de que fe tinha
penhorado. O Idalcaõ o fez. Nun
preftes a embarcar-fe para hir a Diu
chamado pelo Sultaõ Badur no tem
po que fe tratava de conftruir alli
Cidadella, remeteo a refpofta par
á fua volta. Azedecan naõ a efperou
e enviou Solimaõ-Aga com tropas pa
ra recuperar a poffe deftas terras. O
Portuguezes as defenderaõ. Alli hou
veraõ diferentes, e pequenos combate
onde tiveraõ quafi fempre vantagem
Solimaõ fe fortificou em Ponda : o
Portuguezes em Rachol. Joaõ Perei
ra Governador de Goa, rebateo a al
tivez de Aga, e o desbaratou. Doi
valerofos chefes que foccederaõ a So
limaõ, tiveraõ a mefma forte, e hum
d'elles foi morto.

O Idalcaõ penetrado dos damno
que lhe fazia a guerra, e dos clamore
dos

dos povos deſtas terras, que ſupportavaõ todo o pezo, eſcreveo a Azedecan para lhe rogar que deziſtiſſe, e que deixaſſe os Portuguezes ſocegados. Naõ quiz elle fazer nada d'iſto; porém para adoçar a ſua eſcuſa, a acompanhou com hum prezente d'hum belo cavalo, ricamente jaezado, e com hum alfange guarnecido de pedras, e embrulhado em hum belo tecido d'oiro. A mãi do Idalcaõ que deſconfiava meſmo dos prezentes do traidor, impedio que ſeu filho os tocaſſe antes de os ter experimentado. O Pagem, que o fez, tirando o alfange da bainha, cahio morto, e inflexivel. Dois, ou tres que intentaraõ montar no cavalo, tiveraõ a meſma ſorte; tal era a força do veneno. A intençaõ de Azedecan naõ era duvidoſa, e foi huma confirmaçaõ da ſuſpeita, que tinhaõ tido, de que elle tinha envenenado o Pai, como tinha querido envenenar o Filho.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Naõ deixou com tudo de continuar a guerra contra os Portuguezes, e ſe fortificou ſobre o rio de Bori. Os Portuguezes, governados por Gonçalo Vaz Coutinho, o foraõ attacar com mais valor do que ordem, e diſciplina: Azedecan alli commanda-

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

va em peſſoa. Os Portuguezes foraõ obrigados a retirar-ſe depois de terem perdido 400. dos ſeus, entre os quaes ſe acharaõ muitas peſſoas de conſideraçaõ. Eſta diſgraça foi ſeguida da perda de Rachol, que o General mandou demolir. Em fim o General, e Azedecan, tendo ambos negocios mais entereſſantes, fizeraõ entre ſi huma mutua paz, pela qual as coiſas deviaõ ficar no eſtado em que entaõ eſtavaõ. Por eſte modo os Portuguezes ficaraõ ainda ſenhores das Alfandegas das terras firmes de Goa.

Em todo aquelle tempo o Samorim naõ eſteve ocioſo; ſempre cheio de odio contra os Portuguezes, e o Rei de Cochim, marchou para Cranganor com o pretexto de viſitar o ſeu Imperio, ou de ſe fazer coroar na Ilha de Repelim, aſſim como diz Lopes de Caſtanheda, porém com effeito para tornar a começar a guerra. O Rei de Cochim que foi atemorizado da ſua marcha, recorreo aos antigos alliados. Pedro Vaz Governador de Cochim; e Intendente da Fazenda, pôz logo tropas em campo para ſe fazer Senhor das paſſagens das Ilhas de Chatuá, e de Vaipim. Fez dizer no meſmo tempo

ao

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

o Samorim que naõ tinha intençaõ le cometter contra elle alguma hosti-idade, porém que se elle pretendesse ntrar na Ilha de Vaipim, ver-se-hia brigado, contra a sua vontade, a de-ender-lhe a passagem. E tendo o Samo-im passado avante, Vicente da Fon-eca, que commandava neste posto, obrigou a tornar para tras com per-la de mil homens. Pretendeo-lhe bem onar ao posto, ainda que Fernandia-ies de Sottomaior, Governador de Cananor, o reforçou com 16 fustas, 200. homens; porém tendo sabido que Martinho Affonso de Souza, en-iado pelo General vinha no seu al-ance para lhe dar batalha, naõ jul-gou a proposito esperalo.

Souza aproveitando-se d'esta reti-ada, foi cahir sobre a Ilha de Repe-im, rempeo todos os intrincheiramen-os, fez-se senhor da Cidade, e com-bateo taõ vivamente o Caimale, que havia algum tempo que tinha o nome le Rei, que teve muito trabalho pa-a se salvar, e salvando-se perdeo o seu chapeo, o qual era o final distin-ctivo da sua Soberania. A sua Cida-le foi saqueada, e devastada pelo fo-go; porém o espolio mais estimado, foi huma pedra de marmore, sobre a qual

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

qual coroavaõ os Imperadores de Calicut, e cujos nomes eſtavaõ eſcritos neſta pedra, paſſados mais de 3000 annos: e certas taboas de arame, nas quaes eſtavaõ gravadas ſerpentes, outro monumento ſagrado, que pertendiaõ ſer de tempo immemorial, e ter ſido feito pelos Imperadores da China, que parecem ſuppor terem ſido os Senhores do Malabar. O Rei de Cochim fez muito cazo do chapeo do ſeu inimigo, porque perdendo-o, era como ſe tiveſſe perdido a ſua Coroa.

O Samorim tornando com 40000. homens, Souza lhe fechou a paſſagem de Cranganor, e foi para o eſperar na de Cambalam. O Samorim chegou ahi primeiro, e tinha já feito paſſar 5000. homens. Porém iſto ſó ſervio de huma maior confuzaõ. Souza o desbaratou, e expulſou, ainda que elle chegou duas vezes ao poſto, com todo o corpo das ſuas tropas. Foi eſte o theatro do grande Duarte Pacheco, que devia ſer ſempre fatal aos Imperadores de Calicut, depois das victorias memoraveis que eſte valeroſo homem alli conſeguio.

Antonio de Brito que tinha comandado a vanguarda neſtes dois poſtos

s do Samorim, brigou ainda ſeis
ezes com elle, ſempre com grande
ntagem, depois que Affonſo de Sou-
a lhe deixou o governo como Chefe
o ſeu pequeno exercito, que ſó con-
ſtia em 400. Portuguezes, e 20$.
aires governados pelo Principe de
ochim.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Hum novo perigo tinha chamado
ouza para outra parte. Era huma
ota de Calicut compoſta de 25 fuſ-
s, commandada por Cutial Marcar.
ſte tihha achado em Challe Diogo
e Reinoſo com ſinco fuſtas, tinha-
e tomado huma, dando-lhe ſempre
aſſa. Souſa lha deo do meſmo modo;
tendo-o impedido de dobrar o pon-
al de Coulette, e o obrigou a fugir pa-
a Tiracol, onde ſe encalhou atras d'
um recife. Tendo Souza entrado no
Porto, o varejou por todo o reſto
o dia, eſperando obrigalo no dia ſe-
guinte. Mercar naõ podia eſcapar-lhe,
oſto que ſe tiveſſe fortificado toda
noite, e que ſeis mil homens das
erras foſſem chegados para o defen-
lerem. Porém Souza chamado por
um expreſſo do Rei de Cochim, ſe
vio obrigado a deixalo, para acudir
nde o mal era mais urgente. A ſua
preſença foi alli taõ util, que o Sa-
mo-

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

morim perdendo inteiramente o ar mo, entrou no ſeus Eſtados, e lice ciou o ſeu exercito.

Nos annos ſeguintes conſegu Souza huma nova gloria, e ganh novas vantagens ſobre eſte Princip pela deſtruiçaõ das ſuas frotas. O R de Cota na Ilha de Ceilaõ, amigo e alliado dos Portuguezes, ſe vio e grande perigo pela revolta de Madu Pandar ſeu irmaõ, que alcançan hum poderoſo ſoccorro do Samorim tinha, havia mais de tres mezes, Rei ſitiado na ſua Capital. Eſte Pri cipe tendo reccorrido aos Portugu zes, Souſa ſe pôz, logo no mar. S a noticia da ſua vinda fez levantar ſitio, e reconciliou os irmaõs inim gos. Ali-Ibrahim que commandava frota do ſoccorro, julgou baldadame te eſcapar pela fugida. Souza o e controu em Mangalor, desbaratou- muito, e lhe matou 1$200 homen

Madune, cuja reconciliaçaõ t nha ſido mais forçada do que ſincera ſe ſublevou de novo, e pôz nova tropas em campo. O Samorim lhe en viou hum ſoccorro mais conſideravel do que o do anno precedente, con duſido por Pate-Marcar. Era eſte hun Mouro de Cochim, que por algum

diſ-

gosto que tinha tido com os Por-
guezes, se tinha retirado para Ca-
ut, onde o motivo da sua retirada
tinha feito receber com mais con-
deraçaõ da que correspondia ao seu
erecimento. Tinha feito muito mal
s Portuguezes, e continuava em lho
zer. Souza pondo-se no seu segui-
ento, lhe apresentou batalha, e naõ
pôde vencer. Porém encontrando-o
utra vez em hum lugar, onde elle
zia espalmar os seus navios para pas-
r para á Ilha de Ceilaõ, o obrigou
combater, e o desbaratou depois de
r escalado as suas trincheiras: quei-
ou muitas das suas fustas, tomou 23,
uma muito numeroza artilheria, e
500. arcabuzes, e fez grande nu-
ero de prezioneiros. Depois d'esta
xpediçaõ, Souza passou á Ilha de
eilaõ com o mesmo successo, que ti-
ha tido na primeira vez.

Aladin filho de Mahmud Rei de
intam, que Pedro Mascarenhas ti-
ha destruido, depois da morte de
eu Pai, e a perda da sua Ilha, to-
ou o titulo de Rei de Ugentane, e
e tinha fortificado na Cidade de Jor.
eguia os vestigios de Mahmud, e
nimado das mesmas esperanças infes-
ava Malaca com os seus corsos. D.
Paulo

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cuhna Governador.

Paulo da Gama tendo hido para o def truir, cahio na frota de Laczamana Houve entre elles hum combate do mais violentos. Paulo foi alli mort com a maior parte dos feus, e os ini migos foraõ taõ maltratados, que na tinhaõ nem força nem animo, par hirem tomar os navios, que eftava em feu poder, incapazes de fe defen derem. Vindo D. Eftevaõ da Gam tomar poffe do Governo de Malac neftas circunftancias, vingou bem morte de feu irmaõ. Desbaratou a fro ta do Rei d'Ugentane, expulfou-o elle mefmo duas vezes das fuas trin cheiras, faqueou a Cidade de Jor, d pois d'huma acçaõ das mais celebre que fe pafraraõ em Afia, e obrigo efte Principe a aceitar a paz, con condiçoens taõ duras, que muito tem po efteve em eftado de naõ caufar in quietaçaõ.

Tudo eftava pacifico no Rein de Cambaia: Os Mogols tinhaõ fahi do, e naõ eftavaõ entaõ em eftad de caufar perturbaçaõ. Tinha entrad nelles a divifaõ, e os tinha levado pa ra á Peninfula d'além do Gange. Tfer-Cam fugitivo fe tinha retirado para o Rei de Bengala, que o tinha recebi do bem. Ingrato ao feu bem feitor,

Tfer-

r-Caõ fez guerra a eſte Principe, qual teve alguma vantagem, em nto teve conſigo Martinho Affon- de Melo Juſarte, e huns 40. Por- uezes, que o ſerviraõ bem, e me- raõ a ſua liberdade. Porém de- s morrendo eſte Principe, o Reino Bengala foi o theatro da guerra en- os Mogols. Tſer-Caõ mais felis do Omaum-Pate-Chá, o venceo, e o igou a hir mendigar ſoccorro a Cha- amas Rei da Perſia, ſucceſſor do nde Iſmael. Tſer-Caõ gozou por ito tempo da felicidade que lhe ti- a procurado a ſua victoria; porém no todas as proſperidades do mun- acabaõ, huma peça, que elle ia experimentar na ſua preſença, entou, e o levou.

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Sultaõ Badur naõ temendo mais migos taõ formidaveis, eſqueceo as andes obrigaçoens que devia aos rtuguezes, para ſó penſar na inju- que tinha feito a ſi meſmo, ven- ndo a ſua liberdade. He verdade e elle pretendia ter alguma raſaõ ſe queixar, aſſim de Nuno da unha, que tendo feito liga offenſiva, defenſiva com elle, naõ lhe tinha do todo o ſoccorro que elle eſpera- contra os Mogols; como de Ma- noel

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

noel de Souza Governador da Cid della, que tinha ajudado alguns d seus vassallos rebeldes, e lhe imped de os hir castigar. Porém ou seja r zaõ, ou paixaõ, ou ambas as cois juntas, fez todo o esforço para rar Diu do poder dos Portuguezes e expulsallos dos seus Estados. T nha mostrado a sua má vontade pe engano que fez no principio, quere do huma muralha entre a Cidade, a Cidadella, e naõ o tinha podi conseguir. Recorreo depois a outr artificios, e fez solicitar ocultamen todos os Principes da India, e Arabia, para fazerem todos huma l ga, e ajuntarem todas as suas forç contra huma Naçaõ, que naõ mostr va vir do fim do mundo se naõ pa destruir a sua Religiaõ, suas leis, seus costumes, para os insultarem, sobjugarem. Com esta vista foi qu elle enviou os sinaes da Soberani ao Idalcaõ, que os recusou. O Sa morim mais docil tinha entrado nc seus projectos, e tinha rompido muit sedo começando a guerra, de que aca bo de falar. Nizamaluco mais arte ficiozo, se contentou de se pôr en estado de se aproveitar das conjunctu ras. Era isto assás para realisar ás sus

pei-

as em vontades determinadas n'um
po ſuſpeito.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Tentativas feitas em taõ diferen-
Cortes naõ podiaõ ſer ſecretas.
10 foi aviſado de todas as partes.
decan foi o primeiro, que lhe
ubrio o nó d'eſtas intrigas. Al-
s Enviados de Badur que eſtavaõ
elle, deixaraõ eſcapar o ſegre-
com o vinho, abriraõ-ſe muito com
oas, que elle tinha d'ante maõ.
elaraõ que Badur ſe queria fazer
nor da Fortaleſa de Diu por algu-
ſurpreſa, e apanhar o General em
ım laço no ſeu Palacio, ou na ca-
de recreio de Melique-Jaz, na
l elle eſperava apanhalo com o
imento d'hum feſtim, e envialo
ois ao Gram-Senhor em huma
ola.

Manoel de Souza Governador de
foi aviſado ao meſmo tempo por
n homem, que ſe naõ quiz fazer
hecer para mais ſe fazer acreditar,
que o Sultaõ o faria chamar tal
, e a tal hora para o fazer aſſa-
ar. Com effeito foi chamado na
a notada, e no dia aſignado. Sou-
foi ao Palacio com hum ſó Pa-
n. Eſta confiança deſarmou Badur
o enviou cheio de prezentes. Po-
de

ANN. de J. C. 1537. D. JOAÕ III. REI.

de ser temesse elle fazer muito pou
ou fazer hum estrondo que naõ
lesse o trabalho. Pode ser que fosse
combatido tambem pelos conselhos
Rainha sua Mãi, e de Franguis-C
que naõ queriaõ que elle romp
com os Portuguezes.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Pelo que quer que fosse, pag
a confiança de Souza por outra
naõ era menos temeraria. Elle foi
noite bater á porta da Cidadella c
muito pouca comitiva. Manoel de S
za lhe fez abrir. Toda a sua guar
çaõ armada em numero de 900.
mens, dos quaes muitos tinhaõ hu
tocha na maõ, se achou prompta
ra o receber. Naõ obstante este
paro foi o quarto a entrar, e fi
muito tempo. Pretendia, dizem,
estes sinaes de cofiança, e de fam
aridade, desaperceber os Portuguez
e preparalos para o golpe que me
tava. Manoel de Souza naõ tev
ousadia de o reter por naõ ter p
isso ordem. Nuno se enfadou mu
com isto, e tornando a escrever
Souza que naõ desprezasse a occa
se ella se offerecesse.

Com tudo Nuno mesmo foi c
vidado por Badur para vir a Diu
conferir com elle negocios commu
qu

: lhes eraõ d'eftrema importancia.
e alli foi com 30. velas quafi to-
groffos navios, e deixando ordem
Martinho Affonfo de Souza, e a
tonio da Silveira que o feguiffem
n o refto da frota. Badur, que ef-
ando o General fe divertia com
na grande partida de caffa, eftava
n tudo attento á fua marcha. Elle
enviou faudar muitas vezes na fua
rota; e quando elle efteve em Ma-
faba, lhe fez levar refrefcos, e hu-
grande quantidade de caffa, vea-
, corfas, gazellas, e outros ani-
es que tinha caffado. No mefmo
Sultaõ foi dormir a duas peque-
legoas diftante de Diu. Em quan-
o General fe avançava para efta
dade, elle eftava doente, e affecta-
ainda mais parecello, a fim de ter
m pretexto para fe efcufar de hir
itar o Sultaõ taõ depreffa como elle
lezejava. Manoel de Souza, que ti-
a vindo a bordo do General em
m catur, foi encarregado de o hir
nprimentar, em quanto Coje Sofar,
feu genro hiaõ da parte de Badur,
ra teftemunhar a Nuno o gofto da
a chegada. Tendo Souza feito a
a commiffaõ, Badur refpondeo certi-
ando a pena que tinha da moleftia
do

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

do Generál. Querendo pois fazer-l
huma galantaria, accrefentou: „ E
„ tre amigos naõ fe repara tanto; e
„ que elle naõ pode vir, eu quero l
„ mefmo vello. „ E ao mefmo ter
po fóbe para á mefma fufta que
nha trazido o feu prezente, fem r
parar que ella eftava ainda çuja de fa
gue, e fe embarca com a fua equ
pagem de caffa, com hum pequeno n
mero de Senhores da fua Corte,
dois Pagens, dos quaes hum leva
o feu alfange, e o outro o feu arc
e flexas.

Huma vifita taõ pouco efperada
e de que o General fó foi avifa
hum iftante antes pelo catur de M
noel de Souza, que lhe tomou a dia
teira, fez que Badur naõ podeffe f
recebido com todo o apparato que e
divido a hum taõ grande Princip
Com tudo prepararaõ hum pouco
camera, e Nuno fe levantou para l
recebelo á efcada ao fom de inftr
mentos, e trombetas. O Sultaõ ve
do-o, lhe diz com graça: „ Se
„ tiveffe julgado acharvos taõ fra
„ tervos-hia enviado rogar, que n
„ fahiffes da voffa cama; porém
„ que alli a tendes, vamo-nos fe
„ tar na voffa camera. „

Ape

Apenas ſe ſentaraõ, que ocupa-
os igualmente, hum do perigo em
ue ſe tinha metido, e o outro do
orror de tudo o que lhe paſſava pe-
lembrança, ficaraõ algum tempo
ſpenſos, e em hum ſilencio que
i ſeguido d'huma converſaçaõ vaga,
geral. Os Officiaes, que ſabiaõ as
tençoens do Governador, eſtavaõ
romptos ao menor ſinal. O Gover-
ador da ſua parte naõ ſabia a que ſe
eterminaſſe. Hum Pagem tendo en-
ado entaõ para lhe falar ao ouvido,
Sultaõ emudeceo. Nuno perceben-
o iſto, enviou o Pagem ſem o eſ-
utar. Badur tendo preguntado em bai-
a voz aos ſeus, ſe alli eſtavaõ peſ-
oas encobertas, levanta-ſe, ſahe da
amera precipitadamente, e ſe deita
'hum ſalto na ſua fuſta.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Nuno acordando entaõ como d'
um profundo ſomno fala ao ouvido
e Souza, ordena-lhe que ſeguiſſe o
ultaõ, e o conduſiſſe á Fórtaleſa co-
o para lha moſtrar, e que nella o
etiveſſe, e depois voltando-ſe para os
Officiaes, que o olhavaõ com admira-
aõ, lhes diz. „ Ide ſegui o Sultaõ
para lhe fazerdes honra, e fazei o
que Souza voz diſſer. „ Neſte inſ-
ante deſceraõ com precepitaçaõ para

 mui-

nderaõ com mais felicidade. Foraõ om tudo obrigados a lançar-se a agua, epois de matarem sete dos seus adversarios.

Ann. de J. C. 1537. D. João III. Rei. Nuno da Cunha Governador.

Duas fustas sobre que vieraõ os reolheraõ; porém neste tempo hum dos agens de Badur, Abixin de naçaõ, sómente com 18 annos de idade, atou 18 Portuguezes. Atirava com nta destreza, e prontidaõ, que paecia atirar duas flexas de cada vez. aria mais damno se o naõ matassem om hum tiro de espingarda. Tres istas do Sultaõ que o acazo trazia e Mangalor, chegaraõ a tempo para soccorrerem. A batalha se fez enaõ mais cruel, porem com o favor 'este combate, o em que estava o ultaõ achando-se mais livre, ganhou ste Principe a terra á força de remos. erse-hia salvado se tivesse podido anhar o canal; porem hum catur saido da Cidadella lhe cortou o caminho, e lhe matou 14 remeiros com um tiro de falconete. Por cumulo le disgraça, como a maré vasava, a ua fusta se achou embaraçada no lado. Naõ vendo entaõ outro remedio, lançou-se á agoa com os seus para se salvar á nado, e escapar aos bateis Portuguezes que o alcançavaõ. Lutou al-

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

gum tempo com as ondas, porém er fraquecido com a ferida, e vendo-f quasi afogado, se declarou, e nado para o batel de Triſtaõ de Paiva, qu reconhecendo-o lhe eſtendeo hum re mo, no meſmo iſtante hum ſoldad lhe deo hum golpe d'alabarda n cara, e os outros marinheiros acab raõ de o matar com os remos.

Tal foi o fim de Sultaõ Badur que a uniaõ das ſuas boas, e ma qualidades tinha feito hum granc homem, e que a extençaõ dos Eſt dos que poſſuia devia fazelo reſpeit como hum dos maiores Principes. Se corpo fluctuou algum tempo ſobre agua, e deſapareceo depois; de ſort que o procuraraõ por ordem de Gene ral para lhe fazer as ultimas honras como convinha a hum taõ poderoz Monarca, e naõ o poderaõ achar, com tambem o de Manoel de Souza. San Thiago, ou Franguis-Can que ſe ſa vava tambem a nado, foi igualment morto pelos da Cidadella. Todos o outros Senhores da comitiva do Sul taõ, ou ſe afogaraõ, ou foraõ mor tos, á exceçaõ de Coje-Sofar, hum dos matadores de Rais Solimaõ, qu foi tirado da agua ferido. O Genera tomou d'elle hum grande cuidado, de

pois,

ois, e d'elle ſe ſervio com vantagem.

Os habitantes de Diu; que de ſima dos ſeus muros eraõ as teſtemunhas d'eſte eſpectaculo d'horror, venho morrer o ſeu Sultaõ, que taõ cruelmente aſſacinavaõ debaixo dos ſeus olhos, e ſem que elles lhe podeſſem dar ſoccorro, naõ eſperando outra coiſa a ſeu reſpeito, depois d'hum aſſacinio taõ barbaro, e eſperando tudo o que ha de mais funeſto, ſe entregaraõ a huma fugida taõ cega, que ſem penſar no que tinhaõ de mais preciozo, ſcodiraõ ás portas para ſahirem da Cidade, e de tal modo ſe aprezentaraõ em tumulto alli, que morreraõ muitos abafados. Outros ſe precepitaraõ de ſima dos muros, e houve hum grande numero dos que ſe afogaraõ atraveſſando a nado para o continente.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA, GOVERNADOR.

Para remediar eſta confuſaõ, Nuno enviou logo ao porto aſſegurar aos Capitaens dos navios mercantes que alli ſe achavaõ, e prometer-lhe huma franquia inteira. Intimou prohibiçoens muito rigoroſas aos ſeus, e fez enforcar hum ſoldado Flamengo, que tinha tomado alguma coiſa na Cidade. Obrigou depois Coje-Sofar a enviar da ſua parte os habitantes, para os fazer tornar do ſeu terror panico,

e

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

e defculpar huma acçaõ de que o a
fo, e a culpa do Sultaõ tinhaõ f
a caufa, e naõ algum defignio pren
ditado.

Nuno enviou do mefmo mo
para á Rainha mãi para lhe dar
pezame da morte de feu filho, e pu
ficar-fe da fufpeita que ella podia te
de que elle teria tido niffo algu
parte, e para lhe offerecer os fe
ferviços em conjunčturas taõ penive
Porém efta Princefa eftava muito ir
tada para admitir as efcufas mais a
zoadas, e paliadas. Fugio ella
Novanaguer onde eftava, levando co
figo os thefouros.

Com tudo o General fe affenh
reou do Palacio, e dos armazens. C
mo naõ acharaõ nos cofres do Sult
fe naõ 200ф. pardaos, foma mui
modica para hum taõ grande Mon
ca, fufpeitaraõ nos Officiaes, q
tinhaõ tido a commiffaõ de fazer a
fita, e no mefmo General, de t
rem divertido fomas immenfas. O q
acharaõ de refto em joias, moveis
artilheria, muniçoens era inextimave
fem falar em mais de 120 embarc
çoens, de que fe apoderaraõ.

Mir Mahamed Zaman, a que
Badur tinha dado hum azylo, quan
ex-

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

xpulsado do Reino de Delli, que
us antigos tinhaõ possuido, naõ sa-
a a quem recorresse, julgou entaõ
r hum direito legitimo de se fazer
.ei de Cambaia; porque este Estado
nha sido n'outro tempo parte do de
)elli, de que elle se pretendia sem-
re o legitimo herdeiro. Foi nesta vista
presentar-se á Raynha mãi de Badur,
fferecendo-se para a vingar dos Por-
uguezes, se ella quizesse favorecer
s suas pretençoens. Porém esta Prin-
esa julgando naõ se dever fiar del-
e, rejeitou as suas proposiçoens, e
e pôz em segurança. Entaõ Zaman
ecorreo ao General, a quem fez of-
erecimentos muito vantajozos para
onseguir a sua alliança. Nuno os
ceitou com gosto; porém isto mesmo
ez injuria a Zaman. Os principaes
Senhores de Cambaïa tomando aver-
aõ a hum homem, que se ligava
com o matador do seu Soberano, ao
qual elle devia tantas obrigaçoens pes-
soaes, elevaraõ ao Throno Mahmud
sobrinho de Badur, que poseraõ na
tutela de tres Ministros, que eraõ os
mais poderozos Senhores do Estado.
Zaman naõ seguindo o conselho, que
Nuno lhe tinha dado, de se pôr lo-
go em campo com as maiores forças
que

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

que elle podesse, foi destruido pel seu competidor; e obrigado a ret rar-se para o Rei dos Mogols, qu lhe deo o Reino de Bengala, dond foi tambem expulso por Tzercam.

O victoriozo Mahmud quiz toma satisfaçaõ da morte de Badur a An tonio da Silveira Menezes, que Nu no tornando a Goa tinha feito Go vernador da Cidadella de Diu; na tanto por ser seu cunhado, como po ter verdadeiramente merecimento. An tonio respondeo da maneira que lh pareceo proprio ao satisfazer, aind que elle naõ o devia satisfazer. Po rém como Mahmud naõ estava ain da em estado de romper, naõ demo rou muito o golpe. Algum temp depois fez algumas proposiçoens d paz, que Silveira naõ quiz escutar sem que elle naõ ratificasse as mesmas vantagens, que tinha feito Mir-Mahmud Zaman. Por este modo tu-do concluio n'huma tregoa, na qual os Portuguezes de Diu naõ deixaraõ de ter que sofrer a interrupçaõ do commercio até á vinda do General, que a desconfiança que tinha da Corte de Cambaia, e as noticias que recebeo dos preparativos, que o Gram Senhor fazia em Suez, obrigaraõ a tor-

rnar a Diu, a fim de pôr em esta- ANN. de J. C. 1538.
esta Cidade, a qual lhe dava to-
o motivo de temor.

Com effeito os prezentes de Ba- D. JOAÕ III. REI.
ir fizeraõ impressaõ na Porta. O En-
ado d'este Principe os tinha feito
assar de Meca ao Cairo, d'onde o
acha Solimaõ, que alli comman- NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.
iva, os fez transportar a Constanti-
opla, onde elle mesmo os seguio
ouco depois, acompanhado d'alguns
ortuguezes arrenegados, de que Ba-
ır fazia tambem hum prezente ao
íram Senhor. Solimaõ filho de Se-
m, e neto do grande Bajazet, ti-
ha entaõ o Sceptro do Imperio Ot-
omano. Era este hum grande Princi-
e que pensava como Monarca, e que
mava a gloria. Foi penetrado de se
er procurado de taõ longe por hum
oberano cujos prezentes davaõ hu-
ia taõ alta idéa por serem ricos, e
oberbos. E ainda que elle soube
uasi ao mesmo tempo o seu fim infe-
is, naõ teve maior inveja do que a
e levar as suas armas victoriosas ás
ndias, lizongeado da esperança de
onquistar hum Reino taõ rico, de-
aixo do especiozo pretexto de o soccor-
er. Julgou elle isto tanto mais facil,
que reflectindo ao que tinha feito no
Ori-

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Oriente hum pequeno numero de Portuguezes, elle se via tambem excitado pelos Portuguezes arrenegados que lhe reprefentavaõ como a cousa mais facil do mundo, o ganhar à sua naçaõ todas as suas conquistas.

Solimaõ Bacha do Cairo foi nomeado General da expediçaõ, mais pelas intrigas do Serralho, do que pela consideraçaõ ao seu merecimento pessoal. Era este hum Grego natural da Morea que o seu estado de Eunuco, e sua enorme fealdade com a sua economia, tinhaõ posto na confiança dos Sultoens até ao ponto, de lhe darem a principal auctoridade no posto o mais zelozo da Corte, onde as Senhoras principaes deste grande Imperio pelos privilegios do sexo engrandecem viz escravos capados pela sugeiçaõ, e dependencia em que saõ obrigadas a viver a respeito d'elles. Estava elle entaõ na idade de 80. annos, e se tinha feito taõ monstruoso, que tinha mais de largo que de comprido, e naõ podia dar hum passo sem o soccorro de quatro pessoas. A sua alma ainda era mais disforme que o seu corpo, todas as qualidades do seu coraçaõ, e do seu espirito se assemilhavaõ perfeitamen-

ente a huma brutalidade dominante, e o fazia mais cruel do que as fe- ; mais indomitas.

Como elle fe tinha obrigado a zer o feu armamento fem cuftar ida á Porta, pôz-fe em eftado cumprir a fua palavra pelo fan- ie que derramou, e as cuncuffo- is horriveis que cometeo. Mir-Daud ei da Thebaida, que lhe tinha da- grandes foccorros d'homens, e de nheiro, foi enforcado por fua or- em em recompenfa. Ouveraõ pou- s familias confideraveis no Egypto, quem as riquefas naõ ferviffem de ime, e que naõ tiveffem que derra- ar lagrimas em confequencia dos def- rros, das profcripçoens, das mortes uentas, e confirmaçoens dos bens, otivadas pela fua infaciavel cubiça.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A armada que elle tomou em uez era compofta de 70. velas, pela aior parte galeras, e outras embar- açoens á remos, nas quaes tinhaõ mbarcado 7ꝏ. homens de tropas re- ulares, Janifaros, Mammelus, fem alar dos Chiourmes, entre os quaes avia muitos Chriftaõs forçados, e m particular Venezianos que tinhaõ etido em Alexandria, na occafiaõ da otura que entaõ houve entre efta Re- publica, e a Porta.

Tan-

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tanto que elle esteve no ma fez pôr 400. homens d'armas ao mo, e como soube que elles tin sofrido com impaciencia huma tal juria, fez cortar a cabeça a 200. ra calar os outros. Chegou a Gid donde o Cheque, que conhecia a ferocidade achou o meio de escap aos seus laços, retirando-se para ás t ras. O Rei de Zeibit menos sab confiando-se-lhe de muito boa fé, te a cabeça cortada. O de Adem credulo ou taõ timido foi igualmente victima da sua crueldade. Solimaõ pois de ter recebido os presentes este pobre Principe, se fez senhor sua Cidade pelo meio d'aquelles, q elle tinha rogado, que os quiseſſe bem receber como doentes, e o f enforcar depois com os principaes S nhores da sua comitiva, que elle nha atrahido para huma practica. T foraõ os preludios das cruentas Tr gedias que elle esperava fazer nas I dias, para onde caminhava com velas cheias.

A Corte de Cambaia naõ esper va pela sua chegada, para começ as hostilidades, para ás quaes se pr parava occultamente havia muito ten po, para vingar a morte de Badu

Coje-

je-Sofar, que era a alma dos de-
iios desta Corte, com a qual en-
tinha huma secreta correspondencia,
;anava os Portuguezes com a mais
feita disimulaçaõ pelos mesmos ser-
os que lhes fazia. Tinha entre el-
muita consideraçaõ, porém os seus
neficios naõ tinhaõ podido curar a
iga do seu coraçaõ, chagado pelo
icinio do seu senhor, e naõ os ti-
a servido se naõ para assegurar a
i vingança. Tanto que elle teve
avisos certos da marcha da frota
tomana, fugio de Diu com a sua
milia; porém elle o fez com tanto
gredo, e destresa, que ainda que
a familia fosse muito numeroza pe-
multidaõ das suas mulheres, e dos
us escravos, nunca os Portuguezes
poderaõ presentir, e naõ o percebe-
õ, se naõ depois de lhe ter esca-
ido com toda a sua gente.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Depois d'esta evasaõ, naõ tendo
ais duvidoza a guerra, Antonio da
ilveira de Menezes se preparou co-
io homem que a esperava. Nuno
ntes que partisse de Diu tinha feito
estruir o bairro chamado a Cida-
e dos Rumes, e nelle tinha come-
ado hum baluarte. Tinha feito abrir na
Cidadella huma cisterna taõ comprida,
e

e taõ larga, que podia contar até n
pés de agua. Silveira aperfeiçoou eſ
obras, e fez encher a ciſterna. Aju
tou quantas proviſoens de guerra,
de boca pôde, deſarmou os Mour
que eſtavaõ na Ilha, e reteve quat
dos mais conſideraveis para lhe ſer
rem de refens. Publicou edictos p
ra vedar a fugida dos que a eſpera
ça da guerra tinha atemorizado,
fez enforcar alguns, dos que as ſu
ordens naõ tinhaõ podido reter. E
fim deſtribuhio a pouca gente que
nha por diferentes poſtos, onde ed
cou bons Officiaes.

Amn. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Mahmud, que da ſua parte
nha feito os ſeus preparativos co
muito ſegredo naõ tardou a pôr-
em campo. Tinha ajuntado em Chan
panel 15ȸ. homens eſcolhidos: a
ber 5ȸ. cavallos, e 10ȸ. de Infant
ria. Ale-Can, hum dos Miniſtros,
ve o commando geral d'eſte exer
to. Coje-Sofar, que commandava d
baixo d'elle, ſe avançou primeiro co
hum corpo de 3ȸ. homens de Cav
laria, e 4ȸ. de Infantaria, com
quaes veio dar hum attaque repenti
ao baluarte da Cidade dos Rumes
que naõ eſtava ainda acabado. Fra
ciſco Pacheco, que defendia eſte po
t

com 14 Portuguezes fuftentou-fe
n muito vigor, até fer foccorrido
: Silveira: Sofar que na acçaõ teve
ma maõ paffada com huma bala de
abus, foi obrigado a retirar-fe. Alu-
n tendo chegado pouco depois com
refto das tropas, Sofar, e elle ef-
beleceraõ os feus quarteis nos luga-
que lhes pareceraõ mais proprios
ra entrar na Ilha. Silveira tinha
nprehendido defender as paffagens,
tinha começado a prover niffo. Po-
n muito inferior aos inimigos ten-
além d'iffo perdido por huma tem-
ftade algumas embarcaçoens, que ti-
a pofto no canal com hum bom
mero de peças d'artilheria, vio-fe
rigado a dezemparar a Ilha, e a Ci-
de onde os inimigos entraraõ logo,
foraõ recebidos com huma extrema
tisfaçaõ dos moradores, que crendo
rem quebrado as fuas cadéas, e fa-
dido hum jugo eftrangeiro, e odio-
, tornavaõ ao feu primeiro Senhor.
Pofto que defde o dia feguinte
fua entrada Alu-Can, e Sofar
veffem começado a apontar o ca-
haõ contra o baluarte da Cidade dos
umes, naõ fe fez nada de confide-
çaõ d'ambas as partes até á chega-
da frota Ottamana que appareceo
em

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

em 14 de Setembro neſta order
Quatorze Sultanas formavaõ huma
nha que ocupava o largo, e form
vaõ a ala direita, outras ſete Sul
nas hiaõ quaſi coſtear a terra, e f
mavaõ a ſegunda linha á eſquer
No centro eſtava o reſto da frota
que cobriaõ os navios de carga, e
tranſporte. A viſta pompoza d'e
frota taõ numeroſa, e tambem e
bandeirada, e empaveſada, fez tar
impreſſaõ ſobre os inimigos como
bre os Portuguezes. Porque ſe eſ
tiveraõ lugar de temer hum taõ forn
davel armamento, os outros começ
raõ a temer de ter tomado hum ſc
corro, que parecia ſer vindo menos
ra os defender, do que para os op
mir.

Sofar foi logo á Capitania p
ſaudar o Bacha, com quem teve h
ma longa practica a reſpeito das conju
turas preſentes, e na qual lhe ap
nava todas as difficuldades, repreſe
tando-lhe o cerco de Diu como h
ma coiſa facil, e de pouca duraç
Solimaõ querendo dar idéa de ſi d
de os principios, mandou á terra 7
Janiſaros bem veſtidos, e bem
mados. Eſtes inſolentes entraraõ
Cidade como n'uma praça tomada
a

alto, e alli cometeraõ os mesmos
cessos. Até os mesmos seus princi-
es Officiaes tendo procurado ver o
eneral, e sendo admitidos á presença
este velho venerando, lhe perderaõ
respeito, pegando-lhe pela barba,
sacudindo-lha, temeridade que te-
sido paga por huma morte prom-
a, se este prudente homem naõ evi-
se o golpe, dizendo: „ Isto saõ es-
trangeiros, e esta he sem duvida
a moda de saudar no seu paiz. „
u-Can naõ deixou com tudo de fa-
r reflexoens, e se retirou do exer-
o para naõ estar mais exposto a si-
lhantes insultos. Os Janisaros naõ
eraõ depois mais do que passar por
ixo da Cidadella, fazendo huma
scarga com os seus arcabuzes, e fle-
s. Mataraõ 6 pessoas, e feriraõ vin-
. O fogo da praça fez sobre elles
õ grande effeito, que morreraõ 50,
houve maior numero de feridos;
que os fez hum pouco mais co-
edidos.

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Sobre a noticia que Silveira ti-
na tido da vinda dos Rumes, tinha
espachado Miguel Vaz em huma cur-
eta para lhes hir ao encontro, e to-
ar conhecimento da sua armada.
lle o fez como homem habil, e vol-

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

tou a Diu, donde Silveira o despacho ao General com huma carta breve na qual se referia ao portador para hu ma maior relaçaõ. Miguel Vaz, par se segurar ainda mais da relaçaõ qu havia fazer, reconheceo esta frota d taõ perto, que tomou hum conhecimen to taõ completo como elle podia de zejar. Porém o seu atrevimento feri tanto o Bachá, que pôz duas galera no seu seguimento. Como porém a su curveta era muito ligeira, e foi soc corrido do vento, tomou o largo, e fo executar a sua commissaõ para o Gene ral, que se dispóz a enviar alguns soc corros, esperando vir pessoalmente.

No outro dia d'esta vam aparenci dos Janisaros, huma violenta tempesta de maltratou tanto a frota de Solimaõ que foi obrigado a levar ancora, para hir buscar o porto de Madrefaba, no qual perdeo 4 dos seus navios de car ga, cujos fardos sendo levados á praia o grande numero de selas, e de ar reios de cavallos, que alli se acharaõ causou espanto aos Guzarates. Ti raraõ elles d'isto hum máo agouro e comprehenderaõ, ainda melhor do que o tinhaõ feito, o designio em que estavaõ os Turcos de se assenhorearem do paiz, o que junto ás crueldades

que

que tinhaõ commetido em Adem, e por toda a parte na ſua derrota, os esfriou muito a reſpeito d'elles, e foi muito util depois aos ſitiados.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A auzencia da frota, que foi de 20 dias, deo tempo a Silveira de fortificar os lugares fracos da praça, e de a pôr em eſtado de fazer huma mais vigoroza reſiſtencia. Sofar, e os Turcos que tinhaõ ficado em Diu, naõ eſtiveraõ com tudo ociozos. Eſtabeleceraõ os ſeus quarteis, adiantaraõ as ſuas trincheiras, principalmente para o baluarte da Cidade dos Rumes por onde tinhaõ rezolvido começar: prepararaõ as ſuas battarias, e fizeraõ vir de Madrefaba por terra hum baſaliſco d'exceſſiva grandeza. Foi o unico que poderaõ conduzir, ainda que com infinito trabalho, por cauſa do comprimento do caminho, e dos areaes por onde devia paſſar.

Com iſto elles ſe apoſſaraõ d'huma barca, que ſervia no porto para á deſcarga dos navios, e em ſima d'ella levantaraõ huma torre muito alta, para igualar os parapeitos do baluarte. Encheraõ-na de materias combuſtiveis, e fetidas, e de differentes artificios. Elles a tinhaõ attracado por quatro ancoras ao leito do rio, e o ſeu

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

designio era aproveitarem-se das grandes marés para a chegarem ao baluarte, e alli entaõ lhe lançarem fogo na esperança, ou que o fogo, e os artificios impediriaõ os sitiados de se defenderem, ou que o grande calor, e o fumo os sufocariaõ. Silveira, que penetrou as suas idéas os deixou trabalhar. Porém quando a maquina esteve prompta, seguindo o exemplo que lhe tinha deixado em similhante occasiaõ o grande Albuquerque, deo a commissaõ a Francisco Gouvea, Capitaõ do porto de a hir queimar, quando a noite desse lugar, o que elle fez com muita afouteza, e valor.

Vindo Solimaõ com a frota, começou a artelharia a jogar com violencia contra o baluarte da Cidade dos Rumes. Silveira tinha tentado em huma noite lançar-lhe alguma gente, e municoens; porém como Pacheco tinha feito murar a porta, naõ pôde ser soccorrido. Com tudo o continuo fogo do inimigo tendo arrasado todos os parapeitos, e feito huma grande brecha, Sofar veio ao assalto com 700 Janisaros sustentados por 13ꝏ homens. A pezar disto foraõ tambem recebidos por esta pe-

que-

uena porçaõ d'homens que a defen-
iaõ, e principalmente por dois mo-
os que sofreraõ todo o pezo d'esta
ornada, que os Turcos foraõ obriga-
os a retirar-se com huma grande per-
a. Como porém o baluarte estava se-
arado da Fortalesa, e naõ estava em
stado de se conservar por muito tem-
o, o medo que tomou Pacheco o
brigou a capitular. No dia seguin-
e perto do meio dia viraõ a Bandei-
a Ottomana arvorada sobre o baluar-
e. Hum velho chamado Joaõ Perez
ndignado de ver este Estendarte em
ugar do de Jesus Christo, correo se-
guido de outros 5 valerozos, e o abateo,
arvorou de novo o da sua Reli-
giaõ. Fez 3 ou 4 vezes a mesma coi-
a com igual determinaçaõ em des-
preso dos Musulmanos, até que opri-
nidos pelo grande numero, perderaõ
odos a vida que tinhaõ vendido cara
os seus inimigos. Os seus corpos dei-
ados no rio foraõ levados como por
milagre, e contra a corrente, dizem,
ás portas da Cidadella onde lhes de-
aõ huma honrosa sepultura. Pache-
co, e os seus mais fracos, e mais
indignos de viverem, perderaõ a li-
berdade que lhes tinhaõ premitido,
e naõ conservaraõ os seus dias por
al-

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

algum tempo se naõ tomando o Tur
bante ; fraquesa que Solimaõ mesm
vingou logo depois.

O Bachá tendo feito inutilmen
te citar o Governador para se rende
depois da tomada do baluarte , se dis
pôz a attacar a Cidade. Fez prepa
rar para este effeito seis battarias , na
quaes entravaõ mais de cem pessa
de canhaõ , nove basalifcos que lan
çavaõ balas de 90 a 100 libras , e
murteiros que lançavaõ pedras de
para 7 pés de circumferencia. 2
Turcos eraõ destinados para a sua guar
da debaixo das ordens de Sofar ,
de Suf-Hamed , Governador d'Ale
xandria. As battarias começaraõ a jo
gar em 4 de Outubro , e varejara
a praça 25 dias sem descançar. Com
elles attacavaõ segundo as regras da'ar
te , que combattiaõ de perto , e que ti
nhaõ bons artistas , logo nos primeiro
dias descavalgaraõ a arttilheria da pr
ças, e as ameias das torres e os parapei
tos todos foraõ baluartes abatidos ; e en
quanto battiaõ em brecha , adiantava
as suas trincheiras até ao fosso , passa
raõ-no , e uniraõ o mineiro ao bas
tiaõ, onde commandava Gaspar de Sou
sa. Silveira da sua parte fazia tudo c
que se pode esperar da attençaõ, da
acti-

tividade, e do valor d'hum grande
apitaõ. O inimigo nunca o achou
ſprovido, tinha diſpoſto tudo de mo-
, que todos os quarteis ſe podiaõ
r a maõ. Elle eſtava ſempre on-
o fogo era mais vivo, e ainda
ue naõ pôde impedir aos ſitiantes d'
ançarem pé a pé, diſputou o ter-
no do meſmo modo com todos os
tificios, que hum eſpirito fertil em
xpedientes pode inventar, e com
quelle deſaſombramento, e firmeſa d'
ma que de nada ſe eſpanta, e que
aõ podendo acautelar tudo, a tudo
á remedio.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Os Soldados ſempre valentes quan-
o ſaõ bem governados, naõ deſmen-
aõ da firmeza do ſeu General. Con-
avaõ nelle, e iſto baſtava. E verda-
eiramente neſte cerco os Portugue-
es do primeiro até ao ultimo ganha-
aõ honra. Eraõ poucos comparados
om o inimigo. O numero diminuia
ada dia pelos diferentes combates, que
inhaõ para ſuſtentar, ou nas ſortidas,
u na defenſa dos ſeus poſtos. Os
iveres, e principalmente as armas, e
s muniçoens lhes faltavaõ. A corurpçaõ
las agoas da ciſterna lhes cauſou eſcru-
uto. O numero dos mortos, e feridos
hes augmentava os ſeus trabalhos. Em
fim

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

fim perderaõ a eſperança de ſerem ſo corridos, o que naõ obſtante n ſe dezanimaraõ nunca, e moſtrar até ao fim a coragem mais admirav

Muitos ſe diſtinguiraõ d'um m do ſingular. Louvaõ alguns em pa ticular, hum moço Heſpanhol do Re no de Galiza de 18 para 19 ann de idade, e de muito pequena eſtatu o qual tendo-ſe lançado em huma ſo tida a hum Mouro dos mais poſſa tes pela ſua figura, e pelas ſuas fo ças, o preſeguiò tanto que o ob gou a entrar no mar onde o ſeguio como a ſua pequenhes lhe fez perd logo o pé, o Mouro ſe lançou ſob elle para o afogar com o ſeu pezo O moço naõ eſmoreceo, traſpaſſo o ſeu adverſario com muitas feridas matou-o, ſahio da agua, retirou-ſ depois com paſſos lentos, e com to da a paxorra da ſua Naçaõ, para Fortaleſa, á traves d'huma multidaõ d balas, e flexas que pareciaõ reſpeita lo, depois d'huma taõ bela acçaõ. Joa da Fonceca naõ ſe fez admirar meno no ſeu valor. Porque ſendo ferid gravemente no braço direito, com qu elle eſgrimia vivamente com hu meio pique, naõ fez mais do qu mudar de maõ, e ſe moſtrou muit

agra-

gravado contra Duarte Mendes de Vasconcellos, que o tinha exortado duas vezes a que se retirasse para se fazer curar. Fernando Penteado ferido perigosamente na cabeça em hum attaque, naõ teve paciencia para esperar pelo cirurgiaõ, e se escapou para tornar á peleja; onde sendo ferido segunda vez, e trazido para o curativo, e fugindo tambem, se lançou entre os inimigos como hum leaõ, e recebeo terceira ferida. Hum soldado, cujo nome se naõ sabe, arrancou hum dos seus dentes no furor do combate, e o meteo no seu arcabus por lhe faltarem balas. Hum chamado Joaõ Rodrigues, homem de extraordinaria valentia, e de animo igual ás suas forças, se fez muito notavel pela singularidade das suas acçoens; porque expondo-se muitas vezes a morrer, lançava contra os inimigos barris inteiros de polvora, e artificios de fogo, e elle só matou taõ grande numero, que foi hum dos que adquiriraõ mais gloria neste famozo cerco.

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

As mulheres naõ se distinguiraõ menos do que os homens, porque sem falar da admiravel constancia, que mostrou huma, que perdeo os seus dois filhos, naõ houve nenhuma que se

naõ

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

naõ quizesse assignalar. Entre as pri
cipaes foi huma Izabel da Veiga
mulher d'hum Official, queria s
marido antes do cerco enviala a G
para casa de seu pai; porém esta m
lher que naõ tinha menos virtude, q
beleza, nunca pôde consentir em s
parar-se delle, querendo viver, e mo
rer diante dos seus olhos. Tan
que os inimigos se pozeraõ á vista
praça, depois de ter communicado
seus pensamentos a Anna Fernand
mulher do cirurgiaõ mor, mulher
animo varonil, e sustentado por h
ma grande piedade, ajuntou todas
do seu sexo, e lhes fez huma fala
em que por muitas rasoens, e exen
plos lhes mostrou o que ellas podiaõ f
zer nas circunstancias em que se ach
vaõ, e as animou tambem, que est
mulheres tendo sempre na frente e
tas duas Heroinas, naõ sómente ex
cederaõ a sua fraqueza, supportando va
lerosamente todas as disgraças ordi
narias em huma praça sitiada, porér
repartiraõ tambem os trabalhos milita
res, até se misturarem no forte do com
bate, animando huns, exortando ou
tros, levando muniçoens, e fornecen
do as armas, com que naõ podiaõ pe
leijar como dezejavaõ.

Os

Os inimigos, tanto que as bre-
as se pozeraõ em estado, e as mi-
s fizeraõ o seu effeito, naõ cessaraõ
fazer assaltos de dia, e de noi-
, assim ao baluarte de Gaspar de
usa, que mataraõ indo reconhecer
mina, como ao de Lopo de Sou-
, que era o mais fraco. Porém as
rtaduras, que Silveira tinha feito ata-
ndo-os por toda a parte, e os
rtuguezes peleijando como Heroés,
rechassaraõ sempre com perda.

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

Com tudo chegou hum pequeno
ccorro de 20 homens resolutos, que
1 4 bateis abordaraõ a Fortalesa,
animaraõ as esperanças dos sitiados,
m as novas da chegada de D.
arcia de Noronha, que a Corte ti-
ia enviado Visorei, para render Nuno
Cunha, e que mostrava vir combater
frota Ottomana com grandes forças.
Bachá indignado de que estas pe-
uenas embarcaçoens tivessem passado
ezaforadamente por entre a sua arma-
a, opprimido além disto pelo temor
a vinda do Visorei, se vio ainda
ais animado para apertar mais viva-
iente o cerco, e fez dar hum assal-
o ao baluarte do mar, onde com-
iandava Antonio de Sousa. Os ini-
nigos se chegaraõ com 50 bateis
de

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

de que alguns meteo a pique a a
lheria do baluarte. Plantaraõ log
efcalada, porém vindo por tres ve
ao lugar, naõ confeguiraõ mais
que o difgofto da perda que alli fi
raõ, e a injuria de ferem desbara
dos.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Tanta refiftencia fó fervia de
ritar mais o foberbo Bachá, que
folveo fazer o ultimo esforço, faz
do dar hum affalto geral á Fortale
Para melhor enganar o Governa
divulgou que hia levantar o cer
Com effeito fez aparelhar, ceffou
fogo das batarias, e á vifta dos fit
dos fez embarcar mil homens em
fultanas ou galeras, que logo tom
raõ o largo. Porém n'efta mefma n
te, que era a de 31 de Outubro
fez levar quantidade de efcadas pa
os foffos. Silveira a quem efta va
demonftraçaõ naõ enganou, tendo
prefentido, d'ifto tirou fuas conject
ras para o lugar do attaque, e pr
veo nifto como homem habil.

No outro dia, appareceraõ
amanhecer 14 mil homens em arma
Eftavaõ divididos em tres corpos.
artilheria inimiga fez hum fogo ter
vel para alimpar as brechas. Parti
do o primeiro corpo que fazia a va

guar-

rda, huma parte correo ao balu- onde estava a casa do Governa- , que as battarias dos inimigos ti- ó quasi demolido, e a outra partio ita aonde elles tinhaõ escondido as ; escadas. Porém como os postos vaõ bem providos, nenhum destes areceo em sima das escadas, que cahisse morto nos fossos. E como lugar era estreito, e os inimigos tos, nenhum tiro errava. O que igando-os a abandonar a empresa, reuniraõ todos para subirem ao ba- rte, onde levantaraõ logo huma das s bandeiras, e se alojaraõ em nu- ro de 200. Havia so 30 homens no uarte; porém fizeraõ taõ grandes anhas, e particularmente dois mo- chamados Martim Vaz, e Gabriel checo, ambos mais unidos pela izade, que pelo sangue, que preci- raõ os inimigos, depois de lhe tarem o Alferes: custou com tudo vida d'estes dois valerozos. Por ou- parte 14 galeras chegando-se Fortalesa a bateraõ, porém sem ef- to. Fernando de Gouvea do baluarte de commandava, lhes maltratou s, e obrigou os outros a se apar- em.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

O segundo corpo tomando o lu- gar

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

gar do primeiro, veio ao aſſalto c
mais furor, plantou quatro eſtend
tes, e ganhou mais terreno. Por
os Portuguezes acodindo de tropel
ra eſta parte, onde o perigo,
mais urgente, foraõ os inimigos re
bidos com o meſmo vigor que d'
tes. Foi entaõ que ſe aſſignalou mu
Joaõ Rodrigues. A artilheria do ba
arte do mar, e do de S. Thomé, d
do ſobre eſte montaõ de combatent
os obrigou a afrouchar o pé. A in
gem da morte era horrivel neſte
gar, e os ſitiados alli pareciaõ m
do que homens. O terceiro corpo
tinha ſido reſtemunha do vigor c
que os dois primeiros foraõ rece
dos, ſuccedeo ao ſegundo, porém c
menos ardor, e perdeo inteiramen
o animo pela diſgraça acontecida
genro de Sofar, que o commanda
Foi elle taõ maltratado por huma pa
la de fogo, de que foi coberto, e a
do, que ſahio logo para fora do co
bate. Os ſitiados pelo contrario, a
mados com eſte ſucceſſo, vence
neſte ultimo momento: ficaraõ ſen
res do campo da batalha, e recha
raõ o inimigo, que deixou 500 m
tos no campo n'eſta acçaõ, e entr
nas ſuas linhas com mais de mil f
dos. Hu

Huma taõ bella victoria naõ po-
deixar de ser funesta aos vencedo-
, se o General inimigo podesse sa-
a triste situaçaõ a que estava
usido. De 600 pessoas, naõ resta-
mais que 40 em estado de com-
er, taõ cançados que apenas podiaõ
ssigo. Faltava-lhes polvora, as ar-
s rebentadas e quebradas, de mo-
que se naõ consideravaõ se naõ
no victimas distinadas á morte. Po-
estavaõ todos determinados a
rrer antes do que a renderem-se.

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

Em fim Solimaõ levantou logo
cerco, e se embarcou com toda
confuzaõ d'huma partida precepita-
por hum terror panico. Silveira
deixou de temer segundo fingi-
nto, e determinado a esperar a
ima sorte das armas, fez subir toda
gente que lhe restava sobre as mu-
has, até os feridos que podiaõ le-
ntar-se, e as mulheres que se mas-
raraõ para fazerem numero. Porém
retirada do Bachá era verdadeira, e
udou a tristeza mortal dos sitiados,
e a viraõ de sobre aquelles mu-
s que tinhaõ defendido tambem,
n huma extrema alegria.

A Corte de Cambaia foi mesmo
causa occulta da precepitaçaõ d'esta
a pres-

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

apreſſada partida. Solimaõ tinha ſemp[re] ficado na ſua galera ſem nunca deſc[er.] Porém tinha commandado com tan[ta] altivez, e moſtrado a ſua bruta[li]dade, e más intençoens taõ deſc[o]bertamente, que os inimigos, que [o] tinhaõ chamado, temendo-o ain[da] mais do que os Portuguezes, na[õ] omitiraõ para o deſgoſtarem, e pa[ra] o apartarem. Sofar que eſtava tambe[m] por extremo deſcontente, acabou [de] o determinar. Por que no dia [ſe]guinte do aſſalto geral, prevendo be[m] que os ſitiados naõ ſaberiaõ ſuſtent[ar] outro, fez com deſtreza hir ás ma[õs] do Bachá, huma carta que elle tin[ha] eſcrito a ſi meſmo, debaixo do nome [de] hum dos ſeus amigos, que lhe da[va] aviſo da proxima chegada do Viſore[i] com huma poderoſa frota para os com[bater.] O artificio aproveitou, Sol[i]maõ naõ cuidou mais do que em e[ſ]capar pela fugida.

Silveira naõ ficou menos expo[ſ]to a Sofar, e ás tropas Guſarates [ſe] ſe ellas ſe quizeſſem aproveitar da ſu[a] vantagem. Porém ou porque Sof[ar] foſſe muito contente de ſe ver livr[e] do Bachá, ou foſſe deſviado de ten[tar] alguma coiſa pela chegada das fu[s]tás da Eſquadra de Antonio da Sil[veira]

va

a de Menezes, das quaes duas abor- araõ á Cidadella na mesma noite, lle mesmo lançou fogo em muitos tios da Cidade, e se retirou para ás erras com as suas tropas. Deste mo- o acabou o primeiro cerco de Diu, ue fez entaõ grande estrondo nas ndias, e na Europa, e tanta honra o mesmo tempo a Silveira, que Fran- isco I. Rei de França mandou de pen- ado a Portugal buscar o seu Retrato.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Solimaõ tendo deixado sobre a Costa de Arabia quantidade de feri- os, entrou no mar Roxo, onde se- uindo os delirios da sua ferocidade, ez cortar o naris, as orelhas, e a abeça aos infelices, que tinha toma- o no baluarte da Cidade dos Rumes, a quasi 40 outros Portuguezes que ti- iha recolhido nos Portos sobre a sua lerrota, e fazendo-os salgar, os man- lou de prezente ao Gram Senhor, ervindo assim de instrumento á colera le Deos, que vingava nelles a a- ronta, que tinhaõ feito á sua Reli- giaõ abjurando-a. Porém esta mesma providencia seguio Solimaõ até a Cons- antinopla, onde lhe reservava o seu astigo. Huma das Sultanas validas, que o aborrecia, se unio a Ucera Ba- há, para o fazer cahir na disgraça

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

do seu Soberano. Despertaraõ as co cussoens que elle tinha feito no Eg pto ; e o temor do cordel fatal a Grandes d'este Imperio , fez com q elle acautelasse a sua Sentença co o veneno , servindo de algôs a mesmo depois de o ter sido de tant outros.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Hum dos Escravos Portuguez de que Sultaõ Badur tinha feito pr zente ao Gram Senhor , tendo-se s vado de Constantinopla , tinha trazic a Lisboa a noticia dos designios c Porta sobre as Indias, e dos grand preparativos que ella fazia em Sue D. Joaõ III. a quem isto inquietou fez armar a toda a pressa 11 Navios c que deo o commando a D. Garcia c Noronha , que enviou em qualidac de Visorei , e lhe deo 7ȸ. homer de boa tropa. Foi este o maior esfo ço que fez entaõ Portugal. A viage de Noronha foi feliz , perdeo só hur navio : se foi todavia isto perda porque nelle hiaõ juntos os fac norozos e criminozos , de quem t nhaõ mudado a pena de morte em de terro. D. Garcia chegou com effeit ás Indias no principio do cerco d Diu. Nuno lhe renunciou logo o gc verno. Porém em vez da chegada c

es-

ſte novo General ſer util aos ſitiados, ies trouxe muito grande prejuizo, e)i a cauſa da perda de tantos valero- os que alli foraõ mortos. Porque ebaixo do pretexto de querer hir peſ-)almente ſoccorrer os ſitiados, e com- ater a frota Ottomana, o que era o rincipal objecto a que fora mandado, a vontade delRei mais determinada:). Garcia deteve logo 80 embarcaço- ns, ou fuſtas carregadas de ho- nens, e de muniçoens que Nuno ti- ha preſtes para enviar. E poſto que lle teve depois huma armada das nais belas que ſe podem deſejar, com- oſta de mais de 160 embarcaçoens, onſumio tanto tempo a conſiderar o nodo comque ſe havia conduſir para azer levantar o Cerco, que teve a ıoticia de que ſe tinha levantado an- es, que tiveſſe tomado alguma deli-)eraçaõ. Hum autor Portugues naõ leixa de o comparar neſta acçaõ com *Fabio Cunctator* ou gaſtador de tempo. He adiantar muito a liſonja. Ha ſó ıuma diferença entre hum, e outro: e ıe, que Fabio gaſtando o tempo ſalvou Roma, e a Italia; e os vagares deſte podiaõ muito bem ſer a cauſa de ſe perder Diu, e pode ſer as Indias.

Iſto naõ he porque D. Garcia

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

deixaſſe de ſer valerozo, elle tinha d
do provas do ſeu valor com o gran
Albuquerque ſeu tio. Mas por
hum Fidalgo muito politico, o gran
empenho que elle teve de obedecer
terriveis preocupaçoens de alguns M
niſtros da Corte de Portugal, mu
prevenidos contra Nuno da Cunha
fez com que elle ſe entregaſſe intei
mente aos perniciofos conſelhos
aquelles, que quizeraõ declarar-ſe co
tra eſte, e naõ ſeguiſſe nenhum d
ſeus, poſto que elles foſſem ſó
prudentes, e uteis. Aſſim eſcu
ceo naõ ſómente a gloria, que
le tinha antigamente adquirido, m
privou-ſe tambem de outra muito m
brilhante, que lhe era muito facil
adquirir.

Eſta paixaõ o cegou depois de m
do, que offendeo todas as regras
juſtiça, e do decoro a reſpeito de
grande homem, que poſto que exe
pto, e livre do poder do Viſorei
pelas meſmas ordens da Corte, pa
o ſeu embarque vio negarem-lhe hu
lugar nos navios dElRei, e foi ob
gado a pagar a ſua paſſagem a hu
navio mercante, que foi obrigado a ſ
gurar. O diſgoſto que teve Nuno
ſe ver tratar com tanta dureza, l
aug

ugmentou a moleſtia que já tinha, e fez morrer no mar, onde ordenou que deitaſſem ſeu corpo. Outras diſgraças o eſperavaõ em Portugal, onde era aborrecido por peſſoas poderoas, que naõ o conheciaõ, e que naõ o conheceraõ ſe naõ depois que perderaõ, e naõ o ſentiraõ ſe naõ quando o mal, que lhe tinhaõ feito, naõ nha remedio.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

ElRei tinha enviado ao ſeu encontro até ás Terceiras para o recebeem, aſſim como tinha uſado com Lopo Vaz de Sampaio, e que Sampaio no tinha predicto a elle meſmo. Porém quando o velho Triſtaõ da Cunha pai de Nuno, e ſeus netos ſe apreſentaraõ a eſte Principe para lhe pagaem as balas cruſadas, com que elle inha ſido deitado ao mar, e que eles lhe declararaõ, aſſim como Nuno tinha declarado no ſeu teſtamento, que era eſta a unica coiſa que elle he devia, ElRei abrio os olhos, conheceo a infelicidade dos Principes, que ſaõ enganados pela inveja, prevençaõ, ou pela paixaõ dos que os cercaõ.

Depois do Grande Albuquerque, era Nuno de todos os Portuguezes o que tinha feito ſerviços mais importan-

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

tantes á Coroa, e que lhe tinha fe
to mais honra. Foi tambem o q
teve mais relaçaõ com este gran
homem. Como elle, commanda
nas Indias só com o titulo de Gove
nador por 10 annos: como elle fu
dou 3 Fortalesas, que eraõ todas
huma grande importancia para estab
lecer solidamente o Imperio da s
Naçaõ. Como elle, foi a victima
inveja, e acabou pela desesperaç
de ver os seus grandes serviços p
gos pela ingratidaõ. Assimilhavaõ-se e
les tambem nas suas virtudes, com
nos seus defeitos. Ambos foraõ accu
sados de amarem com excesso as m
lheres, porém esta fraqueza naõ alt
rou nelles o amor da justiça, e o i
violavel aferro ás obrigaçoens do se
cargo. Eu naõ pretendo de os igu
lar em tudo. Reconheço em A
buquerque huma grande superioridad
na extençaõ do genio, na firmez
d'alma, na sciencia da guerra, n
constancia no trabalho, a arte de
dominar, e a facilidade de talhar o
grandes negocios pela prontidaõ de
rezolver. Estas qualidades naõ faltara
a Nuno; porém se ellas foraõ meno
brilhantes nelle, pode ser que o exce
desse noutros certos pontos, principal
men-

ente em materia de desenteresse; porque depois de passados 10 annos m hum governo taõ rico, morreo pore, e protestou quando morreo, ue naõ tinha em si do alheio se naõ ou 7 pessas de ouro da moeda de Sultaõ Badur, que tinha guardado por erem de hum belissimo cunho, e para as apresentar elle mesmo a ElRei le Portugal. No mais elle era alto, em feito, e de belissima presenta, ainda que hum pouco desengraçado por hum accidente que lhe inda feito perder hum olho, n'hum ogo de canas.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Porém já que aqui trato de grandes homens maltratados pela fortuna, acabarei por hum exemplo de Antonio Galvaõ. Em quanto Vicente da Fonceca, e Tristaõ d'Ataide que deviaõ esperar suplicios achavaõ o meio de se justificarem, e se adiantarem porque eraõ ricos; este digno de todas as recompenças, achou todos os coraçoens, e ouvidos fechados; porque tendo-se arruinado pelo serviço d'ElRei, mostrava-se pobre, e em figura de homem que pede. Foi feliz em achar hum asylo em hum Hospital de Lisboa, onde se vio redusido a servir os doentes 14 annos para viver, sem

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

ſem que nunca os ſeus grandes ſe
ços fizeſſem naſcer o penſamento
o tirarem da ſua miſeria. Que mai
requer para inſpirar o deſpreſo do
viço dos homens, e daquelles qu
iſſo ſe entregaõ? Por mim, eſtou c
vencido que a Providencia naõ
enviou huma diſgraça taõ terrivel,
naõ por elle ſer muito ſuperior
recompenças homanas, e que ſó D
he quem o podia dignamente reco
pençar.

Fim do decimo Livro.

HIS-

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO XI.

Ann. de J. C. 1539. D. JOAÕ III. REI. D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

DOM Garcia de Noronha estava na Barra de Goa com a sua numerosa frota, quando recebeo o aviso da fugida do Bachá. Teve tanto gosto, que fez logo empavesar o seu galiaõ, dar descarga de toda a sua artilheria, e enviou ordem a todos os seus navios que fizessem o mesmo. Porém os Officiaes que já interpretavaõ, e bota-

ANN. de J. C. 1539.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

tavaõ a peor parte as ſuas den
ras, foraõ muito eſcandaliſados c
huma alegria taõ intempeſtiva, e m
tos recuſaraõ obedecer a eſta orde
indignados de verem que lhe f
tavaõ a honra, que elles teriaõ inf
velmente ganhado em desbaratar
Turcos, e picados da injuria, e m
noscabo, que diſſo vinha á ſua Naç
As murmuraçoens eraõ publicas, e
manhas, que naõ ſe lhes dava que e
ſoubeſſe a comparaçaõ odioza, que d'
le faziaõ com Nuno da Cunha, o qu
certamente naõ teria deſpreſado hu
taõ bela occaſiaõ de adquirir gloria.

O vagar com que elle fez depo
a ſua derrota, demorando-ſe em tod
os Portos, ainda que com hum ve
to para deſejar, e que teve aviſ
certos de que Sofar, e Alu-Caõ f
ziaõ ainda muito mal a Diu, e ac
contornos onde os Portuguezes eſt
vaõ eſtabelecidos, augmentou o di
goſto geral, e fez taxar a ſua avare
ſa, como já tinhaõ feito ao ſeu valo
Porém o que acabou de o deſacredi
tar, ſobre hum e outro artigo, fo
a indigna paz, que fez na ſua chega
da a Diu, com a Corte de Cambaia
Paz taõ injurioza que moſtrou have
la pedido como ſupplicante, quando el-
le

eſtava em eſtado de a dar como
enhor; o que fez dizer univerſal-
ente, que elle a tinha vendido, ſa-
ificando o bem, e a honra da ſua
açaõ ao ſeu intereſſe. Com effeito
ém de todas as condiçoens ſerem fa-
oraveis ao Rei de Cambaia, a em
ue lhes prometeo apartar a Fortaleſa
ſepara-la da Cidade, por hum muro
ado de hum braço de mar a outro,
ireceo taõ odioſa, que naõ podiaõ
onceber, que elle tiveſſe paſſado ſem
r ſido comprado ocultamente por
roſſas ſomas.

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

Em quanto ſe demorou em Diu,
ez reparar a Cidadella, que pôz em
um eſtado melhor do que ella eſta-
a antes do cerco. Porém em quan-
o eſtava occupado com eſtas obras,
eve motivo para conhecer, que huma
az feita por preço de dinheiro, naõ
ôde inſpirar fé naõ deſprezo daquel-
e que he comprado. Apenas foi el-
a concluida, logo os Guzarates, pe-
as ordens ſecretas da Corte de Cam-
aia, entraraõ com as armas na maõ
elas terras de Baçaim. A ſua tropa
engroſſou de modo por pelotoens, que
Rui Lourenço de Tavora commandan-
e da Fortaleſa ſe vio fechado, e ſitia-
do. Sendo aviſado o Vice-Rei lhe
en-

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NOROÑHA VICE-REI.

enviou Triftaõ d'Ataide, que vol va das Molucas. Tendo Triftaõ cc dufido hum foccorro muito confide vel, Rui Lourenço fe vingou dos fultos que lhe tinhaõ feito, fech os inimigos em huma pequena Ilh e lhes fez grande mortandade. Te do-fe com ifto accendido mais a gu ra, Sofar em peffoa acudio alli cc hum corpo de exercito. Rui Loure ço fe achou entaõ reduzido ás mai res neceffidades. Porém D. Jorje Lima Governador de Chaul deitan hum reforço de cem homens na pı ça, Sofar fe difgoftou da guerra os negocios fe accomodaraõ, e os Pc tuguezes ficaraõ foccegados no Reir de Cambaia.

Todo o Indoftan tinha tido olhos abertos fobre a guerra prec dente. A potencia do Reino de B dur, a grande reputaçaõ em que e tavaõ os Rumes, e a expectaçaõ e que eftavaõ dos fucceffos da frota fo midavel do Bachá, tinhaõ feito reviv todos os Principes, que fe confider vaõ como opprimidos, e que fe lifor geavaõ com a efperança de facud hum jugo taõ odiofo. Já cada hur determinava aproveitar-fe de alguns do defpojos d'hum inimigo de que tinha

a

certeza de ver destruido. Porém to-
s estas apparencias tendo-se decipado
la retirada vergonhosa de Solimaõ,
da hum se aplicou a bejar a maõ
e lhe cahio em sima, e a carre-
r-se do pezo das cadeias, que se li-
ngeava sacudir. O Idalcaõ, Niza-
aluco, e Azedecaõ se apressaraõ á
ofia a renovarem os seus antigos
itados com o Vice-Rei. O Samo-
n mesmo se vio obrigado a seguir,
entregar-se á torrente.

Ann. de J. C. 1540.

D. João III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

Tinha elle enviado huma nova
ota contra o Rei de Cota, na Ilha
e Ceilaõ, em favor de Madune-Pan-
ır, que se tinha alevantado de no-
o contra seu irmaõ, e o tinha sitia-
o na sua Capital ajudado dos Mou-
os de Calicut. O Vice-Rei notifica-
o pelo Rei de Cota seu alliado,
espachou Miguel Ferreira com 11 fus-
ıs para o hir soccorrer. A isso cor-
eo com effeito, posto que fosse ve-
io, e como hum relampago, tomou
ogo todas as fustas inimigas, pôz
m fugida 6000 homens só pelo terror
ue lhes inspirou, e naõ quiz escutar
enhuma das condiçoens da paz, que
Madune-Pandar lhe pedio, em quan-
o naõ obrigou este Principe a hu-
na alta traiçaõ a respeito dos seus
al-

ANN. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

alliados, e a lhe enviar as cabeças
dois irmaõs Paté, e Cunhal Mar
Generaes do Samorim com as
principaes Officiaes da frota. Ac
de peſſimo exemplo, principalme
em hum Chriſtaõ, a reſpeito d'h
Principe Idolatra, o qual repugnanc
huma propoſiçaõ taõ contraria ás
da honra, e da probidade, naõ ce
ſe naõ depois da ameaça que lhe
feita, de lhe fazerem queimar á
viſta as ſuas mulheres, e os ſeus
lhos, e pelo temor de cahir ſobre
le meſmo a ultima infelicidade.

Abatido por eſta perda, e
outras tantas e precedentes o Sar
rim, recorreo a Manoel de Britto G
vernador da Cidadella de Challe. S
vio eſte de medianeiro da paz para c
o Vice-Rei, que azedou as propo
çoens. O Samorim enviou o Cu
em qualidade de ſeu Embaixador
de ſeu Plenipotenciario a Goa, on
Manoel o quiz ſeguir. O Cutial v
com huma equipagem ſoberba :
Garcia o recebeo com eſplendor
com todo o apparato d'hum gran
ceremonial. Elle meſmo appareceo c
mageſtade neſta acçaõ. Era elle t
alto que toda a ſua cabeça ſe via p
ſima dos maiores homens. Além d'

t

ANN. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NOROHNA VICE-REI.

tinha d'idade 70. annos, a sua
ba branca, longa, e veneravel,
dava hum ar de mageftade digna
pofto que occupava, e do Monar-
que reprefentava. Sendo os artigos
ulados amigavelmente, naõ poden-
D. Garcia hir peffoalmente a Pa-
ne, onde o Samorim devia affigna-
, e confirmalos com juramento,
viou feu filho D. Alvaro, que fa-
fez a efta commiffaõ com dignidade.
a paz pofto que toda inteira a pro-
to dos Portuguezes foi com tudo
ida, e durou muitos annos, e naõ
nada de que elles tenhaõ tirado
iores vantagens; affim efta reparou
injuria da primeira que tinha feito
Vice-Rei.

D. Garcia naõ fe recreou mui-
tempo com efte gofto. Cahio do-
te, abatido mais pela fua muita ida-
, do que pela natureza da fua in-
rmidade. Em vaõ tentou fubftituir
1 filho no feu lugar para governar
é á fua morte. A propofiçaõ efcan-
lizou toda a Nobreza, que fe ajun-
u para o ouvirem, e recufando to-
s obedecerem-lhe, naõ fe falou mais
ffo. Porém o Vice-Rei padeceo pou-
; morreo em 4 de Abril de 1540.
nnos, e meio depois de tomar poffe
do

ANN. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

do Governo das Indias : pouco fe
do, e menos eftimado, o que naõ
cedera fe elle naõ tiveffe torn
alli.

D. Eftevaõ da Gama foi feu
ceffor, por falta de Martinho Affo
de Soufa, que fe achou com tudo
primeira fucceffaõ, porém que fe
pôde aproveitar defte defpacho por
tinha voltado para Portugal comm
dando a frota de carga, que o V
Rei lhe tinha dado, para meter no
lugar de General do mar feu pro
filho D. Alvaro de Noronha. D.
tevaõ fe preparava tambem para
nar para o Reino, e tinha hido
Goa com efte defignio. Porém foi
tido por hum avifo fecreto que re
beo da Corte, que fem lhe dizer
ramente o motivo, lhe dizia baft
te para lho fazer comprehender. I
cebeo com tudo a noticia da fua p
moçaõ a hum taõ grande pofto, c
huma indiferença, que notava bem
elle nem o tinha defejado, nem p
curado. Ou porque fazendo refle
nas difgraças da maior parte dos f
predeceffores, quizeffe evitar os
convenientes, ou porque tendo fó
idéa o bem das Indias, que amava
hum modo mais particular, pela ho

que o Almirante ſeu Pai teve de
deſcubrir, fez fazer hum inventa-
o exacto de todos os ſeus bens, a
n de provar por hum auto publico,
ue naõ tinha nada menos na idéa do
ue enriquecer-ſe com a poſſe d'eſte
overno, aſſim como o ſucceſſo o
oſtrou bem pelo decurſo do tempo.

Anno de J. C. 1540.

D. João III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

Eſte primeiro procedimento foi
ſtentado por dois outros que foraõ
s preſagios felices d'hum Governo
udente, e fundado ſobre as leis da
onra. Tinha-ſe introduſido entre os
ortuguezes huma tal licença, que
aõ conheciaõ quaſi nenhuma ſubordi-
açaõ. As ſuas grandes riqueſas, as
as proſperidades, e a moleſa do
aiz os tinhaõ engolfado em toda a
orte de vicios. Huma vida tumultuo-
, e ſempre em armas tinha aucto-
ſado todas as deſordens. Principal-
ente os Fidalgos, ſe diſtinguiaõ
or huma liberdade mais deſenfrea-
a, como ſe foſſe hum privilegio
o Sangue, ſer mais danozo do que
s outros. Cheios do deſprezo a reſ-
eito do povo, principalmente dos
ndios Gentios, ou Mahometanos, co-
etiaõ a reſpeito d'elles toda a ſorte
e injuſtiças, e de inſultos, ſem
eſpeitarem as ſuas dignidades, nem

Ann. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

as suas pessoas. Roubavaõ-lhes
suas mulheres, e as suas filhas, re
siaõ a escravidaõ pessoas livres, m
tas vezes sem outro motivo que
de contentar huma dissoluçaõ que
zia horror á natureza. O que pu
o remate a todos estes males, he
estes injustos arrebatadores da faz
da, e da honra alhea, intenta
tambem sobre a vida dos que tin
opprimido, e se faziaõ formida
pelo horror dos assacinios, que e
taõ frequentes, que naõ podiaõ
dar seguros. Penetrado destas des
dens, e querendo dar-lhe remedio,
ficaz, D. Estevaõ ajuntou a Nobre
e depois de lhe ter feito hum disc
so vivo, e pathetico sobre o que
la devia a si mesmo, e ao Public
fez-lhe comprehender, que era de
entéresse, que ella trabalhasse a
hum freio aos excessos, que tend
a destruilla, e a fez consentir em
guns regulamentos prudentes para p
venir o crime, e algumas medidas
ra o vingar, e punir.

Os negocios do Estado naõ
friaõ menos nesta desordem ge
Cada hum naõ attendia se naõ ao
enteresse particular, e ElRei era r
bado ás maõs cheias por aquelles m

m

os que eraõ propoſtos para a adminiſ-
açaõ da ſua fazenda. Os armaſens eſ-
vaõ deſprovidos e pela maior parte ar-
inados : os navios deſtroçados, e ſem
aparelharem apodreciaõ nos Eſta-
iros. As Eſpeciarias que enviavaõ
ıra Portugal por conta do Eſtado,
tavaõ podres, ou mal acondicionadas.
penas o ganho baſtava para pagar
empregos, de ſorte que as Indias
ıeroſas ao Reino, ſó redundavaõ em
oveito dos Particulares : deſte modo
cofres d'ElRei eſtavaõ vaſios, e
ıõ era comprehenſivel como em pouco
mpo tudo tinha decahido. D. Eſte-
ıõ trabalhou tambem neſte genero
ıra reſtabelecer tudo ao ſeu primei-
eſtado. E como elle era rico de
u patrimonio, tirou logo 20000 Par-
ıos da ſua bolça, e ſupprio depois
que faltava, por diverſas ſomas
ıe forneceo para reſtabelecimento da
larinha, para prover os armaſens,
edificar os edificios arruinados, e re-
ırar as fortificaçoens, principalmente
de Challe, e de Baçaim, que ti-
haõ padecido mais nos ultimos tem-
os.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Em quanto elle eſtava ocupado
om eſtas reformas, fez partir muitos
fficiaes para diverſos poſtos, enviou

Ann. de J. C. 1541.

D. João III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

D. Christovaõ da Gama seu irmaõ
Cochim, para despachar os navios c
carga, e preparar huma parte da fr
ta, que elle queria conduſir em peſſ
para o mar Roxo, donde tinhaõ av
ſos de que os Rumes faziaõ nov
preparativos, para outra tentativa n
Indias. D. Chriſtovaõ era moço, m
tinha huma prudencia ſuperior á ſ
idade comque era ſuave, afavel, l
beral, e cortez. Tinha huma me
farta, e tinha grangeado toda a N
breſa com as ſuas prodigalidades. S
tisfez a ſua commiſſaõ com muita pr
dencia. Teve tambem a honra de r
duzir á ſua obrigaçaõ o Arel de Po
ca, e hum Caimale dos ſeus viſinh
que obrando d'acordo eraõ piratas,
comettiaõ muitas inſolencias. D. Chr
tovaõ impondo-ſe a obrigaçaõ de
ſubmeter, julgaraõ elles eludir as ſu
perſeguiçoens com os ſeus ſubterf
gios, e traiçoens; porém o moço Po
tugues naõ foi enganado por hun
nem foi a victima dos outros. Concl
tudo pela ſua firmeza, e valor.
Caimale alli perdeo a vida, e o A
ſe achou taõ embaraçado em ſi, q
foi feliz de ſer deixado, aceitando t
das as condiçoens que Gama lhe q
preſcrever.

Ru

Rui Lourenço de Tavora da sua arte redusio Bramaluco, que tanto ue lhe constou a morte do Vice-ei, julgou ter achado a occasiaõ de ntrar na posse das terras de Baçaim, ue Sultaõ Badur lhe tinha tirado pa-a as dar aos Portuguezes. Tinha osto em pé 300. cavalos, e 5000 ho-nens d'Infantaria. Rui Lourenço jul-ando surprendelo tinha sahido com 50. homens; porém elle mesmo foi panhado em descuido: com tudo pe-ejou tambem, que pôz Bramaluco m fugida, e depois de lhe tomar hum avio no porto d'Agacim, o obrigou pedir paz, que naõ quiz fazer-lhe honra de a concluir com elle; de-orte que naõ a pôde obter se naõ pe-o meio d'hum tratado que o novo Governador fez com o Rei de Cam-baia, do qual alcançaraõ entaõ algu-nas condiçoens que tornaraõ a paz ergonhosa do Vice-Rei D. Garcia num pouco mais supportavel.

Ann. de J. C. 1541. D. Joaõ III. Rei. D. Estevaõ da Gama Governador.

Nas instruçoens que a Corte ti-nha enviado a D. Garcia de Noronha, naõ lhe era nada taõ recomendado, como vigiar os movimentos dos Tur-cos; e de fazer de modo, se podes-se, que fossem queimar o seu arma-mento no porto de Suez. Estas mes-mas

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

mas ordens se acharaõ repetidas r
cartas que chegaraõ depois da s
morte. D. Estevaõ que se tinha p
parado para esta expediçaõ, naõ du
dando que ella fosse digna do go
d'ElRei, a julgou digna de si m
mo, e com tanto gosto se detern
nou a ella, por deixar o Indostan e
huma paz, que só podia ser perturba
por alguns piratas, e podia conserv
se com pouca despeza. Finalmen
partio com huma numeroza frota, a
gmentada por hum grande numero
voluntarios, que as suas liberalidad
tinhaõ obrigado a seguilo; mostran
que queria hir a Diu, ou de correr
Adem, fez derrota pelo mar Roxo
onde os ventos o levaraõ como d
zejava. Porém mudou, e comett
hum erro, que naõ devia fazer hu
homem grande. Porque em lugar
hir direito a Suez, que achava sem d
fensa, se divertio em visitar as Cid
des da Costa d'Africa, e em quan
sentio a sua vaidade lizonjeada por a
gumas felicidades, e por hum gros
espolio que fez nas Ilhas de Maçua
Suaquem, Alcaçer, Toro, e outras pr
ças, perdeo todo o fructo d'huma en
presa, cuja felicidade consistia n
prontidaõ, e no segredo. O Chequ
de

Ann. de J. C. 1541.

D. João III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

: Suaquem, a quem tinha pedido
lotos para Suez, procurou demoralo
ɪm dilaçoens; e ainda que depois foi
ıſtigado, teve tempo de enviar cor-
ɪios por terra, que deraõ aviſo do ſeu
eſignio, e da ſua vinda: de ſorte
ıe quando D. Eſtevaõ da Gama ſe
ɪreſentou defronte d'eſta praça, os
ɪccorros alli tinhaõ chegado havia
es dias, e naõ fez outra diligencia,
ıe a de voltar com mais preſſa do
ıe tinha vindo, com o medo de ſer
ɪguido, e desbaratado, naõ podendo
ɪnduſir até alli ſe naõ pequenas em-
arcaçoens. Aſſim todo o fructo da
ıa empreza ſe reduſio quaſi á vanglo-
a de armar em Toro alguns caval-
ɪiros em honra de Santa Catherina
o Monte Sinai, de que achou hum
Ioſteiro neſta Cidade, honra que lhe
ɪi depois invejada pelo Imperador Car-
ɪs V. Eu naõ ſei porque, pois iſto naõ
alia muito o trabalho. Por desforra
om tudo fez alguma coiſa, cujo ſuc-
eſſo foi muito glorioſo á ſua Naçaõ;
inda que ella naõ conſeguio huma
ɪrande utilidade. Grada-Hamed, Rei
le Zeila, e de toda a coſta de Adel,
endo-ſe metido debaixo da protecçaõ
lo Gram Senhor, ſe fez cada dia mais
ormidavel ao Imperador da Ethiopia
a

ANN. de J. C. 1541. D. JOAÕ III. REI. D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

a quem tinha tomado algumas provi
cias, e ſobre quem tinha tomado hu
grande aſcendente. Deos moſtrou hav
enviado pelo diſignio d'eſte Princi
afligido, os Portuguezes á frontei
do ſeu Imperio na decadencia dos ſe
negocios. Conſiderou-os elle com e
feito como hum ſoccorro que lhe v
nha do Ceo, e naõ ignorando o d
zejo que ElRei de Portugal tinha
fazer alliança com elle, com razaõ
liſongeou de achar nos ſeus Capit
ens toda a boa vontade de o ajudare
na ſua urgente neceſſidade.

Tendo em fim ſabido que a fr
ta Portugueza eſtava no porto
Maçua, commandada pela peſſoa
Governador General, lhe deſpacho
hum dos principaes Officiaes da ſ
Corte, que o meſmo Barnages acon
panhou, e que trazia cartas do Imp
rador, e da Imperatriz ſua mãi. R
preſentaraõ elles com muita eloque
cia o triſte eſtado a que eſtava redu
da a Chriſtandade naquelle paiz, pre
tes a cahir debaixo do jugo dos M
ſulmanos, e pediaõ com inſtancia, qu
já que eſtavaõ unidos pelo vinculo
huma meſma Religiaõ, elles os qu
zeſſem ajudar com as ſuas forças p
ra os tirarem da opreſſaõ. Naõ hou
ve

e ninguem a quem o ſeu diſcurſo
naõ fizeſſe chorar, e nem ſó hum
Portugues, que naõ cubiçaſſe neſta oc-
caſiaõ ſacrificar a ſua propria vida na
perſuaçaõ de que era morrer martyr
de Jeſus Chriſto. Joaõ Bermudes,
que o Papa tinha feito Patriarca Ca-
tholico d'Alexandria á inſtancias d'El-
Rei de Portugal, e que paſſava na
frota com o diſignio de ſe demorar
em Ethiopia para trabalhar na con-
verſaõ d'eſtes povos, apoiou os ſeus
requerimentos com hum diſcurſo mui-
to pathetico, que augmentou tambem
a devoçaõ, e zelo dos que o ouvi-
raõ.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Naõ duvidaraõ em aceitar a pro-
poſiçaõ dos Enviados. Era ella mui-
to conforme com a inclinaçaõ do Rei,
e com as viſtas dos Portuguezes; e
naõ ſe tratou mais ſe naõ da quali-
dade do ſoccorro que deviaõ dar. O
General ſe limitou a 400. homens,
algumas peças de campânha, e mui-
tas muniçoens. Como tudo o que ha-
via de melhor na armada, ſe offere-
ceo com inveja huns dos outros, que
a Nobreza particularmente, e mui-
tos Officiaes quiſeraõ ſervir em volun-
tarios, pode-ſe dizer verdadeiramente
que era huma tropa eſcolhida. A uni-
ca

ca escolha que o General fez de irmaõ D. Christovaõ da Gama p commandar, desagradou aos que ter inveja d'esta honra, e a quem, p to que fizessem justiça ás qualida pessoaes de D. Christovaõ, a sua p ca idade fazia temer as infelici des que nacem da pouca experienc

Ann. de J. C. 1541.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

Os dois irmaõs tendo-se se do com todos os sinaes d'huma tr teza, que era presagio de que naõ viaõ ver-se mais neste mundo, Christovaõ se pôz em marcha no m de Junho do anno de 1541. debai da conduta do Barnages; repartindo seu pequeno exercito em seis corp sinco de 50 homens cada hum, c jos Capitaens eraõ Manoel da Cunh Joaõ da Fonceca, Onophre, e Fra cisco d'Abreu irmaõs, e Francisco V lho. O mesmo Gama commandava sexto, que era de 160. homens dest nados para guardarem a Bandeira re

He incrivel quanto sofreraõ sua marcha, principalmente nos pr meiros 8 dias pelo excesso de calo a dificuldade dos caminhos, a altu das montanhas quasi inaccessiveis, a qu lidade das aguas encharcadas, e sal bras, a falta de viveres, e as ou tras incomodidades da viagem em hur

paiz

iz taõ aſpero, e já aſſolado pela ierra. Alguns machos que os Barnages ihaõ aprontado com trabalho, levaõ a artilheria, e as bagagens. Pom em certos paſſos dificultozos, e exemamente eſcarpados, era precizo tir tudo á força de braço, ainda que ıda hum tiveſſe trabalho em ſe ſuſr a ſi meſmo. D. Chriſtovaõ arma) d'huma paciencia invencivel era o rimeiro em tudo, e tomando parte n todos os trabalhos, animava os ɛus, que ſe injuriavaõ de naõ ſeguiɛm hum taõ belo exemplo.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Tendo aſſim chegado ás montanhas om difficuldades immenſas, deceraõ ara as vaſtas planices da Abiſſinia, ue ſendo regadas, e cortadas por ıuitos rios, ſaõ muito ferteis; porém ue a guerra tinha devaſtado, e torado quaſi deſertas. Dois dias depois hegou o exercito á Cidade de Baroa, ue he a primeira dos Eſtados do Barıages. Eſtava ella entaõ quaſi deſguarɛcida dos ſeus habitantes, cheia de uinas: eſtavaõ os ſeus templos abatilos, e os ſeus campos incultos. Os Religioſos do Moſteiro da Cidade vieraõ em prociſſaõ receber os Portuguezes, cantando Hymnos, e Canticos. O ſeu Abbade, que era hum homem ve-

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

veneravel pela ſua idade, fez hu pratica ao General com huma eloqu cia modeſta, ſimplex, e energica. lagrimas que corriaõ dos ſeus olhos narraçaõ que fazia das perſeguiçoe que ſofria havia 14 annos da parte Muſulmanos, faziaõ correr out dos que as eſcutavaõ, o que forn va hum eſpetaculo triſte, e devot porém com huma triſteza junta c alegria, pela eſperança que tinhaõ c cebido, e pelas certezas que D. Chr tovaõ lhes deo, de pôr logo rem a todos os ſeus males.

Com tudo Gama acampando eſte lugar, julgou, que primeiro q tudo, era neceſſario dar aviſo ao I perador Claudio da ſua chegada, a f de que ſe apreſſaſſe para vir unir-lhe, e tirar a campo a Imperatriz I bel ſua mãi, cuja preſença naõ ſerv ria pouco para chamar os vaſſallo que ſe tinhaõ furtado á obedienci ou que o temor tinha obrigado a f girem; o que procuraria ás trop maior facilidade para ſubſiſtirem. Imperador eſtava longe no fundo Reino de Goyama, e precizava ter po para vir. O que fez tomar Gan a determinaçaõ de ficar neſte acamp mento, tanto melhor por entrar e

hu-

ma cezaõ, onde os caminhos eraõ
ipracticaveis até ao mez de Outubro,
ie he o principio da Primavera. Porém
Imperatriz só distava huma jornada
bre a celebre montanha de Damaõ.

Esta montanha, huma das mais
ngulares que ha no mundo, he situa-
 no meio d'huma grande planice,
nde se eleva a pique até huma ex-
ema altura, que se mostra em fór-
a d'hum cucumello, sobre o qual ha
um Mosteiro, huma povoaçaõ, e ter-
s capazes de sustentar habitualmen-
 500. homens. Cisternas abertas á
aõ conservaõ alli as agoas da chuva,
 algumas fontes. Assim tendo em si
nesmo o que he absolutamente neces-
ário á vida, he independente de to-
lo o genero humano. Só por hum
ado se pode subir a ella por hum ca-
ninho muito aspero, e escarpado, que
 ciume do Estado fez cortar do com-
primento de muitas braças, de mo-
do que naõ podem subir ao seu cume,
nem descer sem o consentimento das
guardas, que alli vigiaõ, e sem ser
guindado por huma cava como huma
especie de poços, por onde descem, e
sobem em cestos á força de cabrestantes.
Os Imperadores fizeraõ esta obra para
ficarem descançados a respeito dos inten-
tos

Ann. de J. C. 1541.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

tos dos Principes da ſua caza. Eraõ c
para alli enviados, alli paſſavaõ de
o reſto da ſua vida com huma gra
pobreza, e hum eſtranho torment
deſcriçaõ dos Monges, e dos ſeus
pias. Só o herdeiro do Imperio
tirado, quando a morte do Mon
Reinante deixava o Trono livre. E
barbara politica naõ era muito antiga
Imperio; porém durava ainda quan
os Portuguezes alli entraraõ, e po
depois foi abolida.

O Barnages foi meſmo procu
a Imperatriz afforrado com duas co
panhias de Portuguezes. Os ſeus O
ciaes fazendo o comprimento do
General a eſta Princeza, de quem
raõ mui bem recebidos, a acharaõ m
to diſpoſta a ſahir d'eſta horrivel
tirada. Naõ tardou ella a pôr-ſe á
minho, ſómente com 30 Damas d'
nor, deixando ſeus filhos em poder
ſua mãi que ainda vivia. Vinha e
montada ſobre huma Mula jaezada
ao chaõ; os ſeus veſtidos, que eraõ
ſeda, e ſoltos, eraõ por extremo br
cos, cobertos d'huma eſpécie de ma
to de cor vermelha, ſemeado de f
res, guarnecido d'huma longa fran
d'oiro. A ſua cabeça era coberta
hum bom crêpe que lhe pendia ſob

cara, e além difto eftava ella como fe-
ada em huma efpécie de tenda ou
vilhaõ que a cobria toda.

Quando entrou no campo, o
ırnages fegundo a obrigaçaõ do feu
rgo, com o braço direito nú, e o
rpo coberto com huma bela pelle de
gre, tomou as redeas da mula, e
ıis dos principaes Senhores fe encof-
vaõ aos eftribos. Gama que tinha
ito pôr as tropas em armas, e com
feus melhores adornos, fe avançou
ıtre as duas filas para a receber. A
nperatız da fua parte abrio as cortinas
o feu Pavilhaõ, e levantou o feu
:o para fe moftrar. Era formoza, mo-
efta, e tinha hum grande ar de ma-
eftade. Os comprimentos foraõ cur-
os, e agradaveis d'huma, e outra
arte, depois do que foi condufida
fua Tenda ao fom da artilheria, e
ıofquetaria, que deraõ duas defcargas
o que ella teve gofto, pofto que
evia naturalmente affuftar-fe pela no-
idade.

Acabado o inverno entrou o exer-
ito em campanha, e depois de alguns
ias de marcha, deo ella idéa de fe
char em eftado de fazer a tomada de
Canete. Era efta huma alta monta-
ıha occupada pela gente do Rei de
Zei-

Ann. de J. C. 1541.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Zèila, que alli tinha mil homens guarniçaõ commandados por hum b vo Official. Só se podia subir a e por tres lugares muito escarpados, que o mais facil estava defendido huma espécie de trincheira. Mil mens se podiaõ alli conservar con cem mil, e a sua perda tinha de taõ grande consequencia para Abexins, que tinha sido a causa de algumas Provincias, de que e era como muralha segura. Gama obstinou a querer tomala contra o recer da Imperatiz, e do Barnage que consideravaõ a impresa como i possivel. Porém nada o he ao va bem dirigido. Os desfiladeiros lim pela artilheria, foraõ ocupados pe Portuguezes divididos em tres corpo os quaes reunindo-se sobre a mon nha, tiveraõ hum novo combate a tentar da parte dos inimigos, que ac raõ em boa ordem. O seu Capi foi morto combatendo valerosam te. Os outros naõ poderaõ suster esforço dos que assaltavaõ, que a mentando a sua colera passaraõ mui ao fio da espada, e obrigaraõ out a precipitarse dos rochedos, que os pedaçavaõ.

O Imperador com tudo se av

ç

va com grandes jornadas, e tinhaõ recebido dois avisos certos da sua archa. Porém o Rei de Zeila mais sinho acautelou a sua chegada, e io elle mesmo observar o campo s Portuguezes de sima d'hum outeiro. ajuntando-se os dois exercitos, brigaraõ logo. O de Grada Hamed era ais consideravel, porém os Portuguezes estavaõ armados com mais vantagem. combate foi vivo, longo, e duvizo. De ambas as partes naõ houve da que reprehender. A ferida que cebeo o Rei de Zeila, que lhe mataraõ o cavalo em que hia, e a pera atravessada por hum tiro de arcabus, cidio a victoria a favor dos Portuguezes, os quaes ficaraõ Senhores do mpo da batalha. Outra acçaõ que passou oito dias depois, metia o ei de Zeila entre as maõs dos seus iniigos, se estes tivessem tido cavalaria ra seguirem a sua victoria. Grada amed condusido em hum palanqui or causa da sua ferida, alli fez a origaçaõ d'hum grande Capitaõ; porm os seus naõ podendo sofrer o esorço de Christovaõ da Gama, que rompeo pelo meio dos inimigos na frente dos seus escolhidos, foi arrastado ela torrente dos fugitivos, perdeo o

Ann. de J. C. 1541.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

ſeu campo , e as ſuas bagagens ,
apenas ſe ſalvou paſſando hum rio , o
de naõ julgaraõ conveniente o ſegu
rem-no.

Depois d'eſtas duas expediçoe
que ſó cuſtaraõ aos Portuguezes a v
da de poucas peſſoas , a Imperatr
moſtrou o ſeu reconhecimento , e
ſua piedade pelo cuidado , que quis t
mar ella meſma dos feridos ; ent
os quaes ſe achavaõ Gama , e M
noel da Cunha. Ella meſmo prepar
va os remedios , curava-lhes as ch
gas , ſem temer desluſtrar a ſua dign
dade com eſta obra de caridade , q
tinha o principio na ſua Religiaõ.

O Imperador naõ tinha ain
chegado , entravaõ em ſegundo inve
no , que devia tambem retardar a ſ
marcha. O meſmo Gama foi obrig
do a retirarſe para á Cidade d'Offa
onde naõ eſteve ocioſo. Hum Jud
picado de ciume contra os Chefes
ſua Naçaõ , que tinhaõ huma eſpéc
de Soberania tributaria do Imperio d
Abexins em huma montanha , de q
o Rei de Zeila ſe tinha apoderado
e onde tinha 400. homens de gu
niçaõ , veio exortalo a que ſe fize
Senhor d'ella , enſinando-lhe os meio
e moſtrando-lhe as vantagens. Gar
ſ

Ann. de J. C. 1541. D. Joaõ III. Rei. D. Estevaõ da Gama Governador.

aproveitou do parecer, e d'elle ti-
a com effeito grandes ſoccorros de
veres, e cavallos. Grada Hamed
ó perdeo tempo da ſua parte, en-
ou groſſas ſommas de dinheiro ao
chá da Porta, que commandava em
ibit na Arabia, e delle obteve hum
ccorro de mil Janiſaros todos arma-
s de arcabuſes, e béſtas, com os
aes ſe vio em eſtado de ſe reſta-
lecer das ſuas perdas.

Aqui he que a mocidade de Ga-
a ſecundou muito o ſeu valor, e
rificou os triſtes prognoſticos que
nhaõ feito, quando elle foi eſcolhi-
para eſta empreſa. Porque em lu-
r de ſe fortificar na montanha eſ-
rando a chegada do Governador que
ó eſtava longe, quiz hir ao inimi-
. Eſte o acautelou, e veio attacar
ſuas trincheiras. Na verdade os
ortuguezes alli fizeraõ acçoens extra-
dinarias, poſto que muito mal aju-
dos pelos Abexins, que naõ tinhaõ
meſmo valor. Os inimigos ſuperio-
s em numero vieraõ tantas veſes
poſto, que forçaraõ as trincheiras
todos os lados. Gama ſe achou
mpre onde o fogo foi maior; e poſ-
que tiveſſe hum braço quebrado,
huma perna traſpaſſada, hia ainda-

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

meter-se no meio dos inimigos
alli morrer. Os seus o levaraõ co
o seu gosto, e procuraraõ salvalo
lejando na retirada. Elle seguia a
peratriz, e o Barnages, que proc
raõ hum asilo na montanha; po
desviando-se pela noite, perdeo o
minho, e descuberto depois pelos
dicios de huma mulher velha, ca
no poder dos seus inimigos.

Condusido á presença do Rei
cedor, Grada Hamed preguntou
que elle lhe fizera em similhante
so se elle o tivesse apanhado. Gama
se espantar lhe respondeo com
vez. „ Eu te faria cortar a cabeça
„ quartejar teu corpo, o qual faria
„ durar em diversas partes, para se
„ de exemplo, e horror aos tirano
Este barbaro longe de admirar
animo taõ nobre, lhe fez dar na
ra com as chinellas dos seus escra
fustigar todo o seu corpo, fez
brear os cabelos, e a barba, e
fez lançar fogo. Depois d'outros di
sos insultos, lhe cortou a cabeça
a sua propria maõ, e executou n
o resto da Sentença, que elle ti
prenunciado contra si mesmo.

Tal foi o fim d'este heroe C
taõ, que os Portuguezes respe
co

no fim martyr de Jesus Christo, e
que pertendem que a morte fosse
mpanhada, e seguida de alguns
agres. Os Turcos que o tinhaõ
nhado se lisongeavaõ de que elle
s seria dado, que d'elle fariaõ pre-
te ao Gram Senhor, ou que por
: tirariaõ hum grosso resgate. Po-
i vendo frustada esta esperança, fo-
taõ indignados contra o Rei de
ila, que o abandonaraõ. Este Prin-
e, que julgou tudo acabado pela
ultima victoria, se embaraçou pou-
com esta desersaõ, a qual foi com
o a causa da sua perda.

Ann. de J. C. 1542.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

De 400. Portuguezes só restavaõ
, dos quaes 90. se uniraõ ao
npo do Imperador que chegou pouco
ois, e foi infinitamente sensivel á
graça que acabava de receber prin-
almente á morte de Gama, do que
strou hum grande disgosto. Naõ
deo com tudo o animo, e confi-
do no valor d'este pequeno nume-
, e no dezejo que elles tinhaõ de-
arar a sua honra, tomando o seu des-
que, se julgou ainda mais forte.
z dar a todos cavallos, e foi pro-
rar o seu inimigo que venceo. Gra-
Hamed foi morto combaten-
com valor, seu filho feito pre-
sio-

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

ſioneiro. Com iſto a morte do Ga
foi plenamente vingada, e o Im
rador entrou na poſſe de tudo que
nha perdido. Com iſto conſeguio
que pretendia; porém os Portugue
naõ tiraraõ nenhum fructo. Alg
poucos d'entre elles tornaraõ ás In
os outros ſe eſtabeleceraõ na Et
pia, onde o Imperador os reteve
las ſuas liberalidades. Os Portugue
ſe diſtinguiraõ no meſmo tempo
outros lugares, porém ſem outra v
tagem, que a de terem feito conhe
o ſeu valor. Fernando de Moraes
viado ao Reino de Pegu com h
ſó Galiaõ, ſe vio alli obrigado a
fender os entereſſes d'eſte Princ
contra o Rei d'Ava ſeu inimigo
ainda que naõ pôde impedir a ru
do partido que defendia, nem a
propria, teve a gloria de ter reſ
do quaſi ſó a toda a frota do Rei
Ava, e merecido a ſua admiraça
a ſua compaixaõ meſmo, ſuſpend
do a ſua victoria.

Martinho Affonſo de Carvalho
adquirio menos honra, no que ven
o ſeu inimigo, e ſe venceo a ſi m
mo. O Cheque de Raxel tinha
ſublevado no tempo de Iſmael o c
quiſtador da Perſia. Continuava
ſu

a revolta no tempo de Châ-Tamas, fazia grandes invafoens nos feus ftados, donde voltava fempre com ande efpolio. Thomas refoluto de fubmeter, enviou hum exercito con a elle governado por Cazi-caõ hum os feus Generaes. Como era difi l obrigalo na fua Cidade, principal ente em quanto foffe Senhor do olfo Perfico, Thamas pedio foccor ao Governador d'Ormus, fegundo s convençoens da alliança que tinhaõ ontractado. Martinho Affonfo de Carvalho lhe foi enviado com alguns na ios, e crufou tambem, que o Che ue foi logo redufido á penuria. Nef a extremidade, tentou Carvalho com roffas fommas de dinheiro, para que lle fechaffe os olhos, e deixaffe affar, fem fallar em nada, fó nente a dois bateis carregados de rovifoens. Achando fobre efte ponto a fua virtude immovel contra hum taõ orte affalto, deliberou entregar-fe a elle. Os feus Mullas tendo-lho feito fufpeito por caufa da diverfidade da Religiaõ (como fe podeffem defconfiar da boa fé, e probidade d'hum homem, que por hum exemplo raro, acabava de facrificar hum taõ grande entereffe) eftimou antes capitular com

Ann. de J. C. 1542.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

o

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

o inmigo, que tendo-o entre as sua maõs faltou a todas as promessas qu lhe tinha feito, e o fez morrer cruel mente.

Separado dos abraços de seu i maõ, a quem tinha dado os ultimos deus, D. Estevaõ da Gama tinha pa tido do Porto de Maçua, para to nar para á India. Ao sahir do estre to foi accomettido d'huma violent tempestade, a qual foi menos sensi vel pela desipaçaõ da sua frota, e perda de muitos navios, do que se fe celebre pela extravagante devoçaõ c hum moço soldado, que no mais for te do perigo, e na esperança d'hun proximo naufragio, em quanto todo os outros se encomendavaõ á Deos e á todos os seus Santos, fez vot de cazar com D. Leonor d'Albuquer que de Sá, filha de D. Garcia de Sá que foi depois Governador Geral, mais bella pessoa que havia entaõ n Indostan. Este voto foi por muit tempo o assumpto das conversaçoen divertidas, e deo tanto gosto ao Pa d'esta menina, que quiz este toma cuidado da fortuna d'este moço aven tureiro.

Na sua volta a Goa, D. Este vaõ achou os Embaixadores de Cha- Tha-

ıamas, do Samorim, e do Sultaõ ahmud Rei de Cambaia, com quem ıtrou negocios de grande importan- ı, e que despedio mui satisfeitos, pois de os ter entretido muito hon- samente na sua Corte por todo o verno. Teve mais algum trabalho ım o de Nizamaluco. Este Princi- :, que era alliado dos Portuguezes, obrava bem a respeito d'elles, tinha do rasaõ de se queixar d'huma in- acçaõ da parte d'elles.

Ann. de J. C. 1542.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

Na auzencia de Gama, e em ıanto estava occupado na sua empre- em Suez, Nizamaluco se pôz em ovimento para regular alguns dos ıus vassallos, que se tinhaõ fortifi- ıdo nas suas praças. Elles se tinhaõ songeado de as poderem defender lles mesmos sem outro soccorro: po- èm vendo-se propincos a cahirem ebaixo do esforço d'huma Potencia ıõ superior como a do seu Sobe- ıno, recorreraõ a D. Alexo de Me- eses Governador de Baçaim, a quem ederaõ estas mesmas praças, com anto que elle quisesse conservar-se ıellas. Menefes naõ balanceou em ceitar o offerecimento, e se pôz lo- ;o em campo. Nizamaluco, ainda que uspenso com a resoluçaõ do Gover- na-

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

nador, naõ deixou com tudo de p
far á vante, e de fe aprefentar c
maiores forças. Houveraõ muitas h
tilidades pouco confideraveis d'am
as partes: e em fim huma acçaõ m
to viva na qual hum Portugues de
gura gigantefca, e d'huma força p
porcionada á fua figura, tendo ag
rado hum dos inimigos pela cintu
fe fez admirar em huma acçaõ
feria, pelo rediculo com que trou
fempre efte homem, que gritava qu
to podia, fervindo-fe delle co
d'hum efcudo, para aparar todos
golpes que lhe davaõ, em quanto os
le arremeçava terriveis, e naõ per
nenhum dos feus. Nizamaluco
vencido, e Menefes confervou as p
ças a pezar de todos os feus esforç
Tendo fido as armas pouco favorav
a Nizamaluco, empregou elle
vias da negociaçaõ, e recorreo á j
tiça de D. Eftevaõ da Gama, que
zendo juftiça ao merecimento da f
caufa, lhe fez entregar as fuas p
ças, medeando hum augmento con
deravel do tributo que pagava hav
muito tempo á Coroa de Portugal.

D. Eftevaõ eftava inquieto
feu porto. Os Governadores que e
travaõ no emprego por via das fucce
fo

Ann. de J. C. 1542.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

ens, naõ se achavaõ alli se naõ
n huma especie de *interim*, a qual
ebaixo da apparencia d'huma honra
a, vinha a ser para elles huma afron-
a real, se naõ eraõ confirmados pela
orte. Era isto o que D. Estevaõ temia
nuito. Tinha escrito aos Condes da
Vidigueira, e Vimioso, dos quaes era
um seu irmaõ primogenito, e o ou-
ro seu cunhado. Porém ainda que
stes Senhores empregassem nisso to-
o seu credito, naõ tiveraõ respeito
lgum ás suas solicitaçoens, e tanto
ue souberaõ da morte de D. Gar-
ia de Noronha, ElRei nomeou em
eu lugar Antonio da Silveira, que a
gloria que elle tinha adquirido no cer-
co de Diu o tinha feito incompara-
vel. Naõ foi isto mais do que hum
artificio do Conde da Castanheira,
que sendo o Senhor das graças, e o
Ministro valido de D. Joaõ III. pôz
este em primeiro lugar, para evitar os
attaques dos Senhores parentes do
Gama, e o meteo depois a pique,
para lhe substituir Martinho Affonso de
Souza seu primo com irmaõ, debaixo
do pretexto frivolo, que Silveira, se
tinha vindo para Lisboa, e tinha fei-
to huma despeza extraordinaria, e naõ
sendo nada economico, deciparia
a

ello, que lhe tinha prometido def-
brir coifas importantes a refpeito de
. Eftevaõ, como fe eftiveffe feito
uito cafo d'hum infeliz, que tinha
fido condenado a perder a cabeça,
que actualmente era pirata com duas
ftas, e 120 homens que tinha re-
ıfido, correndo igualmente fobre os
nigos, e inimigos.

Soufa chegou como elle o tinha
ojectado, porque depois de ter per-
do o feu navio fobre a Ilha de Sal-
te perto de Baçaim, fe meteo na
fta de Diogo Soares de Mello, com
qual entrou na Enfeada de Goa
epois das onze horas da noite, fem
r vifto, nem percebido, defcendo a
uma caza fora da Cidade: Diogo
oares foi ancorar no Porto depois
a meia noite, e atirou hum tiro de
lconete com bala, que paffou por
ma do Palacio do Idalcaõ, onde efta-
a alojado D. Eftevaõ. No mefmo
empo hum Official fe aprefentou pa-
a faudar D. Eftevaõ da parte do no-
o Governador, e lhe dar parte da
ua chegada. Outras peffoas foraõ bat-
er ás cafas do Thezoureiro, e do Se-
retario das Indias com ordem de os
evar no eftado em que fe achaffem,
e de os conduzirem a Soufa, que lo-
go

Ann. de J. C. 1542.

D. Joaõ III. Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

Ann. de J. C. 1542.

D. João III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

go lhes tomou o ſeu interrogatorio e os teve toda a noite como reos.
D. Eſtevaõ naõ deixou de fic ſuſpenſo, e diſſe que Souſa o apanh va de repente como hum ladraõ. Co tudo naõ ſe embaraçou, e quan mais depreſſa poude lhe-entregou governo nas formas ordinarias. Poré quando ſabendo o que ſe tinha paſſad a reſpeito do Theſoureiro e do Secr tarió, ſe indignou, e ſe explicou e termos fortes, e naõ quiz mais t commercio com hum homem, que apartava tanto das leis do decoro, e c civilidade a ſeu respeito. Retirou- ao forte de Pangim, onde fez faz novo inventario dos ſeus bens, qu ſe achou menor que o primeiro c 50ф. pardaos, que tinha empregad no ſerviço do Rei. De lá partio p ra Cochim onde devia embarcar-ſe. Governador alli o ſeguio, e lhe de ainda alguns diſgoſtos retardando-lh a ſua partida. Iſto naõ obſtante fe huma viagem felis, e foi recebid com muito agrado d'ElRei, e de toda Corte. Porém no meio das caricias de ta Corte foi que elle achou a diſgraç que naõ tinhaõ merecido nem os ſeu ſerviços nem as ſuas virtudes. ElRei quiz cazar contra ſua vontade. Elle na te-

e o refpeito que qualquer outro teria
ſta occaſiaõ. ElRei ſe picou, D.
tevaõ o percebeo, e pedio a licen-
de ſe retirar a Veneſa. O Impe-
lor Carlos V. o obrigou depois a
nar para Portugal, prometendo-lhe
o fazer entrar na graça do ſeu
incipe. Porém elle ſe convenceo lo-
por ſi meſmo, que os Reis eſque-
n muito mais facilmente os gran-
s ſerviços, do que perdoaõ o mini-
) deſgoſto.

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

O anno de 1542 que foi o da
egada de Martinho Affonſo de Sou-
deve ſer conſiderado como huma
s Epocas mais celebres, e como
m daquelles monumentos mais pre-
)zos que Deos tinha notado nos
ecretos eternos de ſuas miſericordias,
is que foi eſte o em que fez appa-
cer ſobre eſtas Regioens infiéis, na
ſſoa de S. Franciſco Xavier, o no-
) Aſtro que os devia alumiar, e re-
ar das ſombras da morte. A diſpo-
çaõ da Divina Providencia foi ad-
iravel, em que como ella tinha da-
) dez annos ao grande Albuquerque
ra conquiſtar eſte novo Mundo, e
elle deitar os fundamentos do Im-
erio Portugues, ella aſſignou o meſmo
umero d'annos ao Grande Xavier
pa-

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

para alli eſtabelecer o Imperio de Jeſ
Chriſto, e para fazer todas as mar
vilhas que elle alli obrou, e que te
obrado depois os dignos ſucceſſor
do ſeu zelo, e dos ſeus trabalho

Deve-ſe fazer eſta juſtiça a
Reis de Portugal, que nos eſtabel
cimentos que tem feito, naõ tivera
menos nos olhos o bem da Religiaõ
e a propagaçaõ da fé, do que a ſ
propria gloria, e a vantagem da ſ
Naçaõ. Cheios d'eſta piedade hered
taria, que era nelles o principio
tantas deſpezas, que tinhaõ feito
incerteza de huma felicidade, que m
razoens moſtravaõ combater, elles
tem todos deſtinguido neſte ponto,
tem merecio por iſſo, que Deos de
rame ſobre o ſeu reino os theſour
de ſuas graças, e de ſuas be
çaõs.

D. Joaõ III. naõ cedeo em n
da ao zelo de ſeu Pai D. Manoel
ſe o naõ venceo. Porém nos princ
pios das plantaçoens, naõ podera
avançar ſe naõ por progreſſos inſer
ſiveis. Muito tempo paſſou antes qu
ſe conſeguiſſe a lingoa, os uſos,
coſtumes d'hum paiz: conheciment
neceſſarios para alli fazerem algu
progreſſo. Quando ſegundo os princ
pios

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

s de D. Francisco d'Almeida, os
rtuguezes naõ pensavaõ mais que
ssuir o mar, sem ter estabelecimen-
fixo, naõ poderaõ enviar se naõ
guns capelaens da armada, pessoas
a maior parte mal escolhidas, que
õ tinhaõ do estado Ecclesiastico, se
õ o caracter, e nada menos, que
sciencia, e as virtudes. Eu excep-
o deste numero alguns Religiozos
ra lá enviados, que fizeraõ honra á sua
dem, e a si mesmos. Quando as
lonias tomaraõ forma, entaõ os Pa-
es hum pouco mais descançados, se
haraõ em melhor estado de exerci-
em as suas funçoens, e o seu mi-
terio; ainda que com tudo a agi-
aõ d'hum tempo de guerra, em hum
iz novo, entre gentes que naõ sa-
aõ ainda sugeitar-se ás leis, naõ
ixou de ser hum grande obstaculo
fructo da divina palavra.

Diogo Lopes de Sequeira foi o
meiro que fundou hum Mosteiro
Religiozos de S. Francisco em Goa,
he esta a melhor coisa que fez no
u Governo. A Corte enviou quasi
mesmo tempo Bispos em qualida-
de Vigarios Geraes, ou Vigarios
postolicos, ao que se seguio a erec-
õ do Bispado de Goa, que depois

Ann. de J. C. 1542. D. João III. Rei. Martinho Afonso de Souza Governador.

veio a ser Metropole tanto que de[...]
Bispos ás Cidades de Cochim, Ma[...]
ca, Mascate, e Ormus. A Relig[...]
foi então hum pouco mais regular. [...]
com tudo naõ duvido que alli te[...]
havido muitas personagens santas, [...]
jo zelo, e exemplares virtudes pro[...]
siraõ grandes fructos; porém a [...]
gligencia, ou mesmo a ignoran[...]
daquelles tempos nos tem roubad[...]
memoria, de que pode ser que se [...]
achem se naõ alguns ligeiros vestig[...]
nos Annaes das Ordens Religio[...]
O zelo de Antonio Galvaõ, ainda [...]
secular, criado no commercio, e [...]
estrondo das armas, teve mais cred[...]
como já apontei, que o de todos [...]
outros junto. O Seminario que [...]
estabeleceo nas Molucas, e que [...]
depois aprovado pelo Concilio de Tr[...]
to, servio de modelo ao de Sa[...]
Fé, que foi estabelecido em Goa [...]
D. Estevaõ da Gama, á instancias [...]
Bispo, e de Miguel Vaz seu Vig[...]
Geral, que era hum Santo Eccles[...]
tico. Este Seminario foi tambem [...]
pois o modelo dos que se tem esta[...]
lecido na Europa.

As coisas estavaõ assim quando [...]
Rei D. Joaõ III. soube pela fam[...]
os grandes fructos que fazia Sa[...]
Ign[...]

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

ıacio de Loyola, fundador da Comıhia de Jesus em Roma, e em toda [talia. Escreveo elle logo ao seu Emxador D. Pedro Mascarenhas, que esse de modo com o Papa Paulo III. com Ignacio, comque lhe podessem viar seis destes homens, cujo no- tinha já voado por toda a Europa. Companhia que nascia, limitada em z pessoas, naõ estava em estado de privar d'hum taõ grande numero sugeitos. Reduziraõ-se a dois, que aõ Simaõ Rodrigues, e Francisco vier. Rodrigues foi retido na Corde Portugal, e Xavier se embarı na frota de Martinho Affonso de usa, que estava já para se fazer á la quando chegou a Lisboa. Xavier rtio com dois companheiros, que tia tomado, Paulo de Camerin Itano, e Francisco Mansilha Portugues. Xavier estava revestido de carar de Nuncio Apostolico. Chegansacrificou as perrogativas ao Bispo Goa. Era este Joaõ d'Albuquerque stelhano de Naçaõ, e Religioso de Francisco, virtuoso, e Santo Prela-, a quem a humildade do Santo deo go idéa do que delle devia esperar. esde os primeiros passos que deo Xaer, appareceo nelle alguma coisa su-

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

perior ao homem. Já naõ lhe chama
se naõ Santo. Esta alta reputaçaõ
santidade confirmada pelas virtu
mais heroicas, por trabalhos a to
prova, calamidades taõ sensiveis e
frequentes, que era respeitado co
hum novo Taumaturgo, deo á sua
saõ proveitos taõ rapidos, e taõ ad
raveis á reforma dos costumes de
vados dos Christaõs, na conversaõ
Mahometanos, e dos Idolatras, que
tes mesmos fructos saõ hum prodi
taõ admiravel, como o espirito da P
fecia, dom das lingoas, a cura dos
entes, a resurreiçaõ dos mortos, a
ctoridade sobre os ventos, e tempe
des; maravilhas que serviraõ de pr
á Religiaõ, que elle anunciava: de
te que nos dez annos de sua missam,
da ha mais autentico, que elle mesi
para fazer sensivel a todas as Naço
que elle illustrou com as suas luz
que Deos o tinha escolhido como n
tro tempo tinha escolhido o Apos
dos Gentios, a fim de fazer d'elle h
vaso d'eleiçaõ, para levar o seu no
á presença dos Reis, e dos povos.

Quando ElRei D. Joaõ III.
tivesse feito outra coisa em favor da
ligiaõ, e das Indias mais, que dar-l
hum Apostolo como Xavier, era b

ta

te para o fazer immortal : porém
: Principe fez mais, porque tomou
los os cuidados imaginaveis para
s restituir o seu primeiro Apostolo,
: a obscuridade dos tempos lhes ti-
a como roubado.

Ann. de J. C. 1542.

D. João III. Rei.

A antiga tradiçaõ da Europa, e
novo Mundo concordava em dizer
: S. Thomé Apostolo fora o pri-
iro que tinha levado o Evangelho
estas vastas regioens : porém lá
:smo naõ restavaõ se naõ alguns
:uros vestigios, que era necessario
)fundallos. D. Manoel foi o pri-
:iro que ordenou esta busca, que
Joaõ seguio ainda com mais ardor.

Martinho Afonso de Souza Governador.

Christaõs de Cranganor, que cha-
ıram depois Christaõs de S. Thomé,
raõ as primeiras Noticias das suas
ıgens Apostolicas, de seus milagres,
seu martirio, e principalmente da
ebre prophecia, que tinha feito da
ıda d'homens brancos, que prega-
ıõ a fé que elle tinha annunciado,
ando o mar apartado entaõ 12 mi-
as de Meliapor, viesse banhar os
us muros, o que se achou verifica-
na chegada dos Portuguezes.

Começaram a ter alguns conhe-
mentos mais distinctos em 1517. por
ım Armenio, o qual tendo-se acha-
do

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

do em Paleacate, ſobre a Coſta de C
romandel, com hum Diogo Fernan
Portugues que vinha de Malaca,
offereceo a conduſilo á Sepultura
Santo. Elle o conduſio com effe
ás ruinas da antiga Meliapor, c
nome, que ſignifica *Pavaõ*, notava q
era entre as Cidades como o Pa
entre os paſſaros. A quantidade de r
nas, e o trabalho admiravel de m
tas pedras eſculpidas com huma e
trema dilicadeſa, eraõ ainda huma p
va da ſua antiga formozura. La entre
ruinas d'hum velho Templo ſubſi
huma Capella, que ſegundo a co
mum opiniaõ fazia parte d'huma Ig
ja fundada pelo Santo, ou á hon
do Santo, e onde pretendiaõ que
ſeu corpo tinha ſido ſepultado. A C
pella por fora, e por dentro eſta
ſemeada de Cruzes, formadas com
a da Ordem d'Avis em Heſpanh
Hum velho Mouro de Religiaõ, n
Gentio de origem, ſe achava ahi e
taõ quando o Armenio, e Diogo F
nandes foraõ alli. Eſte velho tin
alli chegado havia alguns dias, com
eſperança de recuperar a viſta que
nha perdido. Os antepaſſados, e p
rentes deſte velho, poſto que idol
tras, tinhaõ tido cuidado por mui
tem

npo, de conservar nesta Capella npadas acezas em respeito da memria do Santo.

Ann. de J. C. 1542.

D. João III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

D. Duarte de Menezes por orn da Corte, fez trabalhar em 1522 reparar a Capella. Depois que fundaraõ sinco pés debaixo d'hum destal, acharaõ huma sepultura com n corpo, que creraõ ser o do Rei e o Santo tinha convertido. Tendo fundado ainda mais, descubriraõ hu gruta em forma de Capella, alta nove pés, onde estavaõ os ossos Santo, que distinguiraõ pela sua ura. Havia na mesma tumba o fer, e huma parte da haste da lança m que tinha sido traspassado; outro daço de pao com ferro, e hum va cheio de terra, que parecia ter sido to do seu sangue. O corpo do nto foi recolhido com todo o resito possivel, e metido em hum co e da China, envernisado, e chapeado Prata. O do Rei, e d'alguns ous Discipulos do Santo, que tambem haraõ, foraõ depositados em outro fre menos preciozo.

Nuno da Cunha fez fazer em 533. novas informaçoens, que se reriaõ inteiramente ás primeiras. Porém o que acabou de confirmar esta opi-

Ann. de J. C. 1542.

D. Joaõ III. Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

opiniaõ, foi em primeiro lugar hu
Lamina d'Arame que foi achada qu
do governava Martim Affonso de S
za, onde estavaõ gravadas as prin
paes acçoens da vida, e da morte
Santo, em huma lingoa que naõ
tava em uso no paiz, e que só
entendida de muito poucos sabios. I
segundo lugar, foi hum marmore q
acharaõ tambem alguns annos d
pois, quando era Vice-Rei D. Jo
de Castro, em que viaõ huma si
lhante escriptura com algumas cru
d'Avis, das quaes a maior occupa
todo o meio do marmore, e tin
em sima huma Pomba pendente de
ma da cruz. As letras esculpidas e
torno foraõ explicadas por algu
Brachmanes do Reino de Narsinga
que se chamaraõ para as declarar,
quaes naõ se tendo ajustado, se ach
raõ com tudo conformes na expli
çaõ que deraõ d'ellas.

Hum celebre milagre que aco
teceo a este marmore, que viraõ
ar, e mudar de cor em quanto d
rou o Santo sacrificio da Missa, o p
em maior veneraçaõ, e augmentou
credito á tradiçaõ do paiz, a qu
naõ tira com tudo aos criticos as d
vidas, que elles podem formar sobr
ou-

ra tradiçaõ antiga na Europa, que transportar o corpo de S. Thomé Indias a Edessa, e de Edessa para Italia. Seja o que for, os Portuguezes estaõ convencidos de que possuem o corpo deste grande Apostolo: he esta persuasaõ que fez comque estabeleceraõ de boa vontade nos ares consagrados pela sua morte precisa, e que mudaraõ o nome da Cie de Meliapor, que he a antiga lamina, no de S. Thomé. Com tu- o corpo do Santo Apostolo foi nsportado para Goa, onde he verado em huma Igreja magnifica, foi começada pelo Principe D. nstantino de Bragança no seu Vi-Reinado.

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Souza entrou no exercicio do seu overno occupado do espirito de re-rma, e passou todo o inverno em a a fazer novos regulamentos. Sua nducta era regular, e edificante. sitava os Hospitaes todas as sextas ras, e huma vez na semana as prisens. Porém tinha começado mal, enando os espiritos dos Officiaes, pe- modo com que obrou a respeito do u predecessor; em que se pode ver que rdadeiramente elle tinha obrado mais or prevençaõ, que por paixaõ, defei-

to

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

to muito commum ás pessoas de be
a quem faltaõ as luzes , e a qu
he ordinario cometter grandes er
por huma obstinaçaõ corada com h
ma cega piedade , mal entendida ,
incorregivel. Escandalizou ainda m
a todos pelas pesquisas odiosas q
fez da administraçaõ de todos aqu
les que estavaõ empregados , e as i
novaçoens que introdusio nas alfanc
gas , onde verdadeiramente havia h
ma grande desordem , e hum rou
taõ descarado , que a maior parte d
Officios serviaõ de prejuizo ao Re
cujo Estado se exauria por huma p
te para sustentar estes empregos , e
quanto se arruinava por outra pe
despezas immensas dos armament
annuaes das frotas , que partiaõ para
Indias. O povo naõ foi menos irri
do do que a Nobreza , pelo corte
paga da gente de guerra , e pelas o
dens , que deo para lhes tirar o co
mercio.

A pezar deste descontentamen
universal , naõ deixou de ser segui
quando partio , para hir conquistar
Rainha de Baticala , que tinha cessa
de pagar o tributo ordinario , e da
asylo em seus portos a alguns pirat
A presença da frota Portugueza in
mi

dou esta Princesa, que creo escapar intriga por rodeios artificiozos, e açoens. Souza impaciente de se ver ganado, pôz a sua gente em terra, vidio o seu exercito em dois corpos 600 homens cada hum, dos quaes mmandava hum, e Francisco de uza de Tavora o outro. Os inimis vieraõ-lhe ao encontro; porém uco a pouco foraõ recuando até as rtas da sua Cidade, onde a mesa Rainha acudio, e aonde o comba- foi muito longo, e vigorozo. Per- da entrada da noite a Cidade foi andonada. O Portuguez victoriozo trou nella com o ferro na maõ, õ perdoou nem a idade, nem a se-, e teve hum grande esbulho. Pom este esbulho tendo dezordenado os ortuguezes huns contra outros, e no mpo que elles estavaõ occupados a destruirem mutuamente, os inimis que os contemplavaõ de sima d' ima eminencia, os attacaraõ com nta impetuosidade, que elles tiveõ muito trabalho para ganharem as as chalupas, e perderaõ com a hon- o fructo da sua cubiça. No dia guinte Souza para se vingar entrou i Cidade, lançou fogo aos edeficios, rtou as palmeiras dos suburbios, de-

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1544.

D. João III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

desolou todo este paiz, que era n'ou tro tempo deliciozo, e se porto com tanta crueldade, que passou de pois a proverbio entre os Indios que em vez de dizerem como d'an tes: *Guarda-te de Baticalá*, dizia depois: *Guardate de Martinho Affon so de Souza.* Depois desta terriv execução, naõ estando a Rainha en estado de sustentar guerra, foi obr gada a pedir paz, e se julgou feli em que lha quisessem conceder.

Os Reis do Indostan viaõ enta a verificaçaõ da Prophecia, que lhe haviaõ feito os Mouros, quando o Portuguezes alli chegaraõ. Elles lhe tinhaõ dito que estes novos hospede que se apresentavaõ como suplicante eraõ gentes perigozas, que d'amigo se fariaõ logo seus Senhores, e se riaõ depois seus tiranos. Porque alén dos Principes cegos d'Ormus, tran portados a Goa no tempo do Gran de Albuquerque, que tinhaõ sido ta desprezados, que viraõ hum nest Cidade o qual como outro Belisari pedia esmola debaixo d'huma arvore dizendo: „ Dai esmola a este pobr „ Principe, a quem tiraraõ o uso do „ olhos, para lhe tirarem os seus Es „ tados. „ Além d'aquelles digo,

mes-

ſmo Rei d'Ormus, e o Rei de rnate alli foraõ mandados em fer-. Nuno da Cunha tinha tirado as s cadeas ao primeiro, e D. Eſte-õ da Gama ao ſegundo; porém õ podendo concluir o ſeu negocio, entregou a Souza, que o concluio.

Ann. de J. C. 1544.

D. Joaõ III. Rei.

O Rei d'Ormus foi o primeiro obrigalo que lhe fizeſſe juſtiça. te Principe admitido no Conſelho i correo a ſua cauſa: „ Alli repre-ſentou com muita energia os inſul-tos que lhe tinhaõ feito, o pouco reſpeito que tinha tido a ſua peſ-ſoa, até lhe arrancarem o cabelo da barba, deitar-lhe o ſeu barrete por terra, amarrarem-no, debaixo do falſo pretexto de que eſtava lou-co. „ Eſte era todo o ſeu crime, e a prudencia do ſeu diſcurſo deſ-iia muito bem para moſtrar toda a alicia d'aquelles, que o tinhaõ trata-o com toda eſta indecencia. Ten-o-o abſolvido o Conſelho, Souza o z reconduſir a Ormus com todo o ſplendor que convinha á ſua ordem. orém elle naõ goſou muito tempo a volta da ſua fortuna. Os que naõ oderaõ conſeguir calumniar a ſua in-ocencia, conſeguiraõ melhor tirar-lhe vida pelo veneno, e naõ ſe fez

Martinho Afonso de Souza Governador.

mais

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

mais justiça, do que se tinha feito d calumnias, e dos ultrages que tin recebido.

Se Souza se mostrou justo Rei d'Ormus em razaõ da sua pe soa, elle fez ao mesmo tempo hu coisa que devia arruinar este pob Principe, e seus successores. Eu disse como os 15. Seraphins d'ou de tributo, que deviaõ pagar os Re d'Ormus, tinhaõ sido levados até ce mil, somma exorbitante, e superi ás suas forças. Com effeito a conti gencia dos tempos, as guerras q tiveraõ que sustentar, as revoltas d seus vassallos, tendo-os posto em est do de se naõ poderem pagar com restante das suas rendas, os divers Principes visinhos, aquem elles devi huma especie de presente para perm tirem a passagem das Caravanas, q retinhaõ o seu commercio, elles acharaõ taõ atrasados no espaço de annos sómente, que no tempo q Martinho Affonso de Souza entr no emprego, deviaõ á Coroa de Po tugal 500 para 600 Seraphins d'our Naõ tinhaõ tido consideraçaõ alg ma ás circunstancias em que elles tinhaõ achado. Tinhaõ-se contentad de os naõ oprimir; porém as divid

indo-

do-se sempre acumulando, elles se
haraõ na impossibilidade de nunca
poderem satisfazer. Nesta necessi-
.de Souza fez propor ao Rei d'Or-
us, que entregasse as suas alfande-
as a ElRei de Portugal, que lhe per-
oaria a sua dividida, e lhe assigna-
a huma renda fixa para sustentaçaõ
a sua caza. Foi obrigado a passar por
to; de que se fez hum auto juridi-
o, e assignado por ambas as partes,
lhe tiraraõ, naõ sómente as alfan-
egas, mas ainda outras, rendas que
aõ tinhaõ sido comprehendidas no
atado. Deve-se conhecer bem que
lRei D. Joaõ III. Principe piedozo,
justo naõ entrava no conhecimento
e todas estas injustiças.

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

O Rei de Ternate, de que aqui
e trata, he este mesmo Tabarija, que
'ristaõ d'Ataide tinha feito passar á
ndia como hum criminozo. Sua in-
ocencia tinha sido logo reconhecida;
orém tinhaõ estado longo tempo sem
enfarem em o restabelecer. Final-
nente pensaraõ nisso, e o fizeraõ pas-
ar a Malaca para este effeito, com Jor-
laõ de Freitas, que trabalhou tanto
om elle, que se tinha feito Christaõ.
As coisas tinhaõ mudado muito naõ
Molucas depois da partida de Anto-
nio

Ann. de J. C. 1544.

D. Joaõ III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

nio Galvaõ: D. Jorge de Caſtro c
lhe tinha ſuccedido , tinha deſtru
todo o bem que tinha feito eſte S.
to homem , e renovado todos os h
rores de ſeus predeceſſores. Jordaõ
Freitas , que hia render eſte , r
quiz conduſir conſigo Tabarija ou
Manoel , que aſſim ſe chamou dep
do ſeu Baptiſmo. Elle julgou de
hir primeiro para preparar os anin
dos ſeus vaſſallos , que a ſua muda
ça de Religiaõ podia ter aliena
Deixou-o em Malaca onde teve tem
de morrer. Jordaõ de Freitas ten
ſabido a ſua morte , tomou poſſe
Ternate em nome d'ElRei de Por
gal , em virtude d'hum auto de d
çaõ que tinhaõ feito fazer a Tabar
eſtando moribundo. Cachil Aeiro te
do-ſe embaraçado com Freitas , foi
do deſde entaõ como criminozo , p
que eſte queria que elle o fôſſe. Fr
tas enviou Aeiro preſioneiro a Goa
que vio ainda hum novo Rei de T
nate nos ſeus ferros. Souzá o tin
tambem abſolvido ; porém elle n
foi enviado para os ſeus Eſtados ,
naõ pelo ſucceſſor de Souza , a que
a pobreſa em que deixaraõ gemer
te Principe , naõ compadeceo meno
que a juſtiça da ſua cauſa. Aſſi
zom

mbavaõ da fortuna d'estes peque-
s Soberanos, cuja infelicidade era
õ poderem castigar os que abusa-
õ da sua superioridade, para trium-
· da fraqueza d'elles.

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

A cubiça de muitos particulares os
ha obrigado a dar muitos avisos á
rte d'hum grande thesouro, conser-
do, e acumulado por muitos secu-
: no Pagode de Tremele 12 legoas
S. Thomé em terras de dependen-
. do Rei de Narsinga, e de que
ı muito facil assenhorear-se. A Cor-
cansada com estes avisos, enviou
rtas a Souza com ordem de seguir
e negocio. Souza com hum segre-
, que ninguem pôde nunca pene-
r, armou 45 embarcaçoens, e se
ıbarcou. Apenas se fez á vela, hu-
ı violenta tempestade desbaratou a
a frota, e a espalhou, e o pôz a
e mesmo em grande perigo de mor-
:. Com tudo ajuntando parte das
as embarcaçoens espalhadas, soube
ntra as noticias que lhe tinhaõ dado,
e a Costa de Coromandel naõ era na-
gavel nesta cezaõ, e naõ tinha ne-
ıuma boa enseada. Expôz entaõ as
dens que tinha da Corte. Ainda
ıe cada hum desejava lisongear a
a cubiça, votaraõ com tudo na re-

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

tirada. Porém para se recompensare da perda que tinhaõ tido por aquel parte, o General se deixou persu dir para hir roubar o Pagode de T bilicare no Reino do Coulan 40 l goas da Capital, onde os Portugu zes tinhaõ huma Fortalesa.

A gente do paiz vendo-os e armas naõ tiveraõ d'isso receio gum. O Rei de Coulam era seu liado, e seu amigo. Este Principe zia actualmente guerra a hum d seus visinhos, e naõ tinha razaõ p ra esperar da sua parte alguma hos lidade, assim se avançaraõ sem obst culo até ao Pagode. Entrou Sou com hum pequeno numero de con dentes. Os seus invejozos divulgar que elle tinha tirado dois barris d'c ro puro, e pedras preciosas, que fiaõ ser dois barris d'agoa, posto q pelo esforço dos que os levaraõ, d vessem julgar que era outra coisa. unico espolio que appareceo, foi hu vaso d'oiro do valor de 4$ escudo de que se serviaõ para lavarem o Ido

Com tudo os Indios sentindo e citar-se toda a sua indignaçaõ á vi da profanaçaõ do seu Sanctuario, infracçaõ da paz, e a indecencia huma cubiça, que naõ respeitava

ne

Ann. de J. C. 1544.

D. João III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

m á ſantidade dos lugares, nem dos
ramentos, correraõ ás armas, jun-
ō-ſe tendo na ſua frente mais de 200
aires, e ſe poém no ſeguimento
ſtes ſacrilegos profanadores. A ſi-
açaõ em que ſe achavaõ os Portugue-
s era a meſma que a da empreza
Calicut, onde foi morto o Marechal,
caminho fechado, eſtreito, e domi-
do pela parte do attaque. Os Por-
guezes naõ ſe podiaõ ſervir das ar-
as, nem evitar as dos inimigos, que
acomettiaõ com vantagem. Morre-
ō alli trinta homens, e 150. feridos.
General evitou a morte apeando-ſe
ſeu cavalo, para ſe baralhar na
ultidaõ. Teve muito trabalho para
capar d'eſta empreſa, de que naõ
hio acreditado, nem da parte dos
imigos, que o tinhaõ maltratado mui-
, nem meſmo da parte da Corte,
ie tendo examaminado melhor o ca-
de conſciencia deſtas qualidades d'
npreſas, as condenou depois de as
r approvado, e deo ordem a Sou-
que reſtituiſſe o vazo d'oiro, com
ais outro dinheiro, que tinhaõ tira-
d'outro Pagode, nos meſmos lu-
ires onde iſto tinha ſido tomado, e
ie ſe deſſe ſatisfaçaõ peſſoal ao Rei
: Coulaõ que tinha offendido.

T ii Hum

ANN. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Hum novo negocio obrigou lo depois Souza a vir para Goa a to a pressa. Foi huma intriga traçada p Azedecan sempre em ciume , e e desconfiança com o Idalcaõ seu Sob rano, o qual da sua parte emprega successivamente a força , e o artific para se fazer Senhor da sua pessoa e dos seus thesouros. Este astucio politico para fazer huma diversaõ q o podesse escudar , achou o seu ul mo recurso em huma nova person gem que pôz na Scena. Foi este Me le-can , que alguns autores fazem maõ do mesmo Idalcaõ ; porém cc hum direito mais legitimo ao Tron por descender por sua Mãi do tron dos Reis de Decan. Outros o faz filho do Rei de Balagate , depois morte do qual foi despojado pelo Id caõ.

Meale expulsado dos seus Es dos , se retirou para Meca , don Solimaõ Bachá o enviou para o R no de Cambaia , naõ para o restal lecer nos seus Estados , assim con lho tinha prometido , mas para ter pretexto de causar novidades na dia , de que se podesse aproveitar. D pois da retirada de Solimaõ , fican entregue á sua má fortuna , Azec caõ

ŏ, que o achou proprio para lhe ser voravel ás suas viftas, emprehendeo quirirlhe a protecçaõ dos Portugue-s. Servio-se para tratar efte negocio hum dos feus intimos confidentes, amado Coje-Cemaçadin. Efte tratou negocio muito fecretamente com D. arcia de Caftro Governador de Goa, fez tanto pelas razoens d'entereffe e lhe propôz á vifta, e ainda mais los prefentes que lhe deo, que aftro fez vir Meale a Goa, onde i tratado como Rei. O Idalcaõ que i d'ifto logo inftruido, atemorifou-, e mandou da fua parte fazer pro-effas para defviar o golpe. Tendo ouza chegado a Goa nefte tempo, ;z em diliberaçaõ no Confelho as intagens propoftas d'huma, e outra irte, e fe determinou em favor de Ieale.

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Eftando tudo preftes para á expe-çaõ, fe poferaõ em campanha. O eneral em peffoa conduſia o exerci-, e levava comfigo Meale, que li-ongeando-fe com hum reftabelecimen-proximo, naõ podia bem exprimir a ia alegria, e o feu reconhecimento. ftavaõ já no Paffo de Benaftarim, e faltava paffar para o Continente, uando Pedro de Faria, fazendo com que

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

que Souza fizeſſe novas reflexoens, moveo tambem com as ſuas razoen que quando menos ſe eſperava, e ſe que podeſſem penetrar os motivos Souza deo ordem ao exercito que r trocedeſſe o caminho para Goa. acontecimento juſtificou huma cond ćta taõ extraordinaria. Porque po cos dias deſpois ſouberaõ que o Id caõ, uſando d'huma grande diligenc tinha desbaratado o exercito dos reb lados, que ſe tinha formado em f vor de Meale, que tinha poſto ſit de fronte da Cidade de Bilgan, que ſe fez Senhor, depois da mor de Azedecaõ, que ſe tinha encerrad e tinha pago o tributo á natureza co ſumido pela velhice, e pode ſer p las inquietaçoens, que lhe tinhaõ ca ſado á incerteza do fim d'eſta guer

Felicitando-ſe entaõ Souza do pa tido que tinha tomado, enviou feli tar o Idalcaõ victorioſo, que receb muito bem o cumprimento, e entr com elle em novo tratado, pelo qu confirmou á Coroa de Portugal a do çaõ das terras de Bardes, e de Salſ te com tudo o que tinha pertenci d'aquella parte a Azedecaõ, de que ao meſmo tempo cedia o theſour que Azedecaõ tinha feito tranſport

ſe

Martinho Afonso de Souza Governador.

:cretamente a Cananor pelo ſeu con-dente Coje-Cemaçadin. Se Souza da ıa parte ſe obrigaſſe a nunca mais pro-:ger Meale, e a fazello conduſir a Ma-ıca, onde devia conſervalo em hu-ıa decente priſaõ. Com tudo Souza :z logo tomar poſſe das terras cedi-as, ſem querer ſatisfazer á condiçaõ e apartar Meale, o que illudio com iverſos pretextos. Coje-Cemaçadin itado para entregar o theſouro, o en-regou logo; porém em lugar de 10 nilhoens, em que elle conſiſtia, ſegun-lo o aviſo que tinhaõ tido do meſmo dalcaõ, deo ſo hum, e negou o reſ-o.

O General, que tinha ſempre eſ-e theſouro na idéa, fez quanto pô-le para atrahir Cemaçadin a Goa; porém naõ o podendo conſeguir com os ſeus agrados, e urgentes ſolicita-çoens, intentou trazelo por força; o que naõ era facil. Cemaçadin eſta-va deſconfiado, tinha 500 Naires aſol-dadados, e a protecçaõ do Rei de Cananor; era precizo recorrer ao ar-tificio. O negocio foi tratado com huma peſſoa de conſideraçaõ da Corte deſte Principe, e que era muito proxima ao primeiro Miniſtro. Fazendo-lhe eſte malograr o deſignio, ou naõ o poden-do

Ann. de J. C. 1545.

D. João III Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

do conseguir, foi a victima desta triga com hum dos seus irmaõs. H rique de Souza enviado pelo Gene os meteo em huma embuscada, o os fez assacinar: acçaõ indigna q irritando ao ultimo ponto o espir do Rei, e dos seus vassallos, p turbou a tranquilidade, que os Por guezes gozavaõ havia muitos anno trocando a affeiçaõ que lhes tinha em hum odio implacavel, o que te terriveis consequencias; sorte ordir ria das perfidias, que faz com que p guem os inocentes pelos culpados.

Martinho Affonso de Souza abo recido pelas suas reformas, e pri cipalmente por huma mudança, que nha feito nas moedas, de que tin consideravelmente alterado as especie sem diminuir o valor, o que tinha igu mente sublevado os Portuguezes, e Indios, tendo chegado ao ponto de na poder sofrer ninguem, e de ninguem poder sofrer. Felicidade foi para elle ver-se substituido por D. Joaõ de Ca tro, que foi em qualidade de Vic Rei, e elle deixou sem disgosto hu Governo, onde o viaõ com gosto obr gado a deixalo. Os amigos da fortu na, similhantes áquelles povos, que ado ravaõ o Sol quando nascia, e o ape dre-

javaõ, quando se recolhia no seio
mar, o abandonaraõ para se uni-
ao novo Vice-Rei. Este com tudo
u com elle d'huma maneira muito
ferente d'aquella com que elle mes-
tinha usado a respeito de D. Es-
aõ da Gama. Eu creio que como
uza era proximo parente do Con-
da Castanheira primeiro Ministro,
nisto muito mais devedor a esta
nsideraçaõ, do que á probidade do
succeffor. No mais foi muito bem
ebido em Portugal, e ElRei fa-
ndo justiça á sua capacidade, e me-
imento, o admitio nos seus Con-
hos, e se servio ao depois d'elle
ito utilmente. No tempo do seu Go-
no a Inquisiçaõ naõ estava ainda es-
elecida em Goa. Fizeraõ com tu-
hum auto com a pessoa d'hum me-
o Judeo, que naõ tendo querido
nverter-se, experimentou a justiça
linaria d'este tribunal, e foi quei-
ido á fogo lento.

Ann. de J. C. 1545.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Para congraçar os animos que
uza tinha irritado,, a primeira coi-
que fez Castro, depois das mudan-
s ordinarias dos Governadores das
aças, foi restituir a moeda ao seu
sto valor. Porém como a coisa era
icada, e podia dar-lhe hum traba-
lho

Ann. de J. C. 1545.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

lho na Corte, naõ quiz intentar r da, sem o parecer do Bispo de Go e de hum Conselho extraordinario q ajuntou, e cujos outros foraõ env dos para Portugal. Martinho Affon de Souza, tendo sabido a noticia d Cochim, temendo que o Vice-R para sua propria justificaçaõ, naõ l fizesse hum crime da sua conducta pa sada sobre este artigo, achou esta m dança muito má, e pôz em movime to Aleixo de Souza Intendente fazenda, que escreveo ao Vice-R huma carta taõ insolente, que o V ce-Rei enviou ordem para o prend rem. Porém o Intendente evitou golpe, e achou o meio de se emba car para Portugal. Martinho Affon de Souza, e o Vice-Rei se embar çaraõ n'esta occasiaõ. Houveraõ carta e palavras muito vivas de parte parte; com tudo as coisas naõ se ad antaraõ muito.

O disgosto que a morte de Su taõ Badur tinha causado em todos coraçoens, naõ se tinha extinguid pela paz que tinha feito D. Garcia d Noronha com o Rei de Cambaia. E te moço Principe, animado do se proprio ressentimento pelo da Rainh mãi de Badur, e pelas solicitaçoen

ur-

entes dos Senhores da ſua Corte, ſuſpiravava ſe naõ pela vingança. ar ſuperior que tomavaõ os Portu- ezes muito altivos com a ſua feli- ade, o modo indigno comque elles avaõ os Principes, a quem deviaõ is obrigaçoens, as violencias que ercitavaõ com os particulares, os textos frivolos que tomavaõ para ſe derarem do alheio, o deſpreſo com tratavaõ os Indios, e principal- nte no que tocava á ſua Religiaõ, n reſpeito ás ſuas leis, ſeus uſos, coſtumes, naõ tinhaõ feito mais do irritar eſte odio univerſal, que ſe nſervava como hum fogo debaixo da za.

Ann. de J. C. 1545.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vi-ce-Rei.

A meſma paz de que eu acabo falar, tinha dado occaſiaõ a aug- entar o mal, e a inflammalo mais. rque como, ſegundo o que tinha ſi- eſtipulado pelo tratado feito com ronha, era permitido ao Rei de mbaia levantar hum muro entre a dade de Diu, e a Cidadella a hu- certa diſtancia, eſte muro naõ eſ- va ainda acabado, quando Manoel Souza de Sepulveda Governador da rtaleza, com o pretexto de que fa- iõ mais, do que o tratado continha, nio de maõ armada com a ſua guar-

ni-

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI-

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

niçaõ, e destruhio toda a obra; o qu[e] o Rei de Cambaia foi obrigado a di[s]simular.

Finalmente o mal se declarou, [o] fogo oculto se fez hum grande ince[n]dio, e logo os Portuguezes se vira[õ] metidos em huma guerra, que pôz [a] fortuna de tantos annos em hum no[]vo risco, e taõ perto de se precipita[r] na sua ruina, que nunca se tinha vi[s]tó em hum taõ grande perigo. Coj[e] Sofar foi o mobil de toda esta intrig[a]. Era elle filho d'hum pay Italiano, e [d]huma mãi Grega, com todas as virtu[]des, e todos os defeitos destas du[as] Naçoens, refinado na politica das Co[r]tes do Oriente, e tinha chegado ás pr[i]meiras honras na de Cambaia, e [á] mais intima confidencia do Soberan[o]. Dezejou pelo seu enteresse achar no[s] Portuguezes motivos para os ama[r]. Naõ o conseguindo, tinha chegado [a] aborrecellos perfeitamente; porém co[m] tanta simulaçaõ, que a sua estimaça[õ] apparente era igual ao fundo da su[a] aversaõ.

Desde o fim do primeiro Cerco d[e] Diu, pensou nos meios de consegui[r] segundo, sem que o podessem pene[]trar, se naõ quando esteve no pont[o] de rebentar; porém tomou medida[s]

to-

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

.s differentes. A ſugeiçaõ que re-
:o de Solimaõ Bachá, fez com
elle naõ quizeſſe mais expor-ſe a
ar Senhor, buſcando fugir da
:ſſaõ d'outro. Como porém os In-
Guzarates naõ lhe baſtavaõ, cha-
ı a ſi quantos voluntarios póde de
ıs as Naçoens Muſulmanas, e prin-
.lmente os Chriſtaõs arrenegados,
:e os quaes recebia com huma diſ-
:aõ particular, os que tinhaõ algum
ſtimo, ou talento util na arte mili-
No eſpaço de 7 annos naõ parou de
:r trabalhar nos armazens, em fundi-
:ns d'artilheria, e em todas as ſortes
proviſoens de guerra, e de boca.
impoſſivel que tantos preparativos,
da que os trabalhos foſſem divididos
muitos lugares do Reino, naõ
ſem alguma ſuſpeita aos Portugue-
. Por iſſo meſmo fez elle divulgar
ɔilmente o rumor d'huma guerra pro-
na com o Rei dos Patanes, e de
ma invaſaõ dos Mogols. Com tudo
.va perfeitamente a reſpeito d'elles,
ncipalmente com os principaes Offi-
es, com quem conſervava huma
:reſpondencia, de civilidade, de pre-
ıtes, d'amiſade, e de huma confi-
ncia taõ eſtreita, que ſabia exacta-
:nte todos os ſeus ſegredos, e que
naõ

naõ havia ninguem que o naõ julga
se amigo da sua Naçaõ.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Huma confiança temeraria cego
de modo estes, em consequencia
tantas victorias que tinhaõ conseguid
que naõ lhes vinha se quer á len
brança, que podessem fazer a men
brecha na auctoridade que tinhaõ tom
do. A dormecidos por huma paz
muitos annos seguidos, ensoberb
cidos com a vista de muitos Reis h
milhados, esperavaõ taõ pouco a gue
ra, que elles mesmos se punhaõ e
estado de a naõ poderem sustentar
taõ longe estavaõ de pensar que p
dessem ousar declarar-lha. As frot
que vinhaõ de Portugal naõ eraõ
taõ numerosas. Os navios que rest
vaõ na India apodreciaõ nos porto
Os armasens estavaõ vasios, os me
mos Feitores, e os Governadores d
praças se ajustavaõ para venderem
muniçoens aos inimigos, o thesouro e
tava esgotado; a deserçaõ entre
soldados fomentada pelos Officiaes e
tal, que tudo se redusia a nada, e qu
em Diu de 900 homens de guarniçaõ
que o General lhe tinha deixado
apenas restavaõ 250.

Sofar que naõ ignorava nada d
todas estas coisas, julgando que e
tem-

ıpo de começar , fingio que Sul- Mahmud lhe tinha dado as Cida- de Surrate, e de Rainer, e tinha ıtado tambem a de Diu. Efcreveo D. Joaõ Mafcarenhas que tinha :edido a Manoel de Souza de Sepul- ;a no Governo da Cidadella : „ pa- a fe felicitar com elle do gofto que eriaõ de viverem juntos : Que lhe edia que fe naõ admira-fe d'elle fa- ızer entrar tropas na Cidade : Que fendo-lhe dada a proprieda- e defta praça a elle lhe convinha ortificala para todo o acontecimen- o : Que no mais poderia eftar cer- o no aferro que elle tinha tido fem- ›re aos entereffes da Coroa de Por- ugal, o qual era fundado em huma ftimaçaõ naõ equivoca, e de que ef- ›erava dar-lhe cada vez maiores ›rovas. „

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Mafcarenhas refpondeo a efta car- com toda a civilidade que convi- a ; porém os movimentos das gen- de guerra, fendo já muito grandes ra naõ caufarem violentas fufpeitas, mou as fuas precauçoens como ho- em prudente , e habil. Enviou os ıs efpias para diferentes partes. Ef- ; naõ precizaraõ hir muito longe pa- faberem os difignios do inimigo.

Os

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Os caminhos eſtavaõ cheios de condu
çoens. As Cidades dos contornos ſe e
chiaõ de gentes de guerra. A' de D
viam-ſe chegar todos os dias novas p
tidas, ſem falar d'hum grande n
mero de caras novas, que eraõ outr
tantos ſoldados disfarçados. Ao me
mo tempo Maſcarenhas teve aviſo, q
Sofar tinha comprado hum Portugu
da ſua guarniçaõ para envenenar
aguas da ciſterna, e lançar fogo a
armaſens da polvora. Naõ preciza
mais certificar-ſe da verdade das ſu
ſuſpeitas. Eſcreveo logo ao Vice-R
e aos Governadores de Baçaim, e
Chaul, para lhes dar aviſo do eſta
em que ſe achava, eſperando hum c
co, que o inverno em que entrava d
via fazer largo, e dificil. Fez ſa
todas as bocas inuteis, que meteo e
navios mercantes; mandou comp
mantimentos ás Cidades viſinhas; f
arruinar alguns edificios, e tranſp
trar para á Cidadella todas as m
deiras, e materiaes que lhe podi
ſervir.

Neſtas circunſtancias Sofar ch
gou a Diu com os eſcolhidos das ſu
tropas, que conſiſtiaõ em 5ↀ home
Turcos, Mammelus, Arabes, Perſ
Fartaques, Abexins, e Européos ar
n

gados de todas as naçoens. O ref-
do exercito chegava a 20000 homens
tropas regulares, com hum maior
mero ainda de pioens, trabalhadores,
vandeiros, e outras gentes de fervi-
. Chegando enviou faudar o Go-
rnador, defculpando-fe de naõ hir
le peffoalmente. Mafcarenhas da fua
rte lhe fez pagar logo a vifita por
maõ Feio Juiz do Porto, homem
bio, e prudente.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Defde efte momento Sofar mof-
ou o fundo das fuas intençoens,
ofto que elle as córaffe com o pretex-
da juftiça, e tambem do zelo pa-
o bem dos Portuguezes diffe,, que
fendo amigo d'elles, era da fua obri-
gaçaõ vigiar, que naõ aconteceffe de-
fordem entre elles, e os feus vaffa-
los, que para ifto mefmo tinha re-
folvido levantar o muro de fepara-
çaõ, em que tinhaõ já concordado.
Ajuntou que pertendia mais, que o
porto de Diu foffe exempto da fer-
vidaõ, a que elles tinhaõ fugeitado
os navios eftrangeiros, que alli che-
gavaõ: Que efta fervidaõ tinha fido
huma tyrania, de que elle os que-
ria libertar: Que era para admirar
que hum punhado de gente vinda
do fim do mundo tiveffe oufado im-

 ,, pôr

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

„ pôr hum jugo taõ odiofo em hu
„ paiz eftrangeiro, onde tinhaõ fido r
„ cebidos por merce, e que pref
„ mia muito da prudencia d'elles, pa
„ que fe houveffem de oppor a reque
„ mentos taõ juftos, em hum tem
„ em que as fuas forças eftavaõ e
„ tinctas, nas circunftancias em que
„ les tinhaõ allienado todas as vont
„ des, e na entrada d'hum inver
„ que lhes fechava a porta a todos
„ foccorros. „

Feio tendo trazido efte recad
Mafcarenhas, por parecer do feu Co
felho, enviou o mefmo Feio com
original do tratado feito com Sult
Mahùmud, dizendo „ que efte trata
„ devendo-lhes fervir de regra, po
„ da fua parte todas as facilidades p
„ a fua execuçaõ. Porém que an
„ de confentir que lhes fizeffem alg
„ ma infracçaõ, elle eftava refolut
„ morrer, e a dar até a ultima p
„ ga do feu fangue com todos
„ feus. „ Sofar, que naõ queria
naõ romper, fe portou com mu
violencia, defpedaçou o auto, pifo
aos pés, fez prender Feio com
tros dois Portuguezes, que fe n
acautelaraõ baftantemente. Defde
mefmo dia 21 de Abril de 1546 h
m

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

ı multidaõ de Indios veio tumultu-
ımente, e ſem ordem, a fazer huma
ſcarga d'arcabuzes, e de flexas con-
a Cidadella.

A Cidadella de Diu reparada, e
gmentada por D. Garcia de Noro-
ı, tinha entaõ ſobre a face que
ıava para á Cidade ſete baluartes,
baſtioens com ſuas torres, com-
hendendo tambem o do meio do
. Tinhaõ demolido o da Cidade dos
ımes, que eſtava ſeparado da Cida-
la, e tinha feito mais mal do que
n no primeiro cerco. Maſcarenhas
endo murar as grandes portas, pa-
ſó deixar os poſtigos livres, e as
ıs pontes levadiças, deſtribuio os
ſtos aos melhores Officiaes d'eſte
ıdo. Pôz Fernando Carvalho no
ıuarte do mar com trinta homens;
de S. Thiago, Alonſo Bonifacio;
de S. Thomé, Luis de Souza;
l Coutinho teve o de S. Joaõ; An-
ıio Peçanha o de S. Jorge onde eſ-
a a porta nova. O baluarte do por-
que chamavaõ tambem de S. Thia-
, foi commettido aos dois Irmaõs,
Pedro, e D. Joaõ d'Almeida; o
porta velha a Antonio Freire, e
duas couraças que eſtavaõ de fron-
das portas a Joaõ de Venezeanos,

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

e a Antonio Rodrigues. Cada hu
deftes Officiaes teve 20 ou 30. f
dados : Mafcarenhas efcolheo hu
fincoenta para acudır a toda a pa
fegundo a precizaõ.

Para começar a meter maõ á ob
tomou Sofar huma altura no quar
da Cidade dos Rumes, na diftancia
hum tiro d'arcabuz , donde def
briaõ melhor a Cidadella , onde fez
zer hum baluarte de pedra terrapla
do por detras, com fuas Cafamatas ,
muralha , e feu parapeito. Efta o
que foi feita na noite de 21 para
á força de maõs admirou extraordi
riamente os Portuguezes , que naõ
diaõ efperar huma taõ grande dilig
cia. Nas duas noites feguintes fez
tros dois fimilhantes , tirando par
outra borda do rio fempre na de
da , porque o terreno hia em ef
pa , e fez ellevar cortinas d'hum
luarte ao outro da altura de dois
mens. As batarias plantadas fobre
tes baluartes atiravaõ durante o d
porém os pioens fó trabalhavaõ de n
te , cuja efcuridade lhes era mais fa
ravel. Ifto naõ obftante como de
havia huma multidaõ prodigiofa, o
go da praça , e principalmente o
baluarte do mar lhe caufava hum gr

c

damno por nunca errarem tiro.
Era de ſuma importancia para os
migos o tomarem eſte baluarte,
: metendo-os de poſſe do Porto,
: dava ainda mais facilidade para ba-
em a praça. Sofar tinha reſervado
:a eſte effeito hum grande navio no
ıl fez elevar huma grande torre de
s eſtancias, onde 200 homens podiaõ
nbater. A maquina era quaſi ſimi-
ınte á que tinhaõ preparado para o
meiro cerco; porém ella naõ te-
melhor ſorte. Os que eſtavaõ de
ıtinella no alto das torres da Cida-
lla, avizando ao Governador deſta
ıneira, deo eſte ordem a Diogo Lei-
, Capitaõ do porto, que tomaſſe 20
mens eſcolhidos em dois catures,
m dos remeiros, que eraõ eſcravos
ızarates forçados, e que foſſe quei-
ır eſta maquina, quando a noite o fa-
receſſe. Poſto que vogaſſem com
nos ſurdos, e que tiveſſem o cui-
do de encubrir o fogo dos mor-
ens, foraõ preſentidos. Sofar que
ndava, foi o primeiro que os deſcu-
io, e fez tocar á rebate. Na incer-
za deſte rebate, naõ ſabendo cada
ım aonde correſſe, a Cidade eſte-
toda em confuzaõ, e cheia d'eſ-
nto. Com tudo o mais concurſo ſe
fez

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

fez para o Porto, que retumbava c
clamores, e tiros dados ſem ordem. L
te, e os ſeus por iſſo ſe apreſſaraõ a
fim á ſua empreſa. Lançaraõ-lhe
ſuas panellas de fogo, porém e
eſtava taõ defendida com couros cr
e ervas, que o fogo naõ pôde peg
Depois de admirarem hum effeito
pouco eſperado, e que lhes parec
hum prodigio, alguns dos mais re
lutos entraraõ para dentro, desbara
raõ os poucos, que alli eſtavaõ p
a guardarem: cortaõ os o cabos, l
çaõ-lhe os ſeus gurupés, e entre h
ma ſorriada de flexas, e arcabuſes
rebocaõ até á Cidadella entre os
luartes do Porto, e do mar, onde
queimaraõ muito ſoccegadamente, c
grande diſgoſto de Sofar, que b
mia de raiva, e deſeſperaçaõ.

Malograda eſta tentativa pelo
lor dos Portuguezes, Sofar naõ p
ſou mais do que em adiantar os
trabalhos da parte da terra. Aper
çoando a ſua primeira linha d'hu
borda do rio á outra, avaladou as
trincheiras com muros de pedra,
meſma ſorte que os primeiros, por
taõ cortados, e entrelaçados,
formavaõ huma eſpecie de labirin
Conduſio-os muito perto do foſſo.

ro

u de lá outra linha ſimilhante a primei- que fortificou tambem com baluar-s, e redutos, onde plantou huma imeroſa artilheria.

O dezaſoſſego tinha canſado Maſ-renhas, e os citiados. Eſtavaõ no n de Maio. Naõ apparecia ſoccorro gum. Naõ tinhaõ polvora ſe naõ ira hum mez. O inimigo adiantava-ſempre: conduſia-ſe com todas as re-ras: a ſua artilheria era ſervida por eſtres habeis. As peças eraõ d'hum l calibre, e a polvora era taõ fina ie as balas furavaõ hum Gabiaõ de irte a parte. O inverno principiava, os meſmos ventos, que moſtravaõ rar aos ſitiados toda a eſperança de :rem ſoccorridos, eraõ os mais favo-iveis que os inimigos podiaõ deſejar, ara trazerem huma frota auxiliar de 'urcos, ſegundo o rumor que tinhaõ ivulgado, com o diſignio de os inti-iidar.

Neſta agitaçaõ appareceraõ oito elas, que pela derrota, que ellas faziaõ ulgaraõ ſer o ſoccorro taõ eſperado. ;ra eſte com effeito D. Fernando de Caſtro o mais moço dos filhos do Vi-e-Rei, que ſeu pai tinha feito partir, ontra o rigor do tempo, ſobre os rimeiros aviſos das trincheiras do cer-

co

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

co. Tinha sofrido no caminho hu
violento mar, que lhe tinha deita
parte dos navios a Baçaim, parte
Chaul, onde se refugiaraõ. Porém
le resistio contra a tempestade, e e
trou no Porto de Diu com oito
turs. A Guarniçaõ depois d'este ref
so se achou com 400 para 500 home
pela maior parte Fidalgos, e volu
tarios, que tinhaõ cubiçado ganhare
honra nesta occasiaõ, seguindo a fo
tuna de D. Fernando. A praça
achou ao mesmo tempo mais conte
te, pelo augmento das muniçoens,
viveres. Os postos foraõ reforçados
e este Cavalleiro moço cheio de f
go, e que amava a gloria, quiz ter
de S. Joaõ, porque era o mais frac

Os citiantes se consolaraõ da ch
gada deste fraco soccorro, a respei
das conjuncturas do tempo, com
do seu Sultaõ, que vindo de Champ
nel ao campo, seguido de toda a s
Corte, com hum corpo de 10000 c
vallos, convidado por Sofar, que
songeado de redusir logo a praça, l
procurava a honra de a tomar. Fez-
na sua entrada hum taõ grande estro
do de artilheria, clarins, trombetas
e todos os instrumentos militares, q
naõ poderaõ suspeitar se naõ algum
gran-

ınde novidade. Hum presioneiro que
ıscarenhas fez apanhar expressamen-
, lhe descubrio a causa, e quiz el-
dar huma demonstraçaõ similhante,
e causou no campo inimigo huma
ıal admiraçaõ. O Sultaõ foi instrui-
pelo mesmo presioneiro, que o Go-
rnador lhe enviou para lhe testemu-
ar da sua parte: „ Quanto os Por-
tuguezes eraõ sensiveis á honra que
elle lhe fazia de illustrar-lhes o valor
com a sua presença, e dar hum no-
vo relevo á gloria que elles teriaõ
de frustrarem hum taõ poderoso Prin-
cipe. „ Com tudo Mahmud esteve
11 dias defronte da praça. Hum
o de canhaõ levando muito perto
elle hum dos seus Cortesaõs, os seus
divinhos tiraraõ d'isto hum máo agoi-
. Naõ estranhou que o rogassem
ıra se retirar a Amadaba, o que fez
eixando hum corpo de tropas de Abe-
ins a Jusarcaõ, que quiz repartir o
mando, e os trabalhos com Sofar.

A retirada do Sultaõ naõ esfriou
ardor dos sitiantes, que a sua pre-
ença tinha animado. Sofar continuou
fazer por indignaçaõ, os mesmos es-
orços, que lhe tinha feito fazer a inve-
ı de se assignalar na presença do Rei
eu Senhor. Bateo a brecha, e ata-

cava

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

cava por muitas partes ao meſmo te
po. Elevou dois reductos de fronte d
Baſtioens do Porto, e de S. Joa
Fez terceiro defronte do Baſtiaõ
S. Thomé. Chamaraõ-lhe o *Ramoſ*
por ſer entrelaçado com ramos,
troncos d'arvores, para o fazerem m
ſolido, e era taõ alto, que iguala
a Cidadella, e deſcubria inteirame
te a praça. A ſua artilheria com t
do jogava terrivelmente. Tinha peç
de enorme grandeza, e principalmen
hum morteiro que deitava pedras
6 pés de circumferencia. He verda
que ellas fizeraõ pouco damno, e q
ſendo morto o que ſervia o morteir
ficou abſolutamente inutil pela pou
deſtreſa do engenheiro que lhes ſu
cedeo. Porém o canhaõ fazia hum e
feito prodigioſo. Os Baſtioens eſtav
quaſi todos abalados. O de S. Th
mé eſtava fendido d'alto a baixo,
ameaçava inteiramente ruina. Para r
parar todos eſtes damnos, Maſcar
nhas fez huma cortadura com hu
muro de 20 pés de largo. Levantou h
ma nova torre, toda unida ao de
Thome, e fez hum Cavalleiro mu
to perto da Igreja, e do Baſtiaõ
S. Thiago do Porto, ſobre o qual f
montar duas groſſas peças que f
apontar ſobre o Ramoſo. A

A artilheria da praça naõ fazia menor damno nos inimigos. Mafca-nhas mudando-a de fituaçaõ, fegun-) as diverfas precizoens, tirava fem-·e huma grande vantagem. E como tempo dos trabalhos era o da noi-, difpôz nos foffos, de efpaço em paço, potes de materiaes oleofos, inflamaveis, que lançando huma rande claridade, faziaõ melhor co-hecer os trabalhadores. A multidaõ ·a taõ grande, que davaõ poucos ti-ɔs inuteis. O General inimigo para ncubrir as fuas perdas, fazia deitar s corpos mortos nas obras que edi-cava, e fazia levar diante de fi efta ıultidaõ fraca de obreiros a golpes d' lfange, e pontas de dardos, de for-e que eftes infelices eraõ obrigados avançar, igualmente obrigados pe-o temor de duas mortes quafi inevi-aveis. Naõ obftante efte continuo tra-ɔalho, o Ramofo foi inteiramente lesfeito, e com a fua ruina livrou Mafcarenhas do defaffocego que lhe ·aufava.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Pofto que algum difgofto dif-ſo teve Sofar, com tudo naõ fe lefanimou: tinha adiantado as fuas inhas até á borda do foffo, e empre-hendeo enchelo. Como Manoel de Sou-

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Souza de Sepulveda o tinha alarg
do muito , e as ruinas das brech
naõ baſtavaõ , era preciſo lançar-l
alli novos materiaes. Para eſte eff
to fez conduſir huma trincheira p
todo o longo da explanada, taõ po
funda , que os ſeus pioens podiaõ e
tar cobertos : fez guarnecer o ſeu p
rapeito de taboas diſpoſtas em eſca
pa , embotadas , ligadas , e muito con
pridas , a fim de que as pedras , e
arvores que por ellas deviaõ rolar , t
veſſem mais extençaõ , e chegaſſe
até ao meio do foſſo.

A felicidade com que iſto ſe ex
cutou torvou tanto Maſcarenhas , c
mo deo ſatisfaçaõ aos inimigos
que viaõ o fructo de ſeus trab
lhos , e o progreſſo da ſua induſtria
ſem que os podeſſem incomodar
nem fazer-lhes algum obſtaculo. Co
o que o atreiçoado Sofar poſtava ge
te na trincheira , que inſultavaõ o
ſitiados , reprehendendo-lhes o ſeu te
mor. „ Onde eſtaõ , diziaõ , aquelle
„ Portuguezes , de que hum pequen
„ numero hia deſafiar exercitos innu
„ maraveis , e os punhaõ em derrota
„ Sois vôz do ſangue d'eſtes homens
„ ou tendes degenerado. ? Quem vo
„ obriga a eſcondervos debaixo da
„ rui-

uinas das vossas muralhas? Somos
ios taõ formidaveis, que vos naõ
ıseis mostrar-vos? naõ era assim no
:empo d'Antonio da Silveira: eraõ
iomens que sabiaõ fazer face ao ini-
migo, e attacar a tempo. Naõ se
:onservavaõ como mulheres, sem-
pre no abrigo das suas cazas. Ou
o vosso Capitaõ he hum fraco, que
poém freio ao vosso valor, ou vos
mesmos o sois, que naõ ousais se-
guir os movimentos do seu.,,

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vi-ce-Rei.

Estes discursos, ainda que capa-
:s de sedusir, e perturbar a ordem
. subordinaçaõ, por huma falsa idéa
: valor, picavaõ menos Mascare-
ıas, do que o picava o naõ poder
:rturbar o trabalho do inimigo, que
: adiantava sempre. Estava elle nes-
s perplexidades, quando alguns sol-
ıdos que tinhaõ vigiado na praça,
ie fizeraõ notar, que neste lugar ha-
ia hum subterraneo, onde n'outro
:mpo havia hum postigo, que hia dar
o fosso. Logo o fez destapar, e lim-
ar. Pôz toda a sua gente a despe-
ır o fosso, á medida que o inimigo
: esforçava para o encher. No que
anhou por dois modos, porque ao
ıesmo tempo que illudia toda a sua
ndustria, provia-se de materiaes que
co-

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

começavaõ a faltar-lhe, tendo-se j
servido de quasi todas as ruinas da
cazas, que tinha demolido para est
effeito.

Era preciso usar de precauçaõ pa
ra que o seu artificio naõ fosse des
cuberto. O que se fez com felicida
de por alguns dias. Tirando os ma
teriaes debaixo, deixavaõ huma es
pecie de vacuo, que abatendo-se pou
co a pouco, favorecia este engano
porém isto naõ podia durar muito tem
po. Os inimigos admirados de veren
tantos materiaes absorvidos, deitava
muitas vezes o prumo para sondaren
o que ainda restava para encher. Fi
nalmente perceberaõ que o monta
diminuia em vez de crescer. Nest
tempo o vacuo se abateo, e os ini
migos, que naõ conheciaõ ainda o do
lo, sentiraõ os Portuguezes viva
mente occupados com o seu roubo
Sofar foi d'isto instruido, e taõ chei
de pesar como de admiraçaõ a respei
to do Governador, que escapava a to
dos os seus enganos, quiz-se certifica
do facto por si mesmo. Correo a
trincheira, mostra-se por sima do pa
rapeito sem muita reflexaõ, vé tudo
porém no mesmo instante hum tiro d
artilheria atirado ao acaso, lhe levou

a

ıbeça com a maõ direita, em que tinha encoſtado para contemplar ı mais deſcanço, e comodidade. Naõ podia acontecer couſa de ıor deſordem para todo eſte exer-), do que a morte deſte homem, : ſó d'elle era a alma, e o mo- Sentio-a elle taõ vivamente, que oito dias ſucceſſivos eſteve em hu- inacçaõ apparente, de que os ſi- ˡlos, que naõ podiaõ advinhar a cau- , ſe admiraraõ, e que á excepçaõ, ˡguns tiros d'arcabus atirados ao ſo, naõ fez movimento algum. õ eſtava elle menos perturbado no erior. Dividio-ſe em facçoens, e repartio tanto, que quaſi nada fal- ı para que naõ ſe dicipaſſe. Hum niane tendo-ſe aproximado á Ci- la, lhe levou a noticia, que naõ ɔeravaõ mais goſtoſa do que o feliz ɔmento da ſua libertaçaõ. Porém o ıo de Sofar, que tinha tomado no- : de Rumecaõ, e era General da ilheria, moço de 25 annos, cheio fogo, e de valor, e que com a periencia tinha todo o merecimen- de ſeu pai, animou tambem to- s os eſpiritos, e os conduſio de mo- , que o exercito o nomeou para eneral. Eſta eſcolha foi confirmada

por

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

por Sultaõ Mahmud, a quem elle
dar conta do eſtado das coiſas, e
fez de modo entrar no eſpirito da
vingança, que eſte Principe mand
do-o com hum poder diſpotico, e
dens muito apertadas, lhe deo ao m
mo tempo novos ſoccorros de dinh
ro; e fez partir pouco depois 4ↀ.
mens de reforço, com hum gra
numero d'outros obreiros que vinh
de todas as partes, e ſe rend
ſem ceſſar, de ſorte que a perda
homens naõ ſe conhecia neſta mu
daõ.

Deſde os principios de Julho, t
do o exercito inimigo feito as u
mas honras a Sofar, com toda a m
nificencia militar, e todas as moſt
de ſentimento dividas a hum taõ gr
de homem, Rumecaõ ſeguindo os p
jectos de ſeu pai, trabalhou em enc
o foſſo entre os baluartes de S. Jo
e de S. Thomé. Fez levantar duas T
tes de páo nos lugares onde tinha
po o Ramoſo, e em cada torre
ſentou dois Baſaliſcos cada hum na
caſamata. Deitou galarias no meſ
foſſo, onde os trabalhadores eſta
cubertos. Aplicou-ſe principalmente
tornar inutil o poſtigo que tinha
vido aos ſitiados para deſentupirem

foſſo

ſo, e obrigou Maſcarenhas a mu-
lo a elle meſmo por dentro. Final-
nte fez rolar tantos materiaes, que
nſeguio enchello.

Duas groſſas peſſas d'artilheria
e o Governador tinha feito aſſeſ-
no Baſtiaõ de S. Joaõ, naõ po-
raõ impedir o ſucceſſo d'hum traba-
taõ grande, e taõ continuado. Lem-
ou-ſe tambem d'outro eſtratagema
e lhe aproveitou melhor. Porque
ndo que os maiores intupimentos que
tinhaõ feito no foſſo eraõ de páos
palmeiras inteiras, e carcaſſas de
teis, fez-lhe lançar barris de alca-
õ aceſos, e fez decer por cadeias
ferro faxinas breadas. Os inimi-
s fizeraõ todo o esforço para apa-
r o fogo, com barris d'agua que
e deitavaõ continuadamente: porém
fogo do alcatraõ ateado na madeira
rde que o toma mais dificilmente,
rém que tomando-o, he muito mais
pero, e mais violento, o incendio
mando forças pela agua que lhe dei-
vaõ, queimou, e calcinou toda a
teria que achou até as pedras, e re-
ſio tudo em ſinzas.

A neceſſidade d'hum novo ſoc-
rro começava a oprimir os ſitiados.
nhaõ-ſe já paſſado do inverno 3 ou

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

4 mezes, porém reſtava ainda qu
outro tanto. O inimigo eſtava no cor
da praça. Os combates de maõ a m
vinhaõ ſendo frequentes. As muniç
ens, e os viveres tinhaõ diminui
conſideravelmente : reſtavaõ ſó 2
homens, muitos eſtavaõ feridos, e i
capazes do ſerviço. Os que eſtav
em eſtado de trabalhar, naõ deſca
çavaõ nem de dia, nem de noite; qu
todos eſtavaõ abatidos com vigilias
e trabalho. Os ſoldados começavaõ
a tomar medo. Deſte modo o Gove
nador, julgou precizo eſcrever de n
vo ao Vice-Rei, e de lhe enviar hu
homem de confiança. Foi eſte Jo
Coelho Vigario da praça, homem
valor que affrontando os maiores p
rigos em hum catur com 12 remeir
chega a Baçaim, e Chaul, d'onde con
nuou a ſua viagem por terra até G

O damno que o incendio tin
feito a Rumecaõ, bem longe de
deſcorſoar, ſó ſervio de mais o obſtin
Tornando com novos reforços, e
força de maõs fazendo tranſportar p
ra o foſſo até os materiaes dos mur
e redutos os mais apartados, e q
tinhaõ ſido o primeiro trabalho
cerco, conſeguio igualallo, e ench
lo até ao pé das brechas, e a

ar

umar ao Baftiaõ de S. Thomé
maftros de navios armados com
/effas em modo de efcadas para fu-
em d'affalto. Porém antes de che-
a ifto, quiz tentar no principio
ifpofiçaõ dos fitiados, para ver fe
eria redufilos a confentir em hu-
decente capitulaçaõ. Para o que
fervio do preftimo de Simaõ Feio,
tinha prefo. Feio fe aprefentou
aixo da praça, á entrada da noite,
equereo falar. Efcutaraõ as fuas pro-
içoens. As condiçoens eraõ todas
ito vantajozas, e taõ honrozas, quan-
podiaõ fer. A refpofta de Mafca-
has foi por extremo altiva. „ Dif-
que naõ queria entrar em algum
atado com huma Naçaõ perfida, que
aõ fabia guardar nenhum: que fe
s ruinas dos feus muros naõ po-
iaõ defendello, iria bufcar Rumecaõ
té na fua tenda, e abriria huma
affagem a traves dos feus inimigos,
fobre hum montaõ de corpos mor-
os: Falando depois a Feio, lhe dif-
no que refpeitava a elle, que fe
tentafe daqui em diante preftar
feu indigno minifterio a fimilhan-
es propofiçoens, elle lhe faria ati-
ir como a hum traidor, e hum ar-
enegado. „

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

X ii Re-

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Repelido com esta resposta, R
mecaõ fez no outro dia dar hum a
salto ao Bastiaõ de S. Joaõ, onde co
mandava D. Fernando de Castro. C
meçou elle só duas horas antes
noite. He verdade que isto foi só h
ma espécie de ensaio. Os inimigos
apresentaraõ com huma grande dete
minaçaõ, grandes gritos, e hum gra
de estrondo de instrumentos. Trin
se alojaraõ logo sobre a brecha on
foraõ seguidos de outros muitos. P
rém foraõ recebidos com tanto val
que obrigados d'huma parte pela no
que se avisinhava, e da outra pela
sistencia que achavaõ, o General
tocar á retirada depois de ter perdi
mais de 50 dos seus, sem falar
feridos, em lugar dos Portuguezes q
só perderaõ hum homem.

Esta tentativa naõ tendo sido fe
se naõ como huma disposiçaõ d'hum
salto geral, Rumecaõ, ou porque fo
devoto, ou porque soubesse que a R
giaõ he hum poderoso motivo p
condusir o povo, e o animar, q
preparar-se com preces publicas,
fez fazer no seu campo, na noite
24 para 25 de Julho. Fernando C
valho, que do baluarte do mar p
cebeo este movimento dos inimi

p

o numero das fuas tochas, e ar-
ıtes, meteo-fe em hum efcaler, e
aproximou da terra o mais que pô-
: Porém fendo defcuberto, foi obri-
lo a contentar-fe com dar avizo
Governador para que eftiveffe pref-
, julgando de tudo o que tinha vif-
, que naõ tardaria muito em fer at-
ado.

Com effeito defde a mefma noi-
duas horas antes de amanhecer,
ımecaõ, e Jufarcaõ fizeraõ avançar
fuas tropas em tres corpos para os
luartes de S. Thomé, e de S. Joaõ,
de commandavaõ Luis de Souza, e
Fernando de Caftro para á cou-
:a onde eftava Antonio Paçanha, que
õ tinha mais do que ruinas para
fender. No momento do feu reba-
, os fitiados gritando por San-Tiago
droeiro das Efpanhas, e tomando
r feliz prefagio ferem attacados no
ı que a Igreja celebra a fua Fef-
, voaõ de toda a parte ás brechas,
hando cada hum d'elles para efte
a, como o que devia decidir da for-
na da India, e onde era precizo
:ncer, ou morrer. A determinaçaõ era
mefma d'ambas as partes, e naõ ha-
a que temer fe naõ que a noite enco-
:iffe, e confundiffe d'alguma forte o
ılor de tantos valerozos. Tan-

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Tanto que o combate se inflamo e se fez mais horrivel pelas trevas pelo claraõ dos fogos, e artificios; estrondo da artilheria, e mosquetari os gritos dos feridos, e dos comb tentes, os citiados tinhaõ maior peri da parte d'onde menos o esperava Alguns soldados de Jusarcaõ tendo introdusido ao longo do mar na b xa mar, onde a Fortaleza estava c fendida só pela altura dos rochedos alli pozeraõ a escalada, e entrar para dentro. Mascarenhas alli tin postado hum pequeno corpo de gu da por cautela. Porém as guardas naõ temendo nada d'aquella parte, nhaõ abandonado o seu posto, para c rer aonde os chamava o seu valor sem darem attençaõ ás leis da gu ra.

Dois d'estes com tudo perceber que o inimigo fazia escalada á luz c panelas de fogo, que lançavaõ combatentes sobre as brechas. Aviz d'isso Mascarenhas, que encontrar precedido sómente d'hum creado, q hia diante d'elle com hum archo Logo elle sentio a consequencia q havia para naõ espalhar hum rum d'esta natureza, que podia desorden os mais valerozos no forte da acça

Re

:teve em fim hum deſtes ſoldados, enviou o outro, a fim de unir a toda a gente que achaſſe eſpalhada la Cidadella, depois de lhe impôr dem de ſegredo. Hum momento de-is, a meſma noticia lhe foi confir-ada por huma mulher, a quem or-nou que o ſeguiſſe.

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

Com tudo os inimigos ſe tinhaõ troduzido nas cazas, e já ſe occu-vaõ em as roubar. Algumas mu-eres a quem tinhaõ pedido o ſeu nheiro, os prenderaõ tomando meios ques, e os tinhaõ como ſitiados, ais pelos ſeus gritos, e a incerte-onde ſe achavaõ, em hum lugar de ie naõ ſabiaõ as eſtradas de nenhum odo. A reſoluçaõ deſtas mulheres om tudo foi a ſalvaçaõ da praça. Iaſcarenhas, a quem ſe tinhaõ unido uitas peſſoas, teve tempo para che-ır, e os expulſarem das cazas, on-: muitos foraõ degolados pelas meſ-ias mulheres. Dali ſubindo ás mura-ias, achando hum corpo de 30 os :pelio taõ vivamente que os obrigou precipitarem-ſe de ſima dos rochedos, ie os deſpedaçaraõ. Fez o meſmo outros, que tinhaõ ſobido depois elo meſmo lugar, e os obrigou a : precipitarem da meſma maneira.

Naõ

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAŌ III. REI.

I. JOAŌ DE CASTRO VICE-REI.

Naō foi efta a unica occafiaō
que as mulheres fe affignalaraō ne
cerco. Naō cederaō ellas em nada
do primeiro. Falaō principalmente
huma Ifabel Fernandes, e d'outra I
bel Madeira, mulher do Cirurgiaō m
a qual foi morta, depois de dar toc
as provas do mais alto valor. Ef
animavaō as outras, e todas juntas
hum commum acordo repartiraō os t
balhos do cerco, acarretando as pedra
fornecendo armas, foccorrendo os
ridos, e algumas mefmo mifturand
fe nos combates com tanto animo,
refoluçaō, como os homens mais d
terminados.

Livre do inimigo perigozo Mafc
renhas, correo ás brechas onde o con
bate tinha fido mais violento. Os Pc
tuguezes victoriofos tinhaō rechaffac
os fitiantes; porém tam victoriozos c
mo eftavaō, começaō a desfalecer ab
tidos com o trabalho. A prefença c
Governador lhe animou o valor, e a a
çaō começou com mais vigor. O dia e
chegado, e diftinguiaō melhor os obj
ctos. Os dois Generaes inimigos, enve
gonhados do eftrago dos feus, tornar
ainda ao pofto, e o fuftiveraō até qua
o meio dia, ora vencedores, ora ver
cidos. Com tudo a refiftencia foi fen
pre

: tal, e a artilheria dos dois balu-
es do Porto, e do mar, carregada
metralhas, produsio hum tal effei-
batendo as brechas de perto, que
ımecaõ foi obrigado a mandar tocar
tetirada, depois de ter perdido mui-
; estendartes, e bandeiras, e deixan-
sobre o campo de batalha 1$500
mens, entre os quaes foi Jusarcaõ,
quem seu sobrinho succedeo com o
ɛsmo nome, ou para melhor dizer
m a mesma qualidade. Naõ houve-
ɔ menos que dobrados feridos, e
la esta acçaõ custou poucos homens
s Portuguezes, com hum grande nu-
ɛro de feridos. Dois dias depois Ru-
ɛcaõ deo hum similhante assalto, po-
n naõ teve melhor successo, e a
rda naõ foi menos consideravel.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Em todos estes attaques os arti-
ios, e os fogos que deitavaõ d'hu-
ı, e outra parte faziaõ hum effeito
:rivel: porém os inimigos padeciaõ
ıito mais. Porque como estavaõ to-
s vestidos de seda, e de algodaõ,
fogo se unia a elles d'hum modo
ıis prejudicial, em lugar que os Por-
guezes armados de todas as peças,
ıe tinhaõ boas luvas, com botins de
iro, e vestidos de lam, ou de coi-
, se preservavaõ muito melhor. O
Go-

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Governador tinha cuidado de os p
ver, e quando a materia lhe falto
fez cortar huma bela tapeſſaria de c
ro dourado, que elle tinha nas ſ
ſallas, e a repartio por elles.

Mahmud impaciente de ver c
lhe dilatavaõ o cerco, lhe enviou a
da 15ꝏ. homens com novas orden
Rumecaõ, para pôr em maior apert
praça. Rumecaõ que tomou eſtas
dens como reprehençoens da ſua
mora, reſpondeo, que o Sultaõ
dia deſcançar, que elle lhe havia
o fim, ou alli havia morrer. So
iſto fez levantar huma nova obra
fronte do Baſtiaõ de S. Thiago, d
de deſcubria inteiramente a Cidade
de modo que ninguem podia ſubir
guramente aos muros. Fez eſtender
meſmo tempo hum novo muro par
Baſtiaõ de S. Joaõ, onde cavalgou h
ma nova bataria. O Governador re
bendo huma grande imomodidade
ſe ver aſſim dominado, arriſcou hu
ſortida de noite, conduſida pelos d
irmaõs D. Pedro, e D. Joaõ d'Alm
da, que na frente de cem homens
zeraõ toda a obra por terra, antes q
Rumecaõ, paſmado d'eſte atreviment
e perſuadido de que os ſitiados tinh
recebido algum ſoccorro, poſeſſe
ſua

as tropas em eſtado de ſe lhe oppor.
artim Botelho ſeguido de dois vale-
ſos, fez o meſmo ao muro da no-
battaria. Em quanto rechaſſou as
ardas que alli vigiavaõ, os ſeus pio-
s o demoliraõ, e Botelho tornou
ra á Cidadella levando nos ſeus bra-
s hum valente Nubiano, que ſó ti-
a ouſado fazerlhe cara.

Ann. de J. C. 1546.
D. Joaõ III. Rei.
D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Rumecaõ unindo a induſtria á for-
aberta, e procedendo ſegundo as
gras da guerra, unio o mineiro ao
ſtiaõ de S. Joaõ. Maſcarenhas tinha
ito algumas contraminas em diferen-
s ſitios da praça; mas ou porque naõ
eſſem que os Indios tiveſſem d'iſſo
ſtante uſo, ou porque a habilidade
Rumecaõ tiveſſe divertido a atten-
õ dos ſitiados com outros movimen-
s, naõ ſe tinhaõ apercebido do ſeu
abalho. Tanto que a mina eſteve
ompta, uſou d'hum novo artificio:
z paſſar á Cidadella hum dos ſeus,
ue fingio ſer hum deſertor. Pergun-
ntado o traidor, e affectando huma
ande candura, diſſe: „ Que o Sul-
taõ Mahmud opprimido por huma
irrupçaõ, que o Rei dos Patanes fa-
zia nos ſeus eſtados, tinha enviado
ordem a Rumecaõ de levantar o cer-
co para hir procurar o inimigo: Que
„ Moja-

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

„ Mojatecaõ tinha trazido esta orde
„ condusindo os 13000 homens, que
„ nhaõ chegado pouco depois ao car
„ po: que começavaõ já a acarretar
„ artilheria, e as bagagens; poré
„ que Rumecaõ, naõ querendo ser de
„ mentido, tinha resolvido dar hum a
„ salto geral ao Bastiaõ de S. Joaõ
„ e se lisongeava de tomar a pra
„ por este ultimo esforço. „ Este d
curso artificioso, e simples do dese
tor, que naõ tinha outro fim ma
que atrahir mais gente para á defen
do Bastiaõ, foi crido com muita f
cilidade por se mostrar seguro em t
das as suas circunstancias. Todos t
veraõ huma verdadeira alegria, e c
da hum se preparou para esta ultin
acçaõ com muita animosidade. D. Fe
nándo de Castro, que estava com f
vre, quiz tornar para o seu posto
e naõ houve razaõ, que disso o dissu
disse.

Rumecaõ naõ duvidando que se
artificio lhe tivesse aproveitado, p
as suas tropas em movimento no d
de S. Lourenço. O modo com qu
ellas se aprezentaraõ, e recuaraõ d
pois, pôs Mascarenhas em desconfian
da mina: e logo enviou ordem a Ca
tro, e aos outros, que abandonasse

C

baluarte. Obedeceráõ elles: porém
ogo de Reinozo, Official velho e
perimentado, a quem o Vice-rei
ha recomendado ſeu filho, levado
a razaõ d'huma valentia de moço
prudente, fez irrizaõ da ordem do
overnador, e fez tornar toda a gente:
nto que ſubiraõ rebentou a mina.
baluarte ſaltou inteiramente, com
m taõ grande eſtrondo, e efeito
e alguns foraõ lançados entre os ini-
gos, outros na Cidadella, e o ma-
numero ſepultado debaixo das rui-
s. De quaſi cem homens ſó ficaraõ
, dos quaes morreraõ tres pouco
pois. Entre os mortos foraõ D.
rnando de Caſtro de idade de 18
nos, em quem o valor ſe tinha
iantado aos annos; Diogo de Rei-
ozo, tres Almeidas, Gil coutinho,
uis e Triſtaõ de Souza, Antonio
odrigues, Luiz de Mello, e a flor da
ocidade Nobre.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Tendo a mina produſido hum taõ
rrivel effeito, o inimigo voou a ella
om grandes gritos. Sinco homens
ue acodiraõ, ſuſtentaraõ muito tempo
ós (o que cuſtará a crer) todo o
eu esforço: eraõ eſtes Antonio Pe-
anha, Bento Barboſa, Bartholomeu
Correa, Sebaſtiaõ de Sá, e o Licencia-
do

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VI-CE-REI.

do Joaõ, Cirurgiaõ mór, que foi d pois morto nesta occaziaõ, depois c se ter assignalado em muitas outra Mascarenhas naõ tardou em hir socorr los, seguido de 15 homens. As mesm mulheres ali se portaraõ com val com Joaõ Coelho, Vigario, que tinh vindo de Goa com nove homens, tr zendo a esperança d' hum proxim soccorro, e que tendo hum Crucifix na maõ animou tambem os comba tentes, que elles fizeraõ esforços ma que humanos até á noite, que os in migos foraõ obrigados a se retirare com a injuria de se verem ainda recha sados.

Nem de noite tiveraõ descanço c sitiados. Mascarenhas, a empregou tod inteira em tirar debaixo das ruinas to dos estes cadaveres, que as mulhe res tomaraõ o cuidado de sepultar; a reparar a brecha, fazendo hun contramuro, que se achou prompto tan to que amanheceo. Rumecaõ mino tambem successivamente os Bastioen de S. Thiago, de S. Jorge, e de S Thomé, lisongeado com a esperanç d'hum successo similhante ao que ti nha tido a primeira mina. Porém c Governador apredendo á sua custa proveo n'isso de modo, que as minas

naõ

fizeraõ mal ſe naõ aos inimigos,
quaes foraõ 300 ſepultados debaixo
Baſtiaõ de S. Thomé.

Iſto naõ obſtante, os inimigos fa-
lo ſempre novos progreſſos, ſe
araõ ſobre as muralhas em dife-
es partes, onde arvoraraõ as ſuas
deiras. A Igreja foi algum tem-
diſputada, e depois de diverſos
ibates, fazendo o Governador hum
to de ſeparaçaõ, ſervio igualmente
Chriſtaõs, e aos Mahometanos.
guem ouſava aparecer na praça d'
as, e Maſcarenhas, para obviar
inconveniente, foi obrigado a fa-
abrir communicaçaõ por todas as
is. Se os inimigos ſoubeſſem ao
o a pouca gente que eſtava em eſ-
de pelejar, he quaſi ſem duvida,
em pouco tempo teriaõ tomado a
ladella. Trez eſcravos que fugiraõ
a elles lho diſſeraõ: porém Rume-
fazendo hum attaque ſobre a in-
naçaõ d'elles, e vendo-ſe rechaſſado,
pôde crer, tiveſſem taõ pouca
ite, e tratou os eſcravos deſertores
no eſpias, que o tinhaõ querido en-
iar. Antonio Correa ſervio tam-
n a confirmar eſte engano. Tinha
ido na frente de 20 homens, que
abandonaraõ vergonhoſamente, naõ
ou-

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

oufando attacar 14. Correa os at
cou fó , e o apanharaõ. Pergunta
por Rumecaõ, lhe diffe com hum
confiado, que havia ainda 600. home
na praça , o que irritou tanto e
barbaro , que o achou muito altivo
e depois de o fazer arraftar pe
cauda d'hum cavallo ferrenho , lhe f
cortar a cabeça.

A praça com tudo eftava redu
da aos ultimos extremos : o nume
dos homens era exceffivamente dim
nuto. Naõ havia mais polvora que
que fe podia fazer diariamente : h
ma pequena medida de trigo cufta
tres quartinhos : os doentes naõ tinh
mais refrefco do que algumas gralh
que os foldados criavaõ com a car
dos cadaveres , que vendiaõ por gra
de preço : tinhaõ comido os caens ,
gatos , e os outros animaes de que
natureza tem horror. O foccorro t
efperado naõ apparecia. Mafcarenh
nefta fituaçaõ ajuntou a pouca gen
que lhe reftava , e lhe fez hum d
curfo muito infinuante.. „ Fez gra
„ des elogios ao valor que tinhaõ mo
„ trado até alli , encareceo a glo
„ que havia em morrer pelo nome
„ Jefus Chrifto , combatendo cont
„ os inimigos da fua Religiaõ. E fu

„ pon

ɔondo que alli naõ haveria quem
ıaõ preferiſſe eſta eſpecie de mar-
irio á injuria de cahir na maõ d'eſ-
es perfidos, que naõ ſabiaõ cum-
ɔrir palavra alguma; e teriaõ
ɔoſto de inſultar a Deos na peſ-
ɔa d'elles, elle lhes diſſe que a
eſoluçaõ era tal, que quando todos
s viveres, e municoens foſſem ab-
olutamente acabadas, lançaria fo-
ɔo a todos os edificios, encravaria
artilheria, e ſe lançaria com to-
la a força no meio dos inimigos,
ɔara abrir paſſagem, ou morrer co-
no heroé Chriſtaõ, e que ſe li-
ongeava que todos o deſejariaõ ſe-
uir. „ Sendo recebido eſte diſcur-
com aclamaçaõ, e tendo todos
ɔteſtado ſerem dos meſmos ſentimen-
, cada hum ſentio em ſi huma nova
ça para eſperar os ultimos ſucceſ-
.

O Vice-Rei com tudo eſtava ſoc-
gado a reſpeito do cerco. Tinha re-
vido ſoccorrer a praça, contra o
recer de muitos, que queriaõ que
ɔeraſſe pelo fim do inverno. As car-
, que lhe tinha levado o Padre
ɔelho, lhe davaõ huma nova actividade;
de; porém o fiſco eſtava exauſto,
naõ tinha nenhum dinheiro para ás

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

despesas do armamento. As Senhora
Portuguezas fizeraõ entaõ huma a
çaõ bem digna da sua generosidad
Ajuntaraõ-se, e enviaraõ ao Govern
dor todas as suas joias. As de Cha
foraõ as primeiras a dar exemplo
que foi seguido das de Goa, que e
viaraõ as suas pelas suas filhas. Co
este soccorro D. Joaõ de Castro se v
em estado de pôr no mar huma p
derosa frota. Elle mesmo a queria co
dusir; porém vendo, que gastar
muito tempo antes que tudo fosse pre
tes, fez com que partisse primei
huma parte das embarcaçoens combo
iadas por D. Alvaro seu filho mo
gado, a quem deo ordem expressa
e superior a tudo, de obdedecer
Mascarenhas, posto que pelo seu ca
go de General do mar estivesse ize
to de obedecer aos Governadores d
praças.

O soccorro que condusio D. A
varo era de 50 velas, e de 900 h
mens: porém os tempos foraõ taõ te
riveis, que depois de ter lutado in
tilmente contra os ventos, e as agoa
foi obrigado D. Alvaro a arrib
duas vezes, e retirar-se para Baçai
tomando diversos portos huma par
dos seus navios dispersos. Anton
Mo

ɔnis Barreto, que era defta efqua-
, obfervando que as pequenas em-
caçoens cediaõ mais ás ondas, do
: os groffos navios, intentou hir a
u em hum catur com 8 peffoas.
ɪdo feguido efte exemplo por al-
ɪs outros, recebeo a praça defta
te em poucos dias mais de cem
foas, que alli fizeraõ grandes ac-
ens em muitos affaltos, que Moje-
aõ, que d'antes eftimava pouco os
rtuguezes, naõ fe pôde ter que naõ
feffe „ Que elles tinhaõ nacido pa-
a dominarem fobre o refto dos
homens; porém que fe devia obri-
gaçaõ á providencia de Deos, de
ferem poucos, affim como os ani-
mais feroces, e venenofos, que def-
truiriaõ o genero humano, fe foffem
taõ numerozos como nocivos. „ Em
n D. Alvaro tendo-fe feito á vela che-
u com 400 homens, depois de ter to-
ado na fua derrota hum navio de
ambaia ricamente carregado.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Naõ fómente os fitiados come-
raõ a refpirar com a chegada d'hum
ccorro taõ poderozo; porém paffaraõ
hum falto, como d'ordinario acon-
ce, para o exceffo d'huma foberba,
ɔnfiança muito capaz de perdellos.
odos os moços que eraõ da comitiva

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

de D. Alvaro, vendo que desde a s
chegada, o Governador tinha expuls
do os inimigos da parte das muralh
e dos Bastioens, onde se tinhaõ al
jado, e que os tinha obrigado a faz
novas linhas para se segurarem da s
parte, começaraõ a queixar-se, „ D
„ que os tinhaõ presos nos muros
„ huma Fortaleza, em vez de os co
„ dusirem aos inimigos. Que havia h
„ ma fraquesa neste procedimento,
„ que os seus predecessores naõ lh
„ tinhaõ dado o exemplo em taõ b
„ las acçoens que tinhaõ feito, a
„ sim dáquem, como d'além Mar.
Em vaõ D. Alvaro, e D. Fernan
de Menezes quiseraõ capacitalos da r
zaõ, e submetelos ás leis militares
subordinaçaõ, as murmuraçoens cre
ciaõ. Porém tanto que os inimigos lh
levaraõ hum basilisco que pendia d
ruinas do Bastiaõ de S. Thomé, do
de Mascarenhas tinha tentado inuti
mente de o tirar, entaõ naõ foi ma
que huma sediçaõ declarada, acomp
nhada de tanta insolencia, e despr
zo, que o Governador se vio obrig
do a contentalos.

Determinando em fim deixar n
Fortaleza 200 homens para sua defen
sa, sahio com 400. Teve bastan

tra-

balho para acalmar o furor dos
piritos nesta escolha. Todos queriaõ
da expediçaõ. D. Alvaro de Caf-
, e D. Fernando de Menezes con-
fiaõ a vanguarda, e Mascarenhas o
rpo de batalha. Estes fanfarroens co-
eceraõ logo a dificuldade, tanto que
egaraõ ao pé das muralhas, que era
ecizo escalar. Acharaõ-nos mais al-
do que julgavaõ de longe. Entaõ
que tinhaõ tido mais bazofia, naõ
aõ os que mostraraõ mais valor. O
gue se lhes gelou nas veas, e mui-
se escondiaõ nas ervas que eraõ
ito altas. D. Alvaro com tudo, e
enezes attacaraõ posto que com tra-
ho, seguidos d'alguns outros. Maf-
enhas, que vinha depois, vendo a de-
dem, que começava a fazer o me-
insultou os fracos. „ Naõ era isto,
Senhores, lhes dizia elle, o que vos
rometieis quando pedistes arden-
emente o combatte. O inimigo naõ
stá nestas vergonhozas retiradas que
des buscar. Vos mostrais bem, que
s mais fortes de lingoa naõ saõ
empre os que o saõ de coraçaõ,
de maõs „ Dizendo isto os fazia
ar ante si, e avançava sempre el-
nesmo, até que subio aos entrin-
iramentos.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Po-

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Porém os inimigos acodiraõ taõ grande numero ; que fizeraõ go perder aos mais adiantados t o terreno que tinhaõ ganhado , e tando elles meſmos abaixo das ſ trincheiras , os rechaçaraõ do meſ modo , com tanta maior facilidad por os achar poſſuidos do medo. M carenhas fez tudo o que ſe pode perar d'hum grande homem. Jun os ſeus o melhor que pôde , deſ baraçou os que ſe achavaõ mais o midos , e procurou ao menos fa huma bela retirada. D. Franciſco Menezes , foi morto entre os prime combatentes com valôr. D. Alvaro fi taõ atordoado com huma pedrada , eſteve em perigo de morte. Jo de Mendonça , e Luis de Melo o vraraõ de cahir nas maõs dos ini gos. D. Franciſco d'Almeida , Lop Souza , D. Fernando de Menezes reira , Franciſco d'Ilher ficaraõ e os mortos , que foraõ 60 , ſem f dos feridos. Tal he o fructo ord rio d'huma louca vaidade , que deſprezar as leis da ſubordinaçaõ da obediencia.

O medo ſeguio-ſe de modo á ſumpçaõ d'eſtes fanfarroens, que po guns dias o Governador teve tr

l

o a conſervalos nos ſeus poſtos. Os
imigos pelo contrario ſe enſoberbe-
raõ tanto, que além das feſtas que
ƶeraõ, e as novas honras que Mah-
ud fez a Rumecaõ, eſte como
ıra notar o deſpreſo que fazia do
ice-Rei, do qual ſe eſperava a vin-
ı de momento em momento, tra-
ɔu o plano d'huma nova Cidade,
gulou os bairros, aſſignou terre-
ɔs, e fez lançar os fundamentos
hum Palacio para elle meſmo, ſem
ɔm tudo iſto ceſſar de expugnar a For-
ıleza, e de lhe dar novos atta-
ues.

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

O inverno eſtava no fim. Os ma-
ɛs eſtavaõ mais trataveis. O Vice-
Rei ſempre inquieto com o cerco de
Diu apreſſava os preparos da ſua fro-
ı. Tinha-lhe chegado huma de Por-
ıgal compoſta de ſeis navios com-
ıandados por Lourenço Pires de Ta-
ora. Neſtas circunſtancias recebeo
ırtas de Maſcarenhas, que lhe da-
aõ a noticia da chegada de D. Alva-
ɔ, o eſtado do cerco, e a morte
e ſeu filho D. Fernando. No meſ-
ıo dia chegou o corpo de Nuno Pe-
eira, que morreo no caminho das feri-
ıas, que recebeo na fatal ſortida. D.
oaõ ſofreo como heroé Chriſtaõ a no-
ti-

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

ticia da morte de ſeu filho, para dar ſ
mente attençaõ á alegria publica da ch
gada do ſoccorro. Ordenou ſolemn
acçoens de graças a Deos, a quei
aſſiſtio com veſtidos de feſta, e
tarde quiz achar-ſe em hum jogo d
canas.

D. João de Castro Vice-Rei.

Com tudo fez partir Vaſco
Cunha com ordem de ajuntar os na
vios da frota de D. Alvaro, que
tempeſtade tinha eſpalhado. Ordeno
a D. Manoel de Lima que cruſaſſe n
Coſta de Cambaia, e pouco temp
depois, elle meſmo ſe fez á vela. D
Alvaro de Caſtro da ſua parte fe
partir de Diu tres navios armados e
corſo debaixo da conducta de D. Lu
d'Almeida. Lima tinha chegado de Po
tugal d'onde ElRei o tinha enviad
com as proviſoens de Governador
Ormus, para lhe evitar o encontra
ſe com Martim Affonſo de Souza
que voltava das Indias, e com que
queria ter dezafio. Morria por ſe a
ſignalar, eſtava taõ picado contra
cerco de Diu, e contra os Guzarate
que em toda a parte em que ſe apr
ſentou, pôs tudo a ferro, e a ſan
gue, naõ perdoando nem a idade, ne
a ſexo, naõ ſe propondo mais do qu
em deitar terror por toda a parte

prin-

ncipalmente no campo dos inimigos de fez levar pela força da corrente, e he muito violenta neste Golfo os rpos de todos os Mouros que tinha mado em mais de 60 *Cotias*, e que nha feito enforcar todos. O corso Almeida se limitou a algumas pre- s, e em particular á de hum navio mmandado por hum parente muito oximo de Rumecaõ. A sua volta ra Diu foi hum tanto terrivel para os imigos, pelo espectaculo que lhe deo grande numero de cadaveres, que nha feito pendurar nas suas antenas. umecaõ offereceo huma grossa som- a de resgate pelo seu parente. D. Al- ro lha recusou com soberba, e lhe nviou a sua cabeça.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Este procedimento devia mostrar os inimigos, que posto que a Fortale- a estivesse só hum monte de ruinas, aõ os temiaõ tanto. Com effeito e dia em dia chegavaõ novos soc- orros, e finalmente appareceo a arma- a do Vice-Rei composta de 90 velas, ue foraõ ancorar na enseada, dando uma descarga geral com toda a sua rtilheria, acompanhada pelo som de rombetas, e todos os instrumentos nilitares. A Fortaleza respondeo a es- a saudaçaõ do mesmo modo com to- dos

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

dos os ſinaes de alegria, que podem imaginar de peſſoas, que ſe co ſideravaõ como victimas diſtinadas a hu ma morte proxima, vendo chegar momento do ſeu livramento, e d ſeu ſoccorro. O inimigo meſmo f hum fogo extraordinario, como quiſeſſe teſtemunhar o goſto, que tinh de ver huma nova materia para o ſe triumfo, ou encubrir o ſeu medo co eſtas demonſtraçoens de confianç Com effeito a armada Portugueza tinha 4 homens, a delles era 40, e tinha ſido reforçada pouco d pois de mais 5, entre os quaes h viaõ 700 Janiſaros: e Rumecaõ os t nha liſongeado com huma tal certez da victoria, que prometia, ſegund dizia, tomar muitas bandeiras co que varreſſem as ſuas Meſquitas.

Na primeira noite Maſcarenh foi a bordo da Almiranta, e recebe nos abraços do Vice-Rei, os compr mentos, e elogios que merecia p huma taõ bela defenſa. D. Joaõ d Caſtro chamou depois a Conſelh Altercaraõ nelle ſe era util hir dire to ao inimigo, e obrigalo nas ſu trincheiras. Venceo a affimativa: Ga cia de Sá fez pender a balança par eſte partido, para o qual o Vice-R

eſta-

tava já inteiramente determinado. ——— Ann. de J. C. 1546. D. João III. Rei. D. João de Castro Vice-Rei.

aõ se tratou mais do que concertar o
ojecto, e seguiraõ o de Mascarenhas,
ie foi reputado pelo melhor.

Segundo este projecto, o Vice-
ei enviou logo tres fustas a ancora-
m de fronte da torre da Cidade,
ue estava mais perto do porto, e
ıe chamavaõ a torre de Diogo Lo-
es de Siqueira, como se quizessem
entar por aquella parte o dezembarque
)epois fez ajuntar todas as chalupas
o desembarque, no meio das quaes
stava a sua com huma bandeira, que
eprezentava a Bandeira Real. As cha-
ıpas, e escaleres estavaõ cheios de
ınças, e piques: porém alli só ha-
ia gente das equipagens, escravos,
trabalhadores da armada, comman-
ados pelos guardas, e cada hum del-
es devia manejar o remo com huma
naõ, e na outra ter hum morraõ a-
ezo. No que toca ás tropas, D. Joaõ
le Castro as fez passar em tres noites
successivas para á parte da Fortaleza o
mais apartado da Cidade, e entrar na
praça na baixa mar, por escadas de
corda, com tanto segredo, que os
inimigos naõ pensaraõ nada; e foraõ
sempre enganados com as apparencias
do dezembarque. Posto que Rumecaõ se
enga-

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

enganasse, naõ deixou com tudo d
prover a todos os postos, como h
mem entendido na arte da guerr
A sua artilheria fazia sempre hu
grande fogo de todas as partes, e
quanto a da Fortaleza batia em br
cha as primeiras trincheiras do inim
gos, por onde diviaõ fazer a irrupçaõ

Na noite de 10 para 11 de No
vembro, foi o Vice-Rei á Fortaleza
fez abrir os portaes murados, e tirar a
portas das couceiras. Em consequenci
d'esta acçaõ fez huma fala ás tropa
para lhes persuadir que era necessari
vencer, ou morrer. Destribuio-as depoi
em differentes corpos, deo o govern
do primeiro, composto da guarniçaõ
em numero de 500 homens a D
Joaõ Mascarenhas: o segundo qu
consistia em outros 500, em que entra-
vaõ quasi toda a Nobreza, e os Offi-
ciaes da Marinha, a D. Alvaro de
Castro seu filho: e rezervou para si o
corpo de batalha, que era de mil Por-
tuguezes, e tropas Malabares. Desti-
nou 300 a Antonio Freire para á guar-
da da praça, e destacou hum corpo
de igual numero, que D. Manoel de
Lima devia condusir. Propos em ulti-
mo lugar tres premios para os tres pri-
meiros que subissem ás brechas, e fez

pu-

blicar huma ordem de naõ dar quar-
a ninguem.

Tendo-se passado o resto da noi-
, parte a preparar as armas, parte
purificar as consciencias, o Custodio
s Franciscanos disse Missa na praça
blica, fez huma exortaçaõ pathe-
a aos combatentes, e deitou a absol-
çaõ geral. Dando-se entaõ o final
Fortaleza por tres tiros de canhaõ
frota do falso desembarque levou as
as ancoras, e começou a por-se em
ovimento com hum grande estrondo
apparato, junto com huma lentura
fectada. Os fogoens que mostrava
capitania, e o fogo do grande nu-
ero de morroens, que se distinguiaõ
elhor antes do dia, que naõ tinha
nda vindo, acabando de convencer os
imigos, de que por alli haviaõ hir a
es, os tinha obrigado a pôr alli as
as melhores tropas, e chamou gran-
numero das dos outros postos, os
aes estiveraõ no erro até muito per-
do dia.

Neste tempo Mascarenhas tendo
nido com os seus, se apresentou de
onte das primeiras trincheiras; on-
houve hum combate de emulaçaõ
gno de ser conservado á posterida-
. Dois Fidalgos moços estando de-
sa-

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

fafiados para hum combate, fe perfu
diraõ que era melhor mudarem o o
jecto de feus defafios, difputando e
tre fi a gloria de fubir primeiro ás tri
cheiras dos inimigos. Hum fe cham
va Joaõ Manoel, e outro Joaõ F
caõ. Aceitaraõ a apofta. Seus pad
nhos lhes levavaõ as efcadas dian
d'elles. Manoel fubio primeiro. Hu
golpe de alfange lhe cortou a m
direita que lançou fobre o muro. O
tro golpe lhe cortou a efquerda; e c
mo ainda fe esforçava para fubir co
os cotos, terceiro golpe lhe levou
cabeça. Falcaõ que fubio quafi no me
mo tempo, teve quafi igual forte. Co
tudo hum, e outro fobiraõ com tan
valor, que foi dificil dizer quem tin
tido a gloria de fubir primeiro.
Alvaro, e Lima teveraõ a mefma fo
tuna em diferentes partes, pofto q
lhes cuftaffe mais fangue. O Vice-R
efcalou da fua parte com mais
cilidade; porém foi detido com hur
torre. O feu Eftendarte foi abati
duas vezes, e fe firmou na te
ceira. Alguns pertendem que o Vic
Rei tiveffe a honra de efcalar pr
meiro as tincheiras no pofto do feu at
que; porém que por modeftia, qu
ceder efta honra a Lourenço Pir
d

Tavora que nunca o dezemparou.

Depois da tomada da torre, o ce-Rei marchou para á ponte da lade dos Rumes. Era defendida por) homens. De balde tentaraõ por ; vezes lançar fogo á ſua artilheria, iaõ o poderaõ conſeguir; porém fi- aõ taõ grande fogo com a ſua moſ- taria, e ſeus arteficios, que os Por- uezes começavaõ a afrouxar, quan- o Vice-Rei gritando, *Victoria, os nigos fogem*, os animou. Os ini- gos foraõ taõ atemoriſados, que ndonaraõ o ſeu poſto para ſe ſal- em na outra borda. Porém pouco ois, ſe achou o Vice-Rei com Ru- caõ á cara. Rumecaõ emendado do gano em que eſtava no principio ſobre rojecto do dezembarque, tinha hi- por hum caminho deſviado, para apoderar da Fortaleza, julgando acha- vaſia. Mas Antonio Freire, fazen- -lhe mais reſiſtencia do que elle eſ- ava, foi cahir ſobre o corpo que com- ndava o meſmo Vice-Rei, que npeo duas vezes, e abbateo outras itas a Bandeira Real. Porém Caſ- tendo tambem aqui animado os is com o geſto, e com a vôz, foi novo obrigado Rumecaõ a arre- ar.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

D.

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

D. Alvaro de Lima tendo ajun do as ſuas forças tiveraõ que comb ter contra Mojate-caõ, e Alu-caõ victoria foi muito tempo duvidoza e tre os dois partidos. Os Barbaros raõ com tudo obrigados a tomarem fugida. Maſcarenhas, que ſe exced neſta jornada, teve igual vantag contra Juſarcaõ que pôz em derro

Rumecaõ ſuperior á ſua má f tuna naõ eſmoreceo de ſer desba tado. Ajuntou as ſuas tropas eſpall das hum pouco mais longe, e as apr ſentou em ſimicirculo, de mane que as duas allas abraçavaõ hum gra de terreno para cercar os inimig Eſta manobra obrigou o Vice-Rei ajuntar tambem os ſeus. D. Alva a quem elle deo a vanguarda, ſe la çou com impetuoſidade ſobre o inim go, que ſuſtentou bem o ſeu prim ro esforço; porém cedeo ao ſegund e ſe pôz em fugida. Em quanto vencedor o perſeguio com muito ard e ſem ordem, Rumecaõ cahio ſob elle com hum corpo de reſerva, e t mou huma tal ſuperioridade, que victoria pareceo ter-ſe reſervado pa ſe declarar entaõ em ſeu favor. Ne te momento critico o Cuſtodio d Franciſcanos, que tinha hum crucifi

na

maõ, correndo pelas fileiras, accen-
o os animos com as ſuas exorta-
ens patheticas. Huma pedrada que-
ou o braço direito de Chriſto, e
n eſte accidente animou o furor,
excitou de modo o zelo dos com-
tentes á vingança deſta affronta fei-
a Deos, e os inimigos naõ po-
ndo ſofrer eſte novo esforço, Ru-
caõ fez tocar á retirada, que naõ
mais do que huma pura derrota.
da hum procurava a Cidade, e pu-
a a ſua ſalvaçaõ na fugida. D. Al-
o alli entrou miſturado com os fu-
ivos, e D. Manoel de Lima fez o
ſmo, aſſim como Maſcarenhas, que
ndo ſempre victorioſo, da ſua parte
idio a ſorte d'eſta jornada.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Depois de ſe terem fartado todos
s de ſangue, e de mortandade,
no ſahiaõ para virem a encontrar-
com o Vice-Rei, que naõ ſabia co-
eſtavaõ as coiſas, e ignorava que
Cidade eſtiveſſe tomada, viraõ Ru-
caõ com hum novo corpo de tro-
, que moſtrava querer tornar a co-
çar o combatte. Dividindo-ſe entaõ
a o tomarem pela frente, e pelos
ncos, cahiraõ de todas as partes ſo-
elle com hum exceſſivo furor. Ru-
caõ ſofreo o choque como homem

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

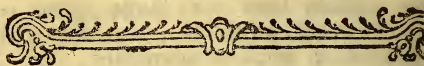
desesperado, e he sem duvida, q
se as suas tropas respondessem ao v
lor do seu General, os Portuguez
ficariaõ vencidos, e destruidos pe
multidaõ. Porém no principio for
desordenadas, vendo-se enganadas p
lo fingimento que lhe tinhaõ feit
Naõ se conservaraõ ellas depois se n
pelo valor de seus Officiaes, que
zeraõ maravilhas. Em fim naõ tiver
animo de se defenderem, e os q
naõ podiaõ fugir, se deixavaõ deg
lar como rezes. Rumecaõ tendo-
desfarçado com a farda d'um simpl
soldado, o acharaõ morto no cam
da batalha, e apenas era conhecid
Alucaõ, e outros muitos Officiaes
distinçaõ tiveraõ a mesma sorte. M
jatecaõ achando hum cavallo se salvo
Jusarcaõ foi feito presioneiro, e co
servado, a pezar da ordem que se
nha publicado de naõ perdoar a ni
guem. Fez-se a mesma mercê a se
ou sete centas pessoas, depois que
cançaraõ de matar. Meteraõ a Cid
de á saco, onde se naõ perdoou ne
a idade, nem a sexo; nem mesmo p
doaraõ aos animaes. O corpo que co
mandava Mascarenhas se cevou n
vencidos com mais crueldade, pa
se vingar dos incommodos que lhe
nh

a causado hum taõ longo cerco.
Além da artilheria, bandeiras, gagens e despojos immensos, que iraõ nas maõs do vencedor, achou e na Cidade huma abundancia de víres, e dilicias que o admirou, e e lhe representou a imagem da is florecente paz. Em fim a victo- foi das mais completas, e o sendo cerco de Diu fez ainda mais rondo no mundo, que o primeiro. ascarenhas teve delle a principal glo- ; porém naõ teve mais do que a oria; como se entaõ fosse fatal á oroa de Portugal naõ conhecer o erecimento dos seus maiores homens, de o conhecer sem o recompenr.

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

Fim do Decimo primeiro Livro.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO XII.

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Golpe da vifta com que vencedor mede o campo batalha em que ganhou victoria, pofto que feja agr davel, hé fempre mifturado d'horro pela terrivel imagem da morte, q nelle fe acha efpalhada por mil fo mas. O mefmo inimigo derribado mereceria fó as fuas lagrimas, qua do naõ tiveffe que as derramar por pro-

Ann. de J. C. 1547.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

)prio. Tal foi o de D. Joaõ de
ıſtro depois da acçaõ. Naõ tinha
Ilha, da qual fez cortar as duas
ıtes, que a uniaõ ao continente,
ıis inimigos do que os poucos que ti-
a reſervado nos ſeus ferros. O reſ-
tinha fugido aonde eſtava a ſua vi-
ſacrificada pelo Portugues irritado
ıis pelo ſeu furor, do que pelas
s legitimas da guerra; porém cuſ-
ı-lhe hum filho de huma grande
ƨerança, e ternamente amado. Mais
1$500. homens dos ſeus tinhaõ
rrido deſde o principio do cerco.
Fortaleza naõ era mais que hum
ıfuſo montaõ de ruinas, e nella
) reſtava hum ſó muro que podeſ-
ſervir.

Tendo julgado os Engenheiros que
ia mais cuſtozo reparala, do
: fazer huma nova, formaraõ ou-
plano mais amplo, e mais regu-
, no qual trabalharaõ á pezar das
is nobres cazas da Cidade, que fo-
demolidas, e ſeus materiaes
pregados. Faltava dinheiro ao Vi-
Rei. O Theſouro Real eſtava va-
. Preciſava 20$. Pardaos. Devia-
aprontar, e naõ tinha que lhe hi-
ecar. Em falta de todo outro
ıhor, quiz enviar o corpo de ſeu
fi-

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

filho D. Fernando; porém como na
se achava em estado de ser transpo
tado, Castro se contentou de obrig
alguns cabelos da sua barba, que e
viou com huma bela carta ao Cons
lho, e á Cidade de Goa. O respe
to que tinhaõ á sua virtude, jun
com o gosto que tiveraõ da sua v
ctoria, e do levantamento do cerc
lhe fez achar logo a somma que p
dia, e ainda mais. Entregaraõ-lha
enviando-lhe o seu penhor com
termos mais engraçados. As Senh
ras ajuntaraõ de novo as suas joi
que elle lhes restituhio depois, taes c
mo as tinha recebido. Naõ tard
com tudo muito em satisfazer á Cid
de de Goa o que lhe tinha empr
tado. A presa d'hum rico navio,
qual achou 50ф. Seraphins d'oiro
de sobejo para isso.

Neste tempo, os navios Port
guezes desolavaõ todo este mar s
reserva. D. Jorge de Menezes,
D. Manoel de Lima correraõ toda
costa por 4 ou 5 mezes, onde fize
hostilidades taõ crueis, e taõ freque
tes, que se naõ via mais de todas
partes, que os tristes signaes das d
truiçoens, que tinhaõ feito o ferro
o fogo, e se naõ ouviaõ se naõ
gr

itos laſtimoſos, e os povos afligidos, que a fugida a penas podia livrar os flagelos que os ſeguiaõ.

Em fim o Vice-Rei depois de r reſtabelecido todas as coiſas em iu, e procurando tornar a povoar Cidade pelos previlegios que con- ‹deo aos negociantes, partio para ›oa, onde chegou no mez d'Abril ‹ 1547. Onde o eſperavaõ com im- aciencia, e ſe preparavaõ para o re- ‹ber com todas as demonſtraçoens 'huma alegria extraordinaria. Na ſua hegada lhe rogaraõ que ſe demoraſſe lgum tempo no forte de Pangim, ara dar lugar que ſe preparaſſe eſta ‹ſta, que foi huma imitaçaõ do tri- mpho dos antigos Romanos. O Ven- ‹dor apareceo ſoberbamente veſtido, oroado de Palmas, de que tambem nha hum ramo na maõ. Entrou de- aixo do Palio, e aſſim paſſou pelas rincipaes ruas da Cidade, que eſtavaõ eſtidas das mais ricas tapeſſarias da ndia. Em quanto por toda a parte eſoavaõ os ſeus elogios, e acclama- ‹oens do povo, e as Senhoras ricamente ›reparadas deitavaõ ſobre elle de ſima las varandas, e das janelas flores, e guas de cheiro, Juſarcaõ, e 600 pre- ‹ioneiros maniatados formavaõ o triſte ex-

Ann. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

expectaculo da sua humiliaçaõ. Depois delles seguiaõ-se os estendartes e as bandeiras tomadas aos inimigos. Levavaõ-nos voltados, e de rastos pelo chaõ. A artilheria, as bagagens os despojos tomados aos vencidos, a figuras, e as representaçoens da Fortaleza sitiada, e da batalha ganhada augmentavaõ a pompa d'este apparato. Versos, poesias, cançoens, oraçoens festins, jogos, nada se omittio para fazer magnifica esta festa, cuja relaçaõ foi enviada para á Europa: porém disto ninguem formou hum juizo mais solido, que a Rainha de Portugal D. Catherina, que disse „Que D. „ Joaõ de Castro tinha vencido como „ Christaõ, e triumphado como Pa„ gaõ. „

O Idalcaõ tinha sempre sobre o coraçaõ a má fé do tratado, que tinhaõ feito com elle a respeito de Mealecaõ seu competidor. Tinha dado a Soberania das terras de Bardez, e Salsette a ElRei de Portugal, com a condiçaõ que apartariaõ Meale, e que o enviariaõ a Malaca, onde o teriaõ bem guardado, assim como já disse. Tinhaõ-se apoderado destas terras em virtude do tratado; porém naõ executavaõ a condiçaõ, e Meale ficava sem-

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

mpre em Goa. O Idalcaõ tinha-se
sto queixado a Martinho Affonso de
uza pelos seus Embaixadores, que
gociaraõ tambem occultamente, que
ediando 150ꝧ. Pardáos, deviaõ en-
gar-lhe Meale, e deixalo á sua des-
pçaõ. Entre tanto, sendo Souza
novido, teve Castro horror d'huma
edilidade taõ enorme a respeito d'
m Principe, que tinha sido convi-
do pelos Portuguezes mesmo para
refugiar nos dominios d'elles, como
hum asylo sagrado. Meale deveo
taõ esta boa fortuna á mudança de
nhor, ficou soccegado em Goa; po-
n Castro naõ cuidou mais em resti-
r as terras de Bardes, e de Salse-
Pertendeo que ellas fossem outra
z cedidas á Coroa, e que o seu ren-
nento naõ era ainda sufficiente, pa-
compençar as despesas necessarias
sustentaçaõ de Meale. O Idalcaõ
cado recorreo á via das armas. Hou-
raõ alguns combates mesmo antes
cerco de Diu. Depois deste cerco
guerra se fez mais vivamente. O
ice-Rei passou alli em pessoa, e o
alcaõ a pesar da justiça, ao menos
parente da sua causa, teve com tudo
disgosto de experimentar a fortuna
ntraria, e de ter causado a ruina
de

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

de Pondá, e de Dabul, onde exe
citaraõ os mesmos rigores, que tinha
exercitado sobre a Costa de Cambai
O Idalcaõ teria sofrido sem duv
da maiores perdas, em consequenc
da alliança que tinhaõ feito muit
Princepes seus visinhos com o Vic
rei, sem a diversaõ que fez entaõ a not
cia que se divulgou, de que Sulta
Mahamud se preparava para tornar
Diu com hum exercito de 150ȸ h
mens que tinha em pé.

Naõ devendo ser desprezada, es
noticia o Vice-Rei fez huma nov
armada de 160 fustas, para o qu
contribuhio com gosto o povo
Goa. As Senhoras fizeraõ tambem
mesmas demonstraçoens de liberalid
de, enviando-lhe as suas peças, e joi
com instancias, e reprehençoens me
mo, por elle as naõ ter recebido
outra vez. Castro nem ainda as ace
tou d'esta vez, e se contentou co
a sua boa vontade. Com tudo pa
tio, chegou a Baçaim, depois a Su
rate, onde D. Alvaro se tinha aloj
do, e tinha tomado alguma artilher
aos inimigos. Dali foi a Baroche a
ruinada pouco depois por D. Jorg
de Menezes, que alli fez huma ta
bela acçaõ, que julgou devela im
mor-

ortalisar, tomando o sobrenome de
iroche. Neste lugar, o Vice-Rei
o o exercito de Mahmud, que mostra-
esperalo para lhe dar batalha. El-
estava ordenado em simicirculo, e
nha huma legoa crusando d'huma
onta á outra. D. Joaõ sem o temer
z o desembarque na sua presença, or-
enou as suas tropas como para comba-
r, e porque os inimigos fingiraõ re-
iar para o cançarem, e o cercarem,
lle avançou quasi dois tiros d'arcabuz.
orém os seus Officiaes tendo-lhe re-
resentado a pouca proporçaõ que se
chava entre 3ↀ. homens que elle ti-
ha, e 150ↀ. que tinhaõ os inimi-
os; voltou para á praia, embarcou-
e com descanço, contente de ter fei-
o esta demonstraçaõ de fronte d'hum
xercito taõ numeroso, sem que ti-
essem outra consequencia estas duas
poderosas armadas, a naõ serem al-
gumas novas irrupçoens, que os Por-
uguezes fizeraõ na sua volta sobre as
erras do Idalcaõ, que teve tambem
lguma nova disgraça.

Ann. de J. C. 1547.
D. Joaõ III. Rei.
D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

A Cidade de Malaca deveo nes-
e tempo a sua salvaçaõ, e huma
grande victoria que alcançou sobre os
Achenefes, a hum milagre bem au-
tentico do grande S. Francisco Xavier,
que

que alli eſtava entaõ, e trabalhava e
remedear as diſſoluçoens inormes d
Portuguezes, com mais fadiga, e d
ficuldade do que achava na converſa
dos Mahometanos, e dos Idolatra
Eſta Cidade gozava havia muito ten
po d'huma paz perniciosa, cauſad
por huma parte pela diviſaõ dos Re
ſeus viſinhos attentos a ſe deſtruirer
mutuamente, e pela outra por cauſ
da negligencia meſmo dos Portuguezes
que penſando unicamente nos ſeus en
tereſſes peſſoaes, e engolfando-ſe en
todos os vicios, naõ tiravaõ proveit
algum d'eſta diviſaõ, e abandonava
os ſeus alliados, de que tinhaõ elle
meſmos huma extrema neceſſidade, pa-
ra conſervar o equilibrio entre Poten-
cias, das quaes a que podeſſe toma
a ſuperioridade, devia cauſar a ruin
d'elles. Por eſta cauſa deixaraõ deſ-
pojar o Rei d'Auru na Ilha de Suma-
tra dos ſeus Eſtados, e da meſma
vida, por ter recuzado de o ſoccorrer
contra o Rei d'Achem. Depois da
morte d'eſte Principe, a ſua viuva
veio peſſoalmente a Malaca ſolicitar
hum novo ſoccorro, para hir vingar-
ſe. A occaſiaõ de a ſervir era bela,
e legitima; porém eſta Princeſa ven-
do que a divertiaõ com boas pala-
vras,

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

s, foi obrigada a recorrer ao Rei
'jentane, que a ajudou com todas
ſuas forças, e lhe pôz huma no-
Coroa na cabeça, pela ſolemnida-
do cazamento que contratou com
:.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

A guerra que fizeraõ eſtes dois
ncepes, ſuſpendeo por alguns an-
o odio implacavel que elles ti-
õ aos Portuguezes. Mas em fim
Rei d'Achem, que ſe tinha con-
rado nas ſuas uſurpaçoens, e que
ıa tomado a auctoridade na Ilha de
natra, pôz no mar huma podero-
frota de 70 embarcaçoens, com
homens de deſembarque, entre os
es havia hum corpo de 500. Jani-
os, 500 Orobaloens ou Cavalheiros,
inctos por hum bracelete d'oiro,
nmandados por hum valeroſo Ge-
al, que tomava o titulo de Rei de
lir. Eſta formidavel frota prepara-
com muito grande ſegredo, veio
gir no porto meſmo de Malaca,
18. de Outubro deſte meſmo an-
de 1547. duas horas depois da
ia noite. E para ſe aproveitar do
to que ella cauſava, o General naõ
deo hum momento em pôr a ſua
ıte em terra, a dar a eſcalada, e
attacar os navios que eſtavaõ no
porto.

porto. Verdadeiramente o aſſalto
mal ſuccedido, e quantos inimigos
apreſentaraõ, tantos foraõ deſbaratad
e mortos. Porém deitaraõ tanto f
nos navios, e com tanta felicidad
que d'outo que havia no Porto, e
quaes ſinco tinhaõ chegado das Il
de Banda ricamente carregados,
eſcapou nenhum que naõ foſſe conſu
do. Altivo com huma taõ grande f
cidade, o General inimigo ordenou t
a ſua frota em meia lua tanto que o
apareceo: porém a artilheria da Forta
za, tendo-o obrigado a deſviar-ſe,
retirou para á Ilha d'Upi, a huma
lha da Cidade, onde paſſou o reſto
dia em feſtas, e divertimentos.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Tendo ali tomado hum batel
peſcadores, que tinha 7 peſſoas.
barbaro lhes fez cortar o nariz, e
orelhas, e as enviou ao Governa
de Malaca, com hum bilhete de de
fio, feito em huma carta eſcrita
gundo o eſtilo dos Orientais c
metaforas pompoſas, e titulos mag
ficos, e com grandes demonſtraçoe
de deſprezo para os Portuguezes.

Simaõ de Melo, que era en
Governador de Malaca, tendo comm
nicado eſta Carta ao Conſelho, e n
ſe achando em eſtado de tomar alg
pa

rtido, recorreo a Xavier como a
:aculo. O Santo, contra a opiniaõ
todos, naõ balançeou em dizer
e era precizo desafrontar-se d'huma
juria, que era antes hum insulto
to a Deos do que á Naçaõ. Tendo
dos aplaudido o seu zelo, sómente
lo respeito que tinhaõ á sua virtu-
, transportaraõ-se ao Arsenal, onde
acharaõ hum pequeno catur, e sete
scos de fustas taõ velhos, e po-
es, que eraõ só proprios para quei-
ar. Tratou-se de as aparelhar, po-
m o Feitor protestou, com juramen-
, que naõ haviaõ nem estopas pa-
as calafetar, nem alcatraõ, nem
las, nem ancora, nem hum cabo,
em hum prego. Bela imagem do
odo com que os Reis saõ servidos
mmummente nos paizes apartados.
avier indignado, se dirigio entaõ a 8
os mais valerosos Officiaes, assigna
cada hum a sua fusta, e o Catur,
os obriga aos armarem á sua cus-
.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vi-ce-Rei.

No espasso de sinco dias se pre-
arou a armada. Francisco de Sá,
nhado do Governador foi feito Ge-
eral desta pequena armada, que era
compossta de 180 homens, porém
dos de coraçaõ, e maons. Xavier
os

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

os exhortou a todos hum apoz outro, e os abraçou, e dispôz depois pelos Sacramentos para a çaõ, e para á victoria. O estendar Real foi bento com solemnidade, todos se embarcaraõ á vista das accl maçoens de todo o povo, com aqu la confiança, que he felis presagio victoria, e aquellas demonstraçoens alegria que saõ ordinarias a esta so d'expetaculo.

Tanto que a Capitania fez algu movimentos para ganhar o largo, tempo mais soccegado, e sem toc em parte alguma, foi ao fundo qu si em hum istante, á vista desta mu tidaõ de expectadores. Os homens s varaõ-se, e tiveraõ muito traball depois para salvar o resto. A supe stiçaõ dos prognosticos ferindo ser pre o espirito do povo, todos os c raçoens se mudaraõ neste momento e os aplausos se trocaraõ em murm raçoens. Só Xavier naõ se dezar mou, e tornou a animar as espera ças abatidas de todos estes espirit consternados, que pela pluralidade d sufragios tinhaõ já determinado aba donar a empresa. Elle os animou, go, pela certesa que lhes deo da ch gada d'hum novo soccorro, que co

sis

tia em duas fuftas, que fe aviaõ
fcobrir fobre a tarde do mefmo
a.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Tendo o fucceffo verificado huma
ofecia taõ determinada, e taõ auten-
a, no momento que as fuftas apa-
ceraõ, como ellas tomavaõ o lar-
para naõ tocarem Malaca, e naõ
em obrigadas a pagar alli os direi-
s da Alfandega; Xavier fe tranfpor-
u a ellas em hum efcaler, fala aos
apitaens, promete-lhes a franqueza
e elles defejavaõ, encheos de zelo,
ra tomarem a caufa de Deos, e a
honra da Naçaõ.

Tendo-fe revificado, e augmen-
do a efperança do fucceffo, a ar-
ada fe fez á vela em 21 de Outu-
o, e correo 7 dias inteiros, até ao
rmo que o Governador lhe tinha
efcrito, fem ter alguma noticia do
imigo. O valor dos guerreiros os
eria levar mais longe. A fidelidade
General os deteve, porém tanto
e elles penfaraõ na retirada, levan-
u-fe hum vento contrario, que os te-
23 dias em tormenta. Faltando-lhe
taõ as provifoens fe viraõ obrigados
paffar á vante para as hirem buf-
r.

Efta tardança deitou em Malaca

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

huma extrema consternaçaõ ; e com nestas sortes de acontecimentos , im ginaõ sempre o que *he* peior, a Cid de estava cheia de murmuraçoens , prantos , e falsos rumores , cu pezo todo recahia sómente sobre X vier. Huma nova circunstancia au mentou a perturbaçaõ , e o terro Aladim que tinha sido expulsado Bintam por Pedro Mascarenhas, e d pois d'Ujentane por D. Estevaõ Gama , se tinha fortificado em Jo onde os Portuguezes o tinhaõ deix do pacifico. Estava entaõ armado co alguns Princepes confederados, cont o Rei de Patane seu visinho , e achava á entrada do rio Mecar, co huma frota, que alguns fazem cheg até perto de 300 fustas , lanchas , outras pequenas embarcaçoens de di rente especie. Tendo a noticia do q se passava em Malaca chegado elle , e tendo despertado a inveja entrar na posse d'hum Estado , q era sua antiga herança, lhe fez m dar logo o disignio da sua marcha.

Enviou no mesmo tempo hum d seus principaes Officiaes a Mello , p ra o fazer comprimentar sobre o ins to que lhe acabavaõ de fazer , e p ra lhe fazer offerecimento de todas

sua

as forças contra o inimigo commum.
)ia elle bem que os seus offereci-
ntos seriaõ suspeitos, e que o fin-
nento era muito grosseiro para que
Governador se enganasse. Tambem
ua intençaõ naõ era aproveitar este
ificio, senaõ para saber o verdadei-
estado da praça, e naõ esperava
is do que o retorno do seu envia-
para se pôr em acçaõ. Era isto o
e causava embaraço aos habitantes
Malaca. Tinhaõ-se elles privado
poucas forças, que tinhaõ para se
fenderem em taõ terriveis circunstan-
s. Elles naõ faziaõ mais conta com
sua pequena armada, cuja perda to-
lhes parecia naõ entrar em duvida,
se viaõ em huma especie d'impossi-
dade de resistirem a huma pancada.
ello com tudo fez taõ bom gesto,
respondeo com tanta altivez ao En-
do d'este Principe, que elle descor-
ou d'aproveitar no seu projecto, ou
õ foi a tempo de o executar.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Em quanto Malaca estava na agi-
aõ d'estes movimentos tumultuo-
, a frota Portugueza passado mais
um mez de trabalhos, achou em
a a dos inimigos. Tinha esta entra-
nas terras do Rei de Parles, ti-
a expulsado este Principe que se ti-

Ann. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

nha refugiado nos eftados do Rei
Patane, e tinha commetido crueld
des inauditas fobre os feus vaffallo
Tinha-fe elle apoderado d'hum pof
e actualmente alli conftruhia hu
Fortaleza para cortar os viveres a M
laca, e impedir que algum navio a
foffe abordar. Tendo fido todos ef
conhecimentos tirados d'alguns pef
dores, e os inimigos da fua parte
fendo avifados da chegada dos Por
guezes, as duas armadas teftemun
raõ huma grande alegria d'ambas
partes, e fe difpozeraõ ao comb
com a mefma animozidade. Os Ac
nefes foraõ os primeiros que fe a va
çaraõ. Quatro fuftas faziaõ a fua va
guarda, na qual eftava a fua Cap
nia commandada pelo General em p
foa. As outras feguiaõ feis a
muito bela ordem.

Tendo-o percebido Deça, order
tambem a fua pequena frota em ba
lha, e fe cobrio com huma enféa
que formava huma ponta, para
fer cercado. O grande ardor dos
migos foi caufa da fua perda. Fize
elles a fua defcarga de taõ longe,
nenhum tiro chegou. O ar eftava
berto no mefmo tempo d'huma
vem de flexas, que naõ fizeraõ ef
t

Os Portuguezes pelo contrario, atirando senaõ d'huma justa distan-, naõ perderaõ quasi nenhum tiro. primeira abordada, huma bala ati-a da fusta de Joaõ Soares, toman-a Capitania pelo flanco, a offendeo modo que ella foi logo a pique. outras 3 fustas da vanguarda ten-se atravessado para salvarem o seu neral, e mais de cem Cavalleiros, se afogaraõ com elle, fizeraõ bar-a ao rio. As fustas que vinhaõ seguimento, vogando á remos, e velas, levados por huma corrente ito violenta, cahiraõ humas sobre ras, embaraçaraõ-se nas suas mano-s, e causaraõ huma estranha con-aõ.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Neste momento, Xavier pregava povo em Malaca. Em hum Do-ngo 4 de Dezembro, depois das no-horas da manhã; quasi no meio seu discurso, parou de repente, ᴅouco a pouco sahindo como fora si mesmo, o viraõ entrar em extasis: avras cortadas, movimentos já de nor, já d'alegria, lagrimas, e suf-os, rogativas animadas d'hum ex-so de fervor, suspendem a attençaõ todo o auditorio, e o tem tambem mo em extasis. Em fim tornando o

San-

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Santo do seu transporte, annuncia cl ramente o ganho da batalha, e f dar logo acçoens de graças a Deo declara que na sexta feira seguinte receberiaõ as primeiras noticias victoria, e que pouco depois veriaõ frota victoriosa.

O combate a pesar da prime desordem se tinha restabelecido ; Rei de Pedir que tinhaõ salvado agua, fazia maravilhas, e animava seus. Os Portuguezes da sua part naõ perderaõ nunca a sua vantage Em quanto as suas fustas, que es vaõ nas alas, varejavaõ sem errar e multidaõ d'embarcaçoens juntas, amontoadas, as do meio correraõ abordagem. Em pouco tempo o se cobrio de fragmentos de navio de mortos, e moribundos. Finalme te o General inimigo, recebendo ma ferida, de que morreo pouco c pois, se retirou da batalha com pc ca comitiva. Augmentando-se ent a desordem com a sua retirada, n houve alli mais resistencia. Os Ach neses abandonaraõ as suas embarcaç ens, deitaraõ-se no rio, cuja corre te absorveo a maior parte. Conta- que perderaõ 4000 homens. De to esta armada só se salvaraõ os que s guiraõ o General fugitivo. C

O Rei de Parles, que eſtava vi-
undo , ajuntou algumas tropas foi
repente cahir ſobre hum corpo de
o. Acheneſes , no poſto que elles
rtificavaõ , onde guardavaõ os pre-
neiros que tinhaõ feito. Paſſou-os
dos á eſpada , de ſorte que nenhum
capou. Veio depois felicitar o Ge-
ral , e para ter para o futuro huma
otecçaõ na Coroa de Portugal ſe lhe
ndeo tributario. O Rei d'Ujentane
ie eſperava o exito deſte ſucceſſo
ra ſe determinar , cauſou-lhe tanto
ſgoſto , que matou com a ſua pro-
ia maõ o correio que lhe levou a
oticia , e ſe retirou para os ſeus Eſ-
dos fingindo-ſe doente. Com tudo
noticia da victoria chegou a Mala-
pontualmente , e algum tempo de-
ois viraõ chegar a frota victorioſa ,
rregada de deſpojos dos inimigos.
a preſa entraraõ 26 galiotas , ou fuſ-
s , (tinhaõ queimado as outras , por
lta de marinheiros que as mariaſ-
em) 300 peſas d'artilheria , entre as
uaes havia 70 com armas de Portu-
al , perto de mil arcabuſes, ou eſpin-
ardas , e hum muito grande trem
'outras armas , e muniçoens de
oda a eſpécie , como nas victorias
nais celebres ; cuſtando eſta ſó 25
ou

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1548.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

ou 26 homens quando muito aos ver cedores.

Posto que o Vice-Rei consegui se só muito pequenas victorias sobr o Idalcaõ, naõ deixou com tudo c receber em Goa as honras d'hum nc vo triumpho, com seu filho D. A varo. Melhor faria, se podesse pôr Cidade d'Adem no numero das su conquistas, segundo a occasiaõ qu por entaõ lhe apresentou.

A tirania que os Turcos exerc tavaõ nesta Cidade, cauzando hum sublevaçaõ, os habitantes os expuls raõ pelo meio do Rei de Camphar a quem elles se entregaraõ. Antever do este bem que os Turcos torn riaõ sobre elle com maiores forças se meteo debaixo da protecçaõ do Portuguezes, e pedio soccorro ao Go vernador d'Ormuz, que lhe envic D. Paio de Noronha com 12 galera Noronha que com ardor tinha des jado esta comissaõ, naõ conservou gloria d'huma familia que tem pro dusido tantos homens grandes. O R de Camphar o tinha deixado Senhc em Adem, para hir sitiar os Turco em hum posto em que se tinhaõ fo tificado. D. Paio tomado naõ sei d que terror panico, e temendo algum trai-

aiçaõ se retirou a seu bordo, e aban-
ınou a Cidade. Quiz a infelicida-
e do Rei de Camphar, que fosse mor-
no momento em que forçava os
urcos, e os tomava d'assalto; o
edo de Noronha se augmentou com
ta triste noticia, e ordenou a to-
ıs os seus que se retirassem para os
ıvios. Apenas consentio que Pan-
leaõ da Maia, e Pedro Fernandes
e Carvalho com as suas companhias,
caſſem para guarda do Palacio, e se-
ırança dos Principes filhos do Rei
efunto. Entre tanto tomando os Tur-
ıs coragem, e persuadindo-se bem
ıe a morte do Rei de Camphar teria
ıusado perturbaçaõ em Adem, foraõ
presentar-se defronte d'esta praça, e
ıe deraõ muitos assaltos, onde foraõ
empre rebatidos com perda, pelo va-
r de poucos Portuguezes, que alli es-
ıvaõ. Com tudo este valor naõ pô-
e impedir que os Turcos naõ entras-
em na praça de noite por traiçaõ,
orém isto só servio de causar maior
ıstre. Porque na desordem d'este re-
ate, se conduſiraõ, e brigaraõ tam-
em, que os expulsaraõ, e persegui-
ıõ mais d'huma legoa fora da Cida-
e.

Em quanto duravaõ estes movi-
men-

Ann. de J. C. 1548.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

mentos, Noronha ficou ſempre immo-
vel, como ſimples expectador. Vind-
depois algumas galeras Turcas de Me-
ca, em ſoccorro dos ſitiantes, mo-
trou quere-las attacar, porém faltou
lhe o coraçaõ, e depois d'alguns dia
de irreſoluçaõ, ou antes de obſtina-
çaõ em ſe oppôr contra a vontade do
ſeus Officiaes, e de toda a ſua gen-
te, partio de noite, e ſe retirou ocul-
tamente, e contra a palavra que ti-
nha dado ao novo Rei de Camphar
que naõ ceſſava de o ſolicitar a qu
peleijaſſe. Só dois Portuguezes chama-
dos Manoel Pereira, e Franciſco Viei-
ra o naõ quiſeraõ ſeguir e ſe uniraõ
ao mais moço dos filhos do defunt
Rei de Camphar, Principe que tinh
muito valor, e merecimento peſſoal
Eſtes dois homens fizeraõ prodigio
em quanto durou o cerco, e repara-
raõ a gloria da ſua Naçaõ, bem aba-
tida por huma partida taõ vergonho-
ſa. Os Turcos eſtiveraõ alguns dia
deſapercebidos da retirada de D. Paio
e ſó o ſouberaõ por hum deſertor
que tinha paſſado da Cidade para
ſeu campo, para praticar hum nov
ajuſte, por meio do qual os Turco
entraraõ tambem de noite na praça
e expulſaraõ os Fartaquins, e os vaſſal-
los

Ann. de J. C. 1548.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

os do novo Rei de Camphar, que
lli foi morto com hum dos feus ir-
naõs. O irmaõ mais moço defte Prin-
epe, depois de combater com muito
alor, fe falvou com os dois Portu-
uezes que nunca o abandonaraõ,
teve muita felicidade por recuperar
s Eftados de que a morte de feu Pai,
de feus irmaõs o metiaõ de poffe.

Ann. de J. C. 1548.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

A noticia da primeira mudança
eita em Adem, tinha caufado huma
nfinita alegria aos Portuguezes em
oda a India. Naõ podia haver coifa
nais agradavel ao Vice-Rei, que ver
um pofto de tanto ciume em poder
l'ElRei de Portugal. Baftava que o
grande Albuquerque naõ o confeguiffe
om toda a fua gloria, para engran-
lecer infinitamente quem o fenhoreaf-
e, de qualquer modo que foffe. Tam-
em elle naõ omittio nada para confe-
guir efte negocio, e preparou em
nuito pouco tempo huma frota de
o embarcaçoens da qual entregou o
ommando a feu filho D. Alvaro, que
ondufio com figo a flor de toda a
Nobrefa.

D. Alvaro chegando fobre a Cof-
a d'Adem, foube a trifte revoluçaõ
contecida nefta Cidade no princi-
pio, por D. Paio de Noronha mefmo,
que

ANN. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

que naõ deixou de lhe engroſſar os objectos pela ſua juſtificaçaõ ; e depois por D. Joaõ d'Ataide que o inſtruio hum pouco mais verdadeiramente. O Conſelho de Guerra julgando, que naõ havia mais que fazer naquella parte, D. Alvaro ſegundo as ordens que tinha de ſeu pai, moveo as ſuas armas para outra parte, em favor do Rei de Caxem, que eſtava deſpojado d'huma parte dos ſeus Eſtados, e que tendo ſempre ſido muito zelozo amigo dos Portuguezes requeria o ſeu ſoccorro. D. Alvaro foi deſembarcar defronte do Forte de Xael, que era huma das praças d'eſte Principe. Os Fartaquins que lha tinhaõ tirado, arvoraraõ Bandeira branca, e enviaraõ huma mulher que ſabia falar Portuguez, para lhes offerecer da parte d'elles, que lhes renderiaõ a praça, no cazo que o deſejaſſem, com tanto que lhes deixaſſem levar os ſeus effeitos.

O Rei de Caxem meſmo, e as peſſoas mais prudentes eſtavaõ contentes d'eſte partido, e queriaõ que o aceitaſſem; porém achando-ſe maior o numero dos loucos, naõ lhes quizeraõ conceder mais do que a vida. Eſta indigna reſpoſta onde a avareza ti-

nha

ha tido mais parte que a raſaõ, e o
alor, revoltando os Fartaquins ao ulti-
no ponto, arvoraraõ o Eſtendarte ver-
nelho, e depois de terem degolado
lles meſmo as ſuas mulheres, e fi-
hos, determinaraõ defender-ſe como
leſeſperados. Verdadeiramente foraõ
brigados, e quizeraõ antes morrer to-
los do que pedir quartel. Porém cuſ-
ou tanto ſangue aos Portuguezes,
ue naõ tiveraõ lugar de ſe alegra-
em com huma tal victoria.

Ann. de J. C. 1548.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Caſtro Vi-ce-Rei.

D. Alvaro naõ deixou porém de
eceber as honras do triumpho em
Goa por ordem do Vice-Rei, em
quem eſtes expectaculos eraõ pro-
cedidos de huma boa politica; po-
ém D. Joaõ de Caſtro a pezar d'eſtas
apparencias, reſſentio mui vivamente
a impropriedade d'eſtas duas acçoens.
Irritou-ſe tanto, principalmente contra
Noronha, que naõ o quiz nem ver,
nem ouvir quando elle ſe aprezentou
para lhe dar conta, e eſte Fidalgo
foi depois taõ deſacreditado, que naõ
pode lavar eſta mancha ſe naõ paſſados
muitos annos, quando ſe fez matar
como verdadeiro Capitaõ, por huma
temeridade fora de propoſito, que
merecia taõ poucos elogios, como a
ſua exceſſiva prudencia mereceo repre-
ençaõ.

O

Ann. de J. C. 1548.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

O desgosto que o Vice-Rei tev[e] entaõ, unindo-se a outro que tinh[a] tido pouco antes, causado por hum[a] sublevaçaõ das tropas, que tinhaõ vin[do] sediciosamente pedir-lhe o soldo ao som de tambor, e mecha acesa lhe azedou o sangue, e lhe causo[u] huma fevre a que naõ poderaõ acha[r] remedio, e que naõ pôde adoçar-s[e] com as cartas d'amizade que recebe[o] entaõ d'ElRei, e do Infante D. Luis a respeito da gloria que tinha adqui-rido, fazendo levantar o cerco d[e] Diu: nem pela prorogaçaõ do seu Vi-ce-Reinado por tres annos, e a con-firmaçaõ do Generalado do mar e[m] favor do seu filho por outro tant[o] tempo, hum reforço de 17 Navios, novas gratificaçoens, e novas honras

Que era isto para hum homem que estava na sua ultima hora. Sen-tindo-a aproximar-se, e naõ se achand[o] em estado de cuidar nos negocios, quiz inteiramente desencarregar-se, para só pensar nos da sua consciencia Formou para isto hum Conselho com-posto de sinco pessoas, que foraõ o Bispo de Goa, o Governador da Ci-dade, o Chanceller, o Auditor Geral, e o Intendente da Fazenda. Fazendo-os chamar com o Padre Guardiaõ dos

Fran-

ancifcanos, e S. Francifco Xavier, es fez a fua renuncia. Declarou-lhes pois claramente, e com juramento bre os Santos Evangelhos: „ Que elle naõ tinha defviado nada para feu proveito dos bens d'ElRei, e dos particulares: Que naõ tinha nunca recebido prefente d'algum: Que naõ lhe fendo dadas a tempo, as confignaçoens, que devia receber da Corte, tinha elle confumido o feu proprio cabedal para ás precizoens do Eftado: Que fe achava em huma tal fituaçaõ, que lhe faltava até o neceffario que os foldados tinhaõ no hofpital: Que nem fequer tinha tido comque compraffe hum frango, que lhe tinha ordenado o feu Medico, e que nefta extrema pobreza, lhes rogava que o quizeffem fazer fuftentar á cufta do publico, ou da cafa da Mifericordia, pelo pouco que lhe reftava de vida. „ epois d'efte difcurfo capaz de tirar grimas dos olhos dos mais infenfieis, fe fechou com S. Francifco Xaer, entre as maõs de quem teve a licidade d'entregar o feu efpirito ao u Criador no mez de Junho do ano de 1548, e 48. de fua idade.

Ann. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Acharaõ depois da fua morte em

hum

Ann. de J. C. 1548.

D. João III. Rei.

hum pequeno armario tres reis, er este todo o dinheiro amoedado qu elle tinha, humas disciplinas todas tin tas do seu sangue, e os cabelos d barba que tinha dado por cauçaõ ao seus credores.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

D. Joaõ de Castro sendo filho se gundo d'huma casa, posto que muit illustre, foi sempre pobre, e naõ te ve outro rendimento certo em toda sua vida mais do que huma Comend de 500 cruzados cada anno. Hum ca samento que elle contratou sendo mui to moço com D. Leonor Coutinho filha do Marechal, que foi morto er Calicut, o desgostou com seu pai que desaprovou huma alliança em qu a esposa naõ trasia outro dote mai do que grandes virtudes. Redusid Castro por este motivo a viver cor pouco, se consolou na sua pobres com o estudo. Aplicou-se fortement ás Mathematicas, e se fez nellas ta habil, debaixo da disciplina de Pedr Nunes celebre naquelle tempo, e qu as ensinava ao Infante D. Luis. Cas tro teve entaõ occasiaõ de travar ami sade muito estreita com este Principe que durou até a morte. Castro se des tinguio em muitas occasioens em Afri ca, e nas Indias. Assignalou-se princi pal-

lmente na companhia do Infante,
expediçaõ que Carlos V. fez a Tu-
s, e foi o unico que recuſou dois
l ducados, que o Imperador fez
ſtribuir a cada hum dos Officiaes
ortuguezes. Refuſou com a meſma
norofidade o Governo d'Ormuz, que
Rei de Portugal lhe offereceo, e
l cruzados de penſaõ, quando paſ-
a ás Indias com D. Garcia de No-
nha ſeu cunhado, dizendo que ain-
naõ tinha feito nada para os mere-
r. Em todas as viagens que fez ás
dias, nunca fez commercio algum,
ſe elle ſe achou em occaſioens em
e foi obrigado a aceitar prezentes,
deo ao Fiſco. Contaõ d'elle hum
to ſingular acontecido em Lisboa,
tempo em que ſe diſpunha para á
a ultima viagem. Paceando pela Ci-
de, e vendo na logem d'hum Al-
ate hum veſtido hum pouco exqui-
o, preguntou de quem era: e di-
ndo-ſe-lhe que era para hum dos
us filhos, pegou na teſoura, cor-
u-o em pedaços, e diſſe ao Alfaia-
„ Dizei a eſſe rapaz, que compre
armas. Todas eſtas acçoens que o po-
m pôr em paralello com os Heroes
antiga Grecia, e com os grandes
mens das primeiras idades da ſim-

Ann. de J. C. 1548.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

plicidade Romana, quando os tiravaõ da charrua para os fazerem Dictadores, fazem melhor o seu elogio, que tudo o que eu poderia ajuntar para lhe traçar o caracter, e aformosear o retrato.

D. GARCIA DE SA' GOVERNADOR.

Abertas as successoens segundo as formalidades ordinarias, D. Joaõ Mascarenhas, e D. Jorge Tello de Menezes se acharaõ nomeados na primeira, e na segunda. Porém como ambos tinhaõ voltado para Portugal, abriraõ a terceira que estava toda a favor de Garcia de Sá, o qual foi logo aclamado, e se meteo em posse do Governo, de que era muito digno. Era este hum Cavalheiro da singeleza dos primeiros tempos, e que tendo quasi sempre vivido nas Indias até á idade de 70 annos, que entaõ tinha, alli tinha adquirido huma grande experiencia dos negocios, huma alta reputaçaõ nas armas, e tinha adquirido a confiança, e a estimaçaõ geral dos Portuguezes, e dos Indios pela puresa, e candura dos seus costumes.

Hum dos primeiros effeitos desta estimaçaõ, foi a paz feita com o Idalcaõ. Este Principe logo que foi informado da morte do Vice-Rei, e de-

claraçaõ do ſeu ſucceſſor, enviou os
ıs Embaixadores para ſe queixar da
nducta de D. Joaõ de Caſtro a reſ-
ito d'elle. Renovava as meſmas pro-
fiçoens, que tinha feito a reſpeito
Meale. Porém D. Garcia de Sá
igio eſte negocio com tanta deſtre-
, que o Idalcaõ ſe ſatisfez comque
eale eſtiveſſe guardado em Goa, e
e naõ o tranſportaſſem para outra
rte, ſem o ſeu conſentimento pe-
meio do que confirmou entaõ a
ıçaõ das terras firmes de Bardes,
de Salſete. Eſta paz foi ſeguida
aſi ao meſmo tempo da renovaçaõ
s tratados antigos feitos com o Sa-
ɔrim, Nizamaluco, Coramaluco, e
tros Principes da India.

Ann. de J. C. 1548.

D. Joaõ III. Rei.

D. Garcia de Sá Governador.

O Rei de Cambaia eſtava ſem-
: em armas, e o Governador pen-
a efficasmente em o accommodar,
:a o que tinha feito huma grande
nada, e ſe tinha embarcado per-
do principio do anno de 1549.
rém tanto que chegou a Baçaim,
ltaõ Mahmud o prevenio pelos ſe-
Embaixadores para lhe pedir paz.
ſculparaõ o milhor que poderaõ as
pas que ſe tinhaõ cometido de parte
parte, e a paz foi concluida quaſi
n as meſmas condiçoens dos trata-

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE SA' GOVERNADOR.

dos precedentes, á excepçaõ do mu
ro de feparaçaõ entre a Cidade de Diu
e a Fortaleza, e de alguma partilh
nos direitos dos caminhos, de que
Governador naõ quiz ouvir falar,
aqui foi precizo que o Rei de Can
baia fe rendeffe.

Por efte tratado, a India
achou de novo em huma perfei
tranquilidade, com grandes vantager
dos Portuguezes, e com muita gl
ria do novo Governador, que n
pouco tempo que tinha manejado
negocios, tinha feito mais, que mu
tos dos feus predeceffores.

Parecia levantar-fe huma tempe
tade da parte d'Ormuz, que lhe t
ria dado trabalho. Hum Abexim ch
mado Abdalla, homem de reputaçaõ
fe tinha levantado contra o Rei, faz
corfos, roubava as caravanas, e emb
raçava o comercio. D. Manoel de Lin
tinha enviado contra elle different
deftacamentos. Abdalla os tinha femp
desbaratado, ou lhes tinha efcapad
O negocio eftava ferio: porém Lin
vendo que a força defcuberta naõ ll
aproveitava, julgou fer-lhe licito uf
de ardil. Enviou a efte rebelde hu
dezertor, que fingindo ter fido maltr
tado, fe refugiou para elle, infinuo
fe

na sua amizade, e o apunhalou.

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

D. Garcia de Sá Governador.

Livre Gracia por este meio de do o medo d'aquella parte, naõ e peior coiza que a morte de Luis lcaõ Governador de Diu, que esdo sentado á sua porta á boca da ite foi morto com hum tiro d'arbuz, que lhe atiraraõ de fora, sem e nunca se podesse descubrir o au- d'este assacino, com toda a diligncia que se fez. O Governador viou ali Martim Correa da Silva, depois foi elle mesmo a Goa.

Occupou-se ali com muita utilida-, e bem do Estado fazendo reparar armazens, espalmar os Navios, dando em tudo provas d'huma gran- capacidade, e d'hum grande zelo lo publico, quando hum attaque de lica, a que era sogeito, sobrevin- á sua idade avançada, o levou a de Iulho com grande disgosto das ssoas de bem, que tinhaõ fundado elle grandes esperanças, e que foraõ ó edificados com a sua morte inteinente Christaã, como o tinhaõ sidas virtudes, que elle tinha mosdo na sua vida, e principalmente quanto esteve no emprego.

Tinha-se despojado de todos os us bens em favor das suas duas fi-

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

filhas, que tinha cazado pouco ant
da sua morte, huma com Manoel c
Souza de Sepulveda, e outra com I
Affonso de Noronha, o mais bel
Cavalheiro que havia na India, pc
rém que viveo pouco. Cada huma
ellas tiveraõ de dote 20000 cruzados
que seus maridos estimaraõ menos, qu
a sua beleza, que era extraordinari.
D. Leonor d'Albuquerque de Sá e
já celebrada pelo voto, que tinha fei
de casar com ella hum simplez sold
do n'huma tempestade, de que já f
lei; porém ainda o foi muito ma
pelo lamentavel naufragio que fez co
seu marido, e com toda a sua famil
no Cabo de Boa Esperança, naufr
gio de que todos os Autores d'aque
le tempo contaraõ por extenso as tri
tes particularidades, que d'elle fazer
hum dos acontecimentos mais tragico

D. GARCIA DE SÁ GOVERNADOR.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Em virtude da quarta successa
que se abrio por morte de Garcia c
Sá, Jorge Cabral foi declarado se
successor. Era entaõ Governador c
Baçaim, para onde despacharaõ log
correios para o avisarem. Esta notic
naõ lhe causou nem admiraçaõ, ne
alegria. Sabia a sua nomeaçaõ, e
tinha declarado na morte de Castr
E bem longe de aceitar este en

pre-

ego com gosto, duvidou muito
npo. Temia perder 4 annos de divi-
; atrazadas que lhe deviaõ do seu
verno, e temia ainda mais ver che-
r, pode ser, passado hum mez, ou a
is tardar hum anno, hum successor
gundo o estilo que tinha tomado a
rte de Portugal: depois do que te-
huma grande conta que dar, e se
haria arruinado, sem ter tido tempo
se aproveitar do seu emprego. Es-
s solidas rasoens, que venciaõ o seu
imo, cederaõ com tudo á vaidade
sua esposa, que sendo bela, mo-
, e ambicioza como saõ d'ordinario
do seu sexo, preferio o fumo d'
ıma honra vá, e o gosto de se ver
primeira Senhora das Indias, á outras
ntagens mais solidas.

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Goa o recebeo com todas as hon-
s dividas ao seu cargo, e com to-
as as demonstraçoens de gosto, que
rrespondiaõ á idéa que tinhaõ do seu
erecimento pessoal. O publico naõ
enganou n'esta idéa, e o seu Go-
erno ainda que curto, assim como o
o seu predecessor, passou por hum
os mais singulares que teve a India.
oi justo, desenteressado, zelozo pe-
o bem do serviço, sem fausto, facil
m dar audiencias, attento a impedir
as

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

as murmuraçoens das tropas, pagando lhes exactamente com o ſeu propri cabedal, na falta do dinheiro d'ElRei A todas eſtas qualidades, que formaõ os bons Senhores, ajuntou mais dua ou tres condiçoens particulares, qu lhe adquiriraõ abſolutamente a confiança de toda a gente. A primeira fo a facilidade que tinha de tomar conſelho nos negocios publicos, o que levou a exceſſo, que fez fazer caixa para deitarem os pareceres, que lh quiſeſſem dar com a liberdade inteira de ſe naõ darem a conhecer, ou d lhe falarem por cartas anonimas. A ſegunda he, que entre todos os negocio entreteve ſempre o povo em hum eſpirito de alegria, procurando-lhe ſempre divertimentos, que fazia ſucceder continuamente huns aos outros. Para eſte effeito dividio todas as eſpécie de trabalhos, pôz na frente Officiae de conſideraçaõ, e formou aſſim diverſos bandos d'obreiros, que das ſuas obras paſſavaõ ás danças, e jogos, que animava com o goſto, que niſſo moſtrava ter. Hum dia por huma noticia que recebeo, deo ordem a fazer 300. inſtromentos de campainhas, como eſpécies de pandeiros, ou de adufes, para os eſpalhar pelo povo, e acen-

der

er cada vez mais o amor da obriga-
:aõ, e o ardor do bem publico pela
ommua alegria.

Naõ lhe faltou que fazer quando
ntrou no Governo. Era precizo pro-
er nas Molucas, onde as cousas cor-
aõ sempre mal. Os Castelhanos ti-
haõ lá tornado: os Portuguezes ali
: tinhaõ dividido entre si, e sempre
m má intelligencia com os Reis do
aiz. Hum novo motivo de divisaõ en-
re o Samorim, e o Rei de Cochim
obrigou contra seu gosto a tomar par-
do, e a começar huma nova guerra.
) Rei de Cota na Ilha de Ceilaõ im-
lorou o seu soccorro contra seu ir-
aõ. O Rei de Candé na mesma Ilha,
ngindo querer fazer-se Christaõ, lhe
edio tambem tropas para se fortifi-
ar contra os seus vassallos, a quem
sua mudança de Religiaõ, naõ po-
ia deixar de dezagradar, e de pôr
m algum perigo. Em fim tinha-se di-
ulgado o rumor de que os Turcos
izendo huma poderoza armada em
uez, queriaõ vir attacar alguma das
'ortalezas da India.

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Cabral deo ordem a tudo, o me-
ıor que lhe foi possivel, e elle mes-
ıo se transportou a Cochim, onde a
ıa presença era necessaria. A sua
via-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

viagem foi breve, e pouco felis. Embaraçou-se com o Rei de Cochim pela felicidade que teve em seguir as idéas de Francisco da Silva, Governador da Fortaleza, homem imprudente e fogoso, que o obrigou a consentir-lhe que fosse saquear o Pagode de Palurt, d'onde julgava tirar hum grande thesouro. Esta temeraria empresa foi taõ mal executada, como tinha sido injustamente tentada. O thesouro naõ se achou: com tudo os Indios se revoltaraõ, e escandalisaraõ d'huma tentativa, que lhe pareceo taõ sacrilega como injusta. Tomaraõ as armas. Morreraõ ali alguns Portuguezes, e hum grande numero de feridos. A indignaçaõ que o Rei tomou por isto, foi cauza para que o Governador naõ regulasse nada dos negocios para que tinha vindo. Foi tambem causa que naquelle anno, só partissem tres navios de carga para Portugal, taõ mal carregados, que disso resultou muito grande prejuizo para os enteresses da Coroa. Depois d'isto Cabral obrigado pelos avisos que recebeo da proxima chegada dos Rumes, foi obrigado a tornar para Goa.

Apenas partio o Governador, a necessidade de soccorro em que se acha-

va

a o Rei de Cochim, pôz efte Prin-ipe na precizaõ de fe reconciliar com ilva, que por outra parte fó fervio e perturbar os negocios em lugar de s accommodar.

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Na vifinhança de Cochim havia um pequeno Principe, que os Portu-uezes chamavaõ o Rei da Pimenta; orque dos feus Eftados he que tiravaõ odos os annos para Portugal a maior uantidade d'efte genero. Era vaffallo o Rei de Cochim, e tinha com elle uma efpecie de filiaçaõ, fundada fo-re os principios da fua Religiaõ, e a Naçaõ. O Rei de Cochim tratan-o-o menos como pai, que como Se-hor, lhe tinha feito muitas injufti-às, de que elle fe tinha queixado nutilmente. Naõ podendo obter jufti-a, tinha paffado para o Samorim, om quem tinha contratado outra filia-ạaõ, rompendo as obrigaçoens da pri-neira, e em virtude da qual devia fuc-eder a efte Principe, em falta de feus obrinhos, como tambem o Samorim levia fucceder nos Eftados d'efte, em azo de morte.

Efta alliança que tinhaõ inutil-nente tentado de atraveffar, fendo ffim feita, efte Principe fortificado om os foccorros que recebeo do Sa-mo-

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

morim, veo deitar-ſe com dez mil Naires ſobre a Ilha de Bardelle, que fazia o motivo da diviſaõ, e ſe aſenhoreou d'ella. O Rei de Cochim, e Silva ſe pozeraõ logo em campo com as ſuas tropas, em que eſtavaõ 600 Portuguezes.

Antes de entrar em acçaõ o Rei da Pimenta que eu chamarei ao Principe da Ilha de Bardelle, que ſó requeria hum ajuſte, acceitou de boa vontade huma conferencia com Silva. Conſentio em tudo, até offereceo entregar-ſe nas maõs deſte Governador, e de vir a Cochim á Fortaleza, com tanto que alli eſtiveſſe debaixo da fiança d'elle. Porém Sylva ſe obſtinou ſempre em querer que elle ſe entregaſſe á deſcripçaõ do Rei de Cochim. Huma propoſiçaõ taõ extravagante, e taõ deſarreſoada, de que nunca Silva quiz ceder, eſcandaliſando eſte Principe, elle lhe voltou as coſtas, e ſe retirou para os ſeus.

O furor ſuccedendo entaõ em Silva á loucura das ſuas pretençoens, naõ tomou, nem ſequer o tempo de eſperar que as ſuas tropas inteiramente deſembarcaſſem, e de as pôr em ordem. Deo ſobre as tropas do Principe com impetuoſidade. O combate foi vi-

ivo, e animado; porém ſendo o Prin-
ipe ferido os Naires ſe pozeraõ em
etirada até ao ſeu Palacio, que os Por-
uguezes forçaraõ. Lançaraõ-lhe fogo,
ue ſe ateou tanto, que dizem, que
s mulheres do Principe, e o meſmo
'rincipe alli ſe queimaram.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

Os Indios do partido de Silva
endo o fogo do Palacio, lhe advir-
iraõ a tempo que ſe retiraſſe, ſegu-
ando-lhe que como eſta era a maior
fronta que podia receber o inimigo,
lepois da morte do Rei, que ignora-
aõ ainda, teria bem de preſſa huma
ropa de deſeſperados que combater,
ue lhe dariaõ bem que fazer. Silva
ra muito pouco prudente para ſe ren-
ler a eſte parecer. O inimigo com
udo veio com tanta impetuoſidade,
furia, que os Portuguezes naõ po-
lendo ſoſtentar eſte primeiro esforço,
e pozeraõ num inſtante em deſor-
lem, e em fugida. Silva abandona-
lo dos ſeus, combatteo como hum
urioſo, até que cahio morto, traſ-
aſſado de muitas feridas. Sincoenta
Portuguezes que a ſua fugida precipitada
naõ pôde ſalvar, tiveraõ a meſma ſor-
e. O Rei de Cochim recolheo o reſ-
o, e ſe retirou tendo tido a gloria
neſta deſordem, de ſe ter conduſido
com

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

com mais prudencia, assim moço como era, do que Silva, qué a pezar da sua idade, e experiencia, alli tinha mostrado taõ pouca, desprezando a prudencia dos conselhos d'este Principe.

A morte do Principe de Bardelle ainda naõ constava inteiramente, quando sinco mil Naires, seus devotos, cortaraõ metade da barba, e dos cabelos, segundo o seu uzo, para mostrarem a obrigaçaõ que elles tem, e a vontade de morrer, para vingarem o seu Soberano. Estes homens furiosos, e que só procuravaõ a morte, vaõ até a Cochim, onde deraõ hum assalto imprevisto aos seus suburbios, no bairro dos Indios. E posto que Henrique de Souza, que commandava na Fortaleza estendeo 500 sobre a praça, naõ foi sem que elles tivessem feito muitas desordens, e vendido por muito preço a sua vida. Os Autores contaõ dois casos singulares, acontecidos no repente d'este assalto. He, que hum homem doente de quem só se esperava a morte, no primeiro movimento do rebate se levantou, brigou como hum Leaõ, e depois da acçaõ se achou sem fevre, e perfeitamente convalescido. Outro pelo contrario que estava muito bom, tomou

hum

ım medo tamanho, que morreo go.

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

A perda que tinhaõ feito nesta :casiaõ os Naires consagrados naõ :morou o seu furor, antes pelo ›ntrario servio de lho augmentar, 'incipalmente quando souberaõ que Samorim armava poderosamente, ıra vingar a morte do seu Senhor. odos os dias estes Naires faziaõ cor-rias até ás portas da Cidade, e alli 'palharaõ hum tal medo, que o Rei : Cochim, a quem elles procuravaõ :incipalmente, e que em fim foi apu-halado por hum destes consagrados, ıaõ se julgando seguro no seu Pala-o, foi obrigado a passar para á For-:leza com hum grande numero de essoas das mais consideraveis da sua 'orte, o que deo causa, que por al-um tempo se sentissem alli os effei›s da fome.

Com tudo o Samorim convocan-o todos os Principes seus vassallos, ôz em pé hum exercito de 140ф, se pôz em marcha para se meter e posse da Ilha de Bardelle, e dos .stados do Principe defunto, de que ez reconhecer o sobrinho por herdei-› legitimo. Os Governadores de Co-him, e de Cananor fizeraõ quanto po-

Ann. de J. C. 1549. D. João III. Rei. Jorge Cabral Governador.

poderaõ para lhe eſtorvar todas as paſſagens : porém naõ poderaõ impedir que eſte Principe continuaſſe a ſua derrota, e de ſe apoderar da Ilha de Bardelle, onde fez entrar 40ф Naires, commandados pelos Principes alliados, que eraõ 18, entre os quaes havia alguns vaſſallos do Rei de Cochim, os quaes recuſaraõ entaõ de o ſervir a elle, picados de que Martim Affonſo de Souſa os tinha privado de certas penſoens, comque ElRei de Portugal os tinha remunerado, em reconhecimento dos ſerviços que elles e ſeus pais tinhaõ feito contra o Samorim nas primeiras guerras.

Henrique de Souſa commandante em Cochim, enviou logo á Goa, aſſim por mar, como por terra, para aviſar o Governador de tudo o que ſe paſſava. Ordenou ao meſmo tempo a Antonio Correa ſeu cunhado, que tomaſſe o mar com 30 embarcaçoens á remos, que tinha tirado de Cochim e Cananor, e que impediſſe quanto podeſſe a communicaçaõ dos Principes fechados na Ilha com o exercito do Samorim, que eſtava da parte de Chambé no continente.

Cabral teve muito diſgoſto com eſtas noticias. Preparava hum gran-
de

: armamento para hir no encontro da
ota Ottomana, que eſperava a todo
inſtante pelos aviſos que lhe vinhaõ
: todas as partes. As Cidades da In-
a lhe teſtemunharaõ neſta occaſiaõ
eſtimaçaõ que faziaõ da ſua peſſoa.
ada huma preparou muitas embarca-
ens á ſua cuſta, pela impoſſibilida-
em que elle eſtava de o fazer á
ſta d'ElRei. Além d'iſſo naõ ſe po-
a elle apartar de Goa. Era o tem-
da chegada dos Navios do Reino,
eſtava ſempre na inquietaçaõ de ſe
r render. Algum tempo ſe paſſou
im neſta incerteza. Em fim a ſe-
õ ſe tinha avançado de modo, que
Navios de Portugal ſó podiaõ to-
ar Porto em Cochim, veio tambem
im aviſo do Governador, que as ga-
ras Turcas ſe tinhaõ deſarmado em
iez, por huma ordem do Gram Se-
ior.

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Por aquella parte livre de todo
temor; Cabral fez partir logo Ma-
iel de Souſa de Sepulveda com qua-
Navios, e lhe deo ordem que ti-
ſſe a Ilha de Bardelle fechada de
õ perto, até que elle meſmo che-
ſſe, que ninguem podeſſe entrar, nem
hir. Pouco depois fez ſeguirem a
ouſa outras 12 embarcaçoens, com-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

mandadas por Gonçalo Vaz de Tavo ra. Sousa satisfez tambem á sua com missaõ, que a Ilha foi logo redusi da ás ultimas necessidades, e o soldados inimigos, oprimidos pela fo me, vinhaõ elles mesmos entregar se suplicando que os recebessem po escravos.

Jorge Cabral Governador.

Tanto que a frota esteve promp ta, o mesmo Cabral se embarcou. A sua armada tinha perto de cem velas nas quaes entravaõ 20 galioens, mu tas caravelas, galeras, fustas, bragar tins, e outras embarcaçoens a remo com 4ↀ. homens de desembarqu Na sua derrota queimou Tiracol Coulete, e Panane, que era da d pendencia do Samorim. Esteve tent do a fazer o mesmo a Calicut, e fizera, se o seu Conselho naõ lhe r presentasse, que era muito mais in portante para elle, hir incessanteme te a Bardelle, onde tinha como n suas redes todas as potencias do M labar.

Fazendo força de vela, foi fu gir á barra de Cochim, onde era e perado pelo Rei, que tinha 40ↀ h mens pagos. Tomou tambem do mil Portuguezes, e logo no dia s guinte se pôz defronte da Ilha

Bar

Bardelle, que fez cercar por todas as embarcaçoens ligeiras. Estando regulada a ordem do attaque, ao tempo que hia começar a acçaõ, os inimigos arvoraraõ huma bandeira branca para capitular. Naõ se poderaõ ajustar taõ depressa pelas condiçoens que os sitiados acharaõ muito duras. Levou isto dois, ou tres dias. Em fim a ultima palavra do Governador foi que queria que os 18 Principes se entregassem nas suas maõs, salva a vida, e que depois regulariaõ os outros artigos do tratado nos termos da honra, e da amisade.

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Naõ se determinando os Principes sobre huma proposiçaõ taõ terrivel, o General se resolveo a attacar no outro dia ao amanhecer. Porém durante a noite recebeo a noticia que D. Affonso de Noronha tinha chegado a Coulaõ por Vice-Rei das Indias. Elle mesmo escreveo dando aviso da sua vinda, e a ordem de naõ fazer nem paz, nem guerra em quanto elle naõ estivesse unido á armada. Foi isto hum raio para Cabral, que via tirarem-lhe das maõs a gloria da mais bela acçaõ que se podia fazer nas Indias, e de que se podiaõ tirar as maiores vantagens.

 Naõ

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Naõ obſtante iſto os Officiaes queriaõ que elle paſſaſſe avante, e que ſe aproveitaſſe da occaſiaõ que a fortuna lhe apreſentava para ſe immortaliſar. Depois de reflectir hum pouco. „ Eu „ vos agradeço, Senhores, lhe diz, „ o zelo que tendes pela minha glo„ria; porém penſando bem, eu naõ „ poderia ter goſto algum em huma „ victoria que vos deve embaraçar „ com o Vice-Rei, ao qual naõ po„ dereis agradar, começando por lhe „ deſobedecer. Naõ precizo poupalo „ para mim; porém precizo muito „ poupalo para vós. Fazendo-vos eu „ eſte ſerviço, pode ſer que adquira „ mais gloria do que ſe tiveſſe ven„ cido. „

Chegando Noronha a Cochim, Cabral o foi alli encontrar. Noronha lhe fez pouca honra. Deſcontentaraõ-ſe todos á proporçaõ do amor que tinhaõ a Cabral, com tudo naõ moſtrou reſentimento; porém ſó penſou em apreſſar a ſua partida. O Vice-Rei o fez convidar para o negocio de Bardelle onde ſe diſpunha a hir peſſoalmente. Excuſou-ſe elle. Tambem naõ era já tempo; porque a occaſiaõ tinha eſcapado. A Ilha tinha ſido abundantemente provida de viveres, e os

Prin-

Principes fe tinhaõ pofto em fegurança. Pedio-lhe tambem que cuidaffe na carga dos Navios, que deviaõ tornar para Portugal, fegundo os poderes que ElRei lhe tinha dado. Cabral fe excufou do mefmo modo, e fó quiz ter cuidado no que era feu. Guardou com tudo com o Vice-Rei todas as attençoens até ao tempo que fe embarcou para Lisboa, onde foi bem recebido do Rei, e da Corte; porém onde chegou pobre, affim como o tinha premeditado, quando fe determinou a acceitar o Governo.

Ann. de J. C. 1549. D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Os Chriftaõs fe multiplicaraõ na India com o numero dos miniftros Evangelicos. Os Padres da Ordem de S. Francifco, eftabelecidos havia muito tempo em Goa, tinhaõ feito hum novo eftabelecimento na Ilha de Ceilaõ. Os da Ordem de S. Domingos acabavaõ de fundar hum Mofteiro em Goa modernamente, no Governo de Garcia de Sá. O numero dos Miffionarios da Companhia de Jefus, tendo crecido muito em pouco tempo, tinhaõ-fe efpalhado por toda efta parte do mundo até ás portas da China. Todos eftes Santos obreiros trabalhavaõ na vinha do Senhor com hum zelo admiravel, e huma perfeita uniaõ.

Vie-

Ann. de J. C. 1549.
D. Joaõ III. Rei.
Jorge Cabral Governador.

Viraõ ali hum grande fructo na mudança dos coſtumes dos Chriſtaõs, e na converſaõ dos Mahometanos, e Idolatras. O Padre Gaſpar Barzeo Jeſuita Flamengo, fez mudar de face toda a Cidade d'Ormus, onde teve ſucceſſo prodigioſo. O Padre Antonio Criminal foi o primeiro da ſua companhia, que teve a fortuna de derramar o ſeu ſangue por Jeſus Chriſto, ſendo martyriſado pelos Badages. O Vigario Geral Miguel Vaz recebeo tambem a morte em recompença do ſeu zelo, ſendo envenenado pelos novos Chriſtaõs de Goa, entre os quaes ſe aplicava com exceſſivo zelo a dezarreigar os reſtos do Judaiſmo. Diogo de Borba, imitador do ſeu zelo, e Clerigo Secular como elle, entriſteceo-ſe tanto com a ſua morte, que ſe meteo Religiozo na ordem de S. Franciſco, onde acabou pouco depois virtuozamente os ſeus dias.

Naõ era ſó o povo que ſe con vertia, e os pobres, que eſtaõ mai perto do Reino do Ceo do que os ri cos: os Brachmanes, os Doutores d lei, os Reis, e os Principes curvava as cabeças debaixo do jugo do Evan gelho; e ſem falar dos que S. Fran ciſco Xavier ganhou para á noſſa ſan

ta

a fé houveraõ tambem outros em di-
erſos lugares, que quizeraõ abraçar a
ioſſa Religiaõ.

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

De todas as converſoens a que
ez mais eſtrondo, foi a do Rei de
Tanor. Os ſeus Eſtados eraõ muito
onſideraveis. Era cunhado do Samo-
im, e o filho que tinha tido da ir-
nã d'eſte Principe devia ſer o herdei-
o do Imperio de Calicut, ſegundo as
eis da Ginecocracia eſtabelecida no
Malabar. A viſinhança da Fortaleza
de Challe o fez ligar muito eſtreita-
mente com Luis Xiralobo que era o
Governador, e com o Vigario Joaõ
Soares, que era hum grande homem
de virtude. Tomou tanto goſto do
diſcurſo d'eſte, tanto afecto aos noſ-
ſos ſantos Miſterios, que ſe fez ba-
ptiſar occultamente com a Rainha ſua
eſpoſa, e alguns de ſeus filhos. O
ſegredo naõ pôde ſer tal, que os ſeus
vaſſallos naõ o ſuſpeitaſſem, vendo
principalmente a forte inclinaçaõ que
tinha aos Portuguezes, e aos coſtu-
mes eſtrangeiros. A deſconfiança che
gou a hum tal ponto, que elle foi
obrigado a pedir algumas tropas ao
Governador Garcia de Sá, para ſe
acautelar contra os movimentos, que
poderia cauſar na ſua Corte o diſſa-
bor

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

bor d'huma tal mudança, se se verificasse. O Governador lhe enviou com effeito 60 homens commandados por Garcia de Sá seu sobrinho, a quem ajuntou o Padre Antonio Gomes, Superior dos Jesuitas do Seminario de Goa, para acabar de o instruir na nossa crença.

Animando muito o seu fervor a instrução do Padre, tomou a resolução de vir a Goa, para ver as Ceremonias augustas da nossa santa Religião, de que lhe havião dado huma alta idéa. Deo parte d'esta determinação ao Governador, que enviou logo João Lobo, para o tomar em huma galera soberbamente ornada, e comboiada por 12 embarcaçoens para segurança da sua pessoa. Divulgada esta resolução do Rei, confirmou as suspeitas dos seus vassallos, e causou entre elles hum grande temor. Fizerão todo o esforço para o desviarem d'esta viagem. O mesmo Samorim, a quem isto causou huma grande inquietação, empregou toda a força do seu credito, e da sua auctoridade para o deter; porém em vão. O Rei de Tanor illudio as instancias d'este Principe, fingindo querer retirar-se do mundo, e fazer-se Jogue. Em fim os

seus

eus vaſſallos chegaraõ a ſitialo em
ıuma das ſuas praças, que tinha hum
erco de tres muros. Fugio de noite
ıor huma eſcada de corda. Ferio-ſe
ı'huma perna, e na cabeça ſaltando
ı ultimo muro, o qual era hum pou-
o mais alto que os dóis primeiros,
: ſe tranſportou aſſi ferido á frota
ue o eſperava para o tranſportar a
Goa.

Ann. de J. C. 1549. D. Joaõ III. Rei. Jorge Cabral Governador.

Tinha havido algumas difficulda-
les neſta Cidade entre os Theologos,
ſobre a maneira comque elle devia ſer
ecebido; porque bem que elle foſſe
á Chriſtaõ, conſervava com tudo to-
los os exteriores da Gentilidade, e
principalmente porque trazia ainda o
cordaõ triplicado, que os Brachmanes
ıaõ podem deixar, e que he para elles
huma profiſſaõ de fé, e da uniaõ ás
Divindades que elles adoraõ. O ne-
gocio foi debatido com muito ca-
lor; porém o parecer do Biſpo de
Goa, que por bondade natural,
e por inclinaçaõ ao Rei de Tanor
julgava, que deviaõ uſar de indul-
gencia com hum Principe ainda ten-
ro na fé, prevaleceo contra as ra-
zoens ſolidas dos outros: tanto mais,
dizia elle, que o naõ podiaõ obrigar
a deixar eſtas inſignias exteriores de
ido-

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

idolatria, ſem o expôr a perder o ſe Reino, excitar huma perſeguiçaõ con tra os Chriſtaõs, e impedir hum maio bem; o que confirmou por exemplo tirados do antigo Teſtamento, e pe lo uſo da primitiva Igreja mal expli cado. Eſte Prelado naõ attendia á dif ferença que ſe deve pôr entre o qu he o veſtido ordinario d'huma Naçaõ e o que he hum ſymbolo diſtinctiv d'huma falſa Religiaõ.

O Rei de Tanor foi recebido en Goa com toda a pompa crivel, e to das as meſmas honras que poderiaõ fazer a ElRei de Portugal em peſſoa Recebeo as ceremonias do Baptiſm das maõs do Biſpo, e pouco depoi o Sacramento da Confirmaçaõ. Teſte munhou huma grande ſatisfaçaõ do uſos da Igreja Romana, moſtrou hum grande zelo para trabalhar na conver ſaõ dos ſeus vaſſallos, e principal mente dos Principes do Indoſtaõ ſeu parentes, e tornou depois para os ſeu Eſtados muito contente, nos meſmo Navios que o tinhaõ levado.

Eſta converſaõ deo hum grand eſtrondo na Europa, e ElRei D. Joaõ III. fez dar parte diſto ao Papa pel ſeu Embaixador, como tambem d martyrio do Padre Criminal. A Cort

de

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Roma foi muito fenfivel á huma, outra noticia, na efperança que as emiffas d'efte fangue derramado por fus Chrifto, feriaõ huma femente cunda para á multiplicaçaõ do Chrif-nifmo, que hum Rei taõ confide-vel, como o era aquelle pelo feu na-mento, acabava de illuftrar abraçan-)-o. Alguns Autores julgaraõ que ef-Principe fó tinha obrado por vif-s de politica, ou ao menos que volta-a logo aos feus primeiros erros. El-s o conjecturaram porque no negocio e Bardelle elle eftava na frente de 8 Principes unidos debaixo dos eften-artes do Samorim. E foi em parte or feu refpeito, que Cabrál perdeo occafiaõ de os desfazer; porém ifto aõ he baftante prova. O Rei de Ta-or naõ podia nunca difpenfar-fe de omar o partido do Samorim, e de odos os outros vaffallos defte Princi-pe, com quem elle era taõ unido pe-as razoens do fangue. Com effeito o Padre Mafeo o juftifica, e diz que o Rei de Tanor, affim como o feu fucceffor, que vivia ainda quando efte Padre acabava a fua elegante hiftoria das Indias, teriaõ eftado fempre in-violavelmente unidos aos entereffes da Coroa de Portugal; o que elle atribue

a

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

á sua paixaõ pela Religiaõ mesmo

Poderiaõ duvidar com mais justi ça da sinceridade do Rei de Candé n Ilha de Ceilaõ, que pedio tamben com muita instancia o santo Baptismo e hum soccorro ao Governador, par se poder conservar no caso da revol ta dos seus vassallos. Os Religioso de S. Francisco tinhaõ entrado até caza d'elle, e lhe tinhaõ feito gostar da verdades da nossa Religiaõ. S. Fran cisco Xavier tinha hido tambem á su Corte, e alli tinha pregado o Evan gelho com huma efficacia de palavras que submetia tudo a Jesus Christo Ha lugar de presumir que elle trium phara do coraçaõ d'este Principe, bem que d'outra parte este Principe teve hum poderoso motivo de politica, para fingir querer fazer-se Christaõ, pelo temor que lhe davaõ dois filhos do Rei de Cota, que sendo Baptisados, tinhaõ hido a Goa solicitar o Vice-Rei D. Joaõ de Castro, com dinheiro, e com promessas de unirem as suas força ás d'elle, para conquistar os Reinos de Candé, e de Jafanapatam. Ou porque fosse verdadeiramente tocado da graça de Deos, ou porque naõ tivesse outra idéa mais que de desviar a tempestade de que estava ame-

neaçado, fez partir hum Embaixa-
or, que Xavier mesmo conduſio a
oa.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Caſtro recebeo o Embaixador com
da a ſorte de diſtinçaõ, e lhe moſ-
ou tanta mais amiſade, por ſe ter
nvertido elle meſmo com os da ſua
mitiva. Enviou-o pouco depois accu-
ulado de prezentes, e com o ſoc-
rro, que elle pedia, que conſiſtia em
;o Beſteiros commandados por Anto-
o Monis Barreto, que Xavier acom-
nhou até á Ilha de Ceilaõ.

O Rei de Cota ſempre zeloſo
nigo dos Portuguezes, fez quanto
ôde para fazer ſuſpeita a Barreto a
nceridade do Rei de Candé, e para
deſviar d'huma viagem, de que naõ
ſperava bom ſucceſſo. Com effeito
Rei de Ceitavaca Madune Pandar
nha prevertido eſte Principe, e o
nha obrigado a fazer aos Portugue-
es huma notavel traiçaõ. Barreto eſ-
ava muito inquieto com o que tinha
ara fazer. Tinha comque deſconfiar
e todas as partes. Porém as vivas
nſtancias do Rei de Candé, e os pre-
entes que tinha enviado, tendo-o de-
erminado de algum modo, contra a
ua vontade, ſe pôz em marcha para
Candé, conduſindo cada hum dos ſeus
com

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

comſigo duas ou tres peſſoas d
naturaes do paiz para levarem a ſ
bagagem. Em quanto na ſua derro
recebia do perfido Rei de Candé n
vas demonſtraçoens, que ſerviaõ de
atrahir cada vez mais para o laço
paſſavaõ-ſe muitas coiſas, que lhe p
diaõ abrir os olhos; porém naõ
abrio ſe naõ ás portas meſmo de Ca
dé ſobre o aviſo certo que entaõ r
cebeo da traiçaõ, que lhe tramava
Naõ tinha tempo que perder. Eſta
entranhado nas terras em trinta legoa
no coraçaõ da Ilha, e rodeado de in
migos. Era precizo tomar huma r
ſoluçaõ prompta. Elle o fez, e lo
ordenou que largaſſem fogo a todas
bagagens, naõ reſervando mais do q
as armas, e hum pouco de biſcou
para á retirada.

Tendo depois falado aos ſe
para os animar a ſe livrarem d'hu
perigo taõ urgente, ſe pôz á cam
nho para voltar ſobre ſeus paſſos.
Rei de Candé vendo entaõ deſcube
ta a ſua perfidia, tirou a maſcara,
pôz as ſuas tropas no ſeguimento
elles. Alcançaraõ-nos logo, e engro
ſaraõ por pelotoens até ao numero
8000 homens. Barreto fez hum corp
des ſeus, e ſe meteo na retagua
da

a para eſtar mais em eſtado de fa-
er cara aos inimigos, quando os ſeus
sforços o obrigaraõ a fazer alto.
)eo as ſuas ordens para o jogo da
ıoſquetaria, a fim de que as deſcar-
as ſe fizeſſem ſempre exceſſivamente,
com ſegurança. Marchou depois em
ela ordem, e a paſſos medidos ſem
: deter. Em todo o primeiro dia os
ıimigos os ſeguiraõ vivamente, prin-
ipalmente nas paſſagens eſtreitas, on-
e os hiaõ eſperar por caminhos cor-
ados, e atravez, e onde ſe acha-
aõ primeiro do que elle, pelo co-
ıhecimento que tinhaõ do paiz. A
erſeguiçaõ foi menos viva de noute,
. moſquetaria Portugueza conſervava
) inimigo hum pouco mais em caute-
a. E nos dias ſeguintes os attaques
edobraraõ. Combatiaõ cummumente
le perto. Os Portuguezes ſe excede-
aõ neſtas pelejas, obrigados pela ne-
ceſſidade a vencer, ou a morrer.

Em hum d'eſtes attaques, Barreto
omou hum dos Modeliares, ou Gran-
des Senhores do Reino, de quem ſou-
be que os inimigos eſperavaõ desfa-
zelo em huma ponte, por onde era
precizo neceſſariamente paſſar. O es-
forço com effeito foi alli muito gran-
de, e os Portuguezes nunca ſe ti-
nhaõ

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

nhaõ visto taõ apertados. Barreto se livrou por huma astucia de guerra. Fez cortar as coxas das pernas do Modeliar, e dos outros presioneiros que tinha feito, para divertir a attençaõ dos inimigos, que naõ deixaraõ d'acodir a estes infelices. Neste tempo, Barreto tomou a passagem da ponte, que derrubou, depois de ter passado.

A sua marcha foi depois hum pouco mais socegada; porém restava-lhe hum novo perigo, que naõ era menor que o primeiro. O seu caminho mais direito, e mais conhecido o obrigava a passar por Ceitavaca, de que o Rei naõ era menos poderozo, nem menos para temer, que o de Candé. Os Modeliares d'este Principe lhe aconselhavaõ que se aproveitasse d'esta occaziaõ, e lhe representavaõ pouco trabalho a destruir gente meia desfeita. Porém Madune nam tendo valor para isso, e retido por consideraçoens mais importantes, veio ao encontro de Barreto, fez-lhe muito acolhimento, e naõ omitio nada para lhe persuadir, que esta traiçaõ do Rei de Candé tinha sido traçada por seu irmaõ o Rei de Cota, que tinha grande interesse de o fazer suspeito. Barreto sabia bem

o

que devia crer; porém a neceſſida-
e em que ſe achava, o obrigou a
iſſimular. Aproveitou-ſe dos favores
'eſte Principe perfido, e ſe tranſpor-
ou depois a Columbo, ſem ter per-
ido hum ſó homem. Alli foi logo
ıſtruido da verdade de toda eſta in-
:iga pelos Embaixadores do Rei de
Candé, que arrependido, ou temendo
s conſequencias do ſeu máo procedi-
ıento, o tinha feito ſeguir para lhe
ar as ſuas deſculpas, deitando to-
a a culpa da ſua perfidia ſobre Ma-
une, que o tinha ſeduſido pelos ſeus
ıáos conſelhos, e deitado neſte preci-
icio pelas ſuſpeitas que tinha feito naſ-
er no ſeu eſpirito, e por ter mudado
s ſuas primeiras intençoens.

Ann. de J. C. 1549. D. João III. Rei. Jorge Cabral Governador.

Eſta retirada de Antonio Moniz
Barreto pode certamente ſer poſta en-
:e as mais belas coiſas, que os Por-
ıguezes fizeraõ nas Indias. Hum au-
or d'eſta Naçaõ naõ faz difficuldade
e a pôr muito ſuperior á de Decio,
uando paſſa de noite pelo meio dos
amnites, que o tinhaõ inveſtido no
Monte Gaurus. Acçaõ que Tito Livio
ngrandeceo muito pelos ſeus elogios:
ora hum pouco exceſſivo comparala
om a retirada dos dez mil.

O Rei de Candé, liſongeando-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

se de que as suas desculpas tinhaõ ficado recebidas, estava tanto mais descançado, principalmente depois da partida de Barreto da Ilha de Ceilaõ, por saber ao mesmo tempo que os dois Principes de Cota tinhaõ morrido em Goa de bexigas. Porém vio-se logo engolfado nas maiores inquietaçoens da parte donde menos o esperava. Seu filho Principe herdeiro, lhe tinha aconselhado que soltasse os Padres de S. Francisco, que tinha feito prender, quando Barreto teve o aviso da sua traiçaõ por estes Padres. Este moço Principe tinha feito huma forte liga com elles, e tinha de modo gostado das verdades do Christianismo, que só lhe faltava o Baptismo para ser Christaõ. A protecçaõ que dava aos que se convertiaõ, tendo-o feito suspeito ao Rei seu pai, incorreo na sua indignaçaõ até tal ponto, que o Rei quiz fazer passar o direito de succeссaõ a hum filho natural, que amava muito, e que o Principe herdeiro para sustentar a justiça da sua causa, se revoltou, tomou as armas, e se salvou nas montanhas com os que quizeraõ seguir a sua fortuna.

Os Religiosos de S. Francisco, que eraõ deste numero, aconselharaõ este

efte Principe a que recorreffe ao Governador, a quem elles mefmos efcreveraõ para lhe reprefentarem a fituaçaõ das coifas, e a neceffidade de fe aproveitar das conjuncturas. Eftas noticias chegaraõ juftamente no tempo que Jorge Cabral fazia partir 600 homens debaixo da conducta de Jorge de Caftro feu tio materno, para foccorrer o Rei de Cota, contra quem Madune feu irmaõ fe tinha de novo revoltado, de forte que fó teve que lhe recomendar, que attendeffe aos negocios do Prin cipe de Candé, depois que tiveffe fugeitado o rebelde Madune.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Caftro tinha defembarcado á Columbo, o Rei de Candé que foi logo avifado pelos feus efpias, recorreo ao feu primeiro arteficio. Enviou os feus Embaixadores ao General Portugues, para juftificar tudo o paffado, e offerecer-fe a tudo o que foffe do ferviço d'ElRei de Portugal: teftemunharlhe que nada dezejava tanto como reconciliar-fe com feu filho, e que prefeverava fempre na vontade de fe fazer Chriftaõ, rogando-lhe que lhe enviaffem dois Religiofos de S. Francifco, para acabarem de o inftruir.

Efta Embaixada deo muito gofto

Ann. de J. C. 1549. D. João III. Rei.

a Caſtro, que crendo muito ligeiramente neſtas apparencias exteriores, fez partir com os Embaixadores os dois Religioſos, que o Rei de Candé tinha pedido, e hum Official Francez que eſtava no ſerviço de Portugal, e doze ſoldados.

Jorge Cabral Governador.

Caſtro com tudo pondo-ſe em marcha para Cota, Madune que tinha eſta Cidade ſercada, levantou-lhe o cerco com precepitaçaõ, e ſe retirou para á Cidade capital de Ceitavaca. Caſtro naõ o querendo deixar reſpirar, o ſeguio com todas ás ſuas tropas, e as do Rei de Cota, que acabava de livrar. Era precizo forſar na ſua derrota tres paſſagens fortificadas de trincheiras, e bons foſſos. Foraõ tomadas com muito vigor. Madune tendo-ſe depois apreſentado em campo raſo, os dois exercitos ſe attacaraõ com muita reſoluçaõ e animoſidade. Em fim depois d'huma grande, efuſaõ de ſangue, desfeito Madune, e desbaratado ſe retirou para os matos, e naõ ouſando fechar-ſe na Cidade, que abrio as ſuas portas ao vencedor, e foi ſaqueada, á excepçaõ dos Pagodes, nos quaes naõ tocaraõ em reſpeito ao Rei de Cota, que a ſua Religiaõ entereſſou em favor dos Templos dos ſeus Deo-

Deoſes, e que naõ quiz conſentir que o aſilo lhe foſſe violado.

Madune privado de todo o remedio, recorreo á ſua diſimulaçaõ ordinaria, á clemencia de ſeu irmaõ, de que tinha abuſado muitas vezes para merecer que lhe perdoaſſe. Porém o Rei de Cota muito bom, quiz ainda recebelo na ſua graça, e reſtituir-lhe tudo o que lhe tinha tomado, debaixo d'algumas condiçoens, que o vencido aceitou.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Jorge de Caſtro ſe diſpôz depois a paſſar para o Reino de Candé. O Rei de Cota fez quanto pôde para o deſviar d'eſte penſamento, aſſim como tinha uſado com Antonio Monis Barreto. Porém Caſtro, que tinha as ordens do Governador, ſeguio o ſeu conceito, e ſe pôz em caminho com as ſuas tropas, e as que os Reis alliados eraõ obrigados a dar-lhe. O Rei de Candé, que era aviſado todos os dias da ſua marcha, tinha fortificado a ſua Cidade, e ajuntou 40000 homens, naõ duvidando que com tantas forças naõ eſtiveſſe em eſtado de o opprimir. Caſtro marchava com huma grande ſegurança, e eſtava já á huma legoa de Candé ſem deſconfiar de couſa alguma, quando por effeito da Pro-

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Providencia, o Official Frances efcapando dos feus guardas, veio dar-lhe avifo á entrada da noite, da nova perfidia do Rei. Havia pouco alli que deliberar; retrocedeo logo o caminho fazendo toda a diligencia poffivel. O Rei de Candé no outro dia fabendo da fua retirada, fahio com toda a fua gente, foi cortar-lhe o caminho para o efperar nos desfiladeiros. Ou porque Caftro naõ tiveffe tanta fciencia como tinha moftrado Barreto em huma occafiaõ toda fimilhante, ou porque naõ podeffe tomar tanta auctoridade fobre os feus, que fe demandaraõ fem atenderem á fua vóz, nem á dos feus Officiaes, teve a infelicidade de fahir com tanta injuria, como Barreto tinha ganhado de gloria. Os inimigos muito fuperiores em numero achando os feus efpalhados, e em defordem, lhe mataraõ oitocentos, onde havia quatrocentos Portuguezes, os outros eraõ pela maior parte Chriftaõs do paiz, ou vaffallos do Rei de Cota.

Nem por iffo foi deixado; porque tendo entrado nos Eftados de Ceitavaca, Madune vendo-o desfeito, como he o coftume dos traidores, de tornarem fempre ao feu caracter de efpirito perfido, mandou-lhe ao encontro

ro hum Modeliar com 500 homens
om o pretexto de lhe fervirem de
fcolta, e de o condufirem á fua ca-
a. Caftro prefentio a traiçaõ, e fin-
indo acceitar os offerecimentos d'efte
'rincipe, levantou o campo de noi-
e para fe falvar em Cota por cami-
hos defviados. O Modeliar admirado,
aõ achou ao outro dia no campo;
e naõ as bagagens, e os feridos, a
uem o perfido Madune fez cortar a
abeça, dizendo, que faria o mefmo
o General fe tiveffe fido taõ impru-
lente, que fe vieffe meter entre as fuas
naõs. O Rei de Cota recebeo Caftro
om amifade, naõ omitio nada para
confolar da fua defgraça, e o pro-
reo fempre abundantemente de tudo
té ao momento que fe embarcou pa-
a tornar a paffar para Cochim.

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

As Molucas, e as outras Ilhas
efinhas, nefte Archipelago regadas
com os fuores de S. Francifco Xa-
ier fizeraõ na Religiaõ progreffos taõ
apidos, que pareciaõ incriveis, e po-
lem paffar por milagrofos. Naõ fe
recizava menos que milagres, e mi-
agres efpantofos, para eftabelecer hu-
na Religiaõ, que alguns Portuguezes
lifferentes entre fi mefmo, e dos da
fua Naçaõ, trabalhavaõ, no que pa-
re-

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

rece a dezacreditala com todas as ſuas forças, por coſtumes taõ diſſolutos, injuſtiças taõ enormes, acçoens taõ vergonhoſas, que faziaõ horror á natureza, e pareciaõ barbaras aos meſmos barbaros. Porque eſta pequena quantidade de facinoroſos, que naõ conheciaõ nem Senhor, nem leis, naõ omitiaõ nada, ao que parece, para ſe fazerem aborrecer d'eſtes pobres povos, que tendo-os acolhido com humanidade, tiraniſados depois por elles, naõ deixavaõ com tudo de os amar; ainda que foſſem indignos, naõ podendo reſolver-ſe a confundir com alguns culpados, as peſſoas de bem d' eſta Naçaõ, que naõ ſe acautelando de terem parte nas ſuas deſordens, ſentiaõ elles meſmos naõ lhas poderem impedir.

O Rei de Baçaim recebeo o Baptiſmo, com a maior parte dos ſeus vaſſallos. Muitos Principes, e Senhores fizeraõ o meſmo nos Eſtados, e meſmo nas familias d'aquelles que eraõ mais oppoſtos á Religiaõ. A Religiaõ com tudo foi em muitos lugares hum motivo de guerra, e perturbaçaõ. Alguns deſtes Reis, e deſtes Principes fizeraõ honra á fé, eſtimando antes ſofrer a perda dos ſeus Eſtados,

los, e da mesma vida, do que renunciala. Vieraõ pelo contrario Cidades inteiras a abjurala com tanta facilidade, como a tinhaõ tido em a abraçar. Os Portuguezes tomaraõ sempre parte nestas guerras. O maior numero pelo espirito de zelo, alguns outros, que no fundo do coraçaõ tinhaõ pouco, ou nada de Religiaõ, hum pretexto para cobrirem as differentes paixoens d'enteresse, e de cubiça, que os animavaõ. Deste modo estavaõ sempre com as armas na maõ, humas vezes contra os Castelhanos, outras divididos entre si, e armados huns contra os outros, e sempre contra os naturaes do paiz. Assim naõ se falava d'outra cousa, se naõ nos corsos perpetuos que faziaõ nestas Ilhas, onde posto que em muito pequeno numero, mas sempre com huma superioridade fatal, naõ pareciaõ se naõ flagellos, e levavaõ a toda a parte a destruiçaõ, e dessolaçaõ. Os Reis de Gilolo, e de Tidor foraõ as tristes victimas, como tambem o de Ternate.

Naõ he o meu disignio entrar na relaçaõ de todas estas pequenas acçoens, que saõ muito pouco consideraveis por huma parte, e muito terriveis pela outra. He bom lançar hum

veo

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

veo ſobre todos eſtes horrores ; e para naõ ſer mais obrigado a tornar aqui, vou acabar o que pertence ás Molucas , pondo debaixo d'hum ſó golpe de viſta , tudo o que padeceo o Rei Aeiro o ultimo dos filhos de Boleife, em mais de 35 annos que eſteve no Trono , até ao ſeu fim infelis , e á vingança que d'iſſo ſe tomou.

Hum autor Italiano illuſtre, mal inſtruido do que pertence a eſte Principe, no-lo repreſenta como hum homem que naõ tendo outra Religiaõ mais que a da ſua ambiçaõ , era com tudo iſto hum velhaco taõ ſagas, que parecia ſempre dezejar com ardor a vantagem d'aquelles , que tinha mais dezejo d'enganar. Chriſtaõ de inclinaçaõ com os Portuguezes , e Muſulmano zeloſo com os Mahometanos , ſoube revoltar huns contra os outros , e eſcapar ſempre aos olhos mais perſpicazes. Pelo meio do que , além das Ilhas de Ternate , de Machian , de Timor , e algumas outras da dependencia das Molucas , ſe fez tambem ſenhor das Ilhas do More , e d'huma grande parte da d'Amboine , aſpirando á Monarchia univerſal d'eſtas pequenas Ilhas. Parecia ao meſmo tempo taõ fiel aos partidos oppoſtos , e prin-

rincipalmente aos Portuguezes, que uando elle mesmo fazia maior mal, azia desvanecer ao mesmo tempo odas as suspeitas; e naõ percebe-aõ as suas velhacarias, se naõ quan-o se tinha feito muito poderoso, e se iraõ obrigados a poupa-lo contra sua ontade.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

He verdade que elle nunca abra-ou a Religiaõ Christam, posto que lle se aprezentasse em differentes tem-os para receber o Baptismo, e pode er que seja isto o que tem causado idéa desavantojosa d'quelles, sobre s memorias dos quaès este Autor es-reveo. Porque elles pretenderaõ que om effeito elle aborrecesse mortalmen-e os Christaõs, ainda que no exte-ior os favorecesse em tudo, até ao onto que os Missionarios, exigindo a eparaçaõ dos Christaõs, e dos Mu-ulmanos, acçaõ que devia natural-nente ter grandes inconvenientes, endo todas as familias divididas, em nateria de Religiaõ, Aeiro obrigou odos os seus vassallos a esta triste se-araçaõ, e disto deo elle mesmo o rimeiro exemplo na sua propria casa, londe fez sahir duas de suas irmans, e huma de suas mulheres, que se ti-nhaõ baptisado.

Com

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge-Cabral Governador.

Com tudo para fazer a juſtiça que he devida á verdade, eu naõ poſſo deixar de dizer, que todos os Autores Portuguezes, que tem eſcrito a Hiſtoria da Conquiſta das Indias, affirmaõ d'eſte Principe, que em 35 annos de reinado, foi por tal modo unido á ſua Naçaõ, como ninguem o foi já mais com tanto zelo, e lealdade, e que todas as ſuas diſgraças, e a ſua morte meſmo, naõ foraõ occazionadas ſe naõ pela fidelidade, que elle teve ſempre em ſuſtentar os intereſſes da Coroa de Portugal contra as viſtas do intereſſe peſſoal dos Governadores de Ternate, e dos outros Officiaes, que ſe ajuſtavaõ a defraudar os direitos do Rei.

Era eſte zelo tanto mais admiravel por ſer menos natural, que ninguem tinha ſido mais maltratado dos Portuguezes do que eſte Principe. Duas vezes os Governadores de Ternate o tinhaõ enviado a Goa carregado de ferros. Duas veſes D. Joaõ de Caſtro o reſtituhio com toda a ſorte d'honras. Jordaõ de Freitas, de quem tinha tido mais occaſiaõ de ſe queixar, ſendo enviado Governador ás Molucas por Jorge Cabral, foi para elle huma nova mortificaçaõ. Freitas, e elle naõ

ſe

: viaõ nunca ; com tudo naõ perdeo
ada do seu affecto aos Portuguezes,
naõ omitio nada do que era do ser-
iço da Coroa, até se incommodar
le mesmo consideravelmente, para
tisfazer á cubiça dos particulares,
om tanto que naõ fossem contrarios
serviço.

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Foi muito pior para este pobre
rincipe, quando Duarte Deça en-
ou no Governo perto do anno de
557. Era este hum homem seco, ar-
:batado, e d'huma cobiça extrema.
om estes defeitos, naõ se podia ajus-
ır muito tempo com hum Principe taõ
ifferente de costumes, e tempera-
ıento. Elles se embaraçaraõ, e este
omem violento chegou até ao ponto
e arrebatar o Rei com sua tia, e o
achil Guzarrate seu irmaõ materno:
ez-lhes lançar ferros aos pés, maõs,
pescoço, e os fez amarrar á huma
eça na Cidadella, prohibindo que lhes
essem de comer. O clamor geral dos
ortuguezes, e dos Ilheos o obrigou
consentir que a casa da Misericordia
rovesse no seu sustento. Tentou de-
ois envenenalos pela agua que bebiaõ.
lguns Autores dizem que o veneno
e descubrio pela virtude d'huma pe-
ra, que o Rei trazia em hum anel :
ou-

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

outros affeguraõ que elle foi realmente envenenado, e que fe curou fabendo habitualmente hum páo, que he hum antidoto contra todas as qualidades de venenos.

A prifaõ d'Aeiro foblevou todas eftas Ilhas, cujos habitantes pofferaõ no feu Trono o Cachil Babu feu filho mais velho. Os Portuguezes fe viraõ entaõ á braços com huma guerra, no tempo da qual Deos favoreceo as fuas armas em algumas occafioens, como fe a fua caufa foffe jufta. Foraõ com tudo redufidos a grandes neceffidades pelo decurfo do tempo, fem que as calamidades publicas, e o perigo em que eftavaõ de perder tudo, abrandaffem o coraçaõ de Deça. O Rei julgou acelerar o feu livramento fazendo dizer pelos feus amigos a Babu, que apanhaffem o Padre Affonfo de Caftro, fuperior dos Jefuitas de Ternate, que voltava da fua carreira Apoftolica, e pelo qual elle poderia fer trocado. Caftro foi apanhado, e tratado humanamente pelo Principe Babu; porém Deça que aborrecia efte Padre eftimou antes deixalo morrer, do que efcutar alguma propofiçaõ, e confentir no livramento do Rei por huma tal troca. Babu fez quanto pôde por fal-

var

ar a vida a Caſtro, porém os Ilheos ue o tinhaõ apanhado, ſendo os ſe-hores da ſua ſorte, lhe fizeraõ pade-er o martyrio, matando-o em odio a ſua Religiaõ, por hum eſtranho odo de ſupplicio. Aeiro teria apo-recido nos ſeus ferros, ſe depois d'um anno, e meio de priſaõ, a com-aixaõ que todos tinhaõ d'elle, e o dio que tinhaõ concebido a Deça, aõ tiveſſe armado os Portuguezes con-a eſte ultimo, que depoſeraõ, e me-raõ nos meſmos ferros, em que elle nha tido o Rei.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Eſta mudança de fortuna reſtabe-eceo a tranquilidade, e ſocegou animos. Aeiro ſempre o meſmo a ſpeito dos Portuguezes, goſou por guns annos da doçura da boa corref-ondencia, que tinha cuidado de entre-r com elles. Manoel de Vaſconcellos e deo hum novo diſgoſto, que te-a perdido tudo, ſe foſſe feito a ou-o qualquer. Porque o obrigou a re-nciar á ſua Soberania nas maõs d'lRei de Portugal em virtude da ceſ-õ de Tibarija, e acontentar-ſe com titulo de ſeu Tenente General, a que le obedeceo ſem replica. Porém em n a boa correſpondencia foi pertur-da inteiramente perto do anno de

1570

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

1570 no Governo de Diogo Lopes de Meſquita, máo homem, e pior cem vezes do que era Deça.

A cauſa do odio d'eſte, foi recuſar-lhe o Rei algumas Caracoras que lhe tinha prometido, julgando que eraõ para o ſerviço d'ElRei de Portugal; porém que as naõ quiz dar, tanto que ſoube que haviaõ ſer empregadas no intereſſe particular d'eſte Governador. A occaſiaõ da ruptura, conſequencia triſte d'eſte odio fatal, foi a morte d'hum dos ſobrinhos do Rei, aſſacinado, ſem que por iſſo ſe fizeſſe a menor juſtiça, nem ainda a menor devaſſa. Tres Portuguezes ſendo depois mortos em vingança deſte primeiro aſſacinio, ſem que o Rei fizeſſe muita diligencia para punir os culpados, as coiſas foraõ levadas taõ longe que todos os Portuguezes correraõ riſco de ſerem as victimas d'huma conjuraçaõ ſecreta, de que a bondade do Rei ſuſpendeo o effeito.

Eſte Principe conſentio meſmo em huma negociaçaõ, e em huma practica, onde a paz foi jurada ſollemnemente entre elle, e o Governador. Aeiro quiz, que Meſquita juraſſe ſobre hum Miſſal. Jurou elle meſmo ſobre o ſeu Moſaf, ou o livro da ſua lei, e to-

tomou o Efcudo de Portugal, que ef-
tava fobre a porta da Fortaleza, por
penhor da fantidade, e fidelidade dos
feus juramentos.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Alguns dias depois, para moftrar
a finceridade, e a rectidaõ das fuas
intençoens, veio á Cidadella acom-
panhado d'hum de feus filhos cha-
mado Mufa, e de alguns Fidalgos,
fem armas, e fem defenfa. Eftava el-
le veftido com hum fobretudo car-
mefi, com hum chapeo de palhinha
na cabeça, e huma bengala na maõ.
Era hum negocio importante, e do
ferviço do Rei que o conduſia. O
Governador que tinha já tentado fa-
zelo matar, o recebeo mal, e perce-
beraõ das lagrimas que corriaõ dos
olhos do Rei, que devia com effeito ter
fido muito maltratado, o que pareceo
tambem pelas palavras que deixou ef-
capar, que naõ podiaõ entender. O
Governador fe feparou delle defcortef-
mente, e feu fobrinho Martim Affon-
fo Pimentel, taõ máo com feu tio,
continuou a converfaçaõ fempre em
voz baixa, e com hum modo muito
injuriofo. Em fim efte perfido facino-
rofo depois de o ter ultrajado com os
feus difcurfos, lhe deo tres punhala-
das. Sentindo-fe elle ferido gritou: „

ANN. de J. C. 1549. D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

„ Ah ! Senhores , porque fazeis mor-
„ rer assim o mais fiel vassallo d'El-
„ Rei meu Senhor, e vosso amo ? „
Dizendo isto foi morrer sobre huma pessa d'artilheria onde estavaõ gravadas as armas de Portugal, que tinha tomado para testemunho dos seus juramentos , e que parecia invocar abraçando-a como o vingador d'esta indigna perfidia. Hum dos Fidalgos da sua comitiva morreo com elle. Musa , e os outros se salvaraõ. O pouco caso que Mesquita fez deste assacinio , e a horrivel brutalidade comque elle fez esquartejar o corpo , fechar em huma caixa, e deitar no mar , sem o querer entregar ás instancias, que para isso lhe fizeraõ a Rainha viuva , e seus filhos, que o pediaõ para lhe darem huma sepultura conveniente , mostraraõ bem que elle tinha tido parte nesta morte, da qual todas as provas o faziaõ culpado.

Por este modo morreo em 1570. Aeiro o ultimo dos filhos de Boleife , que naõ recebeo dos Portuguezes, por total recompensa dos seus serviços pessoaes , e dos de seus filhos , mais do que affrontas sem numero acabadas pela morte funesta de ambos.

A de Aeiro foi como o sello , e

o

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

o ultimo periodo a que tinhaõ chegado os crimes dos Portuguezes nas Molucas. Deos que he o justo vingador, mostrou ter posto este termo á tantas insolencias. Os Ilheos tiveraõ d'isto hum horror que seria dificil explicar. Começaraõ por abandonarem a sua Cidade, a qual era contigua á Fortaleza. Retiraraõ-se para o centro das terras, onde os Portuguezes naõ podiaõ chegar. Construiraõ alli hum forte, onde podessem defender-se das incursoens, e em todo o tempo que durou este trabalho, naõ fizeraõ nenhuma hostilidade. Quando estiveraõ promptos, começaraõ a tomar medidas para á ruina total d'aquelles, que consideravaõ como falsos alliados, peores que os inimigos mais terriveis.

A Providencia os ajudou; os Governadores Geraes cuidaraõ pouco em mandar ás Molucas os soccorros necessarios: os que alli enviavaõ, ou lá naõ chegavaõ, e acabavaõ antes d'chegarem, ou chegavaõ muito tarde, ou se faziaõ inuteis pelas divisoens intestinas, e domesticas. Em fim Babu filho d'Aeiro, depois de muitos annos, concorrendo para isto mais os Portuguezes, do que Babu com as suas forças, se

 fez

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

fez Senhor da Fortaleza d'elles em 1581. E entrando disse : „ Que recebia „ esta praça como hum penhor, que „ entregaria a ElRei de Portugal quan- „ do lhe desse satisfaçaõ da morte de „ seu pai. „ Quiz elle fazer hum auto autentico desta declaraçaõ, e tratou com muita bondade os presioneiros. Outro qualquer os teria sacrificado á sua vingança. Deos castigou isto na pessoa de Affonso Pimentel, que morreo desesperado, d'huma molestia chamada no paiz *Berber*. ElRei de Portugal enviou tambem ordem que transportassem Diogo Lopes de Mesquita em ferros a Ternate, para lhe fazer padecer o ultimo supplicio : porém indo lá, os habitantes da Ilha de Java tendo apanhado o navio, e matado todos os que nelle estavaõ, Mesquita alli morreo com os outros, tendo-se defendido com muito valor, naõ obstante o pezo das cadeas de que estava carregado. Gonçalo Pereira Marramaque, que tinha consentido no assacinio, morreo de disgosto indo para Amboine. Em fim os Portuguezes odiados, pelos crimes de alguns miseraveis da sua Naçaõ, foraõ absolutamente expulsados pelos Iheos d'estas Ilhas, de que os Holandeses saõ hoje Senhores.

Os

Ann. de J. C. 1549. D. JOAÕ III. REI. JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Os Autores Portuguezes attribuem as defordens dos feus nacionaes nas Molucas, onde elles fe conportaraõ muito differentemente do que commumente faziaõ n'outra parte, á efperança da impuniçaõ fundada fobre a demora das fentenças que podiaõ ter as fuas acçoens, e fobre a incerteza deftas fentenças. Precizavaõ-fe annos, para poderem trazer a Portugal as queixas das defordens, e fe precizavaõ annos para receberem a refpofta. E como no pequeno numero, e a parcialidade dos que efcreviaõ, fe achavaõ contradiçoens inexplicaveis, era impoffivel, ou quafi impoffivel pronunciar fobre relaçoens taõ differentes. He precizo acrecentar, que os que tinhaõ as commiffoens d'eftes governos, fendo favorecidos dos Governadores Geraes, ou Vice-Reis, de quem eraõ parentes, ou creaturas, ou aquem pagavaõ groffas penfoens, os feus crimes eraõ fempre paliados, e desfarçados.

1550. 1551. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

As defordens que reinavaõ entre os Portuguezes de Malaca, eraõ differentes dos das Molucas de que acabamos de falar. Porém ellas eraõ taes que provocavaõ a juftiça de Deos, que tendo algum tempo fufpenfos os fig-

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

signaes da sua colera sobre esta Cidade dissoluta, os arremessou em fim conforme a predicçaõ que lhe tinha feito S. Francisco Xavier. Aladim Rei d'Ujentane, foi o instrumento, de que se servio tambem para executar as suas vinganças. Este Principe inquieto, e sempre desejozo de entrar no seu antigo Patrimonio, tinha feito huma nova liga com muitos Principes visinhos, e com a Rainha de Japara, na Ilha de Java. As suas forças estavaõ reunidas em Jor, onde fazia a sua residencia. Achou-se alli hum exercito de dez mil homens, e de mais de 200 embarcaçoens de differentes espécies, entre as quaes havia 25 Juncos da Rainha de Japara.

Para enganar os Portuguezes, Aladim fez divulgar que os seus preparativos eraõ para se por em defensa contra o Rei d'Achem que o ameaçava; enviou hum Embaixador a D. Pedro da Silva Gama, filho do Almirante D. Vasco da Gama, que era entaõ Governador da Cidade. O Embaixador era filho do famoso Laczamana seu Almirante. Este velho prudente, e experimentado tinha sido contrario a esta guerra de que via a pouca justiça, e naõ esperava fructo al-

algum. Porém naõ ſendo ſeguido o ſeu conſelho, informou o Governador por huma carta particular que o Embaixador lhe remeteo, e que era bem differente d'aquella que elle levava como Embaixador. Porque ella aviſava Silva dos diſignios ſecretos d'Aladim, da cubiça que elle tinha d'aſſaltar Malaca, e de lhe conhecer as forças por meio de ſeu filho, que tinha obrigado a acceitar eſta Embaixada, em que naõ devia propriamente fazer mais que o officio d'eſpia.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Silva diſſimulou, tornou a mandar o Embaixador com groſſos prezentes, e ſe pôz em defenſa. Naõ teve elle mais do que o tempo de evitar o primeiro aſſalto. Eſta frota formidavel veio ancorar a Malaca, no mes de Janeiro do anno de 1550. ou 1551. Aladim queimou os Navios que ſe achavaõ fora do tiro de canhaõ da Fortaleza, e tendo depois deſcido, tomou todos os arredores de Cidade, e tomou os ſeus quarteis nos ſuburbios. D. Garcia de Menezes, que o Vice-Rei D. Affonſo de Noronha enviou ás Molucas, para ſubſtituir Jordaõ de Freitas, animou hum pouco o valor dos ſitiados. Aladim que o vio chegar com prenhes velas, deſtacou

ſo-

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

ſobre elle 50 lanchas commandadas por Lac-zamana em peſſoa. Menezes brigou com tanto valor e honra, que metendo á pique a lancha do Almirante, o qual foi morto com hum tiro de canhaõ, e ſeu filho, e ſeu genro: decipou o reſto d'eſta frota, e veio ancorar debaixo do forte todo triumphante.

Menezes naõ goſou muito tempo d'eſta victoria, porque fazendo alguns dias depois huma ſortida para ganhar huma peça d'artilheria, que os inimigos tinhaõ aſſeſtado para á frente da ponte, alli foi morto; os inimigos ganharaõ a ponte, e a Cidade onde fizeraõ huma preſa de mais de hum milhaõ, tomaraõ mais de 20∯ eſcravos, e os Portuguezes depois de perderem mais de 50 dos ſeus, tiveraõ muito trabalho para ganharem a Fortaleza, ſuſtentados pelo Governador que tinha ſahido para favorecer a ſua retirada.

Paſſado algum tempo, os inimigos deraõ á Fortaleza hum aſſalto geral, em que lhes ſuccedeo mal. Niſto foraõ obrigados á prevençaõ que tinha tomado Silva, pelo conſelho d'hum ſimplez ſoldado, de diſpor ſecretamente ſobre os muros hum grande nume-

ro

ro de antenas, e maſtros, que largados a tempo ſobre as eſcadas dos ſitiantes, as quebraraõ todas, e mataraõ 500 peſſoas.

Huma expediçaõ que ſugerio o meſmo ſoldado teve melhor ſucceſſo. Padeciaõ fome na praça, comiaõ até as immundices, ſegundo o ordinario dos grandes cercos. Aconſelhou a Silva que preparaſſe quantos Navios tinha, que os enviaſſem para procurarem viveres em qualquer parte que foſſe; porém que ao meſmo tempo divulgaſſe que lhes tinhaõ ordenado, que foſſem pôr tudo á ferro, e fogo nas terras dos Principes alliados. O expediente aproveitou. Todos eſtes Principes ſe deſtacaraõ para correrem a defender os ſeus pequenos Eſtados. Pouco depois Gil Fernandes Carvalho tendo chegado com alguuns ſoccorros, attacou o quartel dos Javas, que continuavaõ o cerco, e os pôz de tal ſorte em deſordem, que morreraõ mais de 2 ☉. ou na acçaõ, ou na precipitaçaõ com que procuravaõ as ſuas embarcaçoens para ſe ſalvarem. A ſua morte foi com tudo bem vingada depois da ſua fugida. Hum poſſo que elles tinhaõ envenenado fez morrer mais de duzentos Portuguezes, de que

naõ

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1551. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

naõ poderaõ evitar a perda por conhecerem muito tarde a causa do mal.

S. Francisco Xavier que tinha predicto esta calamidade a vio em espirito, posto que muito distante, avisou d'isto os Portuguezes que estavaõ com elle. Porém como elles naõ estavaõ nem a tempo, nem no estado de soccorrer Malaca, he crivel que este grande Santo a soccorreo elle mesmo pelo fervor de suas preces, e que esta Cidade lhe foi entaõ obrigada por lhe ter evitado a sua ruina inteira.

Este grande Santo estava entaõ no Japaõ, onde foi o primeiro que lhe levou a luz do Evangelho.

O Imperio do Japaõ, chamado Niphon pelos do paiz, consiste em hum ajuntamento de Ilhas as mais altas de todas as que formaõ o Archipelago, que chamaõ commumente de Sunda no mar do Sul, e que estaõ ao meio dia das primeiras. Ao Oriente tem toda esta terra da America que se estende para Caliphornia. Ao Occidente a Peninsula de Correa, á qual se vaõ ajuntar a China, e ao Norte a terra de Vesso, de que ainda se duvida, se ella mesmo he huma Ilha, ou huma producçaõ d'esta parte do continente, por onde crem mui-

muito provavelmente que as terras da Asia se ajuntaõ ás da America, e por onde he muito verosimil que passaraõ a maior parte das Naçoens differentes, que povoaraõ esta quarta parte do mundo.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Entre estas Ilhas ha tres principaes, as quaes saõ divididas em muitas outras, e nas quaes se comprehendiaõ até 78 Reinos, cujos Soberanos eraõ n'outro tempo os vassallos d'hum só Monarcha chamado o Dairi, ao qual pela serie dos tempos, o Cubo, hum dos grandes Officiaes da sua Coroa lhe tirou d'ella os melhores floroẽs, separando todo o temporal, para o redusir só ao espiritual, o que naõ impede que elle seja ainda hum muito poderoso Principe, e huma especie de Divindade, á qual os Imperadores, que se levantaraõ sobre as ruinas do seu poder, fazem muito grandes honras.

A origem dos Japoneses he muito antiga; porém cheia de fabulas como as dos outros povos. Eu naõ posso approvar a opiniaõ d'aquelles que os consideraõ como huma colonia dos Chineses. Eu naõ me fundo tanto na differença do seu caracter, como sobre a da sua lingoa, e d'in-

fi-

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

finitas outras conſideraçoens de que ſeria muito longa a ſua relaçaõ. Se naõ foſſe a infelicidade, que fechou a porta d'eſte vaſto Imperio á Religiaõ Chriſtá, e aos Sabios, pode ſer que tiveſſem podido tirar algumas luzes dos ſeus livros antigos, e do commercio que tiveſſem com os meſmos Bonzos, que ſaõ os Doutores, e os interpretes da ſua lei.

A Idolatria, que he a Religiaõ do paiz, eſtá alli em taõ grande veneraçaõ como o pode eſtar em qualquer outro paiz da Gentilidade. A examinar como he precizo, todas eſtas Religioens do Paganiſmo, ainda florecente em todo o Oriente, veriaõ que ellas ſe referem todas humas ás outras, que naõ parecem differentes ſe naõ nos differentes nomes barbaros das Divindades que adoraõ, e que tem quaſi em toda a parte os meſmos uſos, as meſmas ceremonias, e os meſmos principios. O Japaõ he cheio de Templos ſoberbos, de Communidades da Bonſos, e de eſpecies de Religiozos, e Religiozas, que ſaõ em taõ grande numero que excedem a idéa, que delles ſe podem formar, e que apenas daõ credito ás noticias que tem dado os que diſto tem feito relaçoens.

O

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

O Imperio do Japaõ naõ cede quasi em nada ao da China nas suas riquesas, na magnificencia dos seus edificios na fertilidade das suas terras, na industria dos seus habitantes, na variedade das Artes, e Sciencias, na politica do seu Governo, na abundancia do seu commercio, e na multiplicidade daquellas vantagens que fazem huma Naçaõ civilizada, estimavel, e respeitavel áquelles que a conhecem. Os Japoneses mostraõ consentir elles mesmos em huma especie de superioridade, que os Chineses tem sobre elles, e neste ponto fazem justiça a esta Naçaõ, cuja Monarchia se tem conservado por tantos seculos em huma taõ alta reputaçaõ de prudencia. Vencem com tudo em muitas coisas os Chineses, tem mais vivacidade no espirito, mais nobresa no sentimento, mais delicadesa nos pontos d'honra, mais sinceridade, e fidelidade no commercio, mais gosto para o luxo, o fausto, e a despeza. Além d'isto saõ bons soldados, valentes, e intrepidos no perigo, e desprezaõ de modo a vida, que excede toda a imaginaçaõ; desprezo notado pelo sangue frio comque elles mesmos se mataõ, abrindo o ventre em crus, quando a sua Religiaõ os obri-

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

obriga a servir no outro mundo, por aquelles a quem saõ consagrados, ou quando se vem obrigados pelo temor de certas disgraças, que querem acautelar por huma morte nobre, e voluntaria.

Os primeiros dos Européos que abordaraõ no Japaõ, foraõ tres Portuguezes chamados Antonio da Mota, Francisco Zeimoto, e Antonio Peixoto. Os Portuguezes estavaõ muito empenhados a procurararem náquellas partes huma Ilha imaginaria, a que davaõ o nome d'Ilha d'ouro. Muitos morreraõ, ou deraõ passos muito inuteis nesta diligencia quimerica. Estes tres naõ a procuravaõ. Tinhaõ-se embarcado n'hum Junco para hirem á China. Huma d'estas violentas borrascas, que chamaõ Typhoens nestes mares, os levou contra vontade para huma das Ilhas de Japaõ, que tocaraõ só por naufragio. O Senhor da Ilha os recebeo com muita humanidade, e mostrou muito dezejo de se ligar com os da sua Naçaõ para se aproveitar do seu commercio. A riquesa do pais, e as relaçoens que estes delle fizeraõ, quando tornáraõ para ás Indias, deraõ muito gosto aos Portuguezes para se estabelecerem alli como tinhaõ feito nóutras partes.

Se-

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Sete annos depois, S. Francis-
o Xavier alli entrou conduſido por
ium Japones, que os prodigios que
:lle tinha ouvido contar d'eſte ho-
nem milagroſo tinhaõ obrigado a fazer
ı viagem das Indias unicamente para
› conhecer. A viſta, e a converſaçaõ de
Kavier, que elle encontrou em Malaca,
uando voltava das Molucas, encheraõ,
: excederaõ ainda a idéa que d'elle
inha formado. Fes-ſe Chriſtaõ com
lois criados Japonezes que o ſeguiaõ,
: tomou o nome de Paulo de Santa
Fé no Baptiſmo, ao qual foi depois
empre taõ fiel, que ſe pode dizer
ue a elle he que o Japaõ deve a
rimeira obrigaçaõ dos grandes pro-
greſſos que alli fez depois a Reli-
giaõ.

Depois de ter feito as ultimas
ıonras ao Vice-Rei D. Joaõ de Caſ-
ro, e provido nas differentes Miſſo-
:ns das Indias como Superior, Xa-
vier ſe embarcou para tornar para
Malaca com os tres Japoneſes, e dois
Religioſos da ſua companhia, que elle
queria aſſociar aos ſeus trabalhos na
onquiſta d'eſte grande Imperio. Naõ
ıavia no porto de Malaca nenhum
Navio que foſſe para o Japaõ, exce-
pto hum Junco conhecido pelo nome
de

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

do Junco do ladraõ, porque pertencia a hum celebre Pirata, que se se tinha feito formidavel em todos estes mares. O grande Apostolo, que tinha já vencido infinitos obstaculos, que se tinhaõ formado para o desviarem do seu disignio, venceo tambem este, e buscando com confiança o Pirata, ajustou com elle a sua passagem, e dos seus companheiros. O Pirata lhe foi fiel, e o transportou a Cangoxima no Reino de Saxuma.

Paulo de Santa Fé recebeo os seus hospedes na sua patria, e na sua caza, e os tratou d'hum modo conforme á grande estimaçaõ que delles fazia. Procurou-lhes hum acceso favoravel para com o Rei, que lhes deo hum amplo poder para pregarem o Evangelho. He verdade que tendo só ainda os primeiros elementos da lingoa, naõ poderaõ fazer no principio grandes fructos por si mesmos. Paulo lhes servia d'interprete, e por meio d'elle converteraõ hum cento de pessoas. Levada entaõ a noticia a Cangoxima, de que hum Navio Portugues tinha chegado a Firandó, a vontade do Rei, que vio com pena os seus visinhos aproveitar-se d'hum commercio de que elle queria só ter todo fru-

fructo, se esfriou a respeito dos Missionarios, e lhes fez retractar a permissaõ que lhes tinha dado.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Xavier tendo recomendado a Paulo a Missaõ que estava nacendo, passou á Firandó com os seus companheiros. Teve quando chegou alli as mesmas licenças que tinha tido em Cangoxima, e alli fez mais conquistas para Jesus Christo em poucos dias, do que tinha feito nesta primeira Cidade no decurso de quasi todo hum anno. A grande idéa de Xavier era d'hir a Meaco capital do Imperio, e de penetrar até aos pés do Trono do Imperador na esperança de mover este Principe, e de obter d'elle hum aresto favoravel á Religiaõ para toda a extençaõ dos seus Estados. Nada o pôde desviar d'este pensamento, nem a diligencia dos Portuguezes, que se esforçavaõ para o reter; nem os inconvenientes, que havia para estrangeiros emprehenderem huma taõ longa viagem sós, e sem algum soccorro humano. Deixou finalmente Cosme de Torres em Firandó, e partio acompanhado de Joaõ Fernandes, com o qual chegou poucos dias depois á Amanguchi.

Esta Cidade situada cem legoas

Ann. de J. C. 1551. D. Joaõ III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

diſtante de Firandó era entaõ vaſta, e muito povoada, e d'hum grande commercio, como naõ foi depois, ſendo arruinada por guerras. Xavier, e o ſeu companheiro alli quiſeraõ pregar a fé. O meſmo Rei dezejou ouvilos, e depois de os ouvir, naõ lhes teſtemunhou mais do que huma perfeita indifferença, que podia proceder do ſeu deſprezo; porém o povo, e a Nobreſa excitados pelos Bonzos, naõ lhes fizeraõ mais do que inſultos, que na verdade ſatisfizeraõ á ſua humildade, e ao dezejo que tinhaõ de padecer; porém que inteiramente naõ contentaraõ ao ſeu zelo.

Continuando em fim a ſua derrota para Meaco, chegaraõ lá depois de immenſas fadigas. O eſtado pobre em que ſe achavaõ naõ lhes permitio terem audiencia do Imperador, e foraõ obrigados a voltar para Firandó com os meſmos trabalhos. Pondo-ſe alli Xavier em hum eſtado mais decente, e tomando comſigo as cartas do Rei, e as que os Governadores das Indias lhe tinhaõ dado para os Principes do Orienre, e os prezentes que D. Pedro da Silva Gama Governador de Malaca lhe tinha dado com liberalidade para d'elles fazer

zer hum tam bom uſo, ſe pôz á caminho para tornar á Amanguchi.

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Recebendo o Rei entaõ Xavier com mais honra, os Miniſtros Evangelicos começaraõ a pregar com mais tranquilidade, porém com muito pouco fructo. A pobreza do ſeu veſtido, e ainda mais da ſua lingoa eſtropiada, formava o maior obſtaculo aos ſeus Santos dezejos; elles os venceraõ mais pelos prodigios que fez Xavier, e pelos exemplos d'huma virtude, que pareceo ainda mais milagroſa. A paciencia de Fernandes, que ſofreo com paciencia hum eſcarro, comque lhe cobriraõ a cara, moveo logo os eſpiritos em ſeu favor. Viraõ depois Xavier falar no meſmo tempo differentes lingoas, ſatisfazer á muitas queſtoens com huma ſó repoſta. Milagres d'eſta eſpecie naõ podiaõ ſer ſem grandes fructos: porém eſtes fructos naõ foraõ ſem grandes contradiçoens, principalmente da parte dos Bonzos. O Rei d'Amanguchi foi a victima. A protecçaõ, que elle deo aos Miſſionarios, cauſou huma revoluçaõ em que perdeo a vida com os ſeus Eſtados, ſem ter a felicidade de ter d'iſto algum merecimento diante de Deos. Cortou elle meſmo a cabeça de ſeu filho, abrio

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

o ventre em crus conforme o uſo do paiz, e ſe fez queimar no ſeu Palacio.

Xavier paſſando depois para o Reino de Bongo, teve ſucceſſos mais admiraveis, e foi recebido com magnificencia do Rei, que favoreceo ſempre a Religiaõ, que elle meſmo abraçou depois, tomando no Baptiſmo o nome de Franciſco, em memoria do grande Santo de que Deos ſe tinha ſervido para o allumiar.

Tais foraõ no Japaõ as premiſſas da noſſa Santa fé, que multiplicando-ſe como o graõ da moſtarda, formou em pouco tempo huma Chriſtandade de mais de 400∯. Fiéis, cuja conſtancia nos tormentos da perſeguiçaõ que excitou Taicoſama, pode de alguma ſorte hir á par com a dos Martyres da primitiva Igreja. A divina Providencia he adoravel, ſem duvida, em permitir que a ſemente da noſſa Fé ſe extinguiſſe neſte grande Imperio, com o ſangue deſtes zelozos defenſores; porém poder-ſe ha penſar ſem derramar lagrimas na imprudencia, que foi cauſa da perſeguiçaõ, e ſem horror no execravel meio que o inferno fez inventar aos ſeus miniſtros, para fechar a entrada d'huma taõ fermoza colheita a todo o que naõ

tem

tem o caracter da avareza, da heresia, e do ciume do commercio d'huma só Naçaõ contra todas as outras?

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Como huma das grandes dificuldades que os Japonefes oppunhaõ fem ceffar ao grande Apoftolo das Indias, era o exemplo dos Chinefes, que tendo a reputaçaõ de ferem os mais prudentes, e os mais allumiados dos homens, naõ tinhaõ com tudo nunca tido o conhecimento das verdades que elle lhes annunciava, julgou que a converfaõ do Japaõ acharia fempre obftaculos infinitos, em quanto o Imperio da China eftiveffe fepultado nas trevas da fua infidelidade, e que o meio mais efficaz de fe fazer util a huns, e a outros, era de meter inceffantemente máos á obra, para levar a luz do Evangelho á efta vafta Monarchia. Tendo concebido o defignio, perfuadio-fe que o tempo teria adoçado o efpirito dos Chinefes, e que teriaõ efquecido os primeiros infultos dos Portuguezes que os tinhaõ irritado; que huma Embaixada folemne em nome d'ElRei de Portugal na Corte de Pekim teria toda a felicidade que elle efperava.

Animado com efta efperança, parte do Japaõ no mez de Novembro

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

bro de 1551. Achou em Sancian Diogo Pereira ſeu amigo fiel, communica-lhe o ſeu projecto, e fazendo-o conſentir em ſe fazer chefe da Embaixada, continua com elle a ſua derrota para ás Indias, e chegou a Goa 4 mezes depois da ſua partida do Japaõ, vencendo as eſtaçoens, e multiplicando os milagres por fazer ſervir os ventos, e os Typhoens meſmo á ſatisfaçaõ dos ſeus dezejos.

Pereira, tirando o unico obſtaculo que podia demorar tudo, com o offerecimento de fazer todas as deſpezas da Embaixada, o Vice-Rei D. Affonſo de Noronha naõ teve duvida de lhe dar todo o favor que podia faze-la aproveitar. O Santo da ſua parte apreſſou de modo a execuçaõ, que tres mezes depois ſe fez á vela para hir a Malaca, onde devia acabar de ſe pôr em eſtado de paſſar á v ante para chegar ao ſeu termo.

Malaca tinha ſido deſolada ultimamente pelo contagio, e os flagelos de Deos ſuccedendo-ſe huns aos outros neſta Cidade criminoſa: achava-ſe entaõ ainda mais diſſolada pelo fogo da diviſaõ atiçado pelo máo caracter d'hum ſó homem. Era eſte D. Alvaro d'Ataide Gama filho do Conde

de

de Almirante D. Vaſco da Gama. Eſtava provido no Governo de Malaca, e devia ſucceder ao ſeu irmaõ D. Pedro da Silva Gama, que tinha ainda hum anno que paſſar antes d'acabar o ſeu tempo. O dezejo que teve de o detronar antes do ſeu termo os embaraçou com hum eſtrondo muito eſcandalozo. Os dois irmaõs ſe aſſimilhavaõ pouco: D. Pedro era bom, liberal, officiozo, cheio de piedade, muito affectuoſo de S. Franciſco Xavier. Ataide pelo contrario era hum homem duro, vingativo, avaro por exceſſo, e que ſacrificava facilmente à ſua Religiaõ aos ſeus intereſſes. Tinha-ſe moſtrado amigo de Xavier, e o Santo lhe tinha alcançado do Vice-Rei o Generalado do mar, e muitos outros privilegios ſingulares, que deviaõ ſervir para lhe fazer o ſeu Governo mais agradavel. Mas ſervio-ſe elle das vantagens que lhe tinha procurado o ſeu bemfeitor contra elle meſmo. No principio diſſimulou com elle, e moſtrou aprovar o projecto da Embaixada da China, que eſtava reſoluto a impedir com todas as ſuas forças. O odio, a vingança, o ciume, e a cubiça foraõ os motivos diſto. Aborrecia Pereira, que lhe tinha recuzado em-

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

empreſtar des mil cruzados. Naõ podia ſofrer que hum mercador como Pereira, foſſe encarregado d'huma Embaixada taõ honroſa, e queria para ſi proprio os proveitos, que d'ella ſe podiaõ eſperar.

Naõ enganava com tudo o Santo pela ſua diſſimulaçaõ. Xavier tinha previſto, e predicto em narraçaõ a Pereira toda a perſeguiçaõ, que elles tinhaõ para padecer hum, e outro; porém naõ deixava de obrar como ſe deveſſe aproveitar, perſuadido que a gloria de Deos ó requeria d'elle. Tanto que o Navio de Pereira voltou das Ilhas de Sunda, onde ſe tinha hido carregar, D. Alvarò lhe fez tirar o ſeu leme, e fez o meſmo a todos os Navios do porto, com hum falſo pretexto d'hum rebate de guerra da parte dos Acheneſes. Obrando depois mais deſcobertamente apoſſou-ſe do Navio de Pereira, poſ-lhe hum Capitaõ da ſua maõ, peſſoas ſuas, e o carregou por ſua conta.

Hum procedimento taõ violento revoltou toda a gente, e em particu- D. Pedro da Silva, que naõ o podendo ſofrer, entregou a Fortaleza nas maõs de Caſtro para a guardar até que o ſeu termo expiraſſe. Só o Santò

tò

to se naõ perturbou com isto. Tentou no principio todas as vias da doçura; porém ellas só serviraõ para excitar contra elle da parte de D. Alvaro huma perseguiçaõ, a qual no parecer do mesmo Santo, era a mais viva que tinha tido na sua vida. Ataide naõ omitio nada para o fazer passar por hum velhaco, hum hypocrita: e amotinou por modo contra elle os seus apaniguados, e o povo vil, que Xavier apenas ousava apparecer.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Sendo tudo inutil a D. Alvaro para o fazer entrar em si mesmo, o Santo naõ deixou de se embarcar no mesmo Navio de Pereira, posto que estivesse cheio de creaturas do seu perseguidor, devia esperar ter alli muito pouca licença. Porém como os Santos tem muitas rasoens sobre naturaes d'obrar, e differentes das vistas, e das consideraçoens humanas, naõ se quiz deixar dobrar para hir ver Alvaro antes de partir, posto que os seus amigos lhe representassem ser isto huma especie de obrigaçaõ, e civilidade a que naõ podia faltar. Bem longe d'isto, crendo dever seguir os movimentos d'huma indignaçaõ, que o espirito de Deos excita algumas vezes nos Santos, se quiz servir só nesta oc-

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

occasiaõ dos poderes de Nuncio Apostolico, de que nunca tinha usado. Excomungo-o sollemnemente. Sacudio quando partio a poeira dos seus çapatos segundo o preceito do Evangelho, e falando como homem inspirado, profetou taõ claramente os justos juizos de Deos sobre D. Alvaro, que os que o ouviraõ naõ poderaõ augurar a este se naõ infelicidades neste mundo, e no outro.

Xavier morreo na Ilha de Sancian ás portas da China, como Moyses á vista da terra de Promissaõ, em huma necessidade, que lhe suprio o martyrio, que elle ardentemente dezejava. Os Portuguezes do Navio naõ abriraõ os olhos, se naõ depois da morte d'este grande Santo. Cahio entaõ o veo que os cegava. Huma veneraçaõ profunda se seguio á preocupaçaõ, e desde entaõ, respeitaraõ como merecia huma taõ alta virtude. Seu Santo corpo, inteiro, e flexivel, depois de ser metido duas vezes em cal viva, foi transportado neste mesmo anno á Malaca, e de la á Goa, onde he ainda hum milagre continuado, e huma prova sensivel dos outros prodigios, que tinha obrado na sua vida.

As profecias do Santo eraõ mui-

to

ro feguras, para fe naõ verificarem contra D. Alvaro. Sobre as queixas feitas ao Vice-Rei, das fuas extorfoẽs, e violencias, D. Affonfo lhe fez fazer o feu proceffo: e antes de ter paffado dois annos no feu Governo foi transfportado em ferros para Goa, e d'alli para Portugal, onde os feus bens foraõ confifcados, e elle condenado á huma perpetua prifaõ. Huma efpécie de lepra, que tinha adquirido nas Indias, fe inflamou de tal forte, que ninguem tinha animo de fe lhe chegar para o fervir, e que era infupportavel a elle mefmo. Em fim, mais embravecido, que tocado do feu eftado infelis, faleceo de morte fubita, fem fentimentos de penitencia, e deixando muito que duvidar fobre a falvaçaõ da fua alma.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Eu naõ poffo omitir aqui dois exemplos fortes, e que faõ de grande inftrucçaõ para todos os fubalternos, e principalmente para ás peffoas que faõ occupadas nas funçoens de zelo nas Colonias. He certo que acontece algumas vezes que os Reis alli faõ muito mal fervidos por aquelles a quem fazem depofitarios da fua auctoridade. Sabem-no muitas vezes fem o poderem emendar. S. Francifco Xa-

vi-

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

vier via efte mal com os feus olhos; e o via melhor do que ninguem. Efcreveo niffo a ElRei de Portugal, de quem fabia fer bem atendido. „ Os „ damnos que fe fazem nunca ceffaraõ, „ diz elle, fe voffa Alteza naõ faz „ delles refponfaveis os Governadores, „ e os que eftaõ n'iffo empregados, pe„ los feus bens, ou pelas fuas peffoas. „ Eu fei que he muito odiozo efcre„ ver ifto, e que voffa Alteza mefmo „ naõ fará nada nifto]; por efta razaõ ef„ tou arrependido de o efcrever: „ porém efcrevendo-o, fatisfaço ao „ menos aos encargos da minha conf„ ciencia. „ Exaqui a cautela comque elle efcrevia. Tratando huma materia taõ delicada, naõ nomea peffoa. Reprefenta o mal em geral, e o faz com todas as modificaçoens que pode fugerir a prudencia.

O fegundo exemplo pertence ao mefmo D. Alvaro. Efte lhe tinha feito muito mal, para naõ fufpeitar que delle fe poderia queixar á Corte, e efcrever vivamente contra elle. Apanhou hum dos dois maffos das cartas, que Xavier enviava por huma de duas vias, que partiaõ todos os annos, e fe admirou eftranhamente de ver, que naõ dizia nem huma palavra em feu

defa-

desabono. Belo exemplo para todos os falsos zelozos, que cobrindo a sua paixaõ, ou hum zelo mal entendido, com o pretexto da gloriá de Deos, derramaõ hum amargozo fel em cartas mal ordenadas, cujo effeito ordinario he prejudicarem antes ao bem mesmo que mostraõ querer procurar, do que ás pessoas que saõ o objecto das suas invectivas, e das suas devotas satiras.

Ann. de J. C. 1551. D. João III. Rei. D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Desde o tempo em que Pedro Alvares Cabral descobrio o Brasil, os Reis de Portugal tinhaõ tido grande cuidado de continuarem a fazer os descobrimentos desta vasta parte do continente d'America. Americo Vespucio, que lhe deo o seu nome, depois d'elle Gonçallo Coelho, e muitos outros empregaraõ muito tempo em lhe visitar os Portos, Bahias, os Rios, e a tomarem outras noticias do paiz. Porém como naõ era habitado se naõ por Naçoens pobres, as mais feroces, e mais barbaras do mundo; aquellas terras ainda que bellas, e ferteis, naõ descobriaõ as suas minas, e as suas riquesas; nada em fim alli aparecia do que experta a cubiça: o zelo d'estabelecer alli Colonias se esfriou, com tudo sem que que abandonassem intei-

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

inteiramente o projecto. Contentaraõ-se em fim por entaõ d'enviarem para alli miferaveis, e mulheres de má vida, de que queriaõ purificar o Reino, e que expunhaõ á mil mortes, fazendo-lhes mercê da vida. Deraõ depois amplas conceffoens aos que se offereciaõ para fe hirem lá eftabelecer. Affignaraõ mefmo á alguns Fidalgos do Reino Provincias inteiras. A terra cuftava pouco a dar, e o Eftado naõ defpendia nada. Em fim deraõ o Brafil de arrendamento, e por humas rendas muito modicas, contentando-fe ElRei d'huma Soberania redufida quafi a hum fó titulo. Neftes principios os Portuguezes tiveraõ muitas vezes que combater contra os naturaes do paiz, e fofreraõ muitas vezes a pena das injurias que lhes faziaõ, ou foraõ victimas da fua ferocidade, fendo devorados por eftes barbaros Antrophagos acoftumados a tratar affim todos os feus inimigos.

A pezar d'ifto com tudo o paiz fe povoou muito no efpaço de 50 annos, e a induftria dos habitantes deftas novas plantaçoens moftrou que poderiaõ tirar grandes fructos d'eftas ricas Provincias, fituadas no clima mais fertil do mundo. A Corte co-

nhe-

nheceo entaõ o abuſo que tinha feito deſtas conceſſoens muito amplas. El-Rei D. Joaõ III. emprehendeo reduſir as couſas a melhor pé.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Para eſte effeito revogou todos os poderes dados antecedentemente aos chefes das Capitanias, e enviou huma eſquadra de ſeis navios commandados por Thomé de Souſa, que devia ficar Capitaõ Geral, e fundar huma Cidade na Bahia de todos os Santos. Souſa levou com ſigo huma forma de Governo regulado pela Corte, e conduſio os Officiaes. Conduſio tambem os primeiros Miſſionarios da Companhia de Jeſus, que foraõ abrir eſtas terras incultas, onde aproveitaraõ tambem os ſeus ſuores, e o ſeu meſmo ſangue, que pouco a pouco todas eſtas Naçoens barbaras, ſe deſpojaraõ da ſua ferocidade natural, para ſe reviſtirem da doçura do jugo de Jeſus Chriſto.

Foraõ menos infelices no Reino de Congo, onde foraõ tambem enviados quaſi no meſmo tempo. Porque ainda que foraõ muito bem recebidos do ſucceſſor do Rei D. Affonſo, com tudo como eſte Principe tinha ſentimentos, e coſtumes bem differentes dos do ſeu predeceſſor, os Negros d'eſ-

ANN. de J. C. 1551. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

d'efte Reino tornaraõ logo ás fuas primeiras fuperftiçoens, e á fua libertinagem. E pofto que alli trabalhaffem em grandes fadigas, por huma longa ferie d'annos, a Religiaõ fe apagou alli infenfivelmente, de modo que neftes ultimos tempos foraõ obrigados a abandonar hum paiz, que recufava os feus trabalhos. O que eu atribuo a que os Portuguezes naõ tendo nunca fido Senhores do Reino de Congo mas fómente alliados, nunca poderaõ fazer o esforço faudavel que fizeraõ no Brafil, de que fubjugaraõ os povos, que depois infenfivelmente redufiraõ a viver á fua moda.

As carreiras que os Armadores Francefes começavaõ a fazer para o Brafil, naõ ferviraõ pouco para defpertarem a attençaõ da Corte de Portugal fobre hum paiz que lhe poderia efcapar; e foi efte hum dos principaes notivos que obrigou D. Joaõ III a fazer efta grande armada, que enviou por Thomé de Souza.

Os Armadores Francefes tinhaõ moleftado os Portuguezes defde os principios dos defcobrimentos das Indias. Hum d'elles chamado Mont-dragon, lhes deo por algum tempo muito trabalho, até que ElRei D. Manoel fazen-

zendo armar contra elle o celebre Duarte Pacheco, Montdragon foi apanhado por efte Heroe perto do Cabo de Finifterra, e condufido a Lisboa, onde foi bem tratado, e enviado depois com honra, porém com a promeffa de que naõ faria mais corfos fobre os Navios da Coroa.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA-VICE-REI

As riquefas immenfas que traziaõ das Indias excitando a cubiça, augmentou o numero dos armadores, fem que a Corte de França, que teria muito gofto de meter pé em alguma parte do Novo Mundo, e que queria fazer huma Marinha, fe difgoftaffe muito com ifto, e fe empenhafe muito a evitar eftàs Piratagens. Pareceo que eftes corfarios foraõ muitas vezes favorecidos da fortuna. D. Pedro de Caftello-Branco, que tinha fido Governador d'Ormuz, onde tinha feito muito bem os feus negocios, teve a infelicidade de fer apanhado na fua retirada. Veio a Paris para folicitar a fua caufa. Se naõ teve a inteira fatisfaçaõ de alcançar o que requeria, teve a de falar ao Rei Francifco I. com muita liberdade. No reinado d'Henrique II. ElRei D. Joaõ III. requerendo pelo feu Embaixador, fizeraõfe regulamentos, e Juizes eftabelecidos em Paris, e

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

e em Lisboa, para ſentenciarem os litigantes, a quem deraõ dois annos de tempo para formarem os ſeus proceſſos, e ſeguirem a ſua cauſa. Concederaõ depois ainda mais dois annos, por ſer o primeiro termo muito curto por cauſa da diſtancia dos lugares.

Naõ ſervindo tudo iſto de grande coiſa, os Reis de Portugal, e de Heſpanha fizeraõ entre ſi hum tratado d'alliança, para defenderem as ſuas Coſtas, e os ſeus paiſes de conquiſtas. Repartiraõ entre ſi as paragens, e foraõ obrigados a ſuſtentar frotas, para alli cruſarem, e ſegurarem as viagens dos ſeus navios.

Naõ obſtante iſto os Armadores ſe multiplicaraõ, e perto de tres, ou 4 annos depois, foraõ fazer hum eſtabelecimento no Braſil, debaixo da conducta do Marquez de Villegagnon. Eraõ todos Religionarios, que ſegundo o eſpirito que inſpira a hereſia, procuravaõ formar huma Soberania a qual podeſſe ſer como o ſeu forte, e donde elles ſe podeſſem fazer temer. Eſte projecto chimerico foi approvado pelo Almirante de Coligni, que lhes tinha dado huma commiſſaõ particular. Porém entrando entre elles a diviſaõ, Villegagnon abjurando os ſeus erros,

e

e caſſando os Proteſtantes, Coligni por eſta razaõ deixou de os proteger, e o novo eſtabelecimento cahio por ſi meſmo.

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Os Francezes alguns annos depois tentaraõ fazer outro eſtabelecimento na Provincia do Maranhaõ, debaixo da conducta do cavalheiro Vauz, o qual foi reforçado depois por hum ſoccorro que conduſiraõ os cavalheiros de Raſilli, e de Rovardier; mas os Portuguezes os expulſaraõ tambem, e ficaraõ muito tempo depois ſoccegados d'aquella parte, perdendo os Francezes entaõ, ao que parece, a eſperança de alli fazerem eſtas ſortes de eſtabelecimentos, ſem perderem a de correr os mares, e fazerem prezas.

Fim do Duodecimo Livro, e do Tomo terceiro.